



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE



## **JORNALISMO “EDUCOLABORATIVO” E (IN)FORMAÇÃO CRÍTICA:**

**Uma experiência na/para a Diversidade**

Linha de Pesquisa 1: Formação, Linguagem e Identidade

JACOBINA  
2017



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE

VERUSA PINHO DE SÁ

**JORNALISMO “EDUCOLABORATIVO” E (IN)FORMAÇÃO CRÍTICA:  
Uma experiência na/para a Diversidade**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia - Uneb/*Campus IV*, Linha de Pesquisa 1: Formação, Linguagem e Identidade, como requisito para a obtenção de título de Mestra.

Orientador: Prof. Dr. Antenor Rita Gomes

JACOBINA  
2017

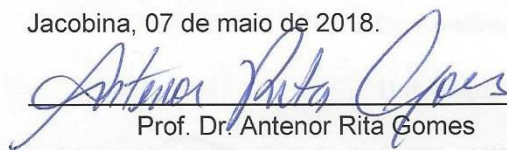
VERUSA PINHO DE SÁ

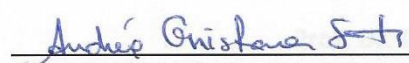
**JORNALISMO “EDUCOLABORATIVO”  
E (IN)FORMAÇÃO CRÍTICA:  
Uma experiência na/para a Diversidade**


Dissertação apresentada no Exame de Qualificação do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED), da Universidade do Estado da Bahia - Uneb/Campus IV, Linha de Pesquisa 1: Formação, Linguagem e Identidade.

**BANCA DE DEFESA**

Jacobina, 07 de maio de 2018.

  
Prof. Dr. Antenor Rita Gomes  
(Universidade do Estado da Bahia - UNEB)

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andrea Cristiana Santos  
(Universidade do Estado da Bahia - UNEB)

  
Prof. Dr. Diogo Lopes de Oliveira  
(Universidade Federal de Campina Grande - UFCG)

JACOBINA

2017

Ficha Catalográfica elaborada pelo Bibliotecário:  
João Paulo Santos de Sousa CRB-5/1463

S111j Sá, Verusa Pinho de.  
Jornalismo “Educolaborativo” e (In)Formação Crítica:  
uma Experiência na/para a Diversidade / Verusa Pinho de Sá.  
Jacobina - BA  
170 f.

Dissertação (conclusão do curso de pós-graduação stricto sensu / Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia, MPED. Departamento de Ciências Humanas - *Campus IV*). Universidade do Estado da Bahia, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Antenor Rita Gomes

1. Jornalismo Colaborativo 2. Educomunicação  
3. (In)Formação Crítica 4. TICs 5. Diversidade  
I Sá, Verusa Pinho de. II. Gomes, Antenor Rita.  
III. Universidade do Estado da Bahia - *Campus IV* -  
Departamento de Ciências Humanas. IV. Título

CDD - 070.442

## AGRADECIMENTOS

“Da loucura real”, como dizia o sábio Raul Seixas, eis que esta pesquisa se concretiza, ultrapassando o campo das ideias ao se tornar ação colaborativa! O que parecia uma missão quase impossível (por conta do deslocamento inicial entre três cidades), tornou-se viável sob o controle da própria “maluquez”, “misturada com um quê de lucidez”.

Cursar uma pós-graduação *stricto sensu* de perfil profissional é ainda mais desafiador, afinal, teoria e prática não poderiam se desvencilhar no decorrer do processo. Era preciso ler, escrever e dar conta de todas as atividades exigidas nas disciplinas, bem como manter o ritmo de reflexões e rabiscos do projeto de pesquisa, foco da formação. E as demandas do mundo do trabalho caminhavam lado a lado a essa rotina “maluca beleza”.

Por essas e outras razões esses agradecimentos são tão especiais! Sem o apoio de familiares e amigos, a oportunidade de “aprender a ser louco(a)”, como profetizou o mestre Raul, não teria sentido.

Aos meus pais, que me acolheram novamente em casa durante os primeiros meses do curso e “seguraram a onda” em meio a cada angústia e conquista no decorrer dos semestres, agradeço de coração, especialmente, à minha mãe Vera, que fazia questão de apreciar as novidades do processo formativo, incluindo textos e fotografias, além de organizar os periódicos lanches do curso e confeccionar o mural deixado na *Casa Rebeca*, durante cine-debate com crianças e adolescentes; ao irmão Juno, um superobrigada por ser esta pessoa tão prestativa, verdadeiro “socorrista” quando o assunto é carro e impressora (rs), ao lado do meu pai Zé Neto;

Ao grande *designer* e amigo Rafael Dourado, que tornou alguns trabalhos mais belos e criativos, sendo o grande arquiteto da identidade visual e plataforma virtual desta pesquisa;

Ao meu orientador, prof. dr. Antenor Rita Gomes, pela inspiração de sabedoria, paciência, serenidade e afeição, bem como ao Grupo de Pesquisa em Cultura Visual, Educação e Linguagens (Cult-Vi), que prontamente aprovou nossa proposta; Aos componentes da banca de qualificação, professores Victor Amar Rodriguez (UCA) e Andrea Costa (Uneb/Juazeiro), pelas dicas valiosas à pesquisa. Da mesma maneira, agradecemos a Diogo Lopes de Oliveira pela simpatia e disponibilidade em atender ao nosso convite para compor a banca de defesa;

À equipe do IFBA - *Campus* Salvador, sobretudo à colega de profissão e chefe da Dicom, Andrea Costa, pela flexibilidade e amizade;

E, com muito carinho, a tod@s @s participantes da experiência formativa, que construíram de modo singular e pioneiro os princípios e as práticas deste “Jornalismo Educolaborativo” ao qual nos alvitramos no presente estudo.

Que a criticidade e o poder de transformação sejam verdadeiros horizontes em nosso cotidiano, tão complexo, diverso e provocante.

Avante!

*Prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo.*

Metamorfose Ambulante - Raul Seixas

## RESUMO

Esta dissertação apresenta os relatos e "achados" de experiência investigativo-formativa que teve como principal dispositivo metodológico um curso de extensão com duração de três meses, a fim de compreender de que modo o Jornalismo "Educolaborativo" pode contribuir para a (in)formação crítica na e para a diversidade. Para amparar a pesquisa, utilizamos como referencial teórico os autores Mario Kaplún, Paulo Freire, Ismar de Oliveira Soares e José Marques de Melo, destaques em Educomunicação; Pierre Lèvy, André Lemos/Marcos Palácios e Roberto Aparici, no âmbito das práticas colaborativas potencializadas pelo ciberespaço; para fundamentar a temática Comunicação/Mídias como campo de mediações, Martín-Barbero e Thompson; ao lado de Hall e Canclini, no campo das identidades/diversidade/hibridizações. Nesse sentido, o presente estudo teve como método predominante a pesquisa-ação colaborativa, sendo de natureza qualitativa e abordagem interpretativa. Por meio da aplicação de questionário, realização de entrevistas, observação participante, oficinas formativas e grupo focal, foram estabelecidos os pilares do neologismo proposto a partir da práxis, resultando na elaboração de matérias de diferentes gêneros, sob orientação desta pesquisadora, a partir de pautas sugeridas e viabilizadas pelos partícipes, em geral, formadores de opinião (educadores, comunicadores, lideranças comunitárias e militantes de causas sociais). Ao longo do processo, organizou-se o [Portal da EduColaboração](#), que funcionou também como instrumento para construção de dados, fonte de interação e consulta, reunindo os saberes relacionados à investigação em prol de práticas "educolaborativas". Entre desafios e possibilidades, identificamos a relevância desse modo ressignificado de (in)formar, visando à melhoria da qualidade jornalística nesta era *fast news*. Ao problematizar o potencial educativo dos conteúdos noticiosos, consideramo-los propulsores da reflexão, criticidade e transformação social, com foco no protagonismo dos leitores que, concomitantemente, atuam como produtores de mídia e cidadãos do mundo.

**Palavras-chave:** Jornalismo Colaborativo; Educomunicação; TICs; (In)Formação Crítica; Diversidade.

## ABSTRACT

This dissertation presents the reports and "discoveries" of investigative-formative experience that had as main methodological standard an extension course with duration of three months, in order to understand how the "Educational-Collaborative" Journalism can contribute to the critical (in)formation in and for the diversity. To support the research, we use as theoretical reference the authors Mario Kaplún, Paulo Freire, Ismar de Oliveira Soares and José Marques de Melo, highlights in Educommunication; Pierre Lèvy, André Lemos / Marcos Palácios and Roberto Aparici, within the framework of the collaboratives practices promoted by cyberspace; to base the theme Communication / Media as a field of mediations, Martín-Barbero and Thompson; next to Hall and Canclini, in the field of identities / diversity / hybridizations. In this sense, the present study had as predominant method the collaborative action research, being of qualitative nature and interpretive approach. Through the application of questionnaire, interviews, participant observation, training workshops and focus group, the pillars of the neologism proposed from the praxis were established, resulting in the elaboration of materials of different genres, under the guidance of this researcher, from suggested guidelines and made possible by the participants (educators, communicators, community leaders and activists of social causes). Throughout the process, the EduColaboration Portal was organized, which also functioned as an instrument for data construction, a source of interaction and consultation, bringing together knowledge related to research in favor of "educational-collaboratives " practices. Among challenges and possibilities, we identify the relevance of this resignified way of (in)forming, aiming at improving the journalistic quality in this fast news time. In problematizing the educational potential of news content, we consider them to be the drivers of reflection, criticism and social transformation, focusing on the protagonism of the readers who, simultaneously, act as media producers and citizens of the world.

**Keywords:** Collaborative Journalism; Educommunication; ICTs; Critical (In)Formation; Diversity.

## SUMÁRIO

### I - INTRODUÇÃO OU “COMEÇANDO A VIAGEM”

1.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS .....	14
1.2 A PESQUISADORA: UM BREVE MEMORIAL.....	18
1.3 A PESQUISA: DAS REFERÊNCIAS À PROPOSTA .....	23

### II - CONCEITOS TEÓRICOS OU “DIALOGANDO COM OS MESTRES”

2.1 (IN)FORMAÇÃO CRÍTICA NA E PARA A DIVERSIDADE .....	27
2.2 JORNALISMO COLABORATIVO: O CIDADÃO COMO PROTAGONISTA .....	33
2.2.1 <i>Ressignificando critérios de noticiabilidade</i> .....	35
2.2.2 <i>Do gatekeeping ao gatwatching</i> .....	36
2.2.3 <i>Breve comentário sobre a polêmica entre jornalistas e assessores de imprensa</i> .....	40
2.3 EDUCOMUNICAÇÃO: UM POUCO DE HISTÓRIA .....	41
2.4 INTERCONNECTANDO SABERES .....	47

### III - METODOLOGIA: À LUZ DO PERCURSO INVESTIGATIVO .....

3.1 SOBRE PESQUISA - DIÁLOGOS ENTRE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO .....	56
3.1.1 <i>Sobre Métodos e Instrumentos</i> .....	57
3.2 O CASO DA PESQUISA-AÇÃO .....	58
3.2.1 <i>Colaboração</i> .....	60
3.3 O TRABALHO DE CAMPO: APONTAMENTOS .....	61

### IV - O PASSO A PASSO DE UMA TRILHA COMPLEXA .....

4.1 A IDENTIDADE VISUAL .....	69
4.2 QUEM SOMOS .....	71
4.3 NA PRÁXIS: INTERVENÇÕES E ANÁLISES .....	75
4.3.1 <i>Os encontros presenciais e o Fórum da Diversidade: relatos</i> .....	76
4.3.1.1 <i>“Os desafios da reportagem”</i> .....	77
4.3.1.2 <i>Algumas Polêmicas</i> .....	79
4.3.1.3 <i>Falando sobre diversidade</i> .....	91
4.3.2 <i>Os cines-debate: printando contestações</i> .....	98
4.3.3 <i>O “zap-zap”: uma variável informal</i> .....	103
4.3.4 <i>Nosso Documento Norteador: áreas de intervenção</i> .....	105
4.3.5 <i>Colaborador@s em Ação - Elaborando conteúdos noticiosos</i> .....	107

4.3.5.1 <i>Incursões Jornalísticas dos Educandos - Parte I</i> .....	107
4.3.5.2 <i>Incursões Jornalísticas dos Educandos - Parte II</i> .....	110
4.4 (IN)CERRAMENTO & GRUPO FOCAL.....	114
4.5 AS PEDRAS COMO INDICADORES DO CAMINHO: SOBRE PROPÓSITOS COMUNS E IDIOSSINCRASIAS.....	116
4.6 ACHADOS: O TAL JORNALISMO “EDUCOLABORATIVO” .....	121
4.6.1. <i>Metacompetências</i> .....	125
4.6.2 <i>“Conhece-te a ti mesmo”</i> : <i>Registros de Nós</i> .....	126
4.6.3 <i>O retorno à comunidade: cine-debate na Casa Rebeca</i> .....	127
<b>V - CONSIDERAÇÕES FINAIS/“PRÓXIMOS PASSOS DE UMA TRILHA INACABADA”</b>	<b>130</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>135</b>
<b>APÊNDICES</b>	
A - QUESTIONÁRIO .....	145
B - DESTAQUES DO PLANO DE CURSO.....	147
C - MATÉRIAS (SEM FOTOS).....	150
D - PUBLICAÇÃO NA REVISTA VIVA.....	162
E- <i>LINKS</i> .....	166
F - GLOSSÁRIO .....	169

## LISTA DE SIGLAS

APLB - Associação dos Professores Licenciados da Bahia  
App - Aplicativo  
Cefet - Centro de Educação Tecnológica  
Centec - Centro de Ensino Tecnológico  
CEP - Rede nacional de experiências Comunicação, Educação e Participação  
CGUs - Conteúdos gerados por usuários  
CTA - Antigo Centro de Treinamento e Aperfeiçoamento de Jacobina  
ECA/NCE/USP - Escola de Comunicação e Artes/Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo  
Emirec - relação emissor-receptor  
Enem - Exame Nacional do Ensino Médio  
ETFBA - Escola Técnica Federal da Bahia  
ETS - Escola Técnica de Salvador  
EUA - Estados Unidos da América  
Feppahja - Fundação Educativa Popular Padre Alfredo Haasler e José Assis dos S. Reis  
IFBA - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia  
IFMG - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais  
IFTO - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins  
IPB - Instituto de Permacultura da Bahia  
IRPAA - Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada  
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional  
MAM - Museu de Arte Moderna  
MBL - Movimento Brasil Livre  
PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais  
Sebrae - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas  
Simeduc - Simpósio Internacional de Educação e Comunicação  
TCC - Trabalho de conclusão de curso  
TICs - Tecnologias da Informação e Comunicação  
UFBA - Universidade Federal da Bahia  
UnB - Universidade de Brasília  
Unesco - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura  
Unifacs - Universidade Salvador

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo cognitivo de educação para os meios .....	51
Figura 2 - Amostra de respostas ao Questionário.....	63
Figura 3 - <i>Prints</i> da matéria de capa do Boletim <i>Nosso Campus</i> .....	67
Figura 4 - Identidade Visual .....	69
Figura 5 - <i>Print</i> do Fórum com a divisão em categorias.....	70
Figura 6 - Registros fotográficos dos primeiros encontros .....	77
Figura 7 - Caco Barcellos durante coletiva de imprensa em Jacobina .....	79
Figura 8 - <i>Print post</i> Fórum da Diversidade: Corpo nu, um tabu?.....	80
Figura 9 - <i>Print post</i> Fórum da Diversidade - Dove: afinal, houve ou não racismo? .....	86
Figura 10 - <i>Print Post</i> Fórum da Diversidade: “O caso Santander” .....	91
Figura 11 - Registro do 5º encontro .....	97
Figura 12 - <i>Print recorte post</i> Fórum da Diversidade: Cine-debate III .....	102
Figura 13 - <i>Print post</i> Fórum da Diversidade: Jornalistas são historiadores?.....	104
Figura 14 - Registros fotográficos dos módulos práticos.....	113
Figura 15 - As mandalas da EduColaborAção e os temas-eixo .....	120
Figura 16 - <i>Post</i> da colaboradora Josy Almeida em sua <i>fanpage</i> .....	123
Figura 17 - A turma do último encontro presencial .....	126
Figura 18 - Registros do cine-debate na Casa Rebeca .....	129

## I - INTRODUÇÃO OU “COMEÇANDO A VIAGEM”

### 1.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

*A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes. O que vemos não é o que vemos, senão o que somos. (Fernando Pessoa)*

Em pleno século XXI, os princípios e as práticas da Educomunicação e do Jornalismo Colaborativo se encontram em efervescência, no entanto, ainda em fase de maturação. Para o contexto dos ambientes formativos/educacionais (sejam eles formais, não formais ou informais), esses dois campos de conhecimento podem e devem lançar novos olhares sobre a postura e atuação de educadores, comunicadores e educandos. Enquanto processo conduzido por sujeitos historicamente situados, acredita-se que o perfil, tanto docente quanto jornalístico, aproxima-se muito mais do educador<sup>1</sup>, devendo ultrapassar a função primária de transmitir saberes (caráter instrumental) para estimular reflexões em prol da mudança social.

Para que as práticas educacionais de fato sejam consolidadas nas organizações, é fundamental a implementação de ações conjuntas entre profissionais da educação e jornalistas. Atenta-se, por outro lado, que quando se fala em projetos de comunicação e educação, geralmente, o jornalista aparece de forma apagada, como coadjuvante. Ainda não se associa a figura desse profissional como mediador de ações educacionais, agente transformador que integra todo o processo de aprendizagem e formação dos sujeitos. (BACCEGA<sup>2</sup>, 2002, pág. 134)

Se os jornalistas têm imbuído no exercício da profissão o compromisso com a Educação, essa interconexão, chamada de “educomídia” por Melo<sup>3</sup> e Tosta (2008), obriga-nos a reinventar conceitos, incorporar técnicas e (re)formular categorias de apreciação. Dessa maneira,

---

<sup>1</sup> Foi Kaplún quem inaugurou o termo “educador”, percebendo nas ações educativas os eixos comunicativos necessários. Para esse professor, pesquisador e comunicador prático, a Educação comunicante, autogestora, dialógica e multidirecional pode gerar indivíduos mais capazes de pensar o mundo, com o propósito de favorecer um legado de justiça social às futuras gerações.

<sup>2</sup> Fundadora e editora da Revista Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), além de professora e pesquisadora.

<sup>3</sup> O professor dr. e jornalista José Marques de Melo foi o idealizador da *Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional*, instalada na Universidade Metodista de São Paulo há mais de 20 anos. Através de colóquios internacionais, em especial, o núcleo tem se dedicado ao amadurecimento da Escola Latino-Americana de Comunicação, reunindo personalidades e instituições de respaldo em torno do pensamento comunicacional para a transformação das sociedades. Além disso, foi docente-fundador da ECA-USP, principal articuladora do pensamento educador.

promover estudos e imersões na área dessa interface torna-se essencial para a compreensão, o reconhecimento e a promoção deste campo emergente.

Para Martín-Barbero (2014), a escola só poderá se inserir nos processos de mudança que atravessam a sociedade, surgidos da reorganização dos saberes, dos fluxos informativos e das redes<sup>4</sup> de intercâmbio criativo e lúdico, a partir da ascensão midiática, dimensão estratégica da cultura. Nesse cenário, convivem novos modos de representação e ação cidadãs, hibridizações da ciência e da arte, do trabalho e do ócio. Se a mídia também ensina, os meios de comunicação proporcionariam o que McLuhan (1971) adjetiva de “aula sem paredes”, dividindo essa função com a família e a escola, principais agências socializadoras.

Sem um mergulho no mundo da mídia, seus contrastes, suas contradições, o educador não terá condições de “reeducar” seus estudantes para a autonomia de si, condição para a consciência crítica face à sociedade em que transita. Para *sair* do espaço tradicional das academias é preciso *reentrar* nos arcanos do mundo midiático, para dele, de novo, *tornar a sair* como um agente cultural que saiba articular diferentes linguagens e buscar o sentido mais profundo das coisas. (MELO; TOSTA, 2008, pág. 10, grifos dos autores)

Como espaço que pressupõe negociação constante com o outro (THOMPSON, 2002), os *media* alteram a sensação de pertença dos indivíduos. Da identidade à identificação, eles contribuem tanto para a aproximação quanto para o distanciamento. Ou seja, a Comunicação<sup>5</sup> é peça-chave na formação de vínculos, ao que Maffesoli (2000) classificara de *amálgama social*. No caso dos ambientes formativos, diversos por natureza, faz-se, inclusive, mais

---

<sup>4</sup> Na obra *Educomunicação para além do 2.0*, Druetta classifica a própria a escola como uma rede, estabelecida na relação dos professores entre si, de alunos através do tempo, e nos contatos com outras instituições e comunidades. Nesse sentido, enquanto rede de aprendizagem, é preciso conciliar interesses pessoais e organizacionais, sob pontos de convergência em meio às diversidades, com base em um “modelo” aberto, descentralizado, horizontal, participativo, dialógico e transformador.

<sup>5</sup> Palavra de origem latina que significa participar, pôr em comum. Para Braga e Calazans (2001, pág. 14), a comunicação é conatural ao ser humano. Desde que se pode identificar a existência de grupos humanos, na pré-história mais remota, existe “comunicação social”. “Não há sociedade, comunidade, sem comunicação, pois para agir em comum é preciso interagir. Ou seja, ela é parte constitutiva de qualquer atividade social”, afirmam. Ao traçar um breve histórico sobre o amadurecimento da Comunicação, os autores destacam que apenas entre os séculos XIX e XX, com o desenvolvimento das tecnologias midiáticas, o campo se apresenta em perspectiva destacada, referindo-se às mediações cotidianas, difusão de ideias, produção de sentidos compartilhados e formação de condutas (tecido social). Ou seja, o objeto desta área passa a focar na análise dos modos como a sociedade conversa com ela mesma, por meio de códigos e práticas, ao pôr os sujeitos em contato, solidário ou conflitivo, proporcionando sua inserção (ou não) nas formas variadas de agrupamento. Enquanto campo científico que emerge no conjunto das chamadas ciências sociais aplicadas, assim como a Engenharia, o Direito e a Medicina, é uma área genuinamente inter[trans]disciplinar, pela riqueza semântica da própria palavra, sobretudo frente à constatação de que os processos comunicativos atravessam toda a extensão das Ciências Humanas (MELO; TOSTA, 2008).

necessário gerenciar valores e símbolos na constituição de idiosincrasias, estruturando a produção desses instrumentos para orientar e gerar referências.

Dialogando com Stuart Hall (2004), consideramos que a identidade não é fixa ou homogênea, mas contraditória e mutante, estando ligada a sistemas de representação e relações de poder. Por isso preferimos o termo “identidades”, para nos referir aos pontos de apego/interseções temporários às posições de sujeito que as práticas discursivas constroem para nós em meio às relações sociais e aos contextos históricos.

Essa identidade fragmentada implica a inserção dos indivíduos em várias redes de interações. As atenções e as lealdades são divididas em proporções diferentes em cada uma destas redes, o que leva aos seguintes questionamentos: como gerar nas pessoas o sentimento de pertencimento a uma grande rede, obtendo a sua atenção e compromisso com uma causa? Como unir indivíduos com múltiplas identidades e conseguir que eles criem, através do que é comum entre eles, a identidade de um projeto que os unifique? (HALL, *ibidem*, pág. 78).

É inspirado nessa linha de pensamento que se orienta o presente estudo. Trazendo o horizonte educacional para o debate, guiamo-nos pelas palavras de Paulo Freire (1996), para quem é preciso instigar a consciência da realidade e autoconsciência. Conforme o teórico, é na intersubjetivação que as consciências também se põem como consciências do mundo e se opõem como consciência de si e do outro. Segundo Freire (1983, pág. 20), “quanto mais alguém, por meio da ação e reflexão<sup>6</sup>, se aproxima da ‘razão’, do ‘logos’ da realidade, objetiva e desafiadora, tanto mais, introduzindo-se nela, alcançará o seu desvelamento”.

Se tudo pode ser mote do percurso formativo, passível de análise e sistematização, acreditamos que desenvolver uma leitura crítica de mundo é a base da nova pedagogia<sup>7</sup>, que caminha na perspectiva do conteúdo como ponto de partida. Parte essencial da comunicação humana, a leitura é fonte de identificações. Apropriando-se do legado de Freire (1992), concordamos com a máxima de que a *leitura de mundo* antecede a *da palavra*, sendo esta uma materialização da representação; juntas, elas possibilitam aos leitores se tornarem sujeitos da

---

<sup>6</sup> Pressupõe questionamento, a partir da articulação entre conhecimentos especializados e saberes provenientes da experiência social; capacidade de abstração/conceituação e julgamento crítico, que se desenvolve quando exercitada, num processo de autodescobrimento e incorporação.

<sup>7</sup> Gutiérrez (in MELO et al., 2006) chega a cunhar o termo *biopedagogia* para se referir à autoconstrução do conhecimento a partir das informações que circulam dos mais diferentes sistemas. Do ponto de vista ecológico, segundo o autor, a comunicação é intrínseca aos processos vitais dos mais diferentes seres vivos.

própria história.

Em tempos de multimídia, ciberespaço e *internet*<sup>8</sup>, a Educação para a Cidadania<sup>9</sup> motiva e sensibiliza as pessoas diante de formas plurais de participação. Desde as escolas a vivência cotidiana dos lares e comunidades, é fundamental que sejam introduzidos recursos midiáticos. Com base na ideia de rizoma<sup>10</sup>, a aprendizagem do terceiro milênio é classificada por diferentes autores como produção de sentido localizado, no entanto, complexo, híbrido e favorável às abordagens transversais.

É nesse ambiente versátil que a Educomunicação ganha corpo, a partir das seguintes contribuições: acesso democrático dos cidadãos à produção e difusão da informação (ação política); identificação de como o mundo é editado nos meios, a fim de apreciar mensagens com suficiente distanciamento; facilitação do processo de ensino-aprendizagem, através do uso inventivo dos *media*, e promoção da expressão comunicativa. Dando vida a saberes dispersos, que podem circular fora dos lugares dominantes nos quais antes estavam circunscritos, e longe das figuras que os administravam, a Educomunicação leva a uma das mais profundas mutações que uma sociedade pode sofrer, nas palavras de Barbero (2014), a partir da promoção da autonomia e do empoderamento dos seus praticantes (professores, educandos e jornalistas, em especial), alterando modos de pensamento e condutas.

Soares (2011) entende que Educomunicação é filosofia, metodologia e campo de implementação de políticas de Comunicação Educativa, tendo como objetivo geral o planejamento, a criação e o desenvolvimento de “ecossistemas comunicativos”, dinâmicos e

---

<sup>8</sup> Lídia Oliveira Silva (in LEMOS e PALÁCIOS, 2001) conceitua a *internet* como um novo espaço público, fórum híbrido (técnico, social e cultural), no qual o local (microcosmo) convive com o global em sua dinâmica social; o público com o privado; a pertença com o desenraizamento, o ser produtor com o consumidor de conhecimentos; espaço com o tempo, enquanto frutos de construções sociais partilhadas; informação com contexto de interação/comunicacional. Alguns autores chegam a classificar o espaço cibernético como a “ágora do século XXI”.

<sup>9</sup> Para o acadêmico mexicano Orozco Gómez (2014, pág. 96), a cidadania cultural e comunicativa refere-se ao direito de informar e ser informado, falar e ser escutado, ou seja, ter poder de decisão no âmbito da coletividade (MARTÍN-BARBERO, 2014). Nesta pesquisa, enfatizamos esta linha de pensamento, partindo do pressuposto de que a (in)formação crítica proporciona uma cidadania problematizadora, capaz de questionar o próprio sistema, ressaltando que os meios de comunicação têm se configurado como nova esfera pública e propositiva.

<sup>10</sup> Teoria de Deleuze e Guattari que associa a estrutura do conhecimento aos caules subterrâneos (rizomas) das plantas, caracterizados por possuir brotos, com capacidade de ramificação e armazenagem de alimento (Fonte: Dicionário Michaelis). A ideia remete à multiplicidade do saber, que muda de natureza à medida que aumenta suas conexões. Sem uma estrutura fixa, permanece movente.

abertos em sua origem, em espaços educacionais mediados pelas TICs<sup>11</sup>, formando indivíduos de mente criativa e crítica. Assim, além do âmbito científico-acadêmico, a proposta de uma Educação Comunicacional<sup>12</sup> e de uma Comunicação Educativa passa a integrar o próprio cenário contemporâneo, suscitando o desenvolvimento humano, guiado por uma inteligência convergente e colaborativa.

Reforçando a imbricação dos dois campos, sob absorção, experimentação e laços de dependência (este último exemplificado pela formação de leitores), ao lado de conflitos, resistências, equívocos e desvios, em virtude de sensibilidades diferenciadas e, ao mesmo tempo, reivindicações comuns (BRAGA; CALAZANS, 2001), o desafio se torna duplo: para a escola, o de encontrar modos próprios de interagir com a atualidade acelerada, reordenando e desmontando velhas formas de autoridade; para a mídia, o de pôr os fatos em percepção pública (leiga) que, entretanto, proporcionem a (in)formação crítica<sup>13</sup>, tal como defendemos neste estudo.

## 1.2 A PESQUISADORA: UM BREVE MEMORIAL

Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo em Múltiplos e Especialista em Ensino da Comunicação, ambas pela Uneb, *Campus III*, considero relevante, neste momento inicial, compartilhar alguns fatos da minha trajetória acadêmica, que influenciaram, direta ou indiretamente, na formação profissional-humanística.

O desejo de desenvolver como trabalho de conclusão de curso (TCC) o livro-reportagem-

---

<sup>11</sup> Para teóricos como Lèvy, tais tecnologias, mais que instrumentos de difusão, são *intelectuais*, ou seja, estamos diante de uma *inteligência coletiva* que emerge dos modos colaborativos de produzir conhecimento, incentivados pelas redes digitais. Citado por Soares na obra de Melo (et al., 2006), Sodré classifica a mídia como nova forma de consciência coletiva, ao que adjetiva de *bios midiático* ou *virtual*.

<sup>12</sup> Segundo Prieto Castillo (in APARICI, 2014, pág. 52), a Comunicação na Educação vai muito além do uso dos meios no ensino, abrangendo o trabalho do educador e do estudante. “Uma revolução tecnológica sem uma revolução pedagógica que lhe dê sentido não chega muito longe”, afirma.

<sup>13</sup> Sobre o ato de informar e formar, Torres (1996) chama atenção para o fato de que não é preciso ser jornalista para atuar nos *media*, bem como não é preciso ser educador para escrever sobre Educação. Tal opinião se aproxima do conceito de Educomunicação elaborado pelos profissionais do Departamento de Comunicação e Artes da USP, bem como das ideias debatidas por Freire (1983, 1987, 1992, 1996) e Kaplún (1998), para os quais Educação e Comunicação devem servir à prática social. Segundo Martín-Barbero (2014, pág. 17), “o primeiro aporte inovador da América Latina à Teoria da Comunicação produziu-se no e a partir do campo da Educação: a *pedagogia* de Paulo Freire”. Tais opiniões reforçam a proximidade dessas áreas e o potencial de sua interface na construção de novos modos de pensar e fazer.

viagem *Do Coração de Jacobina: relatos e retratos de Itaitu* surgiu após uma série de experiências, que, somadas, contribuíram significativamente para a organização e o desenvolvimento da obra. As visitas ao distrito foram uma delas, campo complexo em suas contradições. Conhecido por Parque das Cachoeiras, o lugar está situado no Piemonte da Chapada Diamantina, pertencendo ao município de Jacobina. Apesar do potencial turístico, Itaitu ainda convive com ações incipientes por parte do poder público e da sociedade civil em prol da melhoria da qualidade de vida de seus moradores. Boa parte dos mais antigos sequer completou o ensino fundamental.

No primeiro semestre de 2008, durante o *II Balaio Cultural: Feira de Arte, Cultura e Meio Ambiente de Itaitu*, projeto do qual fui colaboradora, tive a oportunidade de interagir mais de perto com o ambiente e os diversos sujeitos que por ali transitam ou residem, dentre fontes especializadas, militantes sociais e frequentadores assíduos do lugar, o que permitiu o aperfeiçoamento de estratégias jornalísticas a fim de obter informações acerca das origens do distrito, bem como o despertar do fazer literário em meio à liberdade de estilo da obra.

Para a realização do TCC, precisei obter vários registros audiovisuais com o intuito de mergulhar no universo da comunidade estudada. Almejando construir o saber de modo coletivo, confeccionei vídeos mesclando imagens e entrevistas com moradores locais, fortalecendo o reconhecimento dos nativos dessa comunidade rural. As dificuldades encontradas a cada instante eram transformadas em estímulos para a produção do livro-reportagem como fonte de registro de parte da história do distrito e de sua identidade coletiva. Nesse sentido, a fotografia surgiu como meio de associação entre acontecimentos e pessoas, espaços e ações inerentes ao cotidiano de um passado-presente. O resultado foi um projeto experimental como suporte científico e costura de retalhos, ora triviais, ora excêntricos em sua natureza.

Durante e após o término da graduação, realizei oficinas de leitura crítica da mídia em escolas públicas da região do Vale do São Francisco e Piemonte da Diamantina, com foco na produção de fanzines<sup>14</sup>, levando a comunidades rurais e jovens em situação de risco a

---

<sup>14</sup> Fruto das revistas editadas por fãs (*fanatic magazines*), os fanzines aqui propostos se tratavam de uma publicação artesanal sobre temas diversos. Espécie de mídia alternativa, eles têm o objetivo de despertar o protagonismo, o espírito de coletividade e a capacidade criativa.

possibilidade mobilizadora da Comunicação e suas alternativas de convivência. Para tanto, empregava como instrumentos de ensino-aprendizagem vídeos caseiros, ao lado de fotografias, tanto de minha autoria quanto de profissionais especializados. Ao conciliar texto e imagem, construía uma nova significação, conforme afirma Barthes (1990).

Na sequência da conclusão do curso superior em Juazeiro da Bahia, retornei para a cidade de Jacobina, quando fui convidada pela equipe da *Escola Umbuzeiro* para auxiliar nas tarefas de Comunicação do projeto, contribuindo com registros fotográficos, filmagens, produção de textos e agendamento de entrevistas. Nesse contexto, acompanhei o desenvolvimento dessa escola diferenciada durante seis meses do seu primeiro ano de existência, entre 2009 e 2010. Foi nesse período que pude "saborear" o potencial da Educomunicação em sua pluralidade, como novo domínio<sup>15</sup> a ser aproveitado pela sua inter e transdisciplinaridade, múltiplos formatos e capacidade dialógica, ao colaborar para a leitura crítica da mídia, bem como prática da cidadania.

Lançado em novembro de 2009, no então Centro de Treinamento e Aperfeiçoamento de Jacobina (CTA), atualmente *Campus Catuaba* da Uneb, o projeto foi uma ação do Instituto de Permacultura da Bahia (IPB), associação civil de direito privado sem fins econômicos, viabilizado através do Programa Desenvolvimento e Cidadania da Petrobras. A iniciativa realizou diversas atividades em oito municípios do Semiárido baiano na esfera da formação pedagógica, qualificação profissional e articulação de organizações sociais. Dentre elas, estavam os encontros gerais e as visitas às comunidades, inspirados na Pedagogia da Alternância, momentos de intensa troca de experiências, que contribuíram para o sucesso das ações, através da superação de limites, do intercâmbio cultural, do aperfeiçoamento e da reconstrução de saberes.

Posteriormente, como estudante de especialização, tive a oportunidade de trabalhar no Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA) e conviver ainda mais com

---

<sup>15</sup> O pesquisador Jorge A. Huergo (apud BARI, 2002) discorda da perspectiva apresentada pelas pesquisas de Ismar de Oliveira Soares. Para ele, a inter-relação Comunicação e Educação não se constitui em novo campo, mas num *território relativo* ao contexto social e econômico da atualidade. No entanto, nesta pesquisa, optamos pela linha de pensamento do teórico brasileiro.

a Educação Contextualizada para o Semiárido. Nesse sentido, a motivação para escrever a monografia, que analisa o uso e as potencialidades da Educomunicação nas ações do Projeto *Escola Umbuzeiro*, tem raízes nessas vivências, corroborando em uma pesquisa que avalia e incentiva o potencial de tal interface.

Após poucos meses de atuação no IRPAA, fui aprovada em concurso público para o Instituto Federal da Bahia, integrante da Rede de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Criado pela Lei nº 11.892/2008, o IFBA é resultado das mudanças promovidas no antigo Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia (Cefet-BA). Autarquia do Governo, a instituição existe há mais de 100 anos, estabelecendo-se, em 1910, na capital baiana, com a primeira Escola de Aprendizes Artífices do país. Ao longo da sua trajetória, recebeu distintas denominações: Liceu Industrial de Salvador, em 1937; Escola Técnica de Salvador (ETS), em 1942; Escola Técnica Federal da Bahia (ETFBA), em 1965; Cefet/BA, resultado da fusão entre o Centro de Educação Tecnológica da Bahia (Centec) e a ETFBA, em 1993, até chegar ao atual IFBA<sup>16</sup>, que, equiparado às universidades, tem formato *multicampi*, está presente em mais de 20 cidades baianas, sob a verticalização do ensino (da Educação Básica à Superior).

Como jornalista da Reitoria desde 2010, estive tanto na capital baiana (Salvador) quanto no interior, tendo a oportunidade de trabalhar no *Campus* Seabra e Jacobina. No decorrer do percurso profissional na instituição, diante das limitações e dos conflitos técnicos e humanísticos, sobretudo, nos setores de Comunicação, desenvolvi a motivação necessária para a realização desta pesquisa, com o objetivo de viabilizar alternativas para que o fazer jornalístico pautado pelo caráter colaborativo se aproximasse, cada vez mais, da lógica educacional (e vice-versa), elaborando conteúdos noticiosos com potencial crítico-reflexivos e movidos pela diversidade<sup>17</sup>.

A possibilidade de atuar em *campi* interioranos foi essencial para a mudança de pensamento e

---

<sup>16</sup> Dados disponíveis no *site* oficial [www.ifba.edu.br](http://www.ifba.edu.br), revisados pela própria pesquisadora no âmbito de sua função enquanto jornalista.

<sup>17</sup> O conceito se aproxima da “política da diferença” proposta por Fleuri (2003), nesse movimento de autoafirmação do outro, no *entrelugar*, terceiro espaço que ativa o deslocamento entre múltiplas alternativas de interpretações e, ao mesmo tempo, constitui os posicionamentos singulares no contexto das interpretações possíveis. Nesta pesquisa, compreendemos diversidade no diálogo com a multiplicidade e a diferença, reconhecendo processos de negociação entre identidades (eu) e alteridades (outro).

atitude diante da rotina profissional, sobretudo, quanto aos critérios de noticiabilidade, sempre focados na factualidade e no *deadline* (tais termos serão melhor explicados no capítulo teórico - vide pág. 27 e nos apêndices, pág. 169). Em meio a informações que chegavam em atraso, por exemplo, reconfiguraram-se enfoques, substituindo o eventual pelos desdobramentos da atividade e sua relevância social, que, na maioria das vezes, além dos benefícios à comunidade interna da instituição, principalmente estudantes (em formação), repercutia no macroespaço, abordando temáticas de interesse público.

Tal prática contribuiu com pesquisa de doutorado na Universidade Federal da Bahia (UFBA), no âmbito do Programa em Difusão do Conhecimento, por meio do professor do IFBA - *Campus* Feira de Santana, Adelmo de Souza Xavier. Segundo o mestre em Letras e Linguística, a quantidade e o perfil das matérias elaboradas durante a breve passagem desta aprendiz por Seabra, em especial no campo das atividades de extensão realizadas pelo Instituto em comunidades da Chapada Diamantina, demonstraram a riqueza dos conteúdos noticiosos e indicaram caminhos para traçar uma cartografia multirreferencial da gestão de saber, principalmente no quesito etnicorracial.

As matérias publicadas no *site* do *campus* foram recursos de análise para a tese, por meio da metodologia de mineração de dados, sendo classificadas como fontes primárias e secundárias. “Não imaginaria que as notícias seriam dotadas de tamanho poder de descrição e se constituiriam como registro do que tem sido feito pelo IFBA em interação com as comunidades tradicionais e quilombolas do território. Acredito que a notícia, nesse caso específico, tem o papel social de divulgar e esclarecer as pessoas sobre as ‘coisas do mundo’, através de informação qualificada e produzida a partir de um comprometimento profissional para fins sociais, comunitários e educativos”, comenta.

Realizar um trabalho jornalístico guiado pela perspectiva “educolaborativa” com o auxílio de educadores, comunicadores e lideranças comunitárias, ligados aos mais diferentes ambientes formativos, institui-se, então, no desafio aqui proposto.

### 1.3 A PESQUISA: DAS REFERÊNCIAS À PROPOSTA

Ao longo da sistematização bibliográfica, a partir de buscas no Google Academics, Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e no *La Referencia*, espaço latino-americano para visibilizar a produção científica, constatamos as lacunas no contexto das pesquisas acadêmicas que relacionassem *Jornalismo Colaborativo, Educomunicação*<sup>18</sup>, na perspectiva da *(in)formação crítica*, com a *Diversidade*.

Os trabalhos mais recentes (últimos dez anos) no campo do Jornalismo, notadamente estão voltados para o universo mercadológico, distanciando-se da proposta deste estudo, nascido da atuação em assessoria de imprensa de uma instituição pública de educação, para a qual a instantaneidade e a lucratividade não são metas, cedendo lugar a questões de ordem mais subjetivas, como a formação holística de educadores, comunicadores e educandos, no diálogo entre mundo do trabalho e cidadania.

Por outro lado, algumas experiências se aproximam da problemática em questão, sobretudo, as que analisam a “objetividade” e os critérios de noticiabilidade no campo jornalístico. O ambiente virtual (Jornalismo *Online*, Digital, Ciberjornalismo) e as mudanças na práxis profissional são outros assuntos frequentemente apresentados nos conteúdos disponíveis, que, por vezes, destacam a sintonia dessas ferramentas com a formação crítica através da maior participação dos leitores/telespectadores/ouvintes/internautas no processo de elaboração de notícias.

Estudos na área da Imprensa Alternativa, com ênfase no perfil comunitário/popular em prol da criticidade, inspiram-nos para a elaboração dos princípios “educolaborativos” aos quais alvitramos, principalmente os que apresentam as tecnologias digitais como recursos importantes para este fazer diferenciado, diretamente engajado com as causas sociais. Em geral, diversos trabalhos estão focados na Educomunicação, o que aponta para uma possível

---

<sup>18</sup> Soares, na obra *Educomunicação para além do 2.0* (2014), cita que, de 2000 a 2012, foram publicadas 97 dissertações e teses voltadas para a teoria e a prática educacionais, com ênfase nos trabalhos do Departamento de Comunicação e Artes da USP. No âmbito da América Latina, apresentaram estudos de relevância Argentina, Colômbia, Venezuela, Uruguai, Paraguai, Peru e Equador. Na Europa, Itália, Inglaterra, Espanha, Finlândia e França são alguns destaques, inclusive tendo experiências brasileiras como objetos de estudo. Canadá, Austrália e África do Sul são outros países com produção de respaldo, conforme Fantin (2006).

consolidação deste ramo do conhecimento. A maioria é classificada como inter/transdisciplinar.

Geografia, História, Ciências e Educação Ambiental estão em evidência (esta última também quando se pensa o Jornalismo como estratégia pedagógica), ao lado de iniciativas que resultam em rádios-escola, *blogs*, jornais, fanzines, vídeos e TVs universitárias. Jovens e crianças são o foco, com citação de professores/adultos e idosos, pontualmente. Formação crítica e tecnologias da informação e comunicação são constantemente citadas nos textos desse tópico, já que integram os princípios da área, ao propor a leitura criteriosa da mídia por meio de projetos colaborativos, que incentivam, ao mesmo tempo, o empoderamento e a capacidade de articulação para a intervenção na própria realidade.

Já no quesito *Diversidade*, deficiência e questões étnico-raciais são o mote de teses, dissertações e artigos, bem como o tema *Identidade*, incluindo análises a respeito de comunidades indígenas e subjetividades da juventude. No âmbito dos Institutos Federais, vale destacar pesquisa sobre Comunicação, entretanto, numa perspectiva administrativa (reputação institucional), autoria da colega Luize Meirelles, jornalista da Reitoria do IFBA (vide Referências).

Do mesmo modo, a busca localizou trabalho sobre Educomunicação no IFMG, debruçando-se em Desenvolvimento Regional e Educação Tecnológica, além de estudo relacionado às TICs no âmbito da gestão do IFTO, o que diverge da pesquisa em questão por pensar num horizonte mais voltado para o Jornalismo. O diferencial que aqui se estabelece assenta-se, justamente, na investigação das contribuições “educolaborativas” em diferentes atmosferas formativas, a partir das vivências dos participantes da pesquisa.

Concordamos com Braga e Calazans (2001) ao dizer que só uma boa formação (compreendida aqui como aquela que extrapola a escola, com foco no poder dos meios de comunicação) possibilita condições eficazes de reflexão aos níveis de desequilíbrio e pressão decorrentes do novo estado das coisas. Enquanto fonte de pertencimento e integração, os *media* dedicados ao Jornalismo carecem de contribuir, diretamente, para a transformação social. Enquanto zona estratégica para revelar distintos pontos de vista, os conteúdos

noticiosos se tornam essenciais na formação de identidades, sendo molas propulsoras da diversidade.

Instigada por essa “filosofia”, o neologismo “Educolaborativo” que orienta o título desta pesquisa propõe a **experimentação do Jornalismo Colaborativo e da Educomunicação para a (In)Formação Crítica por parte de sujeitos que compõem diferentes espaços educacionais (formais, não formais e/ou informais)**. Diante do exposto, a **questão norteadora** do estudo que então se apresenta reside em compreender **de que modo o Jornalismo “Educolaborativo” pode contribuir com os processos de ensino/aprendizagem na e para a Diversidade**. Assim, nossos **objetivos** estão dispostos da seguinte maneira:

- ❖ **Analisar as contribuições do Jornalismo Colaborativo e da Educomunicação para a (In)Formação Crítica na e para a Diversidade;**
- ❖ **Elaborar conteúdos noticiosos de gêneros distintos, a partir de pautas sugeridas e desenvolvidas pelos colaboradores, em parceria com esta pesquisadora, por meio de curso de extensão realizado no Laboratório de Informática do *Campus IV* da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), através do apoio do Grupo de Pesquisa em Cultura Visual, Educação e Linguagens (Cult-vi);**
- ❖ **Refletir sobre as experiências formativas realizadas com os partícipes;**
- ❖ **Estabelecer os pilares do neologismo “educolaborativo” na práxis.**

Para amparar a pesquisa, utilizamos como referencial teórico os autores Mario Kaplún, Paulo Freire, Ismar de Oliveira Soares e José Marques de Melo, destaques em Educomunicação; Pierre Lèvy, André Lemos/Marcos Palácios e Roberto Aparici, no âmbito das práticas colaborativas potencializadas pelo ciberespaço; para fundamentar a temática Comunicação/Mídias como campo de mediações, Martín-Barbero e Thompson; ao lado de Hall e Canclini, no campo das identidades/diversidade/hibridizações. O método predominante escolhido foi a pesquisa-ação colaborativa, de natureza qualitativa e abordagem interpretativa.

Com o intuito de aprofundar saberes a respeito das temáticas abordadas, desenvolveu-se revisão bibliográfica (disposta ao longo do texto dissertativo). Para a caracterização dos colaboradores, nossos instrumentos estiveram direcionados pela aplicação de questionário (fase de pré-alimentação), oficinas formativas, realização de entrevistas, grupo focal e observação participante (retroalimentação/*feedback*).

Como fonte de consulta e interação, alimentamos o [Portal da EduColaborAção](#), *site* criado na plataforma Wix especialmente para o trabalho de campo, servindo de instrumento para a construção de dados, bem como suporte para o compartilhamento de saberes com o grande público. A proposta culminou na formação de educadores, multiplicadores de conhecimento e coautores em potencial da produção de notícias de cunho educativo.

## II - CONCEITOS TEÓRICOS OU “DIALOGANDO COM OS MESTRES”

### 2.1 (IN)FORMAÇÃO CRÍTICA NA E PARA A DIVERSIDADE

*Educar-se é envolver-se e participar de uma rede de múltiplas interações comunicativas.*  
(KAPLÚN, 1998)

Sabemos que não se aprende apenas na escola, mas em casa, lendo livros, caminhando pela rua, conversando com amigos e, claro, através dos *mass media* (TORRES,1996). Enquanto ambiente plural, a escola é um coletivo do qual pertencem e interagem diferentes indivíduos, sob mútuas responsabilidades. Nas palavras de Martín-Barbero (2014, pág. 11), a escola pública é, majoritariamente, em países da América Latina, “o espaço de encontro das trajetórias socioculturais das maiorias e, portanto, é nela que se produz a mais ampla e permanente transformação da cotidianidade social e cultural cujos protagonistas são os excluídos”. O autor considera, ainda, que esse possa e deva ser o lugar mais aberto do desenvolvimento da inteligência coletiva e das biografias educativas, apesar de reconhecer sua crise, especialmente, no que tange à desvalorização do sistema público de ensino.

A cada dia se faz mais visível a disparidade das culturas que se chocam dentro da escola: de um lado, mantém-se, em que pese as muitas reformas e tentativas de mudança, um modelo de saber instrucional, baseado na divisão professor-aluno, que identifica o primeiro com o saber e o segundo com a ignorância, fazendo disso a chave da autoridade escolar (quem manda x quem obedece); de outro lado, emerge nos alunos um potencial de saberes diversos, mas entrelaçados, que provêm menos do saber escolar que de sua experiência cultural e vital imersa de corpo inteiro na terceira dimensão do digital [...], na qual a “linearidade” e a “sequencialidade”, implicadas no movimento de esquerda para a direita e de cima para baixo, descentram a cultura ocidental do seu eixo letrado. (*idem, ibidem*, pág. 126)

Compreendendo o conceito de formação para além da técnica/profissional, buscamos, nesta pesquisa, um outro olhar para a Comunicação nas instituições formativas, em especial, através da práxis jornalística orientada pela criticidade. Para tanto, envolvemos, no percurso investigativo, formadores de opinião, dentre educadores e comunicadores de variadas vertentes, militantes de causas sociais e lideranças comunitárias, em torno da elaboração e difusão de saberes pautados pela capacidade reflexiva na e para a diversidade.

A fim de instigar os educandos a raciocinar sobre o próprio mundo para geração de novos sentidos que possam reinventar o presente, Paulo Freire (1996; 1987) defende o saber-fazer

como instrumento de autonomia, através do qual docência e discência caminham juntas, numa relação horizontal. Para o referido teórico, o importante, do ponto de vista de uma Educação Libertadora e não “Bancária”, é que, em qualquer dos casos, homens e mulheres se sintam sujeitos de seu pensar, manifestado, implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e de seus companheiros, sob a égide da construção colaborativa do conhecimento. Aqui compreendemos o discurso freiriano (da luta de classe dos oprimidos/bipolaridade sociopolítica e econômica) como uma tentativa de minimizar as desigualdades sociais, promovendo, de fato, o que na teoria se entende por democracia, o que não exclui ponderações acerca da alteração do *modus operandi*.

Los hombres y los pueblos de hoy se niegan a seguir siendo receptores pasivos y ejecutores de órdenes. Sienten la necesidad y exigen el derecho de participar, de ser actores, protagonistas, en la construcción de la nueva sociedad auténticamente democrática. Así como reclaman justicia, igualdad, el derecho a la salud, el derecho a la educación, etc., reclaman también su derecho a la participación. Y, por tanto, a la comunicación. (KAPLÚN, 1998, pág. 63)

Considerando o potencial da (in)formação, ressaltamos a necessidade de intercâmbio entre conteúdos curriculares e experiência social, e destacamos o papel da Comunicação, sobretudo, por meio do Jornalismo, como porta-voz da coletividade. Para Freire (1983, pág. 26), “o diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, pronunciam-no e, transformando-o, humanizam-no”. O diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana. Os dialogantes “admiram” um mesmo mundo; afastam-se dele e com ele coincidem; nele põem-se e opõem-se (*idem, ibidem*, pág. 8).

Neste “admirável mundo novo”, conforme preconiza Huxley, citado na consagrada obra de Bauman acerca desta nova era (2001), a capacidade de conviver com as diferenças<sup>19</sup> é uma arte, exigindo estudo e exercício. Nos trilhos da modernidade líquida, caminhamos para a pós-modernidade, em seus paradoxos. Ainda que temporariamente, o sentido de comunidade revela-se, então, porto seguro. Se “não há afirmação que não seja autoafirmação nem identidade que não seja construída” (BAUMAN, 2001, pág. 205), entendemos a constituição identitária também como ação crítica e participativa.

---

<sup>19</sup> Com base nos ensinamentos de Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva (2000, pág. 78) afirma que os conceitos de identidade e diferença são interdependentes: “a mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outriedade (ou da diferença)”.

Nos caminhos possíveis da e para a diversidade, as escolas e os meios de comunicação precisam estar atentos às especificidades culturais, com o intuito de incentivar e gerar relações interculturais<sup>20</sup> (CANDAU; LEITE, 2013) e, ao mesmo tempo, questionar a profunda disparidade que nos acompanha ao longo dos séculos. Tanto as identidades individuais quanto grupais encontram-se submetidas à oscilação do mapa de referentes<sup>21</sup> (abertos, por isso mesmo, incompletos, transitórios, instáveis, no entanto, intensos e expressivos). Faz-se preciso, pois, reconhecer o mundo cultural em sua complexidade e desordem, diante das simultâneas posições de sujeito e seus polos de identificação.

Como explicita o antropólogo argentino Canclini (1997), vivemos a hibridação dentro de novos contextos socioculturais, sendo preciso demolir divisões por meio de “ciências nômades” (pág. 28). No âmbito escolar, por exemplo, a representação desse pensamento se revela, dentre outros, na perspectiva da Educação Contextualizada, ao levar em consideração a adaptação dos conteúdos institucionalizados ao cotidiano dos alunos, suas sensibilidades e emoções.

Na tentativa de não naturalizar o discurso da desigualdade, Candau e Leite (*ibidem*) propõem a tomada de consciência sobre as questões de poder, declarando que as relações culturais não são idílicas, mas estão estabelecidas na história e, portanto, são atravessadas por hierarquizações, resultando em preconceito. retomando as palavras de Santos (1997), as autoras declaram que “as pessoas e os grupos sociais têm o direito a ser iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito a ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza”, pois não há identidade sem diferença. Tal desafio seria possível, segundo Santos (2010), pela via do *conhecimento-emancipação* e da *ecologia*<sup>22</sup> *de saberes*.

Se o *multiculturalismo* pretende contribuir para uma Educação valorizadora da diversidade cultural e questionadora das diferenças, deve superar posturas dogmáticas, que tendem a congelar modos de ser/estar e desconhecer as diferenças no interior das próprias diferenças. O

---

<sup>20</sup> Citando Camilleri (1992, pág. 45), Leite e Pacheco (2008) destacam que “o intercultural é um lugar de criatividade, permitindo passar da cultura como ‘produto’ à cultura como ‘processo’”.

<sup>21</sup> Expressão cunhada por Habermas e recuperada por Barbero (2014).

<sup>22</sup> O termo se aproxima da concepção de Guattari, ao discorrer sobre meio ambiente, relações sociais e subjetividade humana na obra com *As Três Ecologias*. A ideia é pensar os saberes de modo integrado, harmônico e orgânico, com base na interdependência dos indivíduos com o meio em que estão inseridos.

núcleo dessa linha de pensamento é promover uma Educação que interrogue o modelo único, branco, masculino, heterossexual e ocidental, embaixador de discursos monoculturais, dominantes, sem, no entanto, cair em radicalismos que continuem a separar “eu-outro”, “normalidade-diferença”.

No esteio do *multiculturalismo crítico ou intercultural crítico* encaramos as idiossincrasias como a base da composição social, levando em consideração a pluralidade<sup>23</sup> de raças, gêneros, religiões, ciências, linguagens e outras características identitárias, para sugerir que a sociedade é múltipla e que tal multiplicidade deve ser incorporada em currículos (conteúdos) e práticas pedagógicas (metodologias). Apesar da distinção entre as linhas de pensamento, achamos essencial estabelecer uma ponte com o *multiculturalismo pós-colonial e pós-moderno*, para o qual a própria identidade é objeto de análise, sendo conceito central a hibridização ou o hibridismo, em suas distintas camadas, construídas nos choques e entrechoques culturais.

Assim como Escaño (2013), defendemos o conceito de cultura enquanto bem comum (*procomún*), estando diretamente relacionada ao desenvolvimento educacional. Se por essência Educação é ação colaborativa e, por isso mesmo, multifacetada, essa relação (comunicativa) deve se constituir de maneira bidirecional e dialógica, como anunciara Freire, desde o processo de criação à difusão e recepção. Mesmo em meio às contradições desde a sua origem, a escola continua sendo um ambiente privilegiado de trocas, identificações, descoberta de limites e potencialidades, desenvolvimento das interações intelectuais e emocionais, que permeiam todo o processo da aprendizagem, com seus estímulos, partilhamentos e tensões (BRAGA; CALAZANS, 2001).

Os autores chamam atenção para o fato de que, além de preparar para a vida em sociedade, o ambiente escolar também tem uma cultura própria, que ultrapassa seus muros, incluindo a família, os grupos de amizade, e, mais tarde, os espaços profissionais, as relações comunitárias e da vida em geral, ocupando posição acentuada na memória das pessoas. De momentos estimulantes a lembranças nostálgicas, situações dramáticas e experiências

---

<sup>23</sup> Vale ressaltar que os parâmetros curriculares nacionais (PCNs) elegeram a pluralidade cultural como um dos temas transversais e, diante de todos os aspectos da sociedade contemporânea, torna-se indispensável considerar a própria transversalidade das relações interculturais (FLEURI, 2003).

amargas, o ambiente escolar torna-se referência fundamental para o estar no mundo. A provocação que se impõe é o trabalho de “escuta da diversidade” (pág. 135), no contexto das microculturas, desafio desta pesquisa ao almejar “educominicar” para e em meio às diferenças a partir da interação de colaboradores de ambientes formativos específicos.

É nesse sentido que os meios de comunicação tendem, apesar de não o fazerem do modo esperado, a ser verdadeiros aliados do processo educativo, em sua flexibilidade temática e capacidade de dispersão, com base numa pedagogia crítica, e-visual (que se apoia nas tecnologias digitais) e midiática. Tal interpretação se aproxima da teoria da complexidade de Morin (2005)<sup>24</sup>, ao prezar pela visão holística. Sob esse olhar, o pensador francês nos convida a realizar travessias, evitando pensamentos unilaterais, ao promover uma concepção educominicacional que conteste e perturbe as disciplinas estabelecidas, bem como as pedras angulares dos paradigmas.

Morin chega a descrever os setes saberes necessários à educação do futuro: conhecimento pertinente (contextualizado), para o autor, condição essencial da eficácia do funcionamento cognitivo; identidade e compreensão humana/empatia; incerteza (curiosidade intelectual); condição planetária e antro-po-ética (responsabilidade social). Nas suas palavras, é preciso religar os saberes, pois uma disciplina não é suficiente para unir todos os problemas referentes a dado conhecimento em meio às ricas noções que circulam e cortam fronteiras. Em vez de matérias acadêmicas, o professor de Comunicação e jornalista Henry Jenkis (*apud* BARROSO; PRATS *in* APARICI, 2014) propõe áreas permeáveis, que impulsionem dinâmicas de equipe, conforme o que conceitua de “cultura em rede/participativa”.

Com a *internet*, as mudanças possibilitadas pela tríade Educação, Comunicação e Cultura revelam-se primordial para o exercício da cidadania. Assim, acreditamos, com base no presente aporte teórico, que o desafio da Educação diante do ecossistema comunicativo não se resume à apropriação de um conjunto de dispositivos tecnológicos, mas aponta para a emergência de uma nova ambiência cultural, já que penetra de modo estrutural na vida

---

<sup>24</sup> Segundo o teórico, a própria palavra *complexus* está ligada à noção de tessitura, remetendo-se às relações em sua não linearidade, dinâmica, imprevisibilidade, capacidade de reconstrução, ambivalência (onde contrários convivem sem exclusão) e irreversibilidade, considerando que os fenômenos não são iguais e nunca se repetem da mesma forma e intensidade. Já dizia o filósofo Heráclito: “ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio”, já que as águas nunca serão as mesmas.

cotidiana. É o que Freire (vide referências) destaca ao evidenciar que o conhecimento exige uma presença curiosa do sujeito perante o mundo; requer sua ação transformadora sobre a realidade; demanda uma busca constante, implica em invenção e reinvenção. Para Pedro Demo (2001), residiria aí a chave-mestra para a democracia, o engajamento político e a redefinição dos rumos da história.

De acordo com Santos (2010), uma política de igualdade genuína deve permitir a articulação horizontal, pós-colonial e multicultural, entre identidades discrepantes e as diferenças em que elas se assentam. O autor lança um desafio, talvez utópico, mas inspirador: a reinvenção do próprio Estado - da democracia representativa a novas práticas democráticas. Diante de situações políticas peculiares, seja no contexto brasileiro quanto mundial, a citar o governo conturbado de Michel Temer e a vitória de Donald Trump, nos EUA, aplaudimos a ousadia de sua teoria ao propor uma mudança conjuntural, em prol de atitudes antissexistas, antirracistas, antixenófobas e anti-homofóbicas.

Para superar a dicotomia “universalismo-relativismo”, trabalhamos na articulação entre ambas as concepções, por meio de caminhos viabilizadores sob negociação constante, de modo a superar extremismos (CANEN, 2007). Acima de tudo, entendemos as lutas das identidades individuais, coletivas e institucionais, em seus particularismos, como “portas de entrada” para a compreensão das formas concretas e simbólicas pelas quais são construídas diferenças, invisibilidades e discriminações, de modo a confrontá-las e superá-las.

Portanto a perspectiva multicultural/intercultural crítica que abraçamos implica, justamente, na aproximação entre valores de preservação da vida e de respeito à existência do outro. Com ênfase na problematização dos mecanismos excludentes ainda presentes nos espaços de saber, trilhamos os passos da complexidade, entre convergências e divergências, em prol da elaboração de projetos comuns. Diante da singularidade dos ambientes formativos, direcionamo-nos pela importância dos conteúdos jornalísticos para o despertar e/ou aprofundamento da consciência crítica na e para a diversidade, garantindo, simultaneamente, a representação de minorias historicamente excluídas.

Se comunicar é compartilhar a significação, participar é compartilhar a ação. A educação seria, então, o lugar decisivo de seu entrecruzamento. Mas para isso deverá se converter no espaço de conversação dos saberes e narrativas que configuram as oralidades, literaturas e visualizadas. Pois das mestiçagens que entre elas se tramam é de onde se vislumbra e se expressa, ganha corpo o futuro. (MARTÍN-BARBERO, 2014, pág. 78)

## 2.2 JORNALISMO COLABORATIVO: O CIDADÃO COMO PROTAGONISTA

A palavra mídia provém da expressão latina *medium*, que significa meio, canal (MELO; TOSTA, 2008). Tem relação direta com a indústria de bens simbólicos, sistema complexo de produção, circulação e consumo de bens culturais, artefatos que se materializam em palavras, sons e imagens, dos quais são exemplos livros, jornais, emissoras de rádio e TV, conhecidos como *mass media*. Para Thompson (2002), tais meios têm modificado a(s) esfera(s) pública(s).

Na contramão do determinismo anunciado pelos frankfurtianos Adorno e Horkheimer, quando se referem à indústria cultural, o teórico, inspirado na hermenêutica, considera a apropriação dos produtos midiáticos como parte de um processo mais extenso de formação pessoal, através do qual os sujeitos desenvolvem uma definição de si e dos grupos aos quais pertencem de modo interpretativo. Mencionando Geertz, o autor qualifica os meios de comunicação como rodas de fiar do mundo [pós] moderno por meio dos quais os seres humanos fabricam teias de significação.

Ao dialogar com Bourdieu, Thompson se refere aos “campos de interação”, conjuntos de circunstâncias que, quando institucionalizadas, adquirem certa estabilidade em prol de objetivos comuns, criando novas posições para os indivíduos que os ocupam. No âmbito do poder cultural ou simbólico, o autor lembra as “instituições paradigmáticas”<sup>25</sup>, onde se acumulam informação. Juntamente com a imprensa, as escolas se situam nesse contexto.

Classificando a alteração do sentido de pertencimento como “socialidade mediada” (sentimento de atribuição a comunidades através da mídia), Thompson revela o caráter da apropriação dessas mensagens como autoformação, destacando a recepção situada por parte

---

<sup>25</sup> No mesmo patamar, encontram-se as Forças Armadas e o Direito, ao lado do Sistema Educativo e da Mídia, peças centrais da homegeneidade cultural.

dos sujeitos, que, considerados ativos e criativos, a depender das condições sociais, dão sentidos diversos a mesma mensagem, chegando a reelaborar conteúdos de modos alheios aos pensados pelos seus produtores - sinônimo de desprendimento e libertação num movimento inverso da fixação do suporte técnico.

Facilitada por tecnologias, em especial, computadores com acesso à *internet*, a Comunicação desenvolvida pelos jornalistas atuais toma forma, dentre outros canais, através de *sites*, *blogs* e redes sociais, em interações híbridas, abrindo um leque de possibilidades para que o/a leitor/a crie argumentos sobre um fato, contextualizando a notícia. Para Thompson (2002), ao promover reflexão, a mídia tem uma “ação responsiva conjunta”. Citando Gomez (1997), o autor chega a chamar os meios de comunicação de “escola paralela”<sup>26</sup>, que tende a ameaçar as funções e os objetivos de outros agentes e instituições já legitimados.

Enquanto “a mídia se envolve ativamente na construção do mundo social”, em lugar de descrevê-lo (THOMPSON, *idem*, pág. 106), experimentamos a complexidade das circunstâncias reais, nas quais receptores se tornam produtores, sobretudo, com o advento das TICs, escolhendo o modo de interagir com as tecnologias, bem como o conteúdo que desejam acessar. Diante deste novo intercâmbio, no qual o face a face, a mediação e quase mediação se entrelaçam, podem se tornar globais em escala/alcance, uma nova “arena” se forma e permite a participação popular em ambientes mais livres e próximos da razão comunicativa.

No campo do Jornalismo, todavia, destaca-se a produção factual de conteúdos noticiosos, em geral, superficiais e descontextualizados, diante do famoso *deadline*, tempo reduzido que os profissionais dispõem para concluir a escrita. Dessa maneira, o aprofundamento dos fatos e a crítica sobre suas consequências/implicações ficam a desejar. Além da informação (como dado em si), propomos, então, evidenciar sua função social. Guiar comportamentos (*agenda setting*<sup>27</sup>), mas não controlá-los, desempenhando importante papel no fluxo dos acontecimentos, é o mote para esta pesquisa.

---

<sup>26</sup> O conceito foi dito primeiramente pelos sociólogos Friedmann e Porcher, como o caminho para se chegar ao conhecimento sem ser pelo viés educacional (ASIS; CARVALHO, 2016).

<sup>27</sup> A teoria entende a mídia como um instrumento que edita a circulação de conteúdos e, conseqüentemente, a sua repercussão junto ao social, ou seja, com capacidade para pautar os temas dos debates cotidianos (agenda coletiva). Essa tendência para incluir ou excluir conteúdos das interações pessoais é o que define a *agenda setting*.

### 2.2.1 Resignificando critérios de noticiabilidade

No centro nervoso da imprensa desde a sua origem estão os critérios de noticiabilidade. Valores-notícia e seleção de assuntos jornalísticos são conceitos específicos pertencentes a um vasto universo. Com base em três classificações - origem, tratamento e visão dos fatos -, Silva (2005) elenca os principais fatores potencialmente capazes de agir nesse método de produção, como a relação com as fontes e o público, fatores éticos, circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais. Na prática jornalística, todos eles atuam concomitantemente.

Apoiando-se nas palavras de Traquina (2001), ao falar da teoria etnoconstrucionista, a autora supracitada declara que as notícias são o resultado da percepção, seleção e lapidação da matéria-prima (principalmente os acontecimentos) em produto, fruto, dentre outros, das características tecnológicas de cada *media*, dos recursos orçamentários, das inibições legais, da disponibilidade de informação dos entrevistados e da capacidade de narrar o fato de modo inteligível e atraente.

Além dos critérios institucionais, as questões ético-epistemológicas integram essa classificação e contribuem, diretamente, para a filtragem do que é notícia, técnica também conhecida como *gatekeeping*<sup>28</sup>. A seleção adentra as redações, já que, posteriormente, é preciso hierarquizar os dados em cada meio de acordo com seu grau de importância em determinada situação. Ao trazer Wolf (2003) para o debate, Silva (*ibidem*) pontua a necessidade de evitar que a riqueza quantitativa de instrumentos e maquinarias transforme-se em empobrecimento da qualidade e redução da função jornalística.

Desde o século XX, diversos autores têm sistematizado uma série de valores-notícia. Atualidade/ineditismo, polêmicas, ligação com ações governamentais e personalidades públicas/proeminência, proximidade geográfica x abrangência/repercussão/impacto, conflito pessoal, conhecimento/cultura, interesse universal/identificação humana/coletividade são

---

<sup>28</sup> Em 1922, Robert Park desenvolveu um estudo no qual identificou a existência de um processo de seleção feito por editores de jornais que ignoravam certas informações em detrimento de outras. Entretanto o pesquisador não utilizou a expressão *gatekeeping* para tal processo (SÁES NETO, 2016). O termo *gatekeeper* foi introduzido pelo psicólogo social Kurt Lewin, em 1947, e tratava de decisões domésticas relativas à aquisição de alimentos para casa. Mas desde 1913 havia sido empregado com esse sentido de seleção de informações, em trabalho alemão sobre formação de gostos literários (SILVA, 2005).

alguns elementos passíveis de despertar a atenção do público. No entanto, tais valores mudam com o tempo, não sendo estáticos. Nesse sentido, entendemos valores-notícia como “marcas de representação”<sup>29</sup>. Em todas essas definições, a escolha do que merece ser compartilhado com a sociedade perpassa pela noção de referência que norteia o trabalho dos jornalistas, possibilitando questionamentos sobre o próprio labor.

Conforme Weber (2010), o desenvolvimento dos meios digitais *online* modificou as práticas jornalísticas em vários aspectos, especialmente no acesso à informação e às fontes, no tratamento das mensagens e na relação com os sujeitos receptores. No século XXI, diversas teorias clássicas do Jornalismo vêm sendo repensadas, como a tendência de ressignificar o ato do *gatekeeping* diante de um outro perfil profissional.

### 2.2.2 Do *gatekeeping* ao *gatemwatching*

O advento da era digital e o *boom* das TICs têm ampliado o horizonte dos comunicadores, permitindo o uso de uma variedade de ferramentas, ao lado da adequação da linguagem ao público (segmentação) e à mídia escolhida. Diante das práticas cada vez mais colaborativas, especificamente a partir da *web*<sup>30</sup>, o Jornalismo Digital<sup>31</sup> vem acompanhando a tendência e alterando o modelo linear e convencional de outrora “emissor-mensagem-receptor”.

De leitores e fontes de informação a colaboradores na produção de conteúdos noticiosos, os membros de uma comunidade escolar, por exemplo, podem se apropriar das peculiaridades da cibercultura, ressignificando saberes de modo inovador. A cooperação está na base deste novo espaço antropológico e se revela estratégia adequada para implementar a inteligência

---

<sup>29</sup> Para Silva (2000, págs. 90-91), é por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder. “Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. É por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre identidade e nos movimentos sociais ligados ao tema. Questionar a identidade e a diferença significa, nesse contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação. Não é difícil perceber as implicações pedagógicas e curriculares dessas conexões. A pedagogia e o currículo deveriam ser capazes de oferecer oportunidades para que as crianças e os/as jovens desenvolvessem capacidades de crítica e questionamento dos sistemas e das formas dominantes de representação da identidade e da diferença”, afirma.

<sup>30</sup> A *web 2.0* é conhecida por focalizar suas aplicações nos usuários, capazes de gerar conteúdos por meio da colaboração em redes sociais e/ou *sites* interativos (DRUETTA in APARICI, 2014).

<sup>31</sup> Mielniczuk (in LEMOS; PALÁCIOS, 2001) explica que o *webjornalismo* (parte específica da *internet* que disponibiliza interfaces gráficas de uma forma bastante amigável) está contido no jornalismo *online*, que, por sua vez, encontra-se no ciberjornalismo, este imerso no universo digital, logo eletrônico.

distribuída em rede (ZAGO; RECUERO, 2011).

A *internet* e a subsequente emergência do Ciberjornalismo proporcionou a exploração de novos territórios<sup>32</sup>, por meio de narrativas e práticas inéditas (BASTOS, 2012). No campo jornalístico, as TICs vêm transformando o próprio fazer da profissão à medida que o fenômeno participativo cresce, permitindo que cidadãos “leigos” interajam com jornalistas, ao sugerir pautas e enviar registros do dia a dia, a exemplo das fotografias frequentemente compartilhadas nos telejornais.

Conceituando o termo ciberespaço como o conjunto de redes de telecomunicação criado com o processo digital das informações, Lemos (2001) ressalta sua relação vital com a cibercultura, relacionando-a ao Jornalismo *Online* (tempo real) como potência geradora de conteúdos que reconfigura o estado de produção, gestão, distribuição e recepção da notícia. Segundo o autor (*ibidem*), a *internet* seria uma incubadora midiática, na qual impera o engendramento de novas relações, que envolvem o computador como suporte, ferramenta de criação e meio de disseminação ao mesmo tempo<sup>33</sup>.

Sob essa ótica, o posicionamento do/a jornalista também se torna mais fluido e multifacetado, substituindo seu habitual papel de direcionar informações com potencial noticioso (*gatekeeping*), para se tornar, em parceria com o público, um/a orientador/a/intermediador/a (arquiteto/a de percursos)<sup>34</sup>, aquele/a que observa diversos canais de comunicação em busca de pontos de partida de onde novos campos se abrem (*gatewatching*).

Difusoras de informações, as redes sociais se caracterizam como verdadeiros filtros colaborativos, fabricantes e reverberadores de conteúdos, atuando de forma complementar com relação ao Jornalismo *Online* (RECUERO, 2009). Dialogando com Bourdieu quanto ao “capital social”, Silva (2007) chega a chamar de *big bang* cognitivo os conhecimentos e laços

---

<sup>32</sup> Para alguns autores o que vivemos são desterritorializações ou reterritorializações, transterritorializações e multilocalizações (MATO, 2007 *apud* Valderrama *in* APARICI, 2014).

<sup>33</sup> Na obra *Educomunicação para além do 2.0*, Barroso pontua que estamos sendo conduzidos pelo “trem da convergência midiática”, em que as linguagens escrita, sonora e visual se inter-relacionam, complementando-se em uma unidade própria (multimídia). O autor acrescenta que vivemos hoje num ambiente multitelas: painel de exibição, distribuição e produção de narrativas, simultaneamente.

<sup>34</sup> Velasco (*in* APARICI, 2014) afirma que tal postura está relacionada ao papel do professor na Sociedade da Informação/Comunicação. Nesta pesquisa, adaptamos sua opinião para a função dos jornalistas, considerando ambas as profissões estratégicas no processo educacional.

que desenvolvemos através da mídia, responsáveis pela nossa representação da realidade, práticas e categorias de organização, exercendo poder sobre a ação coletiva [cidadania]. Em geral, tais relações se prolongam no modo presencial, gerando novas narrativas movidas pela reconstrução de subjetividades, que suscitam valores, motivos de encontro e geram práticas culturais, mecanismos de decisão, cooperação, intimidade...

Com a popularização de câmeras digitais e telefones celulares, há uma livre circulação de dados, que, no campo dos espaços escolares, é facilmente perceptível na interação dos discentes e profissionais através, sobretudo, das fanpages. “No *webjornalismo*, a notícia deve ser encarada como o princípio de algo, e não um fim em si própria. Deve funcionar apenas como ‘o tiro de partida’ para a discussão”, conforme referência de Weber (2010) a Canavilhas (2001, pág.3). Por outro lado, ressaltamos a relevância da *expertise* de profissional especializado (jornalista) para garantir a veracidade e qualidade da informação, em meio à avalanche de mensagens que nos rodeiam, demanda comprovada ao fim do percurso investigativo.

Ou seja, a função de *gatekeeper* continua existindo, porém remodelada. Teorias como a do *gatewatching* se encaixam perfeitamente nesta atmosfera interativa, na qual o/a jornalista recria seu posto de observador/a dos portões de saída de veículos tradicionais e não tradicionais, garimpando dados úteis com potencial noticioso. De porteiro/a a vigia, esse/a profissional se torna provedor/a de conteúdos, encarregado/a de gerar, identificar, selecionar e prover informações para um público diversificado. No caso da teia mundial de computadores, tal conduta permite ao internauta “navegar sem naufragar”, expressão que se tornou quase um ditado popular na contemporaneidade.

Relacionada às competências e habilidades requeridas para o desenvolvimento independente e consciente dos cidadãos no novo entorno - digital, global e multimídia - da sociedade da informação<sup>35</sup> [ou do conhecimento], a “alfabetização midiática” se aproxima do Jornalismo

---

<sup>35</sup> Encontros mundiais promovidos pelas Nações Unidas discutem o tema “Sociedade da Informação” desde os anos 2000, relacionando-o à melhoria da qualidade de vida. Os eventos dialogam diretamente com os objetivos do milênio e colocam a informação em papel estratégico na resolução de problemas sociais (SELIGMAN, 2008). Quanto à diferença entre informação e conhecimento, o último se aproxima mais do contexto da academia, considerado saber intelectual, de validade científica, enquanto o primeiro estaria vinculado ao senso comum; informação são fatos, impressões, parcelas dispersas de saber, enquanto conhecimento é a organização de saberes em contexto. Nas palavras de Eliot, citado por Motter (*in* BACCEGA, 2002), conhecimento assim se define

Colaborativo, ao considerar diversas linguagens e experiências comunicativas (conteúdos gerados por usuários - CGUs), incentivando o empoderamento e a participação ativa dos sujeitos. Guia-se, assim, por princípios educomunicadores.

Diferenciando-se do saber científico, racional e analítico, as narrativas jornalísticas definem-se como intuitivas e mais próximas do senso comum, podendo ser pontapé para o conhecimento sistemático. Nessa linha de pensamento, defendemos que é por meio do interesse do/a leitor/a que a notícia pode ou não adquirir significação e fazer parte da história, reconstruindo-se sob novos olhares. Tal movimento também tem influência na determinação dos valores-notícia, no caminho inverso ao do *agenda setting* - da sociedade para a mídia.

Enquanto construção social, Gaye Tuchman (1993) considera a notícia “uma janela para o mundo”, que pode trazer contornos propositivos em prol da melhoria da qualidade de vida. Desse modo, ressaltamos a relevância de se desenvolver estratégias para uma Comunicação diferenciada, que revele a luta contra-hegemônica empreendida pelas minorias representativas, das quais fazem parte negros, mulheres, jovens e homossexuais.

Ao discorrer sobre o abuso de poder do discurso argumentativo das elites simbólicas na homogeneização de ideologias e padrões comportamentais, Santos (2010) delinea o contraditório papel do discurso midiático quanto ao chamado “espelho social”. Conforme Peruzzo (2009), o direito à Comunicação é basilar para a construção das identidades e conscientização política dos sujeitos.

Se o que os movimentos sociais demandam “não é tanto serem representados, mas reconhecidos: fazerem-se visíveis socialmente em sua diferença”, (MARTÍN-BARBERO,

---

enquanto organização de informações inseridas num contexto. O autor chega a se perguntar: “Onde está o conhecimento que perdemos na informação? Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento?” Na opinião de COSTA (*in* BACCEGA, *ibidem*), conhecimento é o resultado de processos mentais que vão modificando a imagem (maneira pela qual a realidade aparece à consciência), até transformá-la em uma ideia que envolve valores, afetividade, nova experiência com imagens anteriores (imaginário). Ou seja, os termos ora se aproximam ora se distanciam. Para esta pesquisa, optamos pelas últimas correntes citadas, compreendendo que tanto informação quanto conhecimento se originam e circulam nos mais diversos suportes e ambientes, inter-relacionando-se em prol da consciência crítica dos sujeitos e da prática da cidadania. Também concordamos com os que defendem a passagem da Sociedade da Informação para a Sociedade da Comunicação ou das Relações, entendida aqui como postura psicossocial, sociopolítica e ética, conforme Soares (1996). Dessa maneira, iremos na contramão da imprensa convencional, privilegiando o conteúdo em lugar da forma; o contexto histórico-social dos fatos em vez da espetacularização da notícia, bem como a diversidade de fontes.

2014, pág. 108), analisamos que os *media* constituem hoje espaços decisivos de *visibilidade* e *reconhecimento*. No âmbito da proposta que aqui se apresenta buscaremos, então, trazer à tona conteúdos que perpassam pelos ambientes formativos (mídias, salas de aula, comunidades etc.), transcendendo o factual e tornando públicas ideias/ações, que, a curto, médio ou longo prazo, contribuam para o despertar/aperfeiçoamento da criticidade e prática da cidadania; é superar o *lead*<sup>36</sup> para dar lugar, sobretudo, a grandes reportagens, que incitem à reflexão e promovam a diversidade.

### 2.2.3 Breve comentário sobre a polêmica entre jornalistas e assessores de imprensa

Apesar da contínua expansão, as profissões da área de Comunicação ainda não têm a mesma legitimidade de outros ofícios, ou seja, as funções ligadas a esse campo são necessárias (condição de simbolização que permite o funcionamento das sociedades), mas não valorizadas. Nesse sentido, o papel desses profissionais perpassa pela constituição de novas solidariedades, capazes de mudar o curso da história diante da capacidade de escuta e adoção do pensamento complexo (HORN, 2014).

Ao debater o conflito de motivação entre jornalistas e assessores de imprensa, Barone (2009) se vale das palavras de Eugênio Bucci, para quem as profissões deveriam ter códigos de ética distintos, em virtude, sobretudo, da falta de abertura às mais variadas opiniões sobre um fato por parte das assessorias. Por outro lado, há os que defendam a imparcialidade jornalística como uma ilusão, principalmente no contexto mercadológico dos *media*, com sua obediência à linha editorial.

No caso desta pesquisadora, ser jornalista e atuar no caráter de assessora em uma instituição pública e federal de ensino ampliou o leque profissional de possibilidades. Pensando no meio termo para essa polêmica, defende-se, neste trabalho, o respeito ao interesse público, já que mesmo assessores, preocupados com a imagem da instituição para a qual prestam serviço, devem respeitar esse princípio e prezar pela veracidade das informações publicadas, ainda que sob determinado recorte/ponto de vista, como qualquer ação humana.

---

<sup>36</sup> A primeira parte de uma notícia, geralmente o parágrafo de abertura, que, em geral, responde às perguntas: o quê, quem, quando, onde, como e por quê?, seguido de informações complementares (dados secundários).

## 2.3 EDUCOMUNICAÇÃO: UM POUCO DE HISTÓRIA

Discutir sobre leitura e leitores é um desafio permanente dos profissionais da Educação, mas também dos comunicadores. Numa sociedade imagética e tecnológica, em que os estímulos midiáticos, incluindo o mundo audiovisual, dominam o cotidiano, mais do que nunca é essencial a atuação conjunta de ambos os profissionais para uma postura crítica de mundo. Considerando o aprendizado um ato político-cultural, o uso da mídia na escola pode contribuir efetivamente para essa práxis, induzindo modificações no sistema educacional estabelecido, ao solicitar, divergir, confundir, contribuir e desafiar (BRAGA; CALAZANS, 2001).

Dessa maneira, retomamos os questionamentos propostos por Caldas e Camargo (2013): Como a mídia é utilizada na interface com os conteúdos programáticos? Estariam os professores preparados para aproveitá-la como ponto de partida para fomentar debates e reflexões? Por outro lado, estariam os jornalistas e os pesquisadores da área de Comunicação aptos para atuar nas escolas juntamente com os educadores?

Entendemos, assim, que esses profissionais devem trabalhar em parceria. Só na conexão dos conhecimentos específicos de cada área será possível uma ação competente para que os *media* possibilitem a contextualização dos conteúdos curriculares. Ao demandar posturas flexíveis, o cenário é de convergências/mixagens. Permite-se a reconstrução de saberes e a transformação dos sujeitos, bem como de suas relações, pensamentos e atitudes. Diversos são os autores que destacam a função pedagógica da mídia, ao informar formando. Se compreendermos a Educação como um ato comunicativo, norteado pelo diálogo, como afirmara Freire em suas diferentes obras (vide Referências), é fácil perceber a ligação entre as duas ciências.

Na era das tecnologias da informação e comunicação, a mídia está, constantemente, nos espaços formativos. Goergen (2010) cita a relevância da ação comunicativa enquanto chave da práxis pedagógica. Soares (2011), por sua vez, afirma que a própria Educação é ação comunicativa, uma vez que a Comunicação se configura como fenômeno presente em todos os modos de formação humana e, sob a mesma orientação, toda ação comunicativa tem, potencialmente, uma ação educativa. Ou seja, converge uma leitura da Pedagogia a partir da

Comunicação e uma leitura da Comunicação a partir da Pedagogia.

O argentino-uruguaio Mario Kaplún foi o primeiro a difundir o termo “educador comunicativo” ou “educadores comunicativos”, inicialmente pensados como profissionais responsáveis por trabalhar com a leitura reflexiva da mídia em espaços educacionais. No entanto, ao longo dos anos, o conceito foi ampliado, especialmente, a partir de estudo<sup>37</sup> realizado pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE)<sup>38</sup>, da USP, entre os anos de 1997 e 1998, e coordenada pelo professor e pesquisador Ismar de Oliveira Soares, com parceria de profissionais da Universidade Salvador (Unifacs/BA).

Nas palavras da professora Geneviève Jacquinot (*apud* SOARES, s.d. - vide Referências), da Universidade de Paris, renomada estudiosa no âmbito da interface, o/a educador/a seria o/a profissional do século XXI. Ao descrever as habilidades<sup>39</sup> deste/a novo/a agente social, dotado de aptidão para administrar conflitos e encontrar soluções que melhorem os

---

<sup>37</sup> Desenvolvida com quase 200 especialistas das áreas de Comunicação e Educação latino-americanos, com o objetivo de compreender a relação entre esses campos, a partir de questionários e entrevistas, a pesquisa demonstrou que pessoas diferentes, em contextos distintos, mantinham-se interconectadas a práticas semelhantes, sob referentes teórico-metodológicos próximos (SOARES *in* APARICI, 2014/PEDROZA; MOREIRA, 2014). Seus resultados foram publicados em 1999 pela extinta Revista Contato, de Brasília, além de periódicos dos Estados Unidos, Itália e Colômbia (ANTONELLO, 2015). O estudo concluiu que apenas 3% dos entrevistados trabalhavam com a Comunicação para a Cidadania, em prol da melhoria da qualidade de vida e diversidade humana, o que reforça a importância de potencializar ações nesse sentido.

<sup>38</sup> O NCE reúne pesquisadores de várias universidades brasileiras, sendo referência nos estudos sobre Educomunicação. Desde 1989, o Departamento de Comunicação e Artes da USP iniciava sua trajetória de pesquisas no âmbito dessa área. Só dez anos depois, os teóricos anunciaram a emergência de um novo campo. Até 1991, a referida universidade havia formado quase 100 profissionais no I Curso de Especialização em Comunicação e Educação. Em 1993, a USP inaugura a pós-graduação *lato sensu* em Gestão de Processos Comunicacionais, na qual a Educomunicação aparece como disciplina. No ano seguinte, surge a Revista Comunicação e Educação, fruto do curso citado. Apenas em 1996, é criado o Núcleo de Comunicação e Educação, que, dois anos depois, organiza o I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação, onde, pela primeira vez, os conceitos da área foram debatidos além dos muros da academia. Três anos depois, o Ministério da Educação (MEC), em conjunto com representantes da sociedade civil, promove o Fórum Mídia e Educação, em São Paulo, onde reconhece a emergência da inter-relação Comunicação/Educação como um novo campo de intervenção social e conchama faculdades de ambas as áreas, empresas e organizações sociais para formar esse novo profissional (SOARES, s.d.). Em 2001, o NCE é convidado para prestar assessoria, em nível municipal, estadual e federal para projetos educadores, resultando em políticas públicas, como a aprovação da Lei Educom (SP), no ano de 2004, que estabeleceu modalidades para uso do conceito nas secretarias municipais. Em 2009, por meio do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, organizado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), o Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação é lançado. Ao longo dos anos, outros eventos vêm intensificando o debate sobre o tema, como os encontros brasileiros e regionais de Educomunicação, os primeiros, iniciativa do NCE em parceria com a Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação - APBEducom, existente desde 2011 (ANTONELLO, 2015).

<sup>39</sup> Segundo os PCNs (1998), habilidades estão associadas ao fazer - ação física ou mental que indica capacidade adquirida. São um pré-requisito da competência, conjunto de habilidades, em geral, relacionado ao exercício profissional.

processos educacionais, nos mais diferentes ambientes, Soares (2011) alude à historicidade do termo. Dentre os marcos internacionais, está a década de 1980, quando a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco)<sup>40</sup> designou uma prática genericamente definida na Europa como *Media Education* - Educação para recepção crítica dos meios de comunicação. A Sociedade Civil foi a principal responsável por relacionar os dois campos de conhecimento, especialmente por meio das organizações não governamentais (ONGs) e dos movimentos sociais<sup>41</sup>.

A América Latina se destaca nesse panorama como local propício ao incremento da Educomunicação, sobretudo, devido ao movimento da Educação Popular e Comunicação Alternativa, disseminado por Mario Kaplún e Paulo Freire, adaptando-se aos regionalismos e aos espaços não formais. No Brasil, o Movimento da Escola Nova, a partir de 1930, é referência para o debate, tendo, no pedagogo Anísio Teixeira, um ícone do ensino menos “decoreba”, superando a visão gutenberguiana de reprodução. Na década de 1980, também toma corpo uma rede nacional de experiências chamada Comunicação, Educação e Participação (CEP), formada por reconhecidas organizações. Dentre os avanços do grupo na esfera das políticas públicas, esteve o programa de Educação Integral do Governo Federal, que passou a considerar a Educomunicação uma das opções de atividades no contratempo escolar.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/96) previu a perspectiva inter, multi e transdisciplinar, baseada em três eixos, utilizados, inclusive, pelo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem): linguagens e códigos; ciências e tecnologias; sociedade e culturas. Foi em 1996<sup>42</sup>, segundo ele, que essa legislação introduziu a ideia de que Educação não se limita à

---

<sup>40</sup> A mesma instituição foi responsável por diversas outras ações que contribuíram para enriquecer o novo campo, como a Conferência Internacional “Educando para as mídias e para a era digital”, que ocorreu em Viena, em 1999, ao lado da publicação, em 2013, do manual *Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores* (PEDROZA; MOREIRA, 2014). A Unesco anunciou, ainda, uma “Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação”, conhecida pela sigla Nomic, associando a Comunicação à Educação, Ciência e Cultura, bem como à noção de desenvolvimento e políticas sociais. Para Soares (*in* APARICI, 2014), a força do pensamento latino-americano no campo da Comunicação para o Desenvolvimento, com ênfase no planejamento participativo, exerceu profunda incidência no conceito da Educomunicação com a gestão de processos comunicativos. Uma das instituições com maior legado nesse sentido foi o Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação (Ciespal), com sede em Quito, Equador.

<sup>41</sup> A Igreja Cristã teve papel de destaque nesse cenário, por meio das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), com projetos voltados para a leitura crítica da mídia.

<sup>42</sup> Nesse mesmo ano, a Unesco publicou a coleção *Educação e cultura para o novo milênio*, na qual destacava a multiculturalidade e os quatro pilares da educação: aprender a conhecer, a fazer, a viver juntos e a ser. Tal

escola e aos meios formais, mas é um campo extenso, abrangendo distintas relações sociais. Nesse contexto, são instituídos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), na tentativa de incorporar “temas transversais” às salas de aula, ratificando o compromisso da Educação com as questões da coletividade.

Nos incisos II a IV do art. 35 da referida lei estão expressos o pensamento questionador, a preparação para a cidadania e a relação entre teoria e prática. Trilhando uma passagem polêmica e tortuosa para a reestruturação do sistema educacional do país, a proposta do Novo Ensino Médio, aprovada dez anos depois, em 2016 (ponderações à parte), traz ainda mais obstáculos a serem superados pelas instituições formativas, no sentido de promover a formação holística dos educandos de acordo com as demandas da contemporaneidade.

A partir do uso pedagógico das mídias e TICs, surge uma nova unidade conceitual, mobilizadora, singular, porém polissêmica, nos seus diversos modos de fazer. No entanto, Soares (2011), revela que, ainda hoje, poucos são os educadores que dialogam com o universo da Comunicação e contribuem para a formação de interlocutores reflexivos. Apesar de essas teorias serem debatidas há décadas, inclusive ratificadas na LDB, fazer da escola esse espaço público de transformação social e autonomia intelectual requer um longo caminhar.

Ao problematizar a relevância das propostas educomunicativas, Fabbri e Ormanzeze (2015) elencam algumas iniciativas governamentais, como o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), o Enem e o Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (Pisa), que indicam o baixo rendimento dos alunos dos ensinos fundamental e médio em compreensão, interpretação e reflexão. Quanto aos exames de acesso à universidade, na maioria dessas avaliações, há textos midiáticos, como notícias de jornal e anúncios publicitários, o que se relaciona, por sua vez, com os PCNs, que defendem a necessidade do trabalho pedagógico a partir de diferentes gêneros textuais.

Por outro lado, os mesmos autores denunciam que, na formação clássica do/a professor/a, raramente foram abordadas temáticas relacionadas à mídia. Da mesma maneira, o trabalho

---

concepção se encaixa perfeitamente na discussão suscitada por esta pesquisa, que pretende produzir conhecimento a partir de ações colaborativas com base nas múltiplas identidades que caracterizam os sujeitos.

com os *media* nas escolas, em geral, tem sido realizado sem o apoio especializado de profissionais. O cenário vem se modificando, com a inauguração de cursos específicos, como a licenciatura e a especialização em Educomunicação da USP e os bacharelados da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e da Católica do Rio de Janeiro (Mídia e Educação)<sup>43</sup>.

Soares (1998) já anunciava a necessidade da presença de educadores para dar conta dessa nova realidade (comunicadores vocacionados para a Educação e vice-versa), a partir de uma atuação diferenciada na interface Comunicação/Tecnologias/Cultura/Educação, estando aptos a trabalhar em mídias e centros produtores de material destinado ao ensino. Diante da Reforma do Ensino Médio, Oliveira e Oliveira (2013) anunciam a Educomunicação como alternativa para a realização de novos modelos de gestão da Comunicação nos ambientes de trabalho educativo. Citando Soares (2011, pág. 9), os autores refletem sobre os obstáculos a serem vencidos em busca de “uma Educação que faça sentido, envolva os estudantes no fazer educativo, esteja inserida nos seus cotidianos, reúna profissionais qualificados e faça da escola parte de um sistema de aprendizado em tempo integral”.

Norteados por essa direção, ressaltamos o potencial afetivo<sup>44</sup>, colaborativo, criativo e expressivo dos projetos educacionais, que se fazem em uma via de mão dupla: educação para e pelos (por meio de) *media*, envolvendo problematização e ação, concomitantemente. Das iniciativas precursoras nessa linha, voltamos ao século XIX, a partir dos trabalhos do pedagogo francês Célestin Freinet (1896-1966) e do médico polonês Janusz Korczak (1878-

---

<sup>43</sup>No contexto internacional, a Universidade Católica do Norte da Colômbia inaugurou, em 2009, o primeiro curso virtual em Educomunicação, coordenado pela Equipe de Comunicação Social da América (Ecosan) - SOARES *in* APARICI, 2014. O autor também cita a iniciativa do Canal Futura, da Fundação Roberto Marinho, que adota a Educomunicação como perspectiva de trabalho, mantendo parceria com o NCE-USP para formação de seus funcionários. Barroso (*in idem, ibidem*), por sua vez, dá outro exemplo: o mestrado em Comunicação e Educação da Uned, na Espanha, do qual é professor. Na sua dissertação de mestrado, Valéria Bari (2002), que foi pupila de Soares, destaca a *Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social - Felafacs* como órgão uma organização internacional de respaldo no âmbito da interface. De caráter não governamental, reúne mais de 200 faculdades e escolas de Comunicação. Ao longo de seus vinte anos de existência, promoveu encontros, tendo sido uma das instâncias onde se desenvolveu a vertente da reflexão epistemológica acerca do tema.

<sup>44</sup>Para Huerdo (*in* APARICI, 2014), é preciso considerar o elemento afetivo como central no ato do conhecimento. Em vez de escolarizar ou neodisciplinar o novo *sensorium*, o teórico incita à razão sensível, compreendendo o ambiente educacional como uma janela da sociedade, na qual se situam e expressam relações, mobilidades, disputas, desigualdades, exclusões, desencontros, conflitos...

1942)<sup>45</sup>. Ambos apostaram no jornal como motor do processo educativo, através de uma *Educação Comunicativa*, e encontraram na imprensa uma saída para a carência de recursos pedagógicos em regiões devastadas pela guerra. Insatisfeitos com o sistema formal de ensino, naquele momento, ainda mais arcaico e cerceador da liberdade, Freinet e Korczak buscaram alternativas para a manifestação de ideias, o que resultou na melhoria no rendimento escolar de crianças e adolescentes.

Ao explicar os benefícios da interface em questão, Gomes (2014) destaca o ideal de uma Comunicação viva e plena, que garanta o direito à voz e respeito à diversidade. Retomando a experiência de Freinet (1974) com o jornal escolar, o estudioso compreende que esse tipo de veículo nos coloca à escuta do mundo, sendo um horizonte sobre a vida, além de arquivo das aulas e meio de acesso à informação por outros públicos, instigando interrogações, alimentando o debate e novas opiniões. Nesse contexto, Soares (2011) chama atenção para o caráter relacional da Educomunicação, e elenca as seguintes áreas de intervenção, que se encontram intimamente imbricadas:

- ❖ *Educação para a Comunicação, Produção Midiática para a Educação e Pedagogia da Comunicação*: além de problematizar a função dos *media* na sociedade, em suas múltiplas linguagens, abrangem a possibilidade de implementar projetos de mídia-educação, com foco no senso crítico;
- ❖ *Expressão Comunicativa através das Artes*: norteada por relações inventivas, dialógicas e coletivas;
- ❖ *Mediação Tecnológica nos Espaços Educativos*: refere-se ao acesso e uso democrático das tecnologias;
- ❖ *Gestão da Comunicação nos Espaços Educativos*: abrange o planejamento, a execução e avaliação de projetos no âmbito da Comunicação, Educação, Cultura e TICs;
- ❖ *Reflexão Epistemológica*: responsável por dar unidade às práticas, permitindo que o campo amadureça.

---

<sup>45</sup> O francês, de tendência marxista, recomendava que, num jornal infantil, todo o trabalho - da discussão da pauta à impressão - devia ser feito pelas crianças. Freinet transformou a sala de aula em redação, chegando a prestar assessoria técnica para outras escolas públicas da França interessadas nas mini-imprensas. A interlocução abarcou familiares, vizinhos e amigos, tornando o entorno dos estudantes objeto e fonte de conhecimento pela auto e coaprendizagem. Já o médico polonês costumava dizer que a leitura de jornal com os estudantes era o elo entre escola e mundo e que os cursos de Jornalismo Pedagógico poderiam talvez, num futuro próximo, ser inseridos no programa de ensino nas escolas para professores. Libertários de seu tempo, Freinet e Korczak sofreram coações, para este último, ainda pior, ao terminar sua história no holocausto.

## 2.4 INTERCONECTANDO SABERES

Corrente teórica em (re)definição, que ainda precisa superar dualidades conceituais, a Educomunicação é muito mais que uma junção entre áreas que aparentemente estavam separadas. Para esta pesquisa, sobretudo, defendemos um pensamento de interconexão, que corta vias, criando novas bifurcações e alianças, novos modos de compreender a ação educativa como fluxo comunicacional capaz de notabilizar idiosincrasias.

Nesse sentido, concordamos com a ideia de que a Comunicação empresta à Educação sua identidade de formação, já que, no espaço educativo, o/a professor/a também é um/a comunicador/a. Em outras palavras, desenvolver uma Comunicação Participativa no ambiente educativo, através de variados recursos informacionais, pode ampliar as condições de aprendizagem dos sujeitos envolvidos em situação real de interação.

Ratificamos, assim, o papel dinamizador que os sistemas e processos comunicacionais ocupam na sociedade. No contexto das instituições formativas, a função social anunciada no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros<sup>46</sup>, pela qual transcorre o compromisso com a coletividade, ganha ainda mais corpo, aliada à troca de saberes entre profissionais/educandos.

Na opinião de Soares, a Educomunicação (2011) não é apenas uma disciplina ou um procedimento, mas filosofia, paradigma transversal e interdiscursivo de atos transformadores, que repercutem na dinâmica social e requer vivências processuais, corrigindo-se e refazendo-se. Como materialização da teoria, avalia a ação, faz nova reflexão, que pode gerar outra ação, em um movimento dialético de mediação em que o debate social ganha força.

A ação política se firma em dois grandes postulados: a formação de cidadãos críticos [...] e a concretização de utopias sociais, mais claramente postas no campo da ecologia, de uma educação de qualidade e de uma comunicação participativa e democrática. A educomunicação propõe a credulidade no ser humano, seu permanente embate e encontro com o outro. A alteridade é o substrato constitutivo da educomunicação, que visa relações sociais mais humanizadas, acredita na transformação do indivíduo e da sociedade, na descoberta de novos caminhos para a resolução colaborativa de problemas e, sobretudo, na criação inovadora de olhares diferenciados sobre o cotidiano. A comunicação é fator prioritário para o processo educativo e a mediação dos dois campos deve ser compreendida enquanto construção

---

<sup>46</sup> Disponível em [www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros](http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros). Acesso em 11 fev. 2017.

de valores éticos e estéticos. Aprender é um processo também coletivo, respeitando-se as diferenças e valorizando a criação, produção e alimentação de projetos geradores de transformação social. Retomar o processo educativo como espaço privilegiado da atualidade é pensar politicamente, é interagir de forma multidisciplinar e multimidiática, buscando, nos diversos territórios, a superação de dificuldades, o talento e o diferencial cultural das comunidades (SCHAUN, 2002, págs. 82 e 83).

Para Mario Kaplún (1998), o sentido de Comunicação ultrapassa a técnica. Citando Bordenave<sup>47</sup>, o teórico apresenta dois modelos comunicativos: exógeno, que compreende o educando enquanto mero objeto; e o endógeno, no qual é considerado sujeito. No primeiro, ele enfatiza o conteúdo e os efeitos sob transmissão de conhecimento e engenharia de comportamento; enquanto, no segundo, celebra o processo de mudança, no desenvolvimento das capacidades cognitivas e consciência cidadã.

Segundo o comunicólogo norte-americano Wilbur Schramm, lembrado por Luyten (1988), uma mensagem obtém os efeitos desejados se estiver na razão direta do desejo suscitado. Dialogando com essa ideia, Kaplún defende a importância de todo ser humano ser um interlocutor, o que chama de *emirec*<sup>48</sup> (emissor-receptor), trocando mensagens em um ciclo bidirecional e permanente. De acordo com o autor, existe uma decodificação ativada, na qual o destinatário completa os espaços em branco, põe algo de si em sua captação, reelaborando conteúdos.

Não poderia, certamente, apelar-se ao clássico esquema transmissor “emissor/mensagem/receptor”; nem mesmo acrescentando a este esquema uma via de retorno - *feedback* ou retroalimentação - disposta como um mecanismo de controle e regulação do sistema. Em consonância com uma educação que quer se tal - e, portanto, é formativa e não meramente informativa, suscitadora de criticismo e criatividade -, o modelo de comunicação deveria ser participativo, “dialógico” e multidirecional; conceber o educando - segundo um feliz neologismo dominado por Cloutier - como *emerec*, isto é, como um sujeito comunicante, dotado de potencialidades para atuar alternadamente como emissor e receptor de outros *emerecs* possuidores de iguais possibilidades; proporcionando, portanto, não só receber, como também autogerar e emitir suas próprias mensagens. (KAPLÚN, 1992 *apud* APARICI, 2014, grifos do autor)

Para além da mídia, a Comunicação enfatiza valores e investimentos emocionais que suplantam a troca de signos no sentido utilitário do termo. Nas palavras de Michel Maffesoli

---

<sup>47</sup> Intelectual paraguaio considerado um dos pais do pensamento latino-americano em Comunicação. Nesse contexto também se destaca Luis Ramiro Beltrán, jornalista, escritor e teórico boliviano.

<sup>48</sup> Termo cunhado pelo canadense Jean Cloutier, retomado e potencializado por Kaplún.

(2000), em época de crises, incertezas e desabamento das antigas utopias políticas, a Comunicação é o “cimento social”; espaço de intercessão de conflitos e interesses, zona interativa e integradora. Para o sociólogo francês, Comunicação não é meio, mas fim (diretamente relacionada à noção de desenvolvimento), e se faz pela mídia, telenovelas, canais dominantes, mas, principalmente, pelos subterrâneos dos imaginários populares, que se reconstróem na profundidade das aparências do cotidiano, na narrativa do vivido.

O grande pensador espanhol-colombiano Jesús Martín-Barbero (2003, 2014) afirma que esse campo está se convertendo em espaço estratégico a partir do qual se pode pensar em bloqueios e contradições que dinamizam as sociedades. Entre um subdesenvolvimento acelerado e uma modernização compulsiva, desloca-se o eixo dos meios às mediações<sup>49</sup>, religando a palavra à ação. Daí a importância de compreender a Comunicação como sinergia, contato, sociabilidade, respeito às diferenças, conexão em redes, pluralismo, tribalismo, identificação, hibridismo<sup>50</sup>, como também afirmara Maffesoli na obra supracitada.

De acordo com Baccaga (2002), mesmo rizomática em seus discursos, a Comunicação tem uma unidade que a configura, sendo o/a comunicador/a um/a intermediário/a das relações entre a macro e microestruturas; é uma “costura” que tece os processos de socialização, demandando um perfil de profissional<sup>51</sup> não conformador, orientado por conhecimentos de vários ramos, como história (dimensão social) e literatura (emoção e estética). No caso desta pesquisa, a partir da qual interagiram profissionais diretamente ligados aos mais variados ambientes formativos, a Comunicação está ainda mais próxima da Educação, parceria fundamental para a produção de conteúdos noticiosos diferenciados.

---

<sup>49</sup> O mesmo autor considera que toda comunicação exige alteridade e distância, ao mesmo tempo, sendo ruptura e ponte/mediação, o que coloca o contexto cultural no lugar de cruzamento. Para Barbero, mediações são esse lugar de onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e da recepção.

<sup>50</sup> Ao dialogar com Bhabha (1996), Silva (2000) considera a hibridização um "terceiro espaço", não determinado pela identidade hegemônica nem unilateral, mas introdutor de uma diferença, enquanto enunciação da cultura, que constitui a possibilidade de seu próprio questionamento. Nesse sentido, (1998 *apud* FLEURI, 2007), o autor traz o conceito de “entrelugares”, referindo-se aos contextos intersticiais que constituem os campos identitários, subjetivos ou coletivos, nas relações interculturais. Seriam eles os formadores do terreno para a elaboração de novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, inerentes à própria ideia de sociedade.

<sup>51</sup> Soares (*in* APARICI, 2014) contribui com o debate ao afirmar que o/a educador/a deve dispor de conhecimentos especializados em TICs, bem como em disciplinas que abordam a mudança social (antropologia, pedagogia, economia, política, psicologia etc.). Ao lado dessas competências, ter experiência em metodologias de pesquisa, planejamento e execução de projetos. Inspirada pelo pesquisador italiano Rivoltella, Fantin (2006) acrescenta semiótica, sociologia, estudos culturais, cultura organizativa e tecnologias educacionais ao rol de saberes.

Frente a esse espaço de trocas, compreendemos os *media* como educadores coletivos, sendo necessário aproveitá-los do ponto de vista didático-pedagógico, como ferramentas educacionais. Logo, uma das maiores barreiras da Educação hoje consiste em incentivar o uso de tecnologias digitais sem, ao mesmo tempo, permitir que o conhecimento se torne supérfluo, vazio e fragmentado, o que acontece pela segmentação tradicional das disciplinas. Nas palavras de Citelli (*in* BACCEGA, 2002), os *media* e as TICs são, para a escola, um desafio cultural.

A comunicação dialógica proposta por Paulo Freire pode ser o par ideal das tecnologias comunicacionais no ambiente escolar para lidar com a notícia como uma forma elementar de conhecimento que, associada à educação, possa desembocar numa produção de conhecimento mais original e criativo. (BATISTA, 2007, pág. 69)

Ao se referir a Martín-Barbero (2008), a autora mencionada declara que, na contemporaneidade, a subjetividade<sup>52</sup> perpassa pela extensão comunicacional. Nesse sentido, a escola deve se adaptar, ao integrar em seu ensino as linguagens e os modos de expressão hodiernos, perceptíveis, de modo mais evidente, no universo juvenil, dotado de costumes, identidades e artefatos peculiares.

Para Seligman (2008), com base nas palavras Ramonet (2003), a força dos cidadãos organizados [vigilância - reflexão - ação] representa o quinto poder, capaz de controlar o famoso quarto poder<sup>53</sup>, influenciando, inclusive, na qualidade dos conteúdos midiáticos enquanto agentes retroalimentadores, que preenchem as brechas ao incluir suas próprias demandas na agenda das emissões massivas (MELO e TOSTA, 2008).

---

<sup>52</sup> Segundo Baccega (*ibidem*), ao mesmo tempo que se apresenta plural, a subjetividade também é única. Citando o italiano Canevacci (1993), a autora chega a dizer que o pronome a 1ª pessoa deveria ser “eus”, para indicar a pluralidade na individualidade. No diálogo com McLaren (*apud* HUERGO *in* APARICI, 2014), concordamos com a ideia de que subjetividade é o resultado da articulação entre experiência e linguagem/prática e discurso, ou seja, alteridade na sociabilidade, um sentir e viver comuns, que mais se assemelha à noção de subjetivação.

<sup>53</sup> Na opinião de Ianni (*in* BACCEGA, 2002), já não se trata mais de quarto poder, mas de um desenvolvimento novo, intenso e generalizado, abrangente e predominante da mídia no âmbito de tudo, desafiando os clássicos poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário), assim como partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais e a própria opinião pública.

Tanto o sistema educacional<sup>54</sup> como as comunicações sociais atravessam o século XX envolvidos em sérias e constantes mutações. Seja em decorrência de processos tecnológicos de acelerada invenção, seja em função de modificações políticas, sociais e econômicas outras, os dois sistemas apresentam um processo de ‘reconstrução permanente’... Assim, mais ainda que em cada um dos campos específicos, a interface deles é espaço de experimentação e risco. (BRAGA; CALAZANS, 2001, pág. 11)

Apropriando-se das teorias de Potter (2004), Seligman (pág. 52) descreve um modo de compreensão da mídia mais complexo que o “piloto automático” ao qual estamos acostumados e pontua que nossa realidade é mediada e mediatizada, demandando dos espaços formativos a abordagem de conceitos como midialidade e intermidialidade. Dessa forma, permite-se aos sujeitos ir do “mundo editado à construção do mundo”, ampliando o diálogo de saberes: da informação dispersa (recebida passivamente) ao conhecimento<sup>55</sup>. Como agentes produtores de mensagens e leitores, os educadores se tornam, então, articuladores desse processo.

Figura 1 - Modelo cognitivo de educação para os meios / Fonte: Seligman (2008)



Na *era informacional*, Martín-Barbero (2014, pág. 10) nos lembra que a idade para aprender são todas e o lugar para estudar pode ser qualquer um, considerando que estamos passando de uma *sociedade com sistema educativo* para uma *sociedade de saberes compartilhados*, *sociedade educativa* ou *aprendente* cuja rede de significados atravessa tudo, arquitetando um

<sup>54</sup> Braga e Calazans (2001) diferenciam o sistema do campo educacional, ressaltando que aquele é polêmico em suas propostas e tendências, sendo espaço de conflitos na empreitada de resultados; este, mais amplo que o primeiro, abrangeria, além da dimensão da sala de aula, os próprios estabelecimentos de ensino e a sociedade em grande escala.

<sup>55</sup> Para Castells (1999), o verdadeiramente importante não é o lugar central que a informação e o conhecimento ocupam hoje na sociedade, e sim sua aplicação (saber significativo social e politicamente), em um círculo de retroalimentação acumulativo entre inovação e seus usos.

experimento para o desenho de outras formas de aprendizagem. Sendo a cultura informacional marcada pelo intercâmbio em rede, o ciberespaço dá forma a escritas distintas, com destaque para o hipertexto<sup>56</sup>.

Para Martín-Barbero (*ibidem*, pág. 125), “a escrita digital é hoje um direito primário para o qual a escrita escolar não prepara”. O autor clama por uma escola que ensine a distinguir, tornar evidente, ponderar e escolher onde e como se fortalecem os preconceitos ou se renovam as concepções que temos sobre política, família, cultura, sexualidade...

Apropriar-se das mídias torna-se, pois, competência fundamental para o exercício da cidadania, além de prolongamento natural dos saberes de base. É esse “éthos da mediatização tecnológica da Comunicação” que nos rodeia e sobre o qual precisamos estar atentos para participar criticamente. Diante de tais reflexões, desafiamo-nos a (in)formar a partir da produção de conteúdos noticiosos “educolaborativos”, compreendendo que, na escola da vida, compartilhamento é palavra-mor.

---

<sup>56</sup> Segundo Xavier e Nascimento (2008), o prefixo grego *hiper* remete à superação das limitações da linearidade textual, representando uma teia não linear que suscita múltiplas possibilidades de interação, sendo “um conjunto de nós de significações interligados por conexões entre palavras, páginas, fotografias, imagens, gráficos, sequências sonoras etc.” É, justamente, pensando na característica de convergência de linguagens do hipertexto que os autores conceituam a hipermídia, voltada para as produções midiáticas no ciberespaço, com alternativas de interseção de diferentes linguagens, o que enfatiza a sua natureza hipermodal. Lembrando o pai do hipertexto, Ted Nelson, as autoras conceituam o termo como uma espécie de “texto elástico” (*stretch text*), que se expande e se contrai conforme as solicitações do/a leitor/a, fazendo com que o/a internauta assumo o comando de ação, como se estivesse em uma grande biblioteca digital.

### III - METODOLOGIA: À LUZ DO PERCURSO INVESTIGATIVO

*O que se pretende, com o diálogo, em qualquer hipótese (seja em torno de um conhecimento científico e técnico, seja de um conhecimento “experencial”), é a problematização do próprio conhecimento, em sua indiscutível relação com a realidade concreta, na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la.<sup>57</sup>*

Ao compreender que a função da ciência é construir modelos aproximativos, na tensão entre o pensamento formal (discurso científico) e a experiência humana, orientamo-nos por um modelo metodológico em rede<sup>58</sup>, fenomenológico-hermenêutico, com foco na descrição e interpretação, visando à criticidade, a partir de fases que se interpenetram. Os nós são os pontos de conexão, complementares e interdependentes. Concordando com Lopes (in BACCEGA, 2002), acreditamos na pesquisa como um campo de forças, submetido a fluxos e exigências internas (princípios da cientificidade e autonomia própria), bem como externas (condições sociais).

No ramo das pesquisas em Educação e Comunicação, a realidade<sup>59</sup> torna-se o berço da investigação, fonte de conhecimento, na sua riqueza de sentidos, que, apreendidos e ressignificados, suplanta teorias e pré-conceitos. Conforme Bourdieu (2002), é preciso pensar de modo relacional, por meio de uma postura ativa e sistemática. O autor condena a posição “mono”, considerando-a contrária à inteligência e inventividade. Para ele, é “proibido proibir”, com bom senso, claro, de acordo com o problema em questão, que se faz pouco a pouco, diante dos erros, das correções, dos retoques e das emendas. É nessa linha de pensamento que se desenvolve esta pesquisa, em meio ao contexto da práxis tão presente nos mestrados profissionais.

---

<sup>57</sup> Freire (1983, pág. 57), para quem, em outras palavras, o diálogo é um encontro solidário entre reflexão e ação em torno de um ato criador para a tarefa comum de saber e agir.

<sup>58</sup> Essa aplicação vem sendo testada há mais de dez anos pela pesquisadora Baccega (2002) nos cursos de graduação e, especialmente, na pós-graduação em Comunicação da ECA-USP.

<sup>59</sup> Pesce e Abreu (2013) destacam a inter-relação entre as necessidades humanas e a produção de conhecimento científico, ao considerar que, ao mesmo tempo em que atuam como geradoras de ideias e explicações, essas mesmas necessidades se transformam a partir dos saberes produzidos. Dessa maneira, a própria multiplicidade do método deriva das condições materiais do momento da construção do conhecimento (e vice-versa).

No diálogo com o sociólogo francês, condizemos que, para construir um objeto científico, é preciso romper com o senso comum, com as aparências. Bourdieu (*ibidem*) nos convence a contestar as normas em vigor e provocar critérios correntes do próprio rigor da ciência; a correr o risco de não ter todos os sinais da cientificidade e buscar a compreensão dos sistemas cognitivos que estão na origem dessa constituição.

Instigados pelo impetuoso convite, partimos do estado embrionário do processo investigativo (confuso e duvidoso, em seu núcleo), para a segunda fase do estudo, associando leituras e atividades de campo. Ainda inspirados pelas ideias do referido autor, que alerta para a inutilidade da teoria sem prática, da metodologia sem conceitos e da neutralidade axiológica, tornamos as dificuldades molas propulsoras para futuras conquistas, num exercício de autocrítica constante. Se vivemos uma autêntica revolução cultural, que exige mentalidade e olhar renovados (SOARES, 1996), a diversidade aberta pela pesquisa-ação é o que nos impulsiona.

Ao discorrer sobre questões relativas à escrita, solidez teórica e metodológica da pesquisa, Ferraz (2010) traz o conceito de “absurdo” como enfrentamento, que escapa a regras ou condições determinadas, revelando a quimera (utopia<sup>60</sup>), na presença movente de alteridades; o estranho, heterogêneo, paradoxo, caos, êxtase, bem como a abertura, desordem e intensidade. Nas suas palavras, para pesquisar é necessário não saber, “o que nos livra da crença dos sistemas prévios de ordenamento” (pág. 173). Propondo uma escrita rasurada e rasgada, ela distingue a dureza e inflexibilidade dos limites estritos da razão técnica, classificando esse fazer como a “arte de pesquisar”.

Se pesquisar é reconstruir fronteiras em meio a espaço limiars, a autora anuncia uma escrita impura, de superfície e profundidade, estilo jogante e divertido, que, a todo instante, remete às paixões de quem escreve e do/a indeterminado/a leitor/a; escrita ridente, livre e apaixonada. Com base na poesia da palavra e no estar-sendo, esse tipo de narrativa recusa cristalizações, tecendo estratégias de (re)criação da fugacidade; o convite é para escrevermos conforme a temática abordada, seguindo a sua dança, os seus passos e ritmo.

---

<sup>60</sup> Adotamos a concepção de Puntel (*in* MELO *et al.*, 2006, pág. 115), para quem utopia pode significar um caminho alternativo de organização social capaz de indicar potencialidades realizáveis por meio de projetos coletivos em prol da transformação de determinada ordem política constituída.

Bebendo da sabedoria de Nietzsche, Ferraz (*ibidem*) interpreta a ciência como gaia, material intensamente vivo e plenamente livre, que reúne pequenas transgressões sob o pathos-lógico (emoção x razão). Ao falar sobre o distanciamento necessário do objeto e da técnica, ela nos convida a esquecê-los e amá-los, sem petrificá-los, “nem a si mesmo, mas imergir, e a eles, nas águas da história, ou na violenta luta dos contrários, integrando-se” (pág. 179). Nesse sentido, a autora reforça o esquecimento de si mesmo [ao que acrescentaríamos o bônus do (re)conhecimento] como a única experiência que integra concepção e realização, ser e fenômeno, em sua marca peculiar, sem infalibilidade e longe do controle do dogmatismo epistemológico.

“O método enquanto caminho é acontecimento. Dessa forma, produz o distanciamento necessário para colocar em estado de crise a própria linguagem, *re-unindo* de modo tenso, palavras e coisas. Pôr em crise a linguagem se constitui num esforço para encontrar uma linguagem própria. Por essa via, também, abrem-se brechas para a criação de novas apreciações teóricas, livre do peso dos códigos legítimos - com efeito de lei” (*idem*, 2010, pág. 182).

Desse modo, ratificamos que, no jogo da pesquisa, “degustamos” perspectivas. Com espíritos nômades, iniciamos nosso caminhar no questionamento. É justamente nesse espaço vincular, ao criar relações entre vocábulos e coisas, que transita a pesquisadora-escritora que aqui se apresenta. Apropriando-se das reflexões de Ferraz, somos esses aventureiros, que recusam os caminhos já trilhados e vivem o inaugural. Direcionados pela intuição, num primeiro momento, seguimos dispostos e abertos, imersos nas possíveis maneiras de dizer-se do fenômeno; saímos do estado de afetação para transcender e se revelar na escrita, implicando-se historicamente.

“Para ser um bom pesquisador há que ser um bom perguntador. Entretanto, para perguntar necessito sair desse estado de assombro e de pandemônio no qual eu vivo quando em absurdo. Sim, porque em verdade, o absurdo não é um algo que se põe à frente, mas em mim: eu me absurdo. E ao sair dele, o que levo comigo é uma intenção, ou (*in*)*tensão*, e também uma intuição de possíveis relações entre palavras e coisas. Meu trabalho como pesquisadora, como artesã, já que considero pesquisar uma arte, é criar arranjos inusitados ao emergir do caos dos códigos embaralhados. A pergunta nasce, assim, como uma composição, que não cessa de apontar para essa falta original de sentido” (FERRAZ, 2010, pág. 177).

### 3.1 SOBRE PESQUISA - DIÁLOGOS ENTRE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Devido à natureza multifacetada da Educação e da Comunicação, que se articulam, dentre outros, com fatores sócio-históricos, políticos e econômicos, esses campos do saber lidam com questões complexas, sendo guiados pelas humanidades e mediados pela cultura. Onde sujeitos interatuam e se modificam a todo o momento, desenvolve-se terreno fértil para a coexistência de abordagens metodológicas, emanadas de diferentes concepções de ser humano, natureza e ciência.

Embasados pelos escritos de Pesce e Abreu (2013), optamos pela pluralidade de métodos, já que a própria realidade se manifesta de modos diversos. Diante do exposto, falar sobre pesquisa em Educação e Comunicação traz à tona uma série de indagações, que perpassam por pressupostos filosóficos, epistemológicos, ontológicos e gnosiológicos, na busca pela compreensão dos fenômenos de modo sistêmico. Neste percurso, os estudos de tais áreas têm apontado formas variadas de estruturação, no intuito de constituir sua autonomia diante das peculiaridades que lhes caracterizam.

Assim, defendemos que a relação entre métodos e instrumentos traduz-se em desafios e possibilidades para o/a pesquisador/a, problematizando, ao mesmo tempo, como essas alternativas, decorrentes das necessidades do processo investigativo (LUNA, 2011), conduzem aos pressupostos da cientificidade. Em uma pesquisa focada no universo educacional, no entanto, também inspirada pelo campo da Comunicação, consideramos que os estudos de natureza participante, ação e intervenção, conforme as diversas classificações disponíveis na literatura, inter-relacionam necessidades humanas e conhecimento científico, dando lugar ao aumento da racionalidade crítico-comunicativa-transformadora (GAMBOA, 2012).

Na opinião de Lopes (*in* BACCEGA, 2002), ao prezar pela reciprocidade do relacionamento entre pesquisador/a e pesquisados, em meio à participação x distanciamento, tais pesquisas definem-se como construtivistas<sup>61</sup>. Para a referida autora, no caso dos processos comunicacionais, em especial (foco das oficinas formativas deste estudo), metodologia se une

---

<sup>61</sup> Enquanto se organiza como discurso científico, a pesquisa é estrutura (eixo vertical/paradigmático), e na prática, é processo (horizontal/sintagmático).

aos sentimentos [intencionalidade] e à consciência social. Sendo os procedimentos da pesquisa empírica de caráter científico, mas aplicados a um objeto eminentemente prático/profissional, permite-se contribuir para a sua modificação, ou seja, a compreensão é alcançada pela análise interpretativa dos dados, articulando-se com a nova compreensão, em seu leque de possibilidades.

Para Gatti (2007), a pesquisa em Educação deve se constituir dessa cientificidade, mas é peculiar ao trabalhar com seres humanos e abarcar um conjunto de questões de cunho filosófico, sociológico, psicológico, político, biológico e até administrativo. Nesse sentido, as abordagens qualitativas das ciências sociais têm ganhado espaço nesse tipo de pesquisa e se mostrado mais apropriadas, ao dimensionar tal especificidade com a variedade da área. Ivani Fazenda (2000) reaviva a polêmica ao falar sobre o imperativo do pensamento único de cada pesquisador/a-educador/a, em meio ao trabalho árduo e solitário da pesquisa, lembrando a importância da abstração teórica, mas, do mesmo modo, direcionando a reflexão para o cotidiano dos “homens-comuns”.

### ***3.1.1 Sobre Métodos e Instrumentos***

De acordo com Ghedin e Franco (2008), o método é sempre uma perspectiva de onde se parte e que permite pressentir a chegada a algum lugar. “Ele propicia o vislumbre de um percurso antes de chegar aos detalhamentos do caminho, apontando sua direção. Enseja a caminhada em determinada rota” (pág. 27). Na elaboração do planejamento, o perfil que melhor atende aos propósitos de uma pesquisa na área educacional se conecta ao conjunto ação-reflexão, de modo a permitir “o retorno ao vivido, à reinterpretação do compreendido, revisões do já realizado, acerto de perspectiva”, além de garantir uma avaliação formativa do processo e objetivação de conquistas (pág. 243).

Compreendendo o método como norteador de um caminhar, que depende do tipo do objeto, do problema pesquisado e não o contrário (a fim de evitar sua desnaturalização/ desvirtuação), a epistemologia que então delineamos oferece filosofia própria, destinada a determinar sua origem (articulação de noções e categorias que formam uma unidade de pensamento), seu valor e objetivos. É sob essa ótica que desenvolvemos nossa trilha investigativa, caracterizada como

pesquisa-ação de natureza qualitativa e abordagem fenomenológico-hermenêutica.

Com o intuito de aprofundar saberes a respeito dos temas em pauta (Jornalismo Colaborativo, Educomunicação, TICs & Cultura), a fim de tecer aproximações entre o fazer jornalístico e a (in)formação crítica no contexto da diversidade, realizamos revisão bibliográfica, incluindo consulta a leis e programas governamentais. A pesquisa ainda envolveu aplicação de questionário, realização de entrevistas, observação participante/diário de campo<sup>62</sup> e grupo focal, culminando em Curso de Extensão voltado para formadores de opinião de ambientes distintos, dentre educadores, comunicadores, lideranças comunitárias e militantes sociais.

### 3.2 O CASO DA PESQUISA-AÇÃO

Na evolução da pesquisa em Educação, Celestino Júnior (*in* FAZENDA, 2000) destaca o surgimento da pesquisa participante e ação, após a década de 1970, pressupondo que o ato humano não está separado da prática, por isso mesmo, a pesquisa tende à alteração e ao melhoramento da vida dos sujeitos. A declaração remete diretamente aos mestros profissionais na atribuição de valor diferenciado à Educação enquanto agente de mudança. Nesse sentido, a pesquisa-ação se coloca como um meio híbrido, que abrange teoria, ação, intervenção e transformação.

Thiollent (2009) caracteriza a pesquisa-ação como tipo de base empírica, que é concebida e realizada em estreita associação, em que os pesquisadores e os participantes estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. Nesse processo, a informação está sempre oscilando num fluxo de mediação/apropriação em que o fazer científico caracteriza-se mestiço ao incorporar, também, saberes populares, ou melhor, o mundo da vida. Para Gatti (2012), a teoria nasce da prática e deve a ela retornar, a fim de que não se torne apenas simulacro, sob a égide da praxiologia.

Conforme Pesce e Abreu (2013), a investigação qualitativa deve ser feita de forma minuciosa,

---

<sup>62</sup> Para Desgagné (2007), a observação participante é fonte de aproximação x estranhamento, reforçando o duplo papel do pesquisador. Já as entrevistas são concebidas como forma de entrar diretamente em relação discursiva com os sujeitos participantes.

guiada pela sensibilidade do/a pesquisador/a na observação dos detalhes; interessa-se mais pelo processo (interação) do que pelos resultados ou produtos e tende a analisar os seus dados de forma indutiva, partindo do particular para o geral, auferindo considerável importância ao significado construído pelos colaboradores implicados no fenômeno estudado.

Segundo Gatti (2007), o/a pesquisador/a precisa estar preparado/a para redefinir seu projeto inicial a todo instante, sem abandoná-lo, porém enxergando suas fraquezas e adquirindo mais clareza da direção para a qual deve avançar. Temas pouco (o caso desta pesquisa) ou muito explorados aparecem como dificuldades corriqueiras, diante das quais a autora relaciona a função do/a pesquisador/a como a de um garimpeiro, que, em meio ao cascalho, encontra uma pedra valiosa.

Para Luna (2011), pesquisa distingue-se de prestação de serviço, especialmente, quanto ao ponto de partida e chegada: da queixa e do encaminhamento de soluções à produção de saber novo no âmbito da comunidade científica, que demanda publicidade do conhecimento. Quanto à questão da relevância e originalidade, ele destaca a importância teórica e social, deixando de lado extremismos do tipo “esperar que o projeto traga soluções definitivas para problemas seculares”.

É nessa linha de pensamento que se delinea este estudo: uma proposta-piloto para experimentação de outro olhar e posicionamento diante da interface Comunicação/Educação. Longe de ser uma “tese” aborrecida e pretensiosa, como denuncia Celestino Júnior (*in* FAZENDA, 2000), dialogamos sem pompas, descartando solenidades e permitindo uma passagem eficaz e eficiente entre conhecimento disponível e aplicado. Norteados pelo compromisso social e, conseqüentemente, ético, priorizamos o percurso da ciência sob o controle técnico, prático-comunicativo e crítico-emancipador (GAMBOA, 2012).

Nesse contexto, constatamos que nosso trilhar parte da Educação, também ponto de chegada, num movimento *de e para*, desafiando-nos a “conhecer para transformar”. E neste processo intenso, de conquista da autonomia enquanto pesquisadora, a grande missão é compartilhar saberes para formação de novos aprendizes (GATTI, 2007). Por isso, optamos pela “pesquisa-ação colaborativa”, inspirados pelos autores que se seguem.

### 3.2.1 Colaboração

De acordo com Teles e Ibiapina (2009), a pesquisa colaborativa é um modelo de investigação que articula pesquisa e desenvolvimento profissional, aproximando comunidades tradicionalmente acadêmicas (universidades) das práticas<sup>63</sup> (escolas), por meio da discussão compartilhada (conflito) para solução de problemas a partir da interpretação/intervenção no cotidiano. Apropriando-se das palavras de Desgagné (2007)<sup>64</sup>, um dos precursores desse tipo de pesquisa no âmbito internacional, as autoras destacam o papel ativo e fundamental dos envolvidos durante vários momentos de produção, principalmente na tomada de decisões.

Citando Anadon (2007), elas descrevem as etapas que caracterizam a pesquisa colaborativa, que, não necessariamente, ocorrem nessa ordem, podendo emaranhar-se ao longo do processo investigativo: a primeira é a situação, incorporação dos partícipes; a segunda é a cooperação, que diz respeito à apreensão dos dados, predisposição dos sujeitos envolvidos em fornecer, por meio das reflexões, material para a pesquisa; a terceira é a coprodução, também denominada de co-construção, que incide no processo como um todo, desde a organização até a análise dos dados, feita em colaboração ou não com os participantes.

Anadon aponta, ainda, que elas representam os recintos criados para a efetivação do duplo sentido que a pesquisa colaborativa tem, ao ser, simultaneamente, ambiente de pesquisa, porque os questionamentos são convertidos em ciência, sob parecer dos colaboradores, ou seja, são processados “com” eles, não representando, portanto, produção “sobre” eles; e formação, pois os participantes constantemente se sentem desafiados a pensar sobre suas ações, revendo concepções e teorias internalizadas, no confronto com a prática.

Nessa ótica, compreendemos que, na pesquisa-ação colaborativa, “[...] todos os agentes têm voz para colocar suas experiências, compreensões, concordâncias e discordâncias em relação aos discursos de outros participantes e ao seu próprio”. Para Desgagné (2007), o ponto de

---

<sup>63</sup> Vale ressaltar que consideramos a dupla função das universidades e escolas, ressaltando que ambas podem e devem ser ambientes teóricos e práticos, ao mesmo tempo.

<sup>64</sup> Para o referido autor, a colaboração dos partícipes não requer que eles definam a problemática, a metodologia, os procedimentos e a análise, a não ser que esse seja o motivo que os levaram a participar da pesquisa. Comumente, o que almejam com a pesquisa é analisar (refletindo criticamente) o que pensam, fazem e sentem em sua rotina, para transformá-la.

vista dos pesquisados deverá se manter em todo o processo, incluindo a análise e apresentação de resultados. Em suma, caberia dizer que a pesquisa, em suas diferentes fases, vai consistir na habilidade para correlacionar constantemente a opinião dos colaboradores com o quadro teórico em que se orienta o/a pesquisador/a, incluindo ajustes e adequações frente aos limites e recursos disponíveis. Dentre outras coisas, em qualquer que seja o projeto colaborativo, é preciso considerar as estruturas organizacionais existentes e as expectativas que os responsáveis exprimirão a respeito do projeto.

Essas considerações evidenciam que a dimensão colaborativa da pesquisa se deve menos ao fato de os sujeitos fazerem parte de etapas específicas mais ao fato de os conteúdos elaborados no processo serem o produto de uma constante negociação que o/a pesquisador/a assume entre prática e teoria (e vice-versa). Espécie de figura que transita por dois mundos para tentar (re)aproximá-los, o/a pesquisador/a seria este/a facilitador/a na construção de uma cultura comum, resultante do processo de interposição entre a pesquisa e o campo, levando em consideração, entretanto, peculiaridades desses dois universos.

É com foco nesse ser-estar que avançamos na sistematização dos dados que logo se apresentam. Assim podemos afirmar que o ponto de vista colaborativo está diretamente relacionado a esta pesquisa, na medida em que pretende mobilizar seus integrantes em torno de uma série de ações, enquanto copesquisadores, tornando os ambientes de atuação de cada um/a objeto e fonte de (in)formação, concomitantemente.

### 3.3 O TRABALHO DE CAMPO: APONTAMENTOS

O trabalho de campo aconteceu de maneira intensa, ao longo de três meses (setembro a dezembro de 2017), através de encontros semanais (nos dois primeiros períodos) e quinzenais (no último mês), além de acompanhamento virtual através dos canais de comunicação criados especialmente para a pesquisa: grupo do WhatsApp, *e-mail* e [Fórum da Diversidade](#), menu de relevância do nosso [Portal](#).

Com encontros de quatro (4) horas-aula, das 8h às 11h30, nas manhãs das terças-feiras, totalizaram-se 90 horas-aula, sendo 40h em classe, ao lado das atividades programadas - de

leitura (*home office*) e de campo, com orientação a distância (= 50h). Estas últimas, sobretudo, durante o período de elaboração dos conteúdos noticiosos, que se iniciaram presencialmente, mas passaram por amadurecimento nos demais dias da semana, de acordo com a disponibilidade de cada colaborador/a.

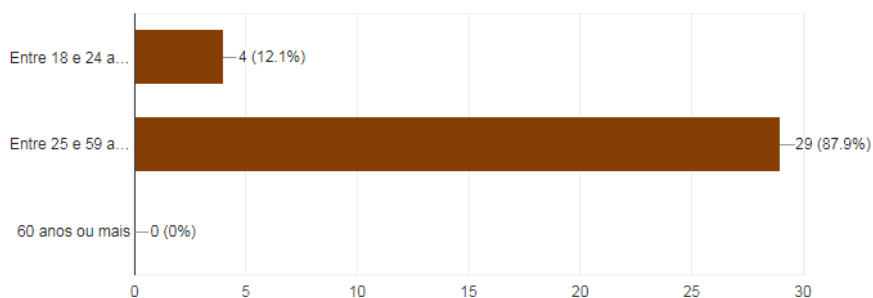
O grupo foi composto por **12** colaboradores presenciais inicialmente (dos 31 inscritos), acolhendo mais 2 integrantes a partir da 2ª aula, dos quais mais 9 chegaram ao fim da formação, ao lado de outros 2 partícipes que acompanharam a distância os debates, após encontrarem informações do curso na *web*, através do [site](#) oficial da Universidade e do [Programa](#)/MPED: o jornalista italiano Giampiero Valenza, e o responsável pelo setor de Comunicação da Uneb - *Campus XIV*, em Conceição do Coité, Carlos Roberto Marinho.

Representantes de espaços formativos distintos, a equipe incluía educadores (3, sendo duas em processo de formação); comunicadores (7, sendo uma graduanda); lideranças comunitárias e militantes sociais (4). Dentre homens e mulheres em quantidade similar, chegamos à maioria feminina nas últimas atividades (7). Majoritariamente numa faixa etária entre a juventude e a fase adulta, a maior parte se identificou de origem afrodescendente, enquanto outros optaram pelo hibridismo (“sou brasileiro” ou “indígena/africano/europeu”), revelando aspectos culturais que, mais tarde, teceram vinculações oportunas com os conteúdos produzidos. Quanto à escolaridade, imperou a graduação, com exceção dos comunicadores: dois cursaram até o ensino médio; outro estava em formação técnica para aquisição de registro profissional, e um já era graduado em comunicação social com habilitação em publicidade e propaganda.

Figura 2 - Amostra de respostas ao Questionário

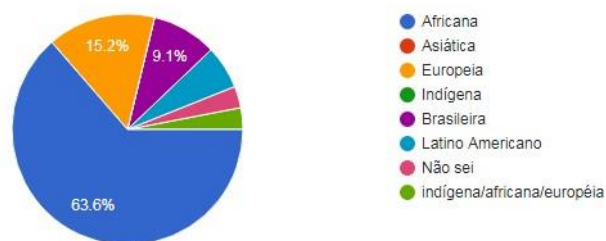
### 3. Qual a sua faixa etária?

33 responses



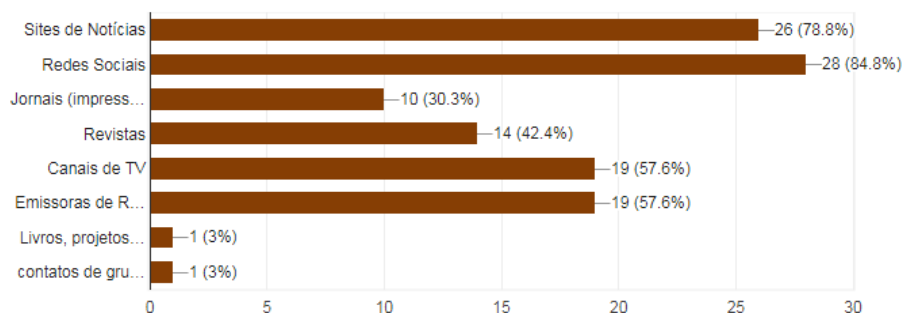
### 4. Como se identifica quanto à origem/cultura?

33 responses



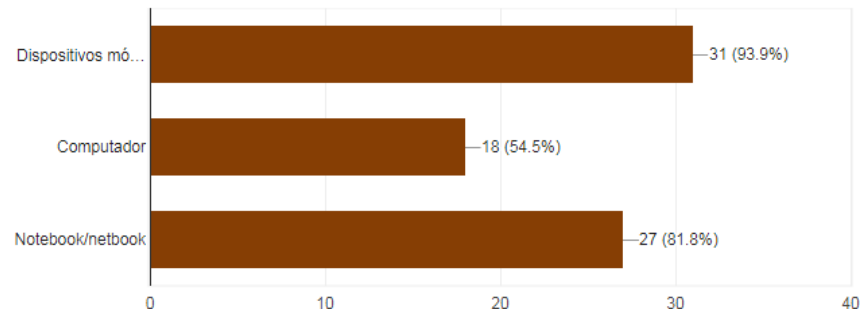
### 8. Que mídia(s) mais acompanha para se manter informado(a)? Pode escolher mais de uma opção:

33 responses



9. Em geral, a partir de que suporte você acessa à internet? Pode escolher mais de uma opção:

33 responses



Fonte: Google Forms

Apesar de descreverem facilidade de acesso à *internet*, sobretudo, a partir dos dispositivos móveis, com destaque para as redes sociais e *sites* de notícias, na prática, a participação no ambiente virtual deixou a desejar: nem todos acompanhavam os debates propostos, sendo que, na maior parte da formação, a interação via Fórum ocorreu de maneira tardia, extrapolando prazos. Quanto à motivação para se inscrever, predominou a curiosidade quanto ao perfil inovador das áreas em questão para a ampliação de conhecimento enquanto cidadãos e profissionais.

Importante esclarecer a ausência da categoria *parda* na ficha de inscrição: nosso propósito era remeter à identificação cultural/subjetiva, não fenotípica. Feitas tais considerações, avaliamos que, no decorrer das oficinas, o desafio da pesquisa ganhou corpo: desde a composição dos princípios básicos do Jornalismo “Educolaborativo” à reflexão acerca do seu potencial transformador a partir da elaboração de matérias de gêneros distintos (grandes reportagens e entrevista), conforme pautas sugeridas e desenvolvidas com e pelos próprios participantes.

Sabemos que na pesquisa qualitativa nem sempre o mais relevante coincide com o mais mensurável. No entanto, os dados obtidos a partir da aplicação dos questionários contribuíram para o entendimento dos sujeitos e a caracterização da equipe multiplicadora de saberes, verdadeiros polos da criticidade no contexto da diversidade. Abaixo um breve cronograma das atividades consolidadas:

1º - Abertura de inscrições (5 a 15/9), com divulgação por meio de cartazes distribuídos na Uneb, em escolas, rádios e organizações da sociedade civil, como Associação dos Professores Licenciados da Bahia (APLB) e Fundação Educativa Popular Padre Alfredo Haasler e José Assis dos Santos Reis (Feppahja), além de envio de *releases* por *e-mail* para a imprensa regional. O formulário, elaborado via *Google Forms*, acompanhava questionário - vide apêndices -, a fim de conhecer previamente o perfil dos inscritos, sobretudo, quanto ao traquejo com as áreas da formação, interesse no curso e acesso à *internet* para acompanhamento das demandas virtuais;

2º - Realização das oficinas (de 19/9 a 12/12), elaboração dos conteúdos noticiosos - vide apêndices - e documento norteador, com análise de dados no decorrer do processo + entrevistas e grupo focal para avaliação do fenômeno e combinação dos próximos passos, como estratégias de compartilhamento dos conteúdos.

A etapa seguinte, iniciada em 2018, consistiu na codificação e análise dos dados pós-formação para conclusão do texto dissertativo, bem como a socialização do *site* com o grande público, contendo todo o material desenvolvido. Divulgadas no Portal da EduColaborAção, as matérias ganharam a *web* pelo compartilhamento no Facebook e, timidamente, na imprensa regional (com destaque para a Revista Viva - vide Apêndices, pág. 162). Os textos ainda poderão dar vida a outros produtos, de acordo com a releitura de cada colaborador/a. Ideias como revista e jornal foram indicadas durante o grupo focal, ao que esta pesquisadora sugeriu uma segunda fase formativa: realização de oficinas em escolas e projetos sociais, partindo do bairro estudado (Bananeira).

**Esboço do Portal:** [www.educolaborar.wixsite.com/jornalismo](http://www.educolaborar.wixsite.com/jornalismo)

A IDEIA | Apresentação | Passo a Passo da Pesquisa | Os Conceitos | Biblioteca

QUEM SOMOS (miniperfil dos integrantes do grupo)

BASTIDORES (relatos & fotos da experiência)

FÓRUM

MULTIMÍDIA (espaço para as reportagens - estilo *blog* - e demais produtos elaborados, como o documento norteador, fotos e vídeos)

DESDOBRAMENTOS (destaque para o *clipping* de notícias)

CONTATO (com texto-convite para outros possíveis colaboradores)

#### IV - O PASSO A PASSO DE UMA TRILHA COMPLEXA

*Ninguém educa ninguém, nem se educa a si mesmo, os seres humanos se educam em comum mediados pelo mundo. (FREIRE,1987)*

O trabalho de campo começou, de certa forma, desde a estadia desta pesquisadora no *Campus Seabra* do IFBA, onde nasceu o projeto que, mais tarde, reconfigurou-se e deu vida a esta dissertação. Com o retorno à capital, em Salvador, no mês de janeiro de 2017, o “novo olhar” foi se aprimorando, no cotidiano do Núcleo de Jornalismo da Divisão de Comunicação (Dicom). Diante da autocrítica, passei a observar com mais atenção o comportamento de gestores, professores, estudantes, técnicos administrativos e terceirizados na relação com o setor. Envolvida pelo clima do fazer colaborativo, estreitei vínculos com funcionários e alunos visando à elaboração de matérias mais robustas e implicadas socialmente, inclusive a partir de sugestões de pauta pensadas por eles mesmos, guiados pelo conceito de *producers* (vide pág. 116).

O ápice desse “agir diferenciado” foi a repercussão positiva por parte dos diferentes segmentos da comunidade acadêmica sobre a reportagem de capa do boletim informativo *Nosso Campus*, inspirada nos ensinamentos adquiridos no MPED, antes mesmo de iniciar a parte prática da formação. Com o título *Diversidade no ambiente educacional - a verdadeira arte de conviver com as diferenças*, a matéria abordava, dentre outras, questões de gênero, etnia e deficiência.

Imersa em diversas leituras, que incluíam documentos institucionais, leis, textos acadêmicos e livros específicos focados na interface Comunicação & Educação, direcionei minha produção para a (in)formação crítica na e para a diversidade. Dessa maneira, ampliamos conteúdos que anteriormente eram publicados de modo factual, através de notas ou breves matérias, transformando-os em reportagens enriquecidas com depoimentos e histórias de vida, ao lado de dados contextualizados, que estabeleciam *links* com outras ações, evidenciando o interesse público das iniciativas. Ao compartilhá-las com a imprensa de maneira mais frequente, bem como com a lista interna de contatos e fanpage oficial, aproveitamos a potencialidade das multimídias para a disseminação de saberes, com base na variedade de temáticas abordadas,

contribuindo, ainda, para a promoção da identidade coletiva da comunidade IFBA.

Figura 3 - Prints da matéria de capa do referido boletim (nº 23, ano V)

**Capa**

## Diversidade no ambiente educacional: a verdadeira arte de conviver com as diferenças

Espaço de intercâmbio cultural, reflexão e crítica, nosso campus é o maior de toda a rede federal brasileira, com mais de cinco mil integrantes, dentre estudantes, estagiários, professores, técnicos administrativos, terceirizados e tantos outros sujeitos que fazem parte desta comunidade plural. Diante desses múltiplos olhares, convivem idades, origens, etnias, gêneros, cores e especificidades de vida distintas, o que pressupõe desafios...

Como promover a integração na e para a diferença, com base na identidade coletiva que nos faz integrantes desta família peculiar? Especialistas no assunto ressaltam a importância de reconhecer a diferença que nos cerca enquanto humanos, respeitando o outro como a si mesmo. Tal sentimento, classificado como empatia, é intrínseco a boa convivência, especialmente nos ambientes educacionais. Por outro lado, a Constituição Federal nos lembra: "Somos iguais perante a lei".

Ao encontro dessa opção, está o relato de Amanda Soares, estudante de Edificações. A jovem convive com a paralisia cerebral desde o seu nascimento, o que resultou em limitação motora. Durante bate-papo sobre a mulher deficiente física, na Semana da Mulher 2017, ela compartilhou as diversas formas de preconceito sofridas enquanto aluna de escolas particulares, ressaltando que a vida para o IFBA foi determinante na melhoria de sua autoestima, principalmente por meio do apoio de outros colegas, que a acolheram e passaram a acompanhar sua trajetória de luta. "Aqui encontrei pessoas que me fizeram seguir em frente! Apesar disso, o preconceito ainda existe. Precisamos sair da ignorância e aprender a conviver com as diferenças".

A estudante se indigna ao identificar que não há nome específico para o preconceito contra deficientes: "É tudo bullying", desabafa. Para David Daniel Marques, aluno caberlante do 4º semestre do curso técnico de Saneamento, modalidade EA, o principal desafio é sair do ônibus e entrar no campus, já que muitos motoristas não param perto da calçada. "Podemos fazer uma rampinha", desabafa. Nas suas palavras, diversidade é ter o máximo de pessoas possíveis: deficientes, homossexuais... interagindo em um mesmo espaço, como acontece no IFBA.

**Fique ligado!**

Para aprofundar o debate em torno de temas como esse, a docente de língua portuguesa Solange Santana, em parceria com o professor de sociologia Leonardo Rangel, estão desenvolvendo o projeto "Enfrentando artes e vidas: Reflexões sobre gêneros, sexualidades e identidades", que inclui oficinas, palestras, cine-debates, análise e produção de diferentes gêneros textuais. Informações: 2102-9501/9537.

**Pacto Universitário**

Desde o fim do ano passado, os Ministérios da Educação e da Justiça e Cidadania firmaram o Pacto Universitário pela Promoção do Respeito à Diversidade, da Cultura da Paz e dos Direitos Humanos. Enfrentar o preconceito é a base da iniciativa, que pretende combater os diferentes tipos de violência no campo das escolas. O MEC trabalha na construção de um portal que disponibilizará materiais atualizados para consulta e utilização em sala de aula, sobretudo, enfatizando medidas preventivas em relação ao bullying.

**Capne**

De acordo com a psicóloga e titular da Coordenação de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (Capne) do campus, Nadja Brunelli, trabalhar com inclusão e diversidade no âmbito da educação profissional e tecnológica não é tarefa simples. Entretanto, ela destaca que o Campus de Salvador tem avançado no atendimento a esse público, por meio de um trabalho feito com muitas mãos, envolvendo os mais diversos integrantes.

"A inclusão não é feita pela Capne apenas, essa seria uma tarefa hercúlea. Somos nós, professores, pedagogos, psicólogos, intérpretes de Libras, técnicos de laboratório, assistentes de alunos, transcritores de Braille, nutricionistas, coordenadores de curso, assistentes sociais, chefes de departamento, estagiários, jornalistas, diretores, enfim, todos que compõem essa instituição e que abraçam a causa, reconhecendo a inclusão como um direito das pessoas com deficiência e um dever da nossa instituição enquanto órgão público".

Vinculada à Diretoria Adjunta Pedagógica e de Atenção ao Estudante (Depae), a Capne tem, dentre suas atribuições, o acompanhamento de estudantes com necessidades específicas no seu percurso acadêmico, realizando orientação, por meio de reuniões, palestras e elaboração de cartilhas informativas, bem como da adaptação de recursos pedagógicos, metodológicos e tecnológicos, a fim de favorecer o processo ensino-aprendizagem, a convivência com a diversidade e o desenvolvimento profissional dos educandos.

Situada no 1º andar do prédio administrativo (bloco A), dispõe, em sua equipe multidisciplinar, de psicóloga e duas tradutoras/intérpretes de Libras: Gabriela Mattos e Iara Sousa. Além dessas servidoras e dos profissionais que atuam na Depae acompanhando os estudantes com deficiência (assistentes sociais, nutricionistas, pedagogos e assistentes em administração), a referida coordenação conta ainda com o apoio de 16 especialistas contratados através de parceria com outras instituições, para atender, sobretudo, alunos surdos, cegos e com baixa visão.

Segundo Nadja, todos os estudantes com deficiência diferenciada, ao lado de tempo estendido para realizá-las, "eles também são estimulados a participar das montanhas. A Capne ainda realiza ações com os discentes, em geral, através das turmas ou de eventos pontuais, como o Curso Introdutório ao IFBA (CII), objetivando ampliar a aceitação e o convívio com a diferença", comenta.

**Números**

Atualmente, nosso campus tem 44 estudantes com deficiência matriculados no ensino técnico, e 35 no superior, mas os dados se atualizam a todo o momento devido à novas matrículas. Nesse grupo estão incluídos deficientes intelectuais e com paralisia cerebral.

**PAE**

No âmbito da Política de Assistência Estudantil (PAE), os Programas Universais se destacam na abordagem do tema "diversidade". Entre os anos letivos de 2015 e 2016, ofertou-se monitoria para estudantes surdos ministrada por alunos com noções de Libras. "Esse projeto favoreceu o desempenho acadêmico dos educandos com deficiência, além de proporcionar aos bolsistas a aprendizagem sobre inclusão e diversidade", diz Nadja.




Para Daniel Marques, o principal desafio é sair do ônibus e entrar no campus.

NOSSO Campus Ano 04/17 | 5

**Capa**

## Uma questão de gênero

Estudante do 2º ano do curso técnico integrado de eletrônica, Diego Nascimento, 17, considera-se transgênero desde os 12 anos de idade. "Essa construção de feminilidade, no geral, nunca foi muito grande em mim. Sou capaz de contar nos dedos as vezes na vida que eu coloquei um vestido. Minha mãe tem um regime de muita liberdade. Ela apresenta as consequências e me deixa livre para escolher. Desde os oito anos pratico biquinho. Convivo com minha madrinha e seus três filhos homens. Aos 15, ingressei na militância", relembra.

Vítima de violência física em outros colégios, Diego resolveu se dedicar à luta e à militância social, realizando palestras periodicamente a respeito da temática, por iniciativa própria ou a convite dos docentes. Hoje, o jovem faz parte do coletivo *De nós pro todos*, criado aqui no campus como fruto de sua atuação na Rede Nacional de Adolescentes LGBTI\*, e da equipe *De nós pro frente*, com sede na capital baiana.

"Nesses desses grupos realizamos campanhas de conscientização, como já

fizemos por meio de cartazes espalhados pelo campus criando dados em nível de bônus escolar, bem como eventos, a exemplo do Bêggo, ato que organizamos em respeito à atitude de assistente de alunos que 'convidou' uma colega a sair da instituição porque estava abraçando outra menina. Nosso foco é a formação política", comenta.

Para o jovem, as categorias de gênero são construções sociais. "Inferivelmente transgênero ainda é considerada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como doença. Pra mim, transgênero é o número de vírgulas, termo guardiã ou no qual diversos outros estão envolvidos". Na sua opinião, a Resolução do Conselho Superior (Consup) nº 11/2016, que aprova o uso do nome social no IFBA, tem várias lacunas. "Quando fui me inscrever no Processo Seletivo do Instituto não encontrei campo específico para o nome social. Então, ao ser aprovado, procurei orientação jurídica e solicitei o uso do nome social. A resolução é fruto desse processo, mas não traz detalhes sobre

algumas questões, como acesso aos banheiros, vestiário e prática de educação física. Acho que deveria ficar a critério da pessoa, escolher ou não o uso simultâneo do nome civil ou o social. Em alguns momentos é melhor, noutros apenas atrapalha. Em agências bancárias, por exemplo, já aconteceu de o funcionário ficar na dúvida sobre minha identidade por causa do uso exclusivo do nome civil, ainda que a foto seja recente. Vejo que há um profundo desconhecimento por parte da sociedade. No IFBA, surgiu a realização de capacitações permanentes com validação institucional, voltadas, em especial, para funcionários (terceirizados) e servidores, além do que já vem sendo feito pelos alunos e pontualmente por alguns professores", recomenda o aluno que prefere ser reconhecido apenas pelo nome social.

Para o estudante de geologia Gabriel Oliveira, 18, que se considera transgênero e não binário, fugir do padrão esperado, no que diz respeito à aparência, vestimenta, pronomes de tratamento, dentre outros, é se colocar de frente para um alvo. "Ser desrespeitado a caminho

do trabalho e do direito desses espaços é algo cotidiano no nosso dia. Todos os dias, em todos os lugares, uma pessoa trans pode ser assediada, principalmente quando se vive em um país camponês em assentamento de LULA, como é o caso do Brasil. Ao afirmar com orgulho que é uma "boa presa", o jovem revela o gosto pela arte, nas suas diferentes linguagens: dança, artesanato, circo... e resalta: "Estamos presentes em todos os espaços, mesmo contra a vontade de alguns. Nossa luta é diária e só terá fim quando nenhuma de nós precisar gritar por socorro".

**Gêneros não binários**

Dentre as classificações encontradas para as pessoas que não se sentem nem homem nem mulher, contando a não binariedade, estão os gêneros fluidos, páraís, o terceiro e até o sem gênero. A própria sigla LGBTI tem passado por alterações constantes, com a inclusão de outros dois I, L, S, A, e Q, referindo-se aos transexuais, transgêneros, intersexuais, simpatizantes, asexuais e os outros. Quem, que pretendem dar um novo sentido ao termo, associado ao esportivo, na tentativa de romper padrões sociais referentes à identidade de gênero, orientação sexual e ao próprio sociológico em uma, ouvida \* ou do sinal I indica essas diversidade possíveis.

**Falou em diversidade? É com a gente mesmo!**

Intitulado Grupo de Pesquisa em Sexualidade, Gênero, Subjetividade e Identidade em Literaturas, Língua Portuguesa e Expressões Artísticas, o Devêr é liderado pelo professor de literatura portuguesa José Roberto de Andrade, sendo composto, atualmente, pelos docentes do Departamento de Línguas Vernáculas Edite Lúcia, Solange Santana e Dayse Sacramento, além de Leonardo Rangel (sociologia) e estudantes bolsistas.

O nome do grupo se entrelaça à concepção dos autores Orléane e Cullart sobre a vida enquanto acontecimento, sempre em devêr. "Um faise-se" a partir das formas que se têm, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, instaurando relações mais próximas daquilo que está em vias de nos tomarmos e através das quais nos tomamos". Todos os devêrs singulares (mulher, gay, lésbica, trans e tanto@) e todas as maneiras de existir de modo autêntico nos possibilitam escapar às representações, por que se configuram como coletividades moleculares e ativas que transbordam desejos e criam brechas nas estruturas de poder social", esclarece professor Roberto.

Com três linhas de pesquisa em destaque: Gênero, Linguagem e Sexualidades; Corpo, Identidade e Subjetividades; Sociedade, Cultura e Identidades, agrega estudos que se organizam em torno de objetos culturais e artísticos, como literatura, cinema e fotografia. Ainda neste ano, acontecerá o 2017 do Gênero, Sexualidade e Identidade, para combor as discussões a respeito das temáticas com docentes e estudantes 4º ano do ensino integrado, como fecha-

mento do trabalho que está sendo feito em conjunto com professores de história, sociologia e filosofia. Informações: grupodepesquisadevêr@gmail.com

Outra equipe que tem se preocupado com a temática da diversidade é o grupo de estudos sobre Deleuze, Moilhos & Rizomos, que se reúne quinquenalmente, no 3º andar do Bloco A - prédio administrativo, sala 308.

**Portarias**

Com base em princípio expresso no Projeto Pedagógico Institucional do IFBA, a Diretoria Geral do Campus de Salvador publicou a Portaria nº 104/2017, em 10 de agosto, instituindo o Programa Estudante Voluntário (PEV). A iniciativa pretende criar uma rede de solidariedade em torno das atividades administrativas, de ensino, pesquisa e extensão. A participação no PEV ainda será objeto de desmere em editais internos. No dia 21 do mesmo mês, formalizou-se comissão para prevenção e combate ao assédio no campus, composta por representantes dos segmentos docente, discente e técnico administrativo. Dentre as ações de sensibilização e conscientização, está um evento anual que contará com a presença de profissionais das áreas jurídica, educacional e de psicologia para debater o tema. Em caso de denúncia, envie formulário para ifba@comunicacao@igal.com




Diego Nascimento se dedica à militância desde os 12 anos.

NOSSO Campus Ano 04/17 | 7

## Ser humano, mulher, negra...

Soletepoliana, 20. Adriele Conceição entrou no IFBA em 2012 para cursar a formação técnica integrada de automação industrial. Na época, a jovem sabia que tinha uma visão de mundo totalmente diferente da atual. "Não me identificava como negra, mas como amarela, parda... Percebi logo a diferença das pessoas, do ensino... apesar da diversidade que existe no Instituto, ainda há muito preconceito, especialmente, na postura dos professores quanto à cobrança de um padrão de aparência, visando à futura carreira profissional. Lembro que tive um momento que sai do cabelo alisado e adotei longas tranças rasas como forma de resistência e afirmação da cultura negra, além de ter um piercing no nariz. Isso causava estranhamento nos olhares, tanto dentro quanto fora da escola", relata.

Seu primeiro ano no Instituto é lembrado como um período de superação: "Conseguir ser aprovada nas disciplinas ditas como as mais difíceis. Percebi que podia muito mais do que eu pensava. No 2º ano, resolvi que queria mudar e ser mais eu! Em 2014, conheci a festa Botelho. Até então, tinha um total desconhecimento do movimento feminista, mas a partir daí, desconstruí estereótipos. Conheci o mundo em que as pessoas me elogiavam e dizem palavras de força e respeito que nunca havia ouvido, nem mesmo no ambiente familiar. Fui me identificando como ser humano, mulher, negra..."

No Campus de Salvador, Adriele participou de projeto sobre gênero e sexualidade na literatura baiana, sob orientação da docente Solange Santos. Também integrou a equipe da Comissão Interna de Sustentabilidade Ambiental (Cisa), com estudo voltado para instalação de aerençador para abastecimento de pequenos canteiros, como celulares e tablets. Ainda fez parte do grêmio estudantil, na Gestão/or-

alizador, contribuindo com o desenvolvimento de campanhas de conscientização da causa negra e LGBT+.

"Sou muito grata aos programas que ofereçam bolsa ao estudante, pois sendo de um nível econômico baixo, pode ajudar a minha família ao longo da trajetória escolar. Aqui no IFBA também tem um quadro de psicólogos, bastante ativo e atencioso. Infelizmente, muitas meninas negras não têm acesso à educação que eu tive no Instituto. Costaria de dizer a todas as mulheres negras que elas podem tudo que elas quiserem e desejarem. Tudo está em nossas mãos!", ressalta.

Não vinculada a nenhum coletivo, por ser contrária a posições partidárias, a jovem desenvolveu sua militância política no sentido de fortalecer ações que já existem. "Destaco a atuação das professoras Marlene, Manuela e Andrea (esta última, única docente mulher das disciplinas técnicas que Adriele teve ao longo da sua formação) como inspiradoras. Das Sion Cristine também indico a obra Quarto do Despajo, de Carolina de Jesus", fala às interessadas em aprofundar discussões



a respeito da temática, Adriele sugere as redes sociais e a internet, destacando-as como grandes ferramentas difusoras de informação.

Atualmente estagiária da área de vendas em empresa de automação, a jovem ainda enfrenta o preconceito do mercado de trabalho, "predominantemente machista", mas se apoia nas profissionais com as quais convive. "São reflexivas, exemplos de mulher: elas sabem muito e dão de 10 a 10. O bem muito homem por aí!

### Uma polémica chamada "Baba de Saia"

O evento realizado pelos estudantes do nível médio há anos, agora é motivo de polémica. No mês de maio de 2017, pela primeira vez, o evento não pôde acontecer em virtude de manifestações realizadas por integrantes dos movimentos feminista e LGBT+, contrários à política, que, para eles, estiga clichês. Conforme a jovem Adriele, o *Baba de Saia* resalta papéis de gênero, de ser mulher e homem, fechando-os em binarismos. "Os meninos acabam tratando transexuais, gêneros fluidos e não binários como chatos. Ainda há a situação do trote, entre velozes e calhaus, reforçando atitudes violentas. Sou totalmente contra, por conta das agressões físicas e verbais que essas pessoas sofrem. Não devemos ir de situações opressoras, isso me inspira a dor e a luta do indivíduo! Precisamos acabar com essa cultura e desconstruir a nossa sociedade em vez de naturalizar ações como essa. Isso começa na família, tendo papel fundamental nos ambientes educacionais".



### Relações étnicas e/ou raciais

Doutor em estudos étnicos e africanos, membro do Centro de Letras e Letras Lusófonas e Europeas, autor de livros, como *Fluxo para um beijo e outros poemas e Deus é Negro*, o professor Wesley Correa faz uma análise retrospectiva da atuação institucional no âmbito das relações étnicas e raciais. "Atualmente sou coordenador do evento anual realizado em homenagem ao Novembro Negro, que, neste ano, traz novidades, a começar pelo formato de debates, como anteriormente, passa a acontecer durante todo o mês, em datas alternadas: 1º, 9, 14, 20 e 24".

"Da antiga Coordenação de Línguas, hoje temos um evento que adquiriu proporções bem maiores, com equipe multilinguística de um turno, com mesa temática, ampliamos as atividades para um dia inteiro e, posteriormente, para três, incluindo oficinas e apresentações culturais à grade de programação, ocupando espaços distintos do campus, com atividades simultâneas. Neste ano, o evento se contextualiza ao longo do mês de novembro e já pensamos em avançar para o ano todo, com agenda mensal dentro do calendário letivo. Já contamos com a presença de personalidades como Margaret Menezes e Lino Matêra", rememora.

Desde 2009, discute-se a implantação da Pós-graduação em Estudos Étnicos e Raciais (PEER) no IFBA, integrante da 1ª turma (2013-2015), o historiador Humberto Manoel fez parte do grupo heterogêneo composto por profissionais de formações distintas, marcadas, em geral, pela militância, tanto na capital quanto no interior, como biologia, arquitetura, artes visuais, jornalismo, pedagogia, letras e sociologia.

Intitulado *A família negra e os territórios de resignificação: a construção da identidade racial e a formação educacional*, sua monografia, sob orientação de Wesley Correa, refletiu sobre a partir das análises do questionário "tipologia da formação da família negra", sensa, quilombo e capangas de lona, além de premiação em evento internacional (I Fórum Internacional 20 de Novembro/UFPE), são alguns deles. Atualmente discutindo em círculos sociais (Unicamp), com o projeto *A raça de Candombê* e a construção do conhecimento entre violências e re-estéticas, Humberto busca compreender o conhecimento da raça, em sua poética, estética e metodológica epistemológica como produção de conhecimento em paralelo ao saber acadêmico, com base na poesia de Wêdo professor Wesley.

As monografias podem ser consultadas no site da Diretoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (DPI/CI).

### Pós-graduação

Desde 2009, discute-se a implantação da Pós-graduação em Estudos Étnicos e Raciais (PEER) no IFBA, integrante da 1ª turma (2013-2015), o historiador Humberto Manoel fez parte do grupo heterogêneo composto por profissionais de formações distintas, marcadas, em geral, pela militância, tanto na capital quanto no interior, como biologia, arquitetura, artes visuais, jornalismo, pedagogia, letras e sociologia.

Intitulado *A família negra e os territórios de resignificação: a construção da identidade racial e a formação educacional*, sua monografia, sob orientação de Wesley Correa, refletiu sobre a partir das análises do questionário "tipologia da formação da família negra", sensa, quilombo e capangas de lona, além de premiação em evento internacional (I Fórum Internacional 20 de Novembro/UFPE), são alguns deles. Atualmente discutindo em círculos sociais (Unicamp), com o projeto *A raça de Candombê* e a construção do conhecimento entre violências e re-estéticas, Humberto busca compreender o conhecimento da raça, em sua poética, estética e metodológica epistemológica como produção de conhecimento em paralelo ao saber acadêmico, com base na poesia de Wêdo professor Wesley.

### Uma controvérsia conceitual

Para o professor, sempre houve uma questão racial no Brasil e mundo, mas com o avanço da biologia de que "não existe raça pura", sobretudo como advento dos estudos culturais e híbridos, há uma tentativa de demarcar o debate. "Reconhecemos que existe racismo, sim, a Biologia desautorizou, mas a Sociologia autoriza sob a conceitualização da raça que vem da escola. Já a Antropologia prefere o termo etnia, especialmente no campo dos grupos indígenas", analisa Wesley.

Nas palavras do docente, em nosso país ainda há divisão entre negro e índio, sendo as nomenclaturas definidas pelos campos de conhecimento (sociologia/antropologia), como se fosse um acordo tácito. "Temos que considerar negro e ler com o pé de diferente de outra pessoa que também se identifica com a raça, enquanto história, arcaísmo, ancestralidade... também posso pensar com os gradientes de cor (fenótipo) e realismo o ser preto, mas devemos incluir as questões culturais", conclui.

Intitulado *A família negra e os territórios de resignificação: a construção da identidade racial e a formação educacional*, sua monografia, sob orientação de Wesley Correa, refletiu sobre a partir das análises do questionário "tipologia da formação da família negra", sensa, quilombo e capangas de lona, além de premiação em evento internacional (I Fórum Internacional 20 de Novembro/UFPE), são alguns deles. Atualmente discutindo em círculos sociais (Unicamp), com o projeto *A raça de Candombê* e a construção do conhecimento entre violências e re-estéticas, Humberto busca compreender o conhecimento da raça, em sua poética, estética e metodológica epistemológica como produção de conhecimento em paralelo ao saber acadêmico, com base na poesia de Wêdo professor Wesley.

As monografias podem ser consultadas no site da Diretoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (DPI/CI).

Desde 2009, discute-se a implantação da Pós-graduação em Estudos Étnicos e Raciais (PEER) no IFBA, integrante da 1ª turma (2013-2015), o historiador Humberto Manoel fez parte do grupo heterogêneo composto por profissionais de formações distintas, marcadas, em geral, pela militância, tanto na capital quanto no interior, como biologia, arquitetura, artes visuais, jornalismo, pedagogia, letras e sociologia.

Para o professor, sempre houve uma questão racial no Brasil e mundo, mas com o avanço da biologia de que "não existe raça pura", sobretudo como advento dos estudos culturais e híbridos, há uma tentativa de demarcar o debate. "Reconhecemos que existe racismo, sim, a Biologia desautorizou, mas a Sociologia autoriza sob a conceitualização da raça que vem da escola. Já a Antropologia prefere o termo etnia, especialmente no campo dos grupos indígenas", analisa Wesley.

Nas palavras do docente, em nosso país ainda há divisão entre negro e índio, sendo as nomenclaturas definidas pelos campos de conhecimento (sociologia/antropologia), como se fosse um acordo tácito. "Temos que considerar negro e ler com o pé de diferente de outra pessoa que também se identifica com a raça, enquanto história, arcaísmo, ancestralidade... também posso pensar com os gradientes de cor (fenótipo) e realismo o ser preto, mas devemos incluir as questões culturais", conclui.

Fonte: <https://pt.calameo.com/read/004551086119908f90ff1>

Nesse percurso, iniciou-se também o levantamento de dados quantitativos a respeito do *campus*, através de *e-mail*, processo no Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e visitas presenciais nos respectivos setores envolvidos: Gestão de Pessoas, Administração e Gerências de Registros Acadêmicos. Do mesmo modo, aconteceram alguns encontros com o diretor geral (Albertino Nascimento), a fim de levantar possíveis nomes para colaborar com o presente estudo, visando à composição de grupo estratégico para as oficinas formativas, em especial.

Tendo a incerteza como fundamento, ao longo da pesquisa, transformamos categorias de percepção (BOURDIEU, 2002), reformulando pensamentos e estratégias de ação. Em meio à revisão bibliográfica e observação participante<sup>65</sup>, no esteio da preparação para a qualificação, uma mudança radical, sugerida pelo orientador, Antenor Rita Gomes: o lócus da nossa investigação mudaria do IFBA para o laboratório de informática da Uneb, através de um curso

<sup>65</sup> Silva (2010) destaca que observar é perceber o que é dito e o que não é dito, o que é gestual e como acontecem as relações entre os saberes e os confrontos, de forma a perceber e compreender melhor o contexto e cenário da investigação, incluindo o modo de olhar o objeto de estudo.

de extensão, possibilitando a participação de outros sujeitos (por adesão). Assim, fugiríamos do perfil “prestação de serviço”, tão bem pontuado por Luna (vide página 59).

Em reunião do grupo de pesquisa (Cult-vi), no dia 31 de maio de 2017, a proposta foi aprovada, sob sugestões, e encaminhada ao Núcleo de Pesquisa e Extensão da Uneb (Nupe) para formalização. Burocracias à parte, seguimos nossa trajetória de preparativos, concluindo a organização dos conteúdos programáticos (com o esboço inicial do *site*), seguida da divulgação do curso.

#### 4.1 A IDENTIDADE VISUAL

A marca que caracteriza esta pesquisa-ação está representada pela dinâmica da mandala, forma circular que transmite a ideia de movimento, união e criatividade. Para identificar a proposta “educolaborativa” com a qual nos propomos, escolhemos a Mandala da Comunicação, com base na mitologia de Hermes, o precursor da hermenêutica em sua função de mensageiro dos deuses.

O desenho abaixo de autoria da artista plástica *Céu D’Almeida* serviu de *insight* e, após reelaboração pelo *designer* Rafael Dourado, deu “corpo e alma” a nossa identidade visual, que reúne as cores primárias (vermelho - vida que pulsa em meio a tensões e conflitos -, amarelo - ideia de luminosidade, que dialoga com a produção de conhecimento e capacidade criativa -, e verde), ao lado do azul e de formas que remetem a flores e frutos, transmitindo a sensação de harmonia pela organicidade de seu conjunto (simbologia dos fenômenos sociais).

Figura 4 - As mandalas/ Fonte: Própria



Ao centro, um círculo de sementes representa a função integradora da Comunicação; dela e para ela diversos outros subconjuntos convergem, tecendo uma rede de relações e sentidos. Foi movidos por essa energia que partimos para a próxima etapa deste trabalho: as atividades em campo com os colaboradores.

Nossa intenção consistiu em desenvolver um processo autoformativo, norteado pela apresentação inicial desta pesquisadora com base em *slides*, sob apresentação de perguntas orientadoras, questões conflitivas e situações análogas; rodas de conversa para socialização de experiências com exposição de *cases* de sucesso, ao lado de cine-debate, leitura coletiva e análise de mídia, com participação direta dos partícipes, que, ao longo dos encontros, sobretudo, durante a elaboração dos conteúdos noticiosos, dividiram-se em subequipes para conduzir melhor as discussões, escolhendo tópicos de acordo com afinidades. As atividades a serem concretizadas após a finalização de cada unidade temática eram encaminhadas, preferencialmente, através do “Fórum da Diversidade”, com passo a passo via *e-mail* e lembrete por WhatsApp, em estilo *home office*.

Figura 5 - *Print* do Fórum, com a divisão em categorias: *Relatos de Experiências* (espaço para conteúdos mais práticos); *Compartilhando Saberes* (lugar das teorias fundamentadas no cotidiano); *Análise de Mídia* (avaliação da postura da imprensa e sugestões) e *Pautas* (escrita e avaliações)



Fórum da Diversidade



Login / Registre-se

## Fórum da Diversidade

Bem-vind@ ao nosso cantinho especial de interação! Contamos com você para enriquecer o debate em torno de temas diversos

 <p style="text-align: right;">⋮</p> <h3 style="text-align: center;">Relatos de Experiências</h3> <p style="text-align: center;">238 visualizações   14 posts</p> <p style="text-align: center;">Conte-nos situações que vivenciou ou tem conhecimento na interface EduCom, Cultura e TICs</p>	 <p style="text-align: right;">⋮</p> <h3 style="text-align: center;">Compartilhando saberes</h3> <p style="text-align: center;">278 visualizações   15 posts</p> <p style="text-align: center;">Socialize suas impressões a respeito das leituras sugeridas e dos debates em classe</p>
 <p style="text-align: right;">⋮</p> <h3 style="text-align: center;">Análise de Mídia (Opinel)</h3> <p style="text-align: center;">68 visualizações   2 posts</p> <p style="text-align: center;">Acompanhe aqui algumas coberturas polêmicas e sugira alternativas</p>	 <p style="text-align: right;">⋮</p> <h3 style="text-align: center;">Pautas</h3> <p style="text-align: center;">0 visualizações   0 posts</p> <p style="text-align: center;">Agora é com você: sobre o que gostaria de ler?</p>

Fonte: <https://educolaborar.wixsite.com/jornalismo/forum/>

## 4.2 QUEM SOMOS

Entre idas e vindas, permanências e desistências - devido a ruídos na comunicação (como a inviabilidade de estar em outra cidade uma vez por semana) e questões pessoais (saúde, família ou trabalho), demos “cara” a equipe *Educolaborar*. Apesar de nem todos os integrantes selecionados chegarem ao fim da formação, avaliamos que, a sua maneira, contribuíram com a pesquisa, presencial ou virtualmente.

A seguir, socializamos o miniperfil de cada um/a deles:



**Pedro Filho:** Sou radialista na Rádio Comunitária Serrote FM <[www.serrotefm.com.br](http://www.serrotefm.com.br)>, defensor e cuidador do meio ambiente, além de eterno aprendiz. Atualmente curso a formação técnica em rádio/TV e sou assessor de comunicação da Prefeitura de Serrolândia. De bem com a vida, vivo com um sorriso no rosto e o alto astral lá em cimaaa!



**Cléa Gomes:** Nascida em Várzea do Poço, estudei pedagogia e fiz pós-graduação na área social, em psicologia transpessoal e psicopedagogia clínica. Sempre sonhei com um mundo digno! Defendo uma educação que prepare para a vida com consciência crítica da realidade onde vivo, ao meu redor e no mundo, com a compreensão da dimensão familiar e política. Atuo como coordenadora pedagógica do projeto Casa Rebeca, situado no bairro da Bananeira, há mais de 20 anos. Também amo trabalhar com ervas medicinais/fitoterapia, pois acredito imensamente na força que vem da mãe Terra.



**Taiane Santos:** Tenho 21 anos e sou filha, orgulhosamente, de agricultores rurais, sendo a caçula dos 4 filhos de painho e mainha. Moro no povoado de Saracura - Serrolândia. Tenho como formação os cursos de Agente Rural e Ambiental, Formação de Lideranças da Juventude, Viveirista de Plantas e Flores e estou graduanda nos cursos de letras vernáculas, na Uneb, e Administração, na Faculdade Uniasselvi. Consegui entrar no ensino superior através das cotas para negros. Tenho muito orgulho de ser jovem, negra e agricultora! Estou como vice-presidenta da Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Saracura, além de prestar serviço voluntário na elaboração de projetos sociais.



**Marlene Gama:** Licenciada em Geografia e Pós-Graduada em Turismo e Desenvolvimento Sustentável pela Uneb, sou professora da Rede Estadual de Ensino, atuando no Ensino Médio do Centro Noturno de Educação da Bahia (Ceneb), em Jacobina, escola que possui a maior



parte das vagas direcionadas para a modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA). Consciente da necessidade indiscutível de proteção aos recursos naturais, implemento ações pedagógicas interdisciplinares com foco nos estudos dos impactos ambientais locais. Também integro a equipe do projeto "Ciência na Escola".



**Inaiara Nunes:** Graduada em Letras Vernáculas (Uneb), também sou especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (IBPEX). Recentemente mestra em Educação e Diversidade (MPED), desenvolvi pesquisa sobre a produção de *webdocumentário* na escola, com foco na Educomunicação. Ainda participo dos grupos de pesquisa Diversidade, Formação, Educação Básica e Discursos (Difeba) e Cultura Visual, Educação e Linguagens (Cult-vi), ambos da Uneb - *Campus IV*, além de atuar em projetos sociais no Piemonte da Diamantina, onde já fui representante territorial de cultura e

coordenadora do projeto "O Estético e o Lúdico na Literatura Infanto-Juvenil", realizado nos distritos de Itaitu e Cachoeira Grande. Também faço parte do Colegiado de Desenvolvimento Territorial (Codeter) e da ASPAFF Chapada Norte.

**Anne Bacelar:** Estudante de jornalismo (licenciatura/5º semestre), tenho experiência em coordenação de projetos culturais educacionais e desportivos, nas áreas de *marketing* e atualizações jurídicas, além de participar de grupo de estudos sobre cultura e diversidade. Sou membro de associações comunitárias e pastorais, do Conselho e da Associação de Deficientes de Jacobina. Há 12 anos sou uma pessoa com necessidades específicas devido a um câncer ósseo raro, quando me tornei "cobaia" de um hospital-escola (PUC/RS), o que tem me ajudado a superar esse desafio. Também atuo com terapias holísticas e cura pela espiritualidade.



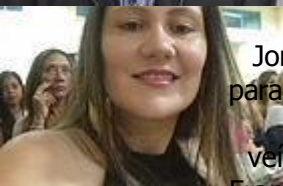
**Josy Almeida:** Arteira e fotógrafa, direciono o meu olhar para projetos culturais e sociais que prezem pela igualdade entre os povos. Nas minhas andanças, encontrei a Associação Educativa-Cultural Tarcília Evangelista de Andrade (AEC-TEA), da qual sou voluntária atualmente. Integro grupo de estudos sobre gênero e feminismo, desenvolvendo projetos relacionados à fotografia e gênero. Estou graduanda em Educação Física pela Uneb e também participo do Núcleo de Estudos de Cultura e Cidade (NECC) e Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação Física, Esporte e Lazer.



**Giampiero Valenza:** Sou jornalista, graduado em ciências da comunicação e mestre em criminologia e mediação intercultural. Trabalhei há muito tempo para jornais e agências de imprensa. Escrevo principalmente sobre saúde e meio ambiente, sendo responsável pelo Departamento de Comunicação e Jornalismo Ambiental do Centro Italiano de Pesquisa em Ciências Ambientais e Biotecnologia (Cesab). Atualmente desenvolvo assessoria de imprensa para missionárias <[www.msocs.org.br](http://www.msocs.org.br)>, com destaque para o trabalho com imigrantes, além de ser diretor de jornal italiano para crianças. Já tive a oportunidade de conhecer o Brasil, quando visitei, em 2016, um centro para refugiados haitianos em São Paulo.



**Marcílio Alves:** Radialista há quase 30 anos, sou colaborador da Rádio Clube FM e militante do seguimento esportivo, o qual considero uma saída para melhorar a educação e a saúde, bem como fonte de integração entre pessoas de diferentes culturas.



**Tamara Leal:** Atuo na área de Comunicação desde 1997, quando ainda cursava Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), meu estado natal, e já prestava serviço para empresas da região. No final de 1999, concluí o curso e retornei para Irecê/BA, onde minha família havia se fixado vários anos antes. Desde então, integrei o quadro de renomados veículos de comunicação do estado, a exemplo dos jornais A Tarde e Primeira Página, da TV São Francisco e da Varjão Comunicação Integrada (empresa responsável, na Bahia, pela comunicação do Sebrae). A minha história com Jacobina começa no ano 2000, quando realizava a cobertura da região para o Caderno Municípios do A Tarde. Em 2006, mudei para a cidade, editei o jornal Tribuna Regional, o A Semana e, finalmente, fundei o A Notícia, em 2010. Recentemente lançamos o *site* A Notícia Aqui ([www.anoticiaaqui.com.br](http://www.anoticiaaqui.com.br)) e coloquei em prática o antigo projeto de editar uma revista, a Viva, de publicação bimestral.



**Grazi Santos:** Tecnóloga em Gestão Hospitalar (Unopar), atualmente curso especialização em Produção de Mídias para Educação *Online* (UFBA), além de Licenciatura em História (Uneb). Também sou tutora externa do curso de Gestão Hospitalar (Uniasselvi) e monitora do Programa Universidade para Todos (Uneb). Apaixonada por História e Literatura, compartilho minhas experiências no *blog* Livros e Derivados.



**Luna Layse:** Natural de Senhor do Bonfim/BA, sou graduada em Comunicação Social e atuo como comunicadora popular na Cooperativa de Trabalho e Assistência à Agricultura Familiar Sustentável do Piemonte (Cofaspi), que tem sede em Jacobina/BA. Também sou discente da Licenciatura em Letras Vernáculas na Uneb e integro a Câmara Temática de Educação do Colegiado de Desenvolvimento Territorial (Codeter) do Piemonte da Diamantina. Sigo me encantando com a vida e na busca constante do aprendizado, que tem me

proporcionado novas e transformadoras descobertas.



**Igor Fagner:** Jacobinense da gema, atuo na área da Comunicação há seis anos, iniciando com a fundação do *site* de notícias Diário da Chapada e dando continuidade com o Rota 324, do qual sou diretor e editor. Atualmente presto serviço de assessoria de comunicação para a Secretaria Municipal da Educação e Cultura de Jacobina (Semec), para a Associação Comercial e Industrial de Jacobina (Acija), e Associação Esportiva XV de Novembro.

**Júnior Publish:**  
também tenho  
de ter sido assessor de  
Piemonte da  
da Prefeitura de  
ouvidor da Prefeitura  
Agência de  
como um dos  
circula em Jacobina/BA e região. Também fiz



Graduado em Publicidade e Propaganda, experiência na área de direção de artes, além comunicação da Associação dos Municípios do Diamantina (AMPC), diretor de comunicação Jacobina, assessor especial de Gabinete e de Mirangaba. Sou sócio-proprietário da Aió Comunicação, do *site* A Notícia Aqui, bem idealizadores do projeto Revista Viva, que



**Richard Silva:** Formado em Administração, tenho especialização em Perícia e Auditoria Ambiental. Atualmente sou estudante do curso técnico de Meio Ambiente do IFBA/Jacobina e presidente da ASPAFF Chapada Norte, associação que representa a sociedade civil no comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Itapicuru, do qual sou secretário, sendo integrante do Fórum Baiano de Comitês de Bacias Hidrográficas. Já fui secretário executivo e coordenador do Colegiado Territorial do Piemonte da Diamantina (Codeter) e hoje sou membro do Conselho Municipal dos

Direitos da Pessoa com Deficiência de Jacobina. Amante da natureza, luto sempre pela defesa dos recursos hídricos, visando ao equilíbrio ambiental e à qualidade de vida. Além disso, tenho focado na cultura regional, por acreditar que tudo deve ser valorizado e preservado.



**Roberto Marinho:** Graduando de Licenciatura em História (Unep) e filho da "geração.com", sou apaixonado por tecnologia e amante da docência. Desde 2010, atuo na área de TI do Departamento de Ciências Humanas do *Campus* XIV, em Conceição do Coité, desenvolvendo atividades de suporte ao usuário e manutenção de dispositivos. Em 2017, após desenvolver uma série de materiais publicitários para eventos

da instituição, fui convidado a integrar, como assessor, a equipe da recém- criada Assessoria de Comunicação.

#### 4.3 NA PRÁXIS: INTERVENÇÕES E ANÁLISES

Oficinas são tempo e espaço de aprendizagens; processo ativo de mutação recíproca entre sujeito e objeto; percurso de (des)equilibrações. Tratam-se, portanto, de apropriação de conhecimento a partir da prática, ativa e reflexiva, na relação de sentir-pensar-agir. Para Dolabella (2015), o/a pesquisador/a-formador/a é um/a agente social que mobiliza os saberes e as experiências de certo grupo, agenciando o trabalho crítico em forma de debate.

Nesse sentido, enquanto espaço aberto e colaborativo, nosso curso de extensão reuniu um conjunto de ações e tensionamentos inerentes aos “ecossistemas educacionais”, a partir da gestão democrática e do exercício da expressão dos partícipes. É o itinerário desse saber-fazer que se encontra nas páginas subsequentes.

##### 4.3.1 Os encontros presenciais e o Fórum da Diversidade: relatos

Entre palavras pensantes (silêncios) e pensamentos falados, como diria Merleau-Ponty (1945 *apud* MARTÍN-BARBERO, 2014), o primeiro encontro presencial revelou boas surpresas. Na ocasião, socializamos os conteúdos sistematizados para as oficinas (Ementa - vide apêndices), bem como o esboço do *site*, a fim de ouvir as sugestões dos colaboradores no âmbito de possíveis mudanças, inserções/supressões, desde os conteúdos indicados à metodologia de trabalho. Nesta etapa, os participantes ainda foram convidados a elaborar miniperfis (“quem somos”, descrito anteriormente), ilustrados com foto, para compor um dos menus do Portal, espécie de atualização da ficha de inscrição.

Por meio das oralidades, despontam transculturalidades (BARBERO, *ibidem*). Guiados por esse horizonte, os temas que afloraram nesta espécie de aula inaugural da nossa formação têm ligação direta com as trajetórias pessoais de cada integrante no diálogo com o mundo. Sendo assim, destacamos: *Comunicação para o Campo; Crise Institucional* (ênfase na Educação, Política e no Judiciário); *Responsabilidade Social*, tanto por parte da imprensa/jornalistas quanto de outros segmentos, principalmente ao se referir aos conhecidos “tabus”, como

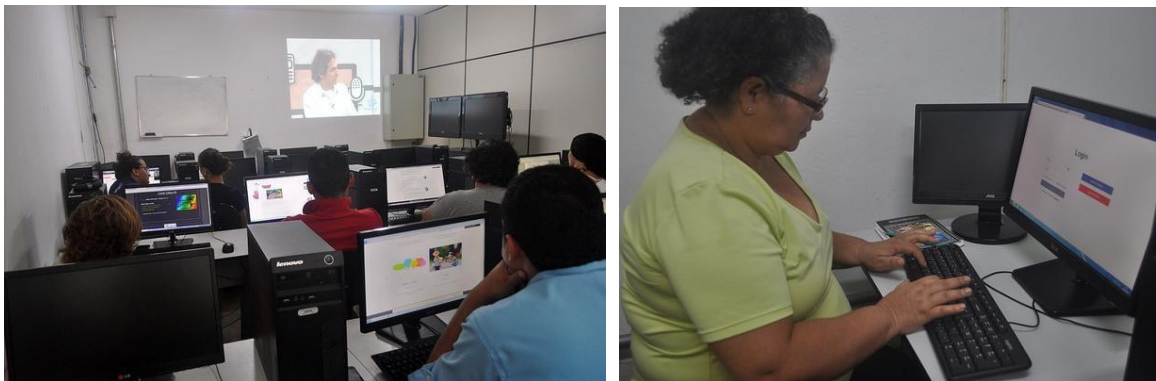
suicídio (devido ao Setembro Amarelo) e violência infanto-juvenil, ao lado da polêmica entre capital x sustentabilidade ambiental.

A partir do 2º encontro, debruçamo-nos sobre o universo da Comunicação, evidenciando aspectos para uma leitura e produção críticas da mídia. A competência profissional e o compromisso com a ética permearam as discussões, abrangendo curso técnico para registro de radialistas bem como a graduação, em meio às inovações do Jornalismo Digital e à polêmica derrubada do diploma, em 2009, ano em que esta pesquisadora finalizava seu bacharelado na área. Nas falas, prevaleceram os típicos furos de reportagem frente ao *deadline*, que resulta em abordagens superficiais pela falta de apuração, "barrigadas" (vide apêndices - pág. 169) ou coberturas sensacionalistas, ao lado dos erros constantes da imprensa local (em geral, sem formação na área) x número expressivo de acessos a *sites* desse perfil mesmo diante da precária qualidade do conteúdo apresentado.

O direito, bem como a deturpação do uso do *off* (vide apêndices - pág. 170) na ausência de depoimentos verídicos; abuso de poder de comunicadores para beneficiamento próprio; posicionamento da imprensa diante de coberturas jurídicas (incriminação antes do devido processo legal, influenciando no próprio veredito pela pressão da opinião pública - evidenciado pelo caso *Escola Base*) e a falta de filtro na replicação de mensagens via redes sociais, por vezes, sem os devidos créditos, foram outros assuntos problematizados.

Figura 6 - Registros fotográficos dos primeiros encontros





Fonte: Acervo da Pesquisa

#### 4.3.1.1 “Os desafios da reportagem”

Diante de tais provocações, a turma, em parceria com esta pesquisadora, era instigada a pensar, a todo instante, a respeito da credibilidade da informação nesta era de *emirecs* (conforme explicado na pág. 48). A coragem dos jornalistas investigativos, exemplificada no trabalho de Caco Barcellos, foi citada pela colaboradora Anne, que, enquanto universitária, realizou estudo sobre a obra do comunicador, referência da bandeira *direitos humanos*, enfatizando o livro *Rota 66* e o programa de TV *Profissão Repórter*, no qual dá espaço a minorias representativas, desconstruindo estereótipos ao tornar visível a face dos verdadeiros “bandidos”.

Naquele momento, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) estava com inscrições abertas para uma palestra com o “global” sobre empreendedorismo e diferentes gerações, ocorrida em outubro de 2017 em Jacobina. Divulgada pela colaboradora Tamara, a oportunidade rendeu frutos para nosso estudo. Entrevistado por esta pesquisadora em coletiva de imprensa quanto às contribuições das novas tecnologias para os *media*, Caco Barcellos elencou o acesso ao conhecimento e a autonomia dos sujeitos como diferenciais desta onda colaborativa. A partir da sua resposta, tivemos a certeza de que não estamos sozinhos nos “desafios da reportagem” e na luta pela elaboração de conteúdos noticiosos que contribuam para a (in)formação crítica e transformação social, mantendo sempre acesa a chamada do questionamento, até mesmo diante das fontes oficiais.

CB: “Acho que a revolução digital trouxe imensa contribuição para a formação de novos comunicadores, novas plataformas e veículos de comunicação. É um avanço que nunca imaginava que fôssemos conseguir! Possibilitar que qualquer cidadão do mundo possa fazer, dentro de casa, uma emissora de rádio, um *site/blog*, jornal digital, e até uma TV... Nós, enquanto jornalistas profissionais, temos muitos concorrentes, mas isso é positivo porque democratiza o conhecimento. Hoje num clique você tem acesso a todos os arquivos importantes do mundo. Então para o conhecimento, preparação do profissional e sociedade, o fato de termos veículos sem nenhum tipo de filtro é muito positivo. Agora o que eu observo é que no Brasil, e acompanho alguns lugares do mundo também, como a Inglaterra e um pouco dos EUA, há quem use essas plataformas para transformá-las em cenário de linchamento moral. Na área de política isso acontece muito, a criação das *fake news*, por exemplo, isso é muito negativo, mas acho que pesa mais o lado positivo: o acesso democrático ao conhecimento e a possibilidade de você se comunicar além-fronteiras, isso é maravilhoso! Não vejo hoje nenhum tipo de possibilidade de a gente vivenciar regimes autoritários como tivemos no passado, é impossível você controlar hoje o direito de se comunicar dada à revolução digital. Também observo que o papel do repórter nunca foi tão importante quanto hoje: o Jornalismo está “infestado” - usando um termo um pouco negativo - de opinião, por influência até das redes sociais. Tem gente dando opinião demais com conhecimento de menos. Acho que a reportagem é essencial neste momento: é ela que separa opinião (comunicação imprecisa) da comunicação necessária, aquela responsável e de relevância pública. Por isso acho fundamental a nossa atuação! Infelizmente a reportagem está em desuso, em processo de extinção, devido ao custo de produção do gênero.”

Figura 7 - Caco Barcellos durante coletiva com representantes da imprensa local, incluindo esta pesquisadora, ao lado do diretor do Sebrae/Jacobina; Fonte: Acervo da Pesquisa / Fotos (e/d): Autoral; Tamara Leal



#### 4.3.1.2 Algumas Polêmicas

O terceiro momento presencial tratou da Educomunicação, no entanto, arestas precisavam ser aparadas quanto a conteúdos compartilhados pelo WhatsApp. Naquela manhã, socializei “regras de ouro” de uso do aplicativo, a fim de evitar o efeito “telefone sem fio”, típico dos ruídos na comunicação interpessoal. Apesar de não considerarmos esse um instrumento oficial da pesquisa, a todo instante ele servia como “gatilho” para disparos, resultando em acirrados debates (talvez devido à comodidade do clique em lugar da racionalidade demandada pela escrita/sistematização no Fórum), exigindo complexa e constante intermediação desta pesquisadora para garantir o aprofundamento das discussões, fosse através do Portal da EduColaborAção e/ou pessoalmente.

A primeira grande polêmica que aflorou os ânimos da turma foi a exposição do Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo, na qual uma criança interage com um corpo nu. Após o envio pelo colaborador Pedro Filho e comentário de Júnior Publish, acerca de vídeo de *youtuber* em tom opinativo, considerando “ridícula” tal abordagem artística, organizei o *post* abaixo em nosso espaço virtual (Fórum/Compartilhando Saberes), rendendo conflituosas reflexões.

Da perda dos bons costumes nas famílias (visão moralista) ao considerar ambientes, como o do museu referido, impróprio para crianças (preocupação recorrente em outros momentos, como no cine-debate II [ vide pág. 97 ], que, dentre outros, questionou nosso posicionamento diante dos bens de consumo), caminhamos para a conceituação da diferença entre opinião/adjetivação x argumento (dados embasados por depoimentos de especialistas); tolerância x respeito, ampliando o tema *Comunicação*, na busca por fontes confiáveis e múltiplas vozes, antecipando o que seria apresentado no último módulo teórico, reservado para a *Diversidade*. Nossa meta era, justamente, fugir do “efeito manada”, que prioriza a quantidade, prezando pela qualidade da informação, na contramão da rotina jornalística convencional.

Figura 8 - *Print post* Fórum da Diversidade



verusapinho

30 de Set de 2017

## Corpo nu, um tabu?

43 visualizações · 6 comentários



Após a polêmica lançada no grupo do WhatsApp pelos colegas Pedro Filho e Júnior Publish, seguem matérias com diferentes opiniões, incluindo a da comissão organizadora e do próprio artista envolvido na exposição; a real "face" da mãe e da criança que interagiu com o corpo nu, além de depoimentos d@s que são contrári@s à presença do público infantil em situações como essa.

---

[www.g1.globo.com/sao-paulo/noticia/interacao-de-crianca-com-artista-nu-em-museu-de-sp-gera-polemica.ghtml](http://www.g1.globo.com/sao-paulo/noticia/interacao-de-crianca-com-artista-nu-em-museu-de-sp-gera-polemica.ghtml)

[www.correio24horas.com.br/noticia/nid/a-arte-entende-o-corpo-nu-muito-alem-do-sexo-diz-jorge-alencar-sobre-performance/](http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/a-arte-entende-o-corpo-nu-muito-alem-do-sexo-diz-jorge-alencar-sobre-performance/)

Você já parou pra pensar nas várias concepções do "nu"?

Para os índios, por exemplo, é algo natural, que faz parte da sua cultura milenar; para as feministas, uma fonte de liberdade e luta; para @s artistas, está muito além da mera erotização; para as crianças de pouca idade, pode ser confundido com o próprio alimento, advindo do seio materno. Seguem algumas imagens para reflexão. Fonte:

[www.fotografia.folha.uol.com.br/galerias/2642-nu-xingu](http://www.fotografia.folha.uol.com.br/galerias/2642-nu-xingu)

[www.g1.globo.com/mundo/noticia/2012/09/manifestantes-do-femen-realizam-ato-seminuas-em-paris.html](http://www.g1.globo.com/mundo/noticia/2012/09/manifestantes-do-femen-realizam-ato-seminuas-em-paris.html)

O debate está lançado!



Graziela Gomes Santos

1 de Out de 2017

Editado: 1 de Out de 2017

O Movimento Brasil Livre (MBL) encabeçou toda polêmica (do Santander e do MAM/SP), com seus objetivos suspeitos, com certeza não faz isso em razão da moral e dos bons costumes. Escolhi ser professora de História e de Artes, vocês imaginam minha situação ou frustração. Se lecionar não fosse minha paixão, com certeza mudaria de profissão. Nessa polêmica toda, como li na matéria, falta informação. O povo opina sobre temas que não domina, fica a opinião por opinião. É tipo: eu não gosto e pronto, não acho certo e pronto. Numa sala de cursinho pré-vestibular (90% de estudantes negros), questionei quem era contra cotas raciais, a maioria disse que era. Depois que eu expliquei o que é o sistema de cotas para negros, contextualizei historicamente, eles mudaram a opinião e admitiram que realmente não sabiam nem direito o que era e como funcionava o sistema, moral da história: opinavam sobre algo que nem sabiam e repetiam discursos vazios.

---

Segundo Luigi Pareyson, a arte é uma linguagem que se reinventa constantemente para construir, conhecer e expressar questões dos seres humanos. Assim, a função da arte muda de acordo com a época, lugar ou cultural.

É isso, a galera não tem noção do que é Arte e para que serve, mas repetem discursos vazios e sem fundamentos/argumentos. Arte é um campo vasto, na qual a única certeza que temos é que é impossível conceituar/limitar o termo e atribuir a sua função de acordo com nossas meras opiniões e ideologias.

---

1



verusapinho

1 de Out de 2017

Editado: 1 de Out de 2017

Perfeito, Grazi! Ótimo termos alguém da área pra ampliar nossos horizontes. Segue [artigo](#) da Mídia Ninja sobre essa situação recorrente do MBL: "Criança não pode tocar o corpo de um homem nu? Criança não pode pegar no peito da mãe? O corpo DESSEXUALIZADO existe!", palavras da autora, Ivana Bentes, que foi secretária de Cidadania e Diversidade Cultural do Ministério da Cultura e é professora, curadora e pesquisadora acadêmica na área de comunicação e cultura da Escola de Comunicação da UFRJ.

---

1



Pedro Filho

3 de Out de 2017

Editado: 10 de Out de 2017

### SIM, UM TABU!

Não precisamos publicar, compartilhar, tornar público, tudo que achamos que é bom ou ruim, a arte é e sempre será bem vinda e é essencial e fundamental na vida cultural e intelectual de cada indivíduo. Se falando na peça "Corpo Nu", acho desnecessário algumas coisas que aconteceu, não podemos mudar algumas coisas que já existem no mundo, por exemplo: Chamar um médico de doutor, mesmo sem ele ter o Doutorado, entretanto, andar pelado é até prazeroso e nos traz uma sensação de leveza mas que não podemos sair por aí sem roupas, sem contar que é crime previsto pelo artigo 233 do código penal, outrora, os artistas estavam dentro de um museu e apresentando uma peça teatral, mas e daí? Pra que fazer isso? Onde vai melhorar nosso país ou nossa vida vendo pessoas nuas pegando umas nas outras? Vale lembrar também que a pessoa nua remete ao pensamento sexual.

---

Acho que existem várias outras temáticas e de prioridade que enriqueça a cultura do Brasileiro. O nu deve ser prioridade e não banalidade, dependendo da cultura de cada povo.

2



verusapinho

3 de Out de 2017

Então Pedro, a exposição pretendia ultrapassar os limites dos quadros, como lemos em classe, e convidar o público à interação. Eu iria além ao dizer que a Série "Bichos" associa o corpo humano a outras espécies, que, naturalmente, vivem despidas. Pensar no "nu" para além da sensualidade/erotização também é um ótimo exercício para superar alguns preconceitos/estereótipos que nos acompanham ao longo do tempo. Temos muito a aprender com os indígenas, por exemplo. O artigo que cito acima traz reflexões bastante oportunas nesse sentido. Concordo quando fala sobre banalização em algumas situações. Mas acredito que tal fato existe muito mais no mundo da publicidade, recheado de imagens femininas de modo sexualizado, do que no campo da arte, que tende ao movimento reverso: problematizar determinadas práticas sociais. Precisamos estar abertos ao novo; até mesmo ao que nos incomoda. Precisamos superar a mera tolerância, que, por vezes, gera o movimento contrário (intolerância/violência) e aprender, de fato, a respeitar pessoas e saberes por mais distantes que sejam da nossa realidade. Tudo depende do ângulo daquele que vê, do lugar de onde fala, do contexto cultural, das aspirações pessoais/profissionais... Sugestão: antes de compartilhar conteúdos que não são nossa praia, é necessário ter em mente a importância da leitura/pesquisa na tentativa de se construir argumentos (além da opinião) em torno do assunto. A partir daí, o debate se tornará extremamente enriquecedor e positivo para ambos os lados. Essa é a base da (in)formação crítica que estamos buscando!



Giampiero Valenza

9 de Out de 2017

Na cultura da Alemanha de leste era normal a cultura dos nus.

É apropriado, como mencionado, que a nudez seja concebida de duas maneiras:

- 1) Nu sexualizado (típico de a televisão trash o tv erótica)
- 2) Nu dessexualizado (típico da arte, da cultura)

A percepção dessas duas categorias é variável e depende do tecido antropológico e cultural.

Claro, é que a mídia de hoje está tentando associar o erotismo à publicidade, à sexualidade e à anti-feminismo. E isso, na minha opinião, deve ser evitado sempre.



verusapinho

9 de Out de 2017

Confiram o mais novo vídeo organizado por diversos artistas brasileiros a respeito do tema:



Fonte: <https://educolaborar.wixsite.com/jornalismo/forum/compartilhando-saberes/corpo-nu-um-tabu>

Dentre os argumentos comentados em classe, estiveram a normatização de hábitos incomuns em períodos festivos, a exemplo do Carnaval x classificação de crime contra o pudor, ensejando bom senso de cada indivíduo para devida adequação de atitudes por contexto. O naturalismo do “nu” em outros ambientes e épocas, como é o caso das tribos indígenas e do *topless* enquanto estratégia de enfrentamento do movimento feminista (para alguns membros, descaracterização da “pureza” maternal), bem como de grupos musicais (*É o Tchan e Mamonas Assassinas*) e programas televisivos diurnos de outrora (*Banheira do Gugu* e *Programa da Xuxa*), foram, do mesmo modo, “a bola da vez”.

Em conjunto com esses apontamentos, a associação política aflorou devido à comoção encabeçada pelo Movimento Brasil Livre (MBL), ao que o *analfabetismo político/cultural*, tão presente em nosso país, foi pontuado como essencial para a reação que parecia vir da maior parte dos brasileiros.

Ainda pelo aplicativo WhatsApp, perpassaram muitas outras opiniões, num imbricado vai e vem. Outro *case* esteve relacionado a comentário de professora a respeito do analfabetismo no eixo Norte-Nordeste, considerando o Sul-Sudeste privilegiado. A mensagem anunciava a vinda da docente para a região (Recife) e a importância de divulgação do conteúdo ao maior número possível de pessoas para que a profissional tivesse uma recepção “calorosa”- o que, indiretamente, incitava à violência.

Pasquotte-Vieira, Silva e Alencar em capítulo da obra *Multiletramentos na escola* (2012), retomam as palavras de Bakhtin (2003) ao pressupor que os significados são entendidos segundo o contexto de elaboração, a situação de produção e os objetivos do/a autor/a, mas também, conforme seus novos leitores, as situações de leitura e o momento em que se lê. Apropriando-se das palavras de Lemke (1998, págs. 283 e 284), as autoras apresentam como os conteúdos são ressignificados a partir da circulação/recepção:

Os significados das palavras e imagens, lidas ou ouvidas, vistas como estáticas ou em movimento, são diferentes por causa dos contextos em que aparecem - contextos que consistem significativamente em outros componentes de mídia. Significados em multimídia não são fixos e aditivos (o significado das palavras mais o significado da imagem), mas multiplicativos (o significado das palavras modificado pelo contexto-imagem, o significado da imagem modificado pelo contexto textual), formando um conjunto muito melhor do que a simples soma das partes. Além do mais, todo letramento é letramento multimídia: você não pode produzir sentidos apenas com a linguagem, deve haver sempre uma realização visual ou vocal de signos linguísticos que também implicam sentidos não linguísticos (ex.: tom de voz ou estilo da ortografia). Os signos devem ter alguma realidade material para funcionar como signos, mas toda forma material carrega potencialmente significados de acordo com mais de um código.

Sob esse clima de elasticidades, a relevância do uso social da informação, o chamado letramento<sup>66</sup>, permeou a postura desta pesquisadora, que, tentava, a cada situação, esclarecer a necessidade do filtro, comentada desde o primeiro encontro. Reflexões acerca da escola contemporânea, no diálogo com a nova pedagogia, por meio da inserção das tecnologias digitais e do maior protagonismo dos educandos, trouxeram um quê de criatividade e

---

<sup>66</sup> Na obra *Educomunicação para além do 2.0* (vide Referências), Barroso recorre a Henry Jenkis, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, quando alude às novas, ou pós-modernas, e múltiplas alfabetizações, indicando a importância das habilidades sociais além das competências individuais. Classificamos a midiática, também chamada de digital e multimídia, como uma delas, destacando sua relevância para a leitura crítica de mundo, por meio do aprofundamento da capacidade de pesquisa, discernimento, elaboração e compartilhamento de conteúdos e propostas, mantendo o distanciamento necessário para sua própria análise (VELASCO *in idem*, *ibidem*). Inspirado no contexto hispânico, o termo associa-se, no Brasil, ao “letramento”; na tradição europeia, à *media education*, enquanto que, para os norte-americanos, *media literacy*.

esperança às circunstâncias de crise.

Ao assistir à entrevista com o filósofo, educador e escritor Mário Sergio Cortella a respeito da relação entre mídias, Educação e relações de poder, o colaborador Pedro Filho demonstrou seu encantamento (“extraordinário!”), chamando atenção para diferença entre confronto e conflito, este último em seu perfil transformador na busca pelo consenso, justamente o movimento que se desenrolou durante todo o percurso formativo.

No campo da *Educomunicação*, a pedagogia freiriana se manteve em evidência, sobretudo, pelo conhecimento de causa dos colaboradores ligados a projetos sociais. Cléa exemplificou a educação contextualizada proposta pelo teórico com a rotina das crianças do projeto *Casa Rebeca*, o qual coordena. “Os meninos não sabiam escrever a letra F, mas superamos isso ao associá-la à palavra fome, comum em seus cotidianos”.

A essa altura, nossa equipe tecia, de maneira intensa, aproximações entre os conteúdos estudados e os próprios ambientes de atuação. O desafio de superar a polarização (esquerda x direita) e encontrar propósitos comuns permeou a tribuna, que, em seus diferentes clamores, estabeleceu *links* com o dia a dia das associações e rádios comunitárias, principalmente da zona rural e do interior.

Diante do 3º módulo temático (Práticas Colaborativas), pesquisamos a respeito da *campanha da Dove*, a partir de sugestão de Pedro, ampliando o olhar para o real objetivo da empresa em sua publicidade, para além da cor da pele: uma questão de cultura/etnia, dialogando, novamente, com o último tópico teórico (diversidade). A pauta foi mote de *post* no Fórum (Análise de Mídia), onde compartilhei matéria com depoimento da modelo negra, reforçando essa perspectiva plural e o mal-entendido gerado nas redes sociais, algo recorrente em tempos de *producers* (a tal onda conservadora/“efeito manada” já sinalizados).

Figura 9 - *Print post* Fórum da Diversidade



verusapinho

10 de Out de 2017

## Dove: afinal, houve ou não racismo?

59 visualizações 9 comentários Editado: 10 de Out de 2017

Após a leitura da [entrevista](#) com a modelo negra que participou da propaganda polêmica da Dove e do comentário feito em classe pelo colega Pedro Filho, podemos ampliar os olhares para o real objetivo da campanha. Infelizmente, neste mundo diverso, "uma mulher negra se transformar numa branca" remete a todo o passado de exclusão daquela raça/etnia e das inúmeras tentativas no campo da estética para manter padrões eurocêntricos. E se fosse ao contrário: uma mulher branca se transformando numa negra, qual seria o impacto do comercial?

Vale a pena refletir!

4



Roberto Marinho

15 de Out de 2017

Editado: 23 de Out de 2017

Definitivamente estamos vivendo em uma época onde todos querem falar, mas pouco se quer ouvir. A problemática/polemica construída em torno do comercial reflete ainda uma outra realidade, a falta de consciência critica diante do que chega até nós e a reprodução de discursos construídos por outros. Enquanto Assessor de Comunicação e responsável por pensar anúncios publicitários na minha instituição, analiso imensamente o conteúdo do material produzido pela minha equipe e por mim, uma vez que estamos frequentemente vulneráveis a esse tipo de interpretação inconsciente. Algo do tipo, reflete não somente na imagem da empresa, mas também na do profissional que pensou a ideia.

No que tange as questões raciais, levantada na provocação da Verusa, estamos vivendo uma fase de levante das causas das chamadas 'minorias', o que é importantíssimo, uma vez que temos consciência de uma dívida histórica em nosso país, uma herança vergonhosa de opressão e temos o compromisso de pensar formas e ações de quita-la e sermos ressarcidos. E digo, enquanto um homem que não sofreu o preconceito pela pele, mas sofreu por carregar as feições, ter irmãos e pai negro. Ser negro é uma identidade em processo, você se reconhece, você se torna. E justamente por conta desse entendimento, consigo prever algumas pessoas pensando que esta mulher 'é uma pobre mulher, que ainda não se reconhece', sem ainda entender o contexto de todo o projeto publicitário.

Sua pergunta, me fez pensar a história do filme '[VISTA MINHA PELE](#)', e refletir sobre como a minha turma (ainda no ensino médio), reagiu com indiferença ao assisti-lo, e isto muito me incomodou. 'E se fosse ao contrário: uma mulher branca se transformando numa negra, qual seria o impacto do comercial?' Enquanto discente do curso de história e vivenciando varias esferas de uma universidade publica, arrisco dizer que haveria pessoas que diriam que o comercial estaria reforçando aquela ideia tão problematizada de que 'ser negro está na moda', que estariam 'agindo para se promoverem'. Aproveito a oportunidade e deixo um pequeno texto abaixo para reflexão.

<https://www.geledes.org.br/esta-na-moda-ser-preto-desde-que-voce-nao-seja-preto/>

4



jr.criativo

16 de Out de 2017

A peça publicitária poderia ser produzida de outra forma, mesmo tendo um objetivo para transmitir ao público-alvo, uma análise anterior evitaria transtornos ( A sociedade iria similar? As pessoas estão preparadas psicologicamente para essa abordagem? Seria o ideal para a campanha ou outra abordagem seria melhor?) as 'consequências/resultados positivos ou negativos da peça.

Ex: usar duas modelos de (raças, etnias, cor diferente) em ambientes diferentes usando o produto, tipo cena rotineira das mulheres, ou numa mesma cena diálogo sobre o produto( deixa a pele macia, sedosa ...).

5



verusapinho

16 de Out de 2017

Ótimas reflexões, Roberto. O filme é uma boa pedida para @s colegas que trabalham diretamente em sala de aula, enquanto o artigo evidencia essa questão dos modismos, tão presentes em nossa sociedade. Só nos resta ser críticos 'na alegria e na tristeza, na saúde e na doença', como diria o autor indicado. ;)

4



Maria Cléa Gomes Almeida

16 de Out de 2017

O preconceito com todos os seus conteúdos faz as pessoas se sentirem menor que o outro, em todos os sentidos da vida.A educação desta nossa sociedade deveria começar a partir de nós,na convivência em pequenos grupos percebe se os reflexos de uma herança mesquinha onde se valoriza as pessoas pelas roupas,beleza,bens materiais etc.Percebe -se muitos buscando suas identidades imitando as normas do poder opressor,da riqueza dos luxos e das aparências externas ,por isso penso que seria bem mais polemico uma mulher branca tentando se transformar numa negra o conflito e a discriminação seria maior.

4



Igor Fagner

17 de Out de 2017

Não tive acesso ao conteúdo completo da publicidade, mas a reportagem exposta por Verusa mostra que foram diversas mulheres de diferentes etnias, fazendo com que, friamente analisando, entendamos que quer mostrar que o produto foi criado para atender todos os públicos. Marinho citou algo que achei oportuno, quando fala que temos uma dívida enorme para pagar e tudo tem caminhado bem (apesar de lento) para que acabemos de vez com o racismo. Porém vejo também muita gente se aproveitando de lutas sérias para fazer um pouco de sensacionalismo, ao ponto de que chegaria a apostar que se Lola Ogunyemi fosse a última a aparecer no vídeo, apareceria quem dissesse que há racismo em deixá-la depois de todas as outras. Não vi racismo em cima do que a reportagem explicou sobre qual era o objetivo da campanha.

2



Pedro Filho

17 de Out de 2017

Um mundo hipócrita que vivemos, "faça o que eu digo, mas não faça o que faço".  
Tudo agora é racismo, é homofobia, é preconceito.  
Muitos querem respeito mas não respeitam, muitos querem liberdade mas não admitem que se opinem sobre tal... Saber até onde podemos ir e o que queremos, de fato, seria essencial.  
Respeitar e ver as coisas com bons olhos é sempre fundamental.

4 ❤️



Graziela Gomes Santos

21 de Out de 2017

Editado: 22 de Out de 2017

Pedro, concordo com você que o mundo é hipócrita e que tudo é racismo mesmo (afirmação).  
**'Respeitar e ver as coisas com bons olhos é sempre fundamental.'** Essa frase só se encaixa no país das maravilhas, infelizmente. A realidade é outra. Sim, existe racismo, homofobia e preconceito em quase tudo, práticas tão internalizadas e naturalizadas em nossa sociedade que não percebemos e às vezes acreditamos que seja vitimismo, mas não é.

Sou filha de mãe negra, uma mulher que teve duas filhas com a pele clara (por causa do pai), que durante muito tempo mostrava a certidão de nascimento das filhas para provar que não foram roubadas. O motorista de ônibus não pedia documentos das mães brancas. Ela presenciava sempre a expressão de surpresa que as pessoas apresentavam quando ouvia que as duas eram suas filhas e ainda escutava: *"Nossa como você tem a barriga limpa!"* Uma expressão totalmente racista. Para minha mãe essa expressão era um elogio. Sabemos que não é. Eu não sofro racismo por ter a cor da pele mais clara, mas me olham atravessado e perguntam porque eu não aliso o cabelo, essa juba, um cabelo crespo que não combina comigo. No meu registro diz que pardo é a minha cor, pardo para mim é cor de papel de embrulho. Eu não me identifico como parda, me identifico como negra!

Deixo aqui um vídeo de uma cantora maravilhosa (Anelis), filha de um músico negro Itamar Assumpção com uma italiana (branca). Ela conta a primeira vez que presenciou o pai levar uma batida da polícia só por ser negro.

Abraço!



2 ❤️



taianesilva2016

2 de Nov de 2017

Editado: 2 de Nov de 2017

Policial militar, que cursa Direito, é proibida de entrar em sala de aula na Paraíba por estar fardada. Seria preconceito por se tratar de uma policial feminina ou a professora teria razão em não deixá-la entrar na sala fardada? Em outra universidade, estudante assiste a aula pelado na UFG; professor trata caso como 'brincadeira'.

1



verusapinho

3 de Nov de 2017

Então, Taiane, são dois questionamentos: quanto ao acesso da policial fardada à sala de aula, de fato, a professora exagerou: quant@s colegas vão do trabalho para a faculdade com vestimenta de outros estabelecimentos e nem por isso são barrad@s? Talvez ela tenha se sentido 'constrangida' com a roupa de policial ou o porte de arma, mas bastaria o bom senso de ambas para adequação da postura ao espaço da sala de aula;

Quanto ao protesto da estudante através do nu, é interessante tal provocação, como bem disse o professor, mas o espaço da sala de aula naquele momento não era um museu próprio para exposição artística. 'Tiro o chapéu' para a reação natural da turma, justamente o que discutimos em classe. Para @s que estão habituados à nudez, não há absurdo em situações que outr@s consideram tabu. No entanto, se fosse no meio da rua sem qualquer finalidade artística, a jovem poderia ter sido acusada de atento ao pudor. Ou seja, tudo depende do contexto e do ponto de vista. ;)

Fonte: <https://educolaborar.wixsite.com/jornalismo/forum/analise-de-midia/dove-afinal-houve-ou-nao-racismo>

Aspectos do campo da Comunicação e Educação também foram mencionados na perspectiva transversal do curso, a fim de construir pontes com assuntos ora previstos ora inesperados. Do perfil das mídias pós-massivas, no caso da *internet* (*web* semântica) em suas distintas facetas (um para um, um para muitos, muitos para um e para muitos), aos espaços da grande imprensa destinados ao cidadão-repórter, indagamos a importância da denúncia para a melhoria da qualidade de vida das comunidades e, ao mesmo tempo, o papel da conscientização proativa, na tentativa de burlar o suposto gosto pela maldade/miséria, sob a égide do choque e da invasão de privacidade/intimidade, características dos jornais estilo tabloide (de menor tamanho, com maior número de imagem e textos curtos, típicos do entretenimento), além de espaços como *reality shows*, avigorando a empatia como primordial no exercício da profissão de educador/a.

Nesse sentido, expliquei acerca da autorização para uso de fotografia/depoimento dos entrevistados e a utilização correta de informações de menores e pessoas em situações de risco, visando à fase prática da nossa formação. Ao citar a experiência do *Mídia Ninja*, o colaborador Igor problematizou o uso do termo democracia (mídia democrática) e do adjetivo *livre*, empregado tanto por este veículo quanto pelo MBL, ao que provocamos a discussão quanto ao saber-fazer análise de mídia em meio a esta diversidade, compreendendo a “essência” de cada discurso (quem diz o que, como, por que, com que intenção...) sem extremismos/determinismos, do tipo “desligar a TV” e ter certeza de que nunca mudará de opinião, ou reforço de polaridades (direita x esquerda; certo x errado, ainda impregnados em algumas falas da turma, na contramão da mente aberta/*metamorfose ambulante*).

Embasados por esse pensar, associamos o tema com os nossos propósitos na elaboração do documento norteador, que daria “unidade” ao trabalho de campo. Durante a leitura coletiva do esboço rascunhado por cada colaborador/a presente, identificamos similaridades/diferenças, delineando o jeito singular da EduColaborAção (vide pág. 106).

#### 4.3.1.3 Falando sobre diversidade

No 5º encontro presencial, apresentei conteúdos noticiosos de gêneros distintos sobre a polêmica exposição no Santander, que abordava a diversidade sexual. O exercício foi propício para o conhecimento da linguagem jornalística em prol de uma abordagem crítica com base nos princípios “educolaborativos” elaborados em grupo.

Figura 10 - *Print Post* Fórum da Diversidade



verusapinho 9 de Out de 2017

### O caso Santander

54 visualizações 9 comentários

Abaixo, segue uma série de conteúdos noticiosos de gêneros distintos sobre a polêmica exposição no Santander. Este exercício será oportuno para aprofundar conhecimentos a respeito da linguagem jornalística e instigar a elaboração de propostas para uma abordagem formativa/crítica com base nos princípios “educolaborativos” elaborados em grupo. Após a leitura, faça as suas contribuições nos comentários.

- [Reportagem El País](#)
- [Entrevista El País](#)
- [Artigo El País](#)
- [Artigo Estadão](#)
- [Artigo Mídia Ninja](#)

4 ❤️



taianesilva2016

15 de Out de 2017



Editado: 15 de Out de 2017

Acredito que a arte é diversa e portanto tem que aqueles que não gosta, e quem goste.

Mas diante dessas diversas reportagens sobre o mesmo assunto, porém que cada uma tem uma forma diferente de expor opiniões, facilitando a formação de leitores críticos.

O Artigo Estadão é o que mais me chamou atenção por ser uma mãe falando (não um artigo jornalístico padrão) de como ela se comporta diante da diversidade de gêneros e de cultura e como ela transmitir essas informações pro seu filho!

2



Pedro Filho

16 de Out de 2017



Em um mundo diverso e mutante em que vivemos, nada é de se espantar.

No interior do Nordeste do Brasil, conhecemos alguém ou temos na nossa família algum parente que já praticou sexo com animais, nos tempos da escravidão, as mulheres negras eram obrigadas a fazer o que os patrões brancos queriam, hoje em dia, adultos fazem sexo com crianças e até com recém nascidos, as mulheres sofrem ataques racistas e preconceituosos a todo tempo, a religiosidade virou uma bagunça, até orações são vendidas ou tocadas por bens, ou seja, a exposição do Santander mostrou nada mais o que existe desde os tempos antigos até agora.

Outrora, não há necessidade de tal, pois, arte é aquilo que nos enche os olhos, que nos alimenta, que sirva de lição para nossos jovens, que incentive e/ou aflore o talento e o dom das pessoas, porém, afrontar e interrogar é sempre bom.

4



verusapinho

16 de Out de 2017



É isso, Pedro: a arte está aí desde a origem humana a fim de nos provocar, "tocar na ferida", trazer à tona os piores tabus. Em alguns momentos, é sinônimo de contemplação; noutros, de náusea/aversão. Quanto mais polêmico o tema e a linguagem escolhida, aumenta-se a probabilidade de uma catarse de emoções. Por exemplo, uma pintura não causa o mesmo impacto de um artista vivo, pronto para ser tocado pelo público como uma escultura móvel. Fazemos as próprias escolhas e é isso que nos torna tão diferentes, diversos e únicos em nossas identidades. Mas o que destacaria dos textos lidos? Alguma informação apresentada foi nova ou contribuiu para seu conhecimento de mundo? Com qual gênero (entrevista, artigo ou reportagem) mais se identificou?

1



Josy Almeida

16 de Out de 2017

Editado: 17 de Out de 2017

Parafrazeando Nando Reis: "Decupla, estou um pouco atrasada, mas espero que ainda dê tempo (...)": rs

Bem, eu ouvi falar sobre esse episódio do Santander bem por cima, a partir dos textos sugeridos aqui fiquei por dentro do assunto.

Proponho que para iniciar as discussões acerca do tema precisamos saber quem está por trás das polêmicas levantadas neste caso e no caso do MAM, então vamos saber quem é o MBL e suas propostas.

Diante da atual conjuntura, em que estamos presenciando momentos de retrocesso com essa crise política instalada a fim de derrubar a primeira mulher presidenta do Brasil, as estratégias das bancadas que estão no comando do país, diga-se de passagem bastante conservadoras, é atacar todos os direitos conquistados através de muita luta do povo. Se a gente observar direitinho quem são as primeiras pessoas que têm sido atacadas com essas leis que estão sendo votadas vamos ver que são as "ditas minorias sociais", ou seja, as mulheres, a classe operária, @s LGBTQs, @s negr@s e por aí vai. Nesse sentido, o MBL tem atuado em defesa da boa moral e dos bons costumes familiar (e aí a gente pode pesquisar quem foram @s deputad@s que votaram a favor do golpe em nome da família e de Deus), el@s fazem isso de forma intolerante e agressiva. E quem é que diz o que são "bons costumes"?

A gente vive num país multicultural, onde há uma diversidade enorme e era pra ser um país laico e democrático também, mas isso ainda é utopia; porque se a gente observar em vários espaços públicos, inclusive estaduais, veremos símbolos que representam apenas a uma instituição religiosa, então a intolerância já parte daí.

Mas, voltando pro caso do Santander, quero destacar um trecho do artigo do EL PAÍS que tem como

título "*Queermuseum: ninguém é obrigado a visitar uma exposição*".

"Ao longo da História, já existiram aqueles que não gostavam da democracia e suas liberdades – e as cancelaram. Aqueles que não gostavam dos judeus e os exterminaram. Aqueles que não gostavam dos livros e jornais e os queimaram nas fogueiras da Inquisição. Hoje, há pessoas que continuam matando os gays porque não gostam deles. Ou que apedrejam templos religiosos que não estão de acordo com sua fé – como aconteceu com uma mãe de santo, obrigada à força a destruir seu próprio terreiro em Nova Iguaçu, no estado do Rio. "

Compreendo que as pessoas não precisam gostar de tudo, mas precisam respeitar tod@s. A censura nunca foi respeito a nada, ela é uma forma perversa de opressão extrema, é uma maneira de agredir algo que el@s não concordam, como foi o caso das obras de arte expostas no Santander.

Você expressar que não gosta de uma coisa é tranquilo, o que não pode acontecer é você querer impor seu pensamento sobre as outras pessoas e chegar ao extremo; como é citado em um dos textos: Isso é Fascismo.

OBS: Gostei bastante de todos os textos, as escolhas foram ótimas.

Abraços a tod@s

1 ❤️



Josy Almeida

16 de Out de 2017

Editado: 16 de Out de 2017

Deixo como sugestão essa cantiga de Caio Prado que dialoga sobre a censura: [Não Recomendado!](#)


\*A placa de censura no meu rosto diz

Não recomendado à sociedade\*.

1 



Anne Bacelar


17 de Out de 2017 

Editado: 17 de Out de 2017

No mundo midiático e globalizado a ignorância social e cultural vive na obscuridade da incultura onde expressar opinião é agredir, ofender e desmoralizar. A diversidade ainda é uma terra inexplorada e desconhecida e cada ser pensante tem o poder de viralizar sua interpretação conduzindo a massa a uma história ou histeria cultural Ivana Bentes professora, curadora e pesquisadora e colaboradora do mídia ninja compara a *demonstração vasta de ignorância em relação as formas disruptivas da arte no falar de comportamento, crenças, valores* aos "degenerados" e execrados nos movimento nazista dos anos 30, incitando o ódioartivismo e alimentando um exercito de zumbis que passou a perseguir os movimentos vanguardistas modernos. A jornalista, escritora e colunista do Estadão **RITA LISAIUSKAS** vivenciou isso ao ser atacada, e ofendida (de forma machista e até grotesca) por expressar e defender sua opinião, particularmente minha opinião se confunde um pouco com a dela e acredito que tem que haver um nível cultural de entendimento por parte das pessoas que frequentam tais exposições, (independente da idade) No entanto como foi citado "*Queermuseum: ninguém é obrigado a visitar uma exposição*". Me identifiquei com a forma de expressão do EL PAÍS, de forma ampla e com linguagem clara ele expôs todos os ângulos da problemática para que cada dúvida fosse esclarecida colocando o teor educativo e não opinativo na reportagem apesar do cancelamento da exposição.



Igor Fagner

17 de Out de 2017 

**O avô, o neto e o jumento**

Há muito tempo, viajando pelo interior, seguia um velho que vinha montado em seu jumentinho, conduzido por seu netinho, que puxava o animal pelo cabresto. Aquela jornada estava longe de ser um lazer. Eles tinham como finalidade ir a uma feira na cidade grande, onde tentariam vender o animal de estimação e conseguir dinheiro para o sustento do velho e seu único neto, órfão de pai e de mãe.

E assim seguiram caminho afora. Ao passarem por um vilarejo, e tendo em vista haver ali muitas pessoas, logo começaram as críticas:

"Que absurdo!", falava aquela gente, com os ânimos bastante exaltados ao ver a criança a pé e o velho montado no jumento. "O juizado da infância e da juventude tem de saber disso e tomar as devidas providências! Como pode uma coisa dessas? Que desnaturado!", comentavam.

Sentindo-se desconfortável diante daquela situação tão constrangedora, o velhinho de pronto trocou de posição com o menino, que agora seguia montado no jumento com o avô puxando o animal. "Bom, agora certamente acho que ninguém ficará chocada, nem falará nada!", pensou ele.

E assim tocaram em frente sua jornada. Mas, ao entrarem num novo vilarejo, novamente ouviram novas críticas:

---

"Que absurdo! Coitado do velhinho! Ele é quem tinha de estar montado sobre o jumento, não o menino! Isso não é possível! Que mundo é esse onde ninguém respeita o estatuto do idoso? Aonde nós vamos parar?", era o que se ouvia.

E novamente o bom velhinho, quase sem saber mais o que fazer, fez outra troca. Sentou-se sobre o jumentinho com o menino e, assim, continuaram sua jornada.

Na cidade seguinte, os comentários foram muito mais fortes:

"Olhem que absurdo! Coitadinho do pobre jumento, carregando esses dois marmanjos! A sociedade protetora dos animais devia tomar alguma providência!"

Moral da história: nunca será possível agradar a todos. Quem insistir, certamente será um frustrado na vida.

Deus tem dado a fé para que cada um **ande de acordo com ela**. Não de acordo com a opinião alheia!

Via: [blogs.universal.org](http://blogs.universal.org)

1 



jr.criativo

17 de Out de 2017 

Editado: 17 de Out de 2017

A palavra da vez neste momento é respeito mútuo (Que se faz reciprocamente entre duas ou mais pessoas ou coisas. = MUTUAL, RECÍPROCO), onde o indivíduo vive em uma sociedade com mentalidades, modo de vida e princípios diversos. A liberdade de expressão não deve e nem pode ser limitada, putada, cortada e/ou censurada, mas quem expõem publicamente algo que cause impactos ofensivos/negativos por parte de qualquer classe social, tribo, grupo e/ou indivíduo de qualquer natureza. Todos devem ter o cuidado para não fazer o próximo sofrer a essência vida de fazer o bem, ajudar o próximo, cuidar, viver em harmonia...

Veja uma resposta de alguém no texto da entrevista:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/14/politica/1505394738\\_622278.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/14/politica/1505394738_622278.html)

Trecho extraído da entrevista: "A arte deve e pode falar sobre tudo que ela quiser. Isso não significa que a liberdade de alguns artistas não seja limitada por alguns aspectos pontuais. Por exemplo, se você tem uma obra de arte que, para ser feita, vai causar algum tipo de transtorno em alguém ou algum ser, você precisa ponderar se vale a pena ou não. Vale a pena fazer uma obra de arte que fará alguém sofrer? Imagina uma instalação que vai colocar uma pessoa numa caixa duas semanas, onde ficará isolada e vai sentir angústia, porque quero representar angústia. Acho que nem tudo é possível e nem tudo pode ser feito. Você não pode matar alguém e falar que é uma obra de arte. Esses limites são bem pontuais e não foi o caso de Porto Alegre em que uma exposição inteira foi cancelada."

0 



verusapinho

17 de Out de 2017

Editado: 17 de Out de 2017

Pois é, Júnior: Se @ artista quiser se submeter a esta experiência (de ficar encaixotado por livre e espontânea vontade, sendo maior de idade, claro!), pode ser considerada arte sim. E por que não?! Nas tribos indígenas, os rituais de passagem para a fase adulta são repletos de sacrifícios, como fazer voto de silêncio durante meses e deixar-se picar por formigas venenosas. Cabe a cada um de nós fazer as próprias escolhas: se não estivermos preparados psicológica e fisicamente para tal "inovação", é só não participar, mas também não devemos fazer campanha negativa sobre algo que não conhecemos, não "dominamos", está fora do nosso contexto, entende? A ciência usou e ainda usa métodos similares ao que trouxe como exemplo, não apenas com outras espécies, como macacos, ratos e cães, mas até com seres humanos, em nome da cura para determinados transtornos ou doenças. Ai entram questões éticas e de direito à vida... Graças ao avanço tecnológico, alguns testes em seres vivos vêm sendo substituídos por protótipos/bonecos. Conseguir esse meio termo pra tudo é o desafio! Toda obra de arte causará impacto, inclusive negativo como citei (aversão/nojo, a depender do tema e da linguagem escolhida para abordagem). Perceba que em uma das matérias a obra *O Grito* é citada como extremamente incômoda para uma criança, porém nunca foi considerada absurda ou tirada de circulação. Temos de buscar a origem das coisas e contextualizar os fatos sempre! Um breve passeio pela história nos traz inúmeros exemplos, que, em outros momentos, sequer eram criticados. Levemos em conta este momento de 'crise' geral pelo qual o nosso mundo está passando e façamos a nossa parte, começando pela **autovigilância constante**, que a colega Luna tão bem chamou atenção em nosso documento norteador.

Fonte: <https://educolaborar.wixsite.com/jornalismo/forum/analise-de-midia/o-caso-santander>

Neste último módulo teórico (Diversidade), nosso orientador teve participação especial, problematizando o debate, durante aproximadamente 1h, com base em aspectos do multi-interculturalismo apresentados através dos *slides*, sempre retomando conteúdos do Fórum e de encontros passados, na referência a outros autores e experiências dos colaboradores. Ao trazer exemplos folclóricos no âmbito cultural (Dia do Índio nas escolas), Antenor gerou acirrada discussão na sala, sobretudo, a partir da indagação de Richard: “Como lidar quando minha sobrinha chega da escola caracterizada?”, ao que alguns partícipes lembraram diferentes maneiras de adaptação da linguagem para o público infanto-juvenil: mantendo a fantasia, porém sem deixar de lado olhares que revelam aspectos sociais, por vezes, negativos, mas que tendem a contribuir para a formação humanística dos pequenos.

O percurso evolutivo de campanhas periódicas, como o *Novembro Negro*, na ampliação da consciência em torno de assuntos específicos também floresceu no encontro, que ainda abrangeu *currículo oculto*, generalismos e caricaturas do universo midiático (sem valor emancipatório e formativo, ao encobrir problemas reais). Propondo ir além do romantismo/exotismo, a roda de conversa amadureceu em torno de discursos políticos considerados preconceituosos, diante da consulta a depoimentos polêmicos de Trump,

Bolsonaro e do grupo político de Temer. Novamente chamamos a atenção para o efeito inverso (campanha positiva) de compartilhamentos descontextualizados, com destaque para a *vigilância constante* que sinalizamos no documento norteador. “Não podemos julgar fora do seu tempo, da sua cultura, da sua historicidade, nem mesmo os portugueses, a escravidão... Não fazemos o mesmo de outras formas na atualidade?”, afirmara, sabiamente, Antenor

Figura 11 - Registro do 5º encontro



Fonte: Própria

Dias depois, tive a oportunidade de participar do 8º Simpósio Internacional de Educação e Comunicação (Simeduc)/VI Seminario Hispano Brasileño: Investigación en Información, Documentación y Sociedad, em Aracaju/SE, com apresentação de artigo relatando a trajetória formativa em questão, e interação na oficina “Transparência Pública e Cidadania: Competências para o Aprender Coletivo nas Redes”, liderada pela jornalista e professora da Universidade de Brasília (UnB) Márcia Marques. Naquele momento, conheci Valéria Bari, autora da epistemologia da dissertação *Por uma epistemologia da Educomunicação* (a qual tive acesso a partir de então, reforçando o aprendizado acerca da categoria temática.). Vale ressaltar que o estudo teve orientação de um dos mais renomados teóricos da área: o prof. Ismar de Oliveira Soares.

Com tantas ferramentas em mãos, inspiração não faltou para elaboração de novos *posts*, cujos assuntos incluíram dicas para identificação de *fake news*; pautas e linguagens multimidiáticas (TV, rádio, impresso e *web*), com técnicas de redação/fotografia e vídeo, além da transparência pública/cidadania, este último com subsequente distribuição de exemplares das cartilhas do projeto De Olho na Transparência, recebidos durante a referida oficina.

#### 4.3.2 Os cines-debate: printando contestações

Para Thiollent (2009), a pesquisa-ação tem função política, estando intimamente relacionada com o tipo de ação proposta e os atores considerados. Nela as pessoas implicadas querem dizer ou fazer algo, além da preocupação de que o conhecimento gerado não seja de uso exclusivo do grupo investigado. “A investigação está valorativamente inserida numa política de transformação” (*idem, ibidem*, pág. 47).

Desse modo, os vídeos escolhidos para os nossos cines-debate apresentavam, justamente, essa dupla função: aprofundar a discussão em torno da temática anunciada pelo módulo no qual estava inserido, bem como levar cada colaborador/a à autorreflexão diante de seus ambientes de atuação, fosse como profissionais da Educação e/ou Comunicação, cidadãos comuns, membros de família, educandos e tantos outros aspectos assumidos enquanto sujeitos. É o que demonstra, por exemplo, os comentários expostos abaixo a respeito do 2º cine-debate, que enfatizou entrevistas e palestra com Mário Sérgio Cortella, disponíveis no Youtube:

- [A Mídia como Corpo Docente](#)
- [Que força tem a Televisão?](#)
- [Relações de Poder](#)

O que mostra Cortella é o modo como o modelo do consumismo desenfreado na nossa sociedade tem provocado mudanças nas relações pessoais, afastando as pessoas, degradando a vida e a natureza. Nesse sentido nos provoca a refletir sobre a responsabilização coletiva das instituições sociais, a exemplo da família, escola e mídia, com sua capacidade de formação, além de destacar que essas instituições também desenvolvem ou podem desenvolver o seu potencial transformador e educativo. Assim, Cortella explica que podemos ser telespectadores/leitores/cidadãos críticos e isso depende, principalmente, do modo como somos ensinados/educados nestes diversos espaços sociais de construção de saberes, valores e princípios.

Luna Lays<sup>67</sup>

---

<sup>67</sup> Os depoimentos e miniperfis aqui expostos foram revisados ortograficamente e/ou traduzidos para a língua

[...] Acho interessante quando ele diz que a emoção do dia a dia é transferida para a televisão, pois isso é uma realidade cotidiana. Todos os dias acompanhamos uma enxurrada de misérias por todo o mundo, quando, ao mesmo tempo, as misérias também acontecem na casa ao lado e muitas vezes nos sensibilizamos mais com o que está distante, como se nossas emoções estivessem mais canalizadas diante do real. Os vídeos, de modo geral, nos alertam para os tipos de relações que estamos tendo com as pessoas e como a mídia, em particular a televisão, com sua natureza educativa/domesticadora. Por isso a importância da formação crítica, pois a televisão por si só não tem existência, o ser humano é que a faz.

*Josy Almeida*

Mário Sérgio Cortella foi orientando de Paulo Freire, o que falar... Qual a dificuldade em construir uma escola sem hierarquia e opressão, com respeito e valorização das diferenças? Quando vamos entender que o mundo é plural e a escola também deve ser? Hoje eu falo muito mal da televisão, esqueço que fui criada em uma casa em que a televisão se ligava ao acordar até a hora de ir dormir. Ela fez parte da minha formação, a falta de representatividade na televisão me afetou muito. Alisei o cabelo nova porque quase nunca existiam meninas de cabelos cacheados na TV e eu precisava me encaixar no padrão. Na sala de aula, como trabalhar com aquele aluno que chega com 200 horas de televisão assistidas?

*Graziela Gomes Santos*

Ao conceituar o trabalho crítico, Dolabella (2015) destaca aspectos como argumentação e tensionamento de diferentes pontos de vista, a partir da interação entre os sujeitos e o objeto de estudo (mediações), alimentando a dinâmica de mobilização da esfera civil, com repertórios de informação e “estoques cognitivos” (GOMES, 2003), tão necessários à prática cidadã.

Para Koch (2006 *apud* SANTOS, 2010), o valor ilocucionário de um enunciado pode ser realizado de maneira indireta, já que, ao produzir um discurso, o ser humano se apropria da língua, instituindo-se como “eu” e constituindo, ao mesmo tempo, o outro como seu interlocutor (princípio da alteridade), por meio do jogo de representações e imagens recíprocas que entre eles se estabelece. A competência discursiva está, pois, relacionada à intertextualidade e aos efeitos pretendidos.

Foi nesse limiar que nossos cines-debate se desenrolaram: muito além de espaço para veiculação de mensagens, os *posts* dessa atividade configuraram-se em ambiente de enfrentamento das diferenças, negociação de sentidos e livre discussão, proporcionando

---

portuguesa, no caso das falas de Giampiero, de origem italiana, a fim de manter a formalidade do texto dissertativo. No entanto, as marcações de linguagem podem ser analisadas nos *prints* do Fórum da Diversidade, nos quais as falas se mantêm totalmente fiéis aos aspectos identitários de seus autores.

esclarecimento e percepção ampliada pelo desenvolvimento de novas significações e, por vezes, atitudes.

É o que revela a fala da colaboradora Tamara (vale lembrar, formada em Jornalismo), referente ao 1º cine-debate ([Programa do Observatório da Imprensa sobre Mídia & Educação](#)). Ao lado de outros depoimentos, direcionamos alternativas para responder ao questionamento: De que modo o Jornalismo “Educolaborativo” pode contribuir para a (in)formação crítica na/para a Diversidade?

Quanto à indagação do jornalista e professor universitário Alberto Dines, se a mídia não disponibiliza espaço (necessário) para a editoria de Educação por falta de interesse dos pais no futuro dos filhos ou dos veículos que estão desestimulados no seu próprio futuro, acredito que os dois casos influenciam diretamente na falta ou no pouco espaço destinado à Educação. Mas também temos que questionar: Qual a importância que os políticos (em todas as esferas) têm dado ao assunto? E a sociedade, qual a sua preocupação de fato com a Educação? Os profissionais da Educação têm buscado falar das práticas, o que de bom acontece e o que precisa melhorar? Esta discussão é MUITO ampla e, apesar do clichê de que a Educação “não vende”, corroboro com a opinião do jornalista Antônio Gois de que devemos aprofundar o assunto, provocar discussões, ir atrás de profissionais e colocar a Educação em lugar de liderança e protagonismo. No entanto, percebo os avanços. Vemos, inclusive nas tevês abertas, programas que dedicam espaços significativos para contar histórias de sucesso de escolas, projetos, profissionais, alunos, dentre outras coberturas de interesse da área. Assim, sugiro assumirmos a “mea culpa”, todos! Só assim iremos avançar.

*Tamara Leal*

Nesse contexto, o 3º e último cine-debate trouxe uma [Aula do Instituto Federal do Espírito Santo \(IFES\) sobre Inclusão Social e Cultura na perspectiva da Educação](#). Ao ler os *posts* de cada membro participante, somos levados a um horizonte além-fronteiras, pós-preconceituoso, de enfrentamento e luta social, inclusivo e mais humano.

“Algo é silenciado quando falamos em diversidade cultural e inclusão social no Brasil”. Recentemente numa atividade curricular da matéria Cultura Brasileira percebi que os colegas universitários não só desconheciam a diversidade cultural do nosso país como a julgavam pobre, desinteressante e até vergonhosa, demonstrando a má qualidade do estudo da nossa história para os herdeiros desta terra. Então me perguntei: Como é possível respeitar a própria história e sua gigantesca diversidade sem ao menos conhecê-la? Acredito que a diversidade cultural do nosso país na perspectiva educacional está se formando baseada pelo comando das mídias tecnológicas e das massas. Concordo quando o professor cita: “Somos todos uma produção (invenção) social baseados em um conjunto de crenças, sentidos e valores que constituem grupos sociais distintos e maniqueístas”. A inclusão social e a diversidade cultural na visão sócio-educativa no Brasil é um processo que hierarquiza, causando divisão e desigualdade social; a representatividade dos grupos é incompleta e ineficiente, gerando uma inclusão que inclui excluindo, que celebra o

outro apenas por um dia desde que ele permaneça no seu desigual, negando sua visão de mundo, identidade, emancipação social, silenciando uns e subalternizando outros. São inúmeras as histórias que nos guiam nesta transição para a formação do indivíduo que busca a inclusão como saída para se reconhecer dentro de um meio social. Somos todos *homo sapiens*, o professor falou, e é exatamente assim que EU (particularmente) me sinto, mesmo que precise definir grupo que defenda meus direitos - teoricamente garantidos por lei. Não me “vejo” como diferente, mas me “sinto” como diferente quando o outro me impõe tal condição me inferiorizando ou me diferenciando de alguma forma. Precisamos mudar esses conceitos errados, ter uma nova visão ética do “educar”. [...] A educação é a base de um povo [...] e o respeito é a base de toda educação. A PESSOA é muito mais importante que o politicamente correto imposto pelo sistema e a diversidade e a inclusão são direitos de todos, independentemente de grupos, raças ou categorias.

Anne Bacelar

Para nosso colaborador estrangeiro e jornalista, Giampiero Valenza, a mensagem principal para conviver com as diferenças culturais na contemporaneidade ficou gravada nas palavras do célebre educador Paulo Freire: "Educar é um ato político".

[...] A frase de Freire nos faz pensar. Na Itália, por exemplo, os professores começaram a colecionar assinaturas para pedir ao parlamento uma lei sobre o *jus soli* (o direito de cidadania obtido para o nascimento). Hoje, na Itália, você pode ser italiano para o *jus sanguinis* (direito do sangue, então se você tem pais ou avós italianos). O resultado é que hoje há muitos jovens (nascidos na Itália, falando em dialetos, perfeitamente integrados) que têm cidadania de países que nunca visitaram. O que significa ser um cidadão de uma nação hoje? As fronteiras do século XIX estão caindo e precisamos reorganizar um sistema político de inclusão e compartilhamento.

Na opinião de Luna Layse, também formada em Comunicação, o vídeo nos leva a refletir sobre valores que geralmente internalizamos, mas são resultantes de construções e práticas instituídas socialmente.

[...] Ninguém nasce homem ou mulher, conforme destaca Gustavo Forde. Mas nós aprendemos desde a infância quais são as características associadas aos homens e às mulheres. Na escola, essas visões dicotômicas e também preconceitos costumam ser reforçados. Principalmente quando pensamos o currículo imerso nas relações de poder da sociedade. Não há espaço para expressão das diferenças! E isso pode ser identificado, inclusive, na obrigatoriedade de uso de fardamento escolar. MOREIRA; CÂMARA (2008, pág. 191) destacam que “a identidade do grupo precisa se mostrar publicamente para se manter”. Entretanto o que tem prevalecido é uma educação homogeneizadora, com referenciais hegemônicos e currículos que priorizam conteúdos conservadores. Assim, Gustavo Forde irá destacar que a inclusão social e a diversidade na perspectiva da emancipação podem contribuir para a mudança de visão e emergência de um novo paradigma.

“Reeducação do olhar e das práticas a fim de superar os estereótipos que pairam sobre os sujeitos, suas histórias, potencialidades e vivências” é a bandeira levantada por Josy, que,

assim como a colega Grazi, chamou atenção para o papel das instituições de ensino no desenvolvimento de ações nesse sentido, enquanto ambientes férteis para a concepção e ressignificação de conhecimentos.

[...] Começo a discussão com essa frase, por compreender que, apenas através de uma nova estrutura educacional, será possível construir uma sociedade menos desigual. A produção do conhecimento é a base da evolução social. [...] O vídeo traz uma discussão muito pertinente sobre diversidade e inclusão, pois cada sujeit@ tem um jeito de ser e interagir com @ outr@, cada sujeit@ tem um jeito de estar perante a sociedade e diante de si mesma [...] Dessa forma, é necessário problematizar os modos de relação que operam por meio de instrumentos de poder da figura do homem-branco-hétero, como se as outras formas de ser sejam invalidadas e não houvesse outras possibilidades de relação.

*Josy Almeida*

Figura 12 - *Print* recorte *post* Fórum da Diversidade: Cine-debate III

 Graziela Gomes Santos 23 de Out de 2017

Oi gente!  
São tantos pontos, não sei nem por onde começar.  
Pensar em diversidade cultural e inclusão social pode abrigar uma nova ética. É necessário uma escola baseada no respeito e valorização das diferenças. Essa sim é uma escola que precisamos.  
Uma sala de aulas com 30 alunos com interesses, religião, origem e vivência diversas ainda se aplica uma aula comum a todos.

Se formos analisar o currículo de História da UNEB veremos a bagunça que é, temos 450 horas de Europa, 90 de América. Quase não estudamos nada de América, nosso continente, o interesse ainda é a cultura dos colonizadores. Alunos entram no curso sem saber nem o que é América Latina. Estamos tão distantes do nossos vinhos, mas tão perto do outro lado do Atlântico.

Bom, a minha mudança começou no segundo semestre do curso de História. Nesse curso stou reforçando tudo que venho aprendendo na graduação de História e por aqui já aprendi e entendi que não necessito boicotar a televisão, os canais abertos, devo mesmo é filtrar o que a televisão oferece.

rs

Uma coisa muito interessante que o professor coloca no final da aula é: tudo é construindo, ensinado no processo de socialização, se aprendemos o que somos hoje, não podemos aprender a ser diferente? Como eu sou religiosa, todos os dias eu oro para que o mundo seja melhor, que as diferenças sejam respeitadas, que a lei maior seja a do AMOR, independente de cor, religião, orientação sexual, classe social...

Deixo aqui um vídeo da escritora Lili Prata sobre a questão das diferenças, tolerâncias e mudanças.



Fonte: <https://educolaborar.wixsite.com/jornalismo/forum/compartilhando-saberes/cine-debate-iii>

### 4.3.3 O “zap-zap”: uma variável informal

Durante todo o curso, o aplicativo WhatsApp, popularmente apelidado de “zap” ou “zap-zap”, foi utilizado para diferentes fins, conforme descrito brevemente no tópico *Algumas Polêmicas*. Da divulgação dos próprios trabalhos, sobretudo, no caso dos comunicadores, a *cases* factuais, como situações de violência contra a mulher, denúncia de transfobia, exposições artísticas (“corpo nu”) e campanhas publicitárias (Dove e Personal Vip Black), informações variadas eram compartilhadas por meio de fotografias, memes, notícias e até artigos científicos, ocasionando reflexões acerca de diferentes temas, que abrangiam as tantas desigualdades existentes em nosso país, como a de classe, gênero e racial.

Ações de interesse público, como a votação do projeto Escola sem Partido no município jacobinense, com críticas acaloradas; iniciativas de ONGs e do Ministério Público, ao lado de atividades sócio-culturais e esportivas também compuseram o acervo da pesquisa via dispositivo móvel. O app<sup>68</sup> serviu, ainda, para dar continuidade aos apontamentos presenciais, retomando críticas sobre a análise da mídia e seu poder de manipulação diante dos fatos, e, como não poderia deixar de ser, para envio de saudações diárias e mensagens de pensamento positivo.

No entanto, importante pontuar a falta de traquejo de alguns membros do grupo para aproveitar os dados compartilhados via “zap” ou perfis pessoais em rede social (fanpage) no desenvolvimento das matérias, bem como a insistência em manter o tom opinativo e, por vezes, sensacionalista na discussão, quando deveríamos atingir o estágio da argumentação através de um debate “sadio”. Ainda assim, o questionamento de situações pessoais visando à solução coletiva de determinados problemas demonstrou um quê de aprofundamento da criticidade no decorrer do processo formativo.

Um exemplo foi o vídeo compartilhado por Taiane, no qual seu sobrinho demonstrava insatisfação em ir para escola após castigo da professora com ridicularização na frente dos colegas. Inspirada pela disciplina positiva, questionamos a postura da docente e aconselhamos a promoção do diálogo/reflexão/autoanálise, compreendendo erros como inerente ao

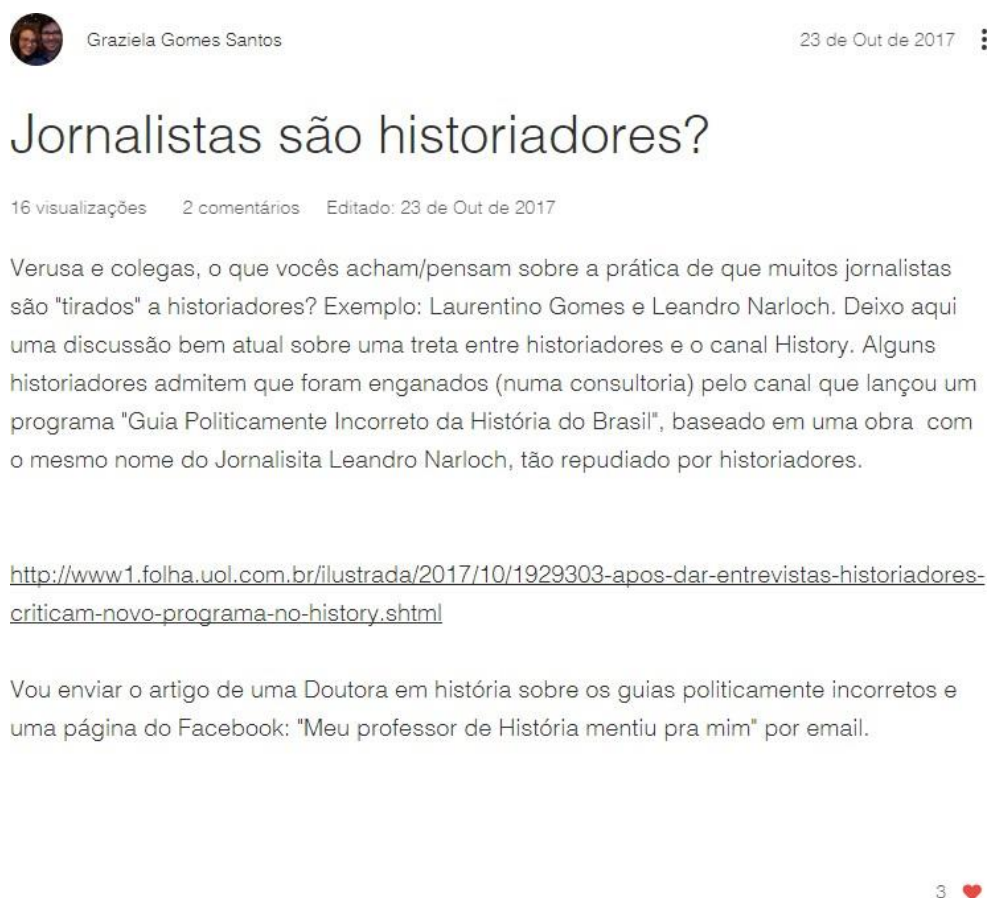
---


<sup>68</sup> Abreviação convencionada para o termo aplicativo derivado do inglês *application*.

aprendizado. Em áudio privado, a colaboradora informou sobre articulação que estava fazendo com outros responsáveis pelos menores para agendamento de reunião com o secretário de educação de sua comunidade (Saracura/Serrolândia) a fim de resolver o impasse, já que a mesma professora havia sido alvo de críticas em outros momentos.

Vale pontuar que atividades do Grupo de Pesquisa passaram a ser compartilhadas de modo recorrente por esta pesquisadora e por outros integrantes da equipe, inclusive nos seus próprios veículos de comunicação, como *sites*, no caso dos comunicadores. Taiane e Júnior, por exemplo, chegaram a participar do Encontro Internacional de Cultura Visual, Educação e Linguagens, bem como do Prêmio de Fotografia. Jr. Publish ainda ingressou Cult-Vi como membro do grupo de pesquisa. Em realce, segue *post* nascido no “zap-zap” e aprofundado nas ponderações do Fórum da Diversidade:

Figura 13 - *Print post* Fórum da Diversidade



 Graziela Gomes Santos 23 de Out de 2017


## Jornalistas são historiadores?

16 visualizações · 2 comentários · Editado: 23 de Out de 2017

Verusa e colegas, o que vocês acham/pensam sobre a prática de que muitos jornalistas são "tirados" a historiadores? Exemplo: Laurentino Gomes e Leandro Narloch. Deixo aqui uma discussão bem atual sobre uma treta entre historiadores e o canal History. Alguns historiadores admitem que foram enganados (numa consultoria) pelo canal que lançou um programa "Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil", baseado em uma obra com o mesmo nome do Jornalisita Leandro Narloch, tão repudiado por historiadores.

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/10/1929303-apos-dar-entrevistas-historiadores-criticam-novo-programa-no-history.shtml>

Vou enviar o artigo de uma Doutora em história sobre os guias politicamente incorretos e uma página do Facebook: "Meu professor de História mentiu pra mim" por email.

3 



Roberto Marinho

23 de Out de 2017

Bom dia cara colega e demais,  
Adorei a provocação postada, uma vez que entre as muitas colocações realizadas neste espaço tenho visto a preocupação dos nossos colegas com o comprometimento da informação. Mas, deixo aos formados em comunicação o espaço para pensarem e nos agradecerem com suas considerações. Mas, devo registrar que, ao mesmo tempo que refletia sobre sua provocação de "jornalistas são historiadores?", me peguei questionando o fato de ser um historiador atuando como jornalista, e se "historiador é jornalista?". Basicamente o questionamento gira em torno de formação, uma vez que sabemos que o currículo do curso de história nos direciona ao desenvolvimento das habilidades de investigação, reconhecimento da "verdade", e construção de narrativas/discursos. Mas, ainda assim, estaria eu capacitado para atuar numa área que me falta formação específica?

Quanto as leituras sugeridas, devo dizer que adorei as reflexões nelas propostas, me fez pensar alguns momentos de verdadeira indignação vividos no curso de história, quando descobria respostas e abordagens a fatos apresentando de formas "levianas" na educação básica. Para contextualizar, recordo de uma aula de Brasil, onde estudávamos a Revolta da Vacina e como os interesses do Estado e da Elite foram cruciais para o movimento, e a indignação veio ao lembrar a abordagem feita na época da escola sobre a temática, onde a revolta fora resumida apenas à ignorância das chamadas classes baixas, diante do "serviço de vacinação".

Parabenizo a provocação!

1



verusapinho

23 de Out de 2017

Editado: 23 de Out de 2017

Então, a ideia é que @s jornalistas saibam articular diferentes fontes em seus textos, ou seja, entrevistar especialistas e profissionais das mais diversas áreas do conhecimento. Cada saber tem seu lugar e importância! É necessário estarmos atent@s pra isso e sermos humildes para reconhecer que estamos longe de "saber tudo" (enquanto humanos, tal constatação se torna impossível)! A ideia de redes distribuídas, que está em um dos guias que apresento no *post* De Olho na Transparência, reforça essa tendência de buscarmos mediador@s/colaborador@s para a construção coletiva de conhecimento, metodologia que estou aplicando com vocês em nossa formação.

No entanto, gostaria de problematizar o material que enviou por *e-mail* a respeito das ideias polêmicas do jornalista Narloch. Por mais absurdo que pareça seu ponto de vista, precisamos refletir...

É sabido que alguns "heróis e bandeiras da esquerda" recaíram no próprio discurso ao longo da história. Vimos isso com o Socialismo/Comunismo, que, em vez de proporcionar uma real igualdade de direitos, acirrou a política da indiferença/negação de individualidades (o filme *First They Killed My Father*, que indiquei em outro momento, revela justamente esse movimento opressor durante a Guerra do Camboja).

É claro que tudo depende da maneira como apresentamos os argumentos e se são mesmo conteúdos fundamentados ou mera opinião. O que percebi é que o jornalista em questão acaba generalizando os dados, o que é extremamente perigoso! E ainda declara a morte da esperança e possibilidade de transformação social, apagando a autonomia dos sujeitos e o potencial da cidadania.

Nosso desafio enquanto leitores críticos/cidadãos é justamente identificar/ diferenciar fato de ficção em meio à avalanche diária de informações. Estamos nesse processo, que espero amadurecer até o fim deste curso.

Fonte: <https://educolaborar.wixsite.com/jornalismo/forum/compartilhando-saberes/jornalistas-sao-historiadores>

#### 4.3.4 Nosso Documento Norteador: áreas de intervenção

Conforme referenciado na pág. 91, começamos a elaborar nosso documento norteador durante o 4º encontro e 3º módulo teórico, voltados para as práticas colaborativas. Após o compartilhamento de diversas experiências que dialogavam diretamente com nossa proposta, a turma amadureceu o debate via *web*, através do [Fórum da Diversidade](#), e na aula seguinte, efetuamos a leitura coletiva, revisando, tópico a tópico, os princípios e as práticas sugeridos. Abaixo, a conclusão a que chegamos quanto à indagação: Fazer um Jornalismo “Educolaborativo” é...

1. Considerar a função social e educativa da mídia, sobretudo, da Imprensa, na elaboração de informações contextualizadas, críticas e reflexivas, a partir do exercício investigativo e de argumentos sólidos;
2. Problematizar temas inerentes à Educação, relacionando-os ao contexto macrossocial, em prol de iniciativas transformadoras;
3. Incentivar a expressão comunicativa, autonomia e participação ativa dos sujeitos na produção de conteúdos noticiosos, sob o olhar das técnicas colaborativas (presenciais e virtuais);
4. Respeitar e dar visibilidade às diferenças culturais de indivíduos e grupos, com base na visão multi-interculturalista, contribuindo para a redução da desigualdade social e conquista de direitos no contexto da diversidade;
5. Instigar a participação dos diferentes profissionais na dinâmica (in)formativa, desde a sugestão de pautas à escrita e ao compartilhamento, dando espaço a variadas vozes (atuação em rede);
6. Potencializar, no fazer jornalístico, o uso das novas tecnologias, considerando-as, além da técnica, meios que suscitam processos, tendo em vista as múltiplas linguagens (texto/hipertexto, som, imagem) e suportes midiáticos, sobretudo, no âmbito da cibercultura,

integrando diferentes canais de comunicação;

7. Promover a aproximação entre conhecimento científico e saberes populares; universo profissional e discente; teoria e prática, possibilitando o intercâmbio de ações inovadoras e criativas;

8. Diversificar os gêneros jornalísticos para além de notícias (factual/fragmentado), através de grandes reportagens, perfis, entrevistas, artigos opinativos, dentre outros, socializando histórias de vida e experiências plurais;

9. Estimular a troca de ideias entre educadores-comunicadores, educandos e profissionais de outras áreas, no diálogo entre a responsabilidade/ética individual e coletiva, num movimento de autovigilância constante.

#### *4.3.5 Colaborador@s em Ação - Elaborando conteúdos noticiosos*

A partir do 2º mês de atividades, os integrantes do grupo tiveram a oportunidade de elaborar matérias supervisionadas, sendo eles mesmos fontes de informação, a partir da subdivisão nas tarefas de pauta, fotografia, gravação, transcrição, escrita e edição, como uma espécie de teste para a etapa final, em que estiveram imersos na elaboração de grande reportagem única, com acompanhamento virtual da pesquisadora. O último mês, guiado por encontros quinzenais, esteve voltado para a conclusão dos textos e da plataforma virtual, ao lado do documento norteador, além de avaliação através de grupo focal e definição de estratégias para divulgação dos conteúdos.

##### *4.3.5.1 Incursões Jornalísticas dos Educandos - Parte I*

Segundo Barbier (2002), há muito tempo, uma primeira corrente em Ciências Sociais havia se distanciado da Sociologia clássica, de tendência francamente positivista, propondo uma sociologia do acontecimento ou da cotidianidade, na qual a dimensão da vida coletiva não está excluída da pesquisa. Sob essa ótica, o/a pesquisador/a assume, então, diferentes papéis, entre a implicação e o distanciamento, afetividade e racionalidade, autoformação e heteroformação. Enquanto pesquisa-ação, nosso trabalho de campo pode se afirmar como transpessoal e

multirreferencial, ao dialogar com sistemas distintos de emoções e inteligibilidades. Diante de tal concepção, entendemos que esse tipo de estudo pergunta sobre o lugar do ser humano na natureza e sobre a forma de organização que lhe dá sentido e significância no contexto social do grupo a que pertence. Para Barbier (*ibidem*, pág. 63), o “[...] novo rumo da pesquisa-ação radicaliza completamente os procedimentos por um prolongamento das dimensões pessoais e comunitárias”, alcançando novas concepções que “[...] assumem plenamente a dimensão filosófica da existência humana requalificada”.

Parafraseando Glauber Rocha, “com uma ideia na cabeça e uma folha em branco nas mãos”, iniciamos a escrita das primeiras pautas. Dentre as sugestões, o grupo cogitou a possibilidade de escrever perfil, realizar pesquisa de opinião e até abordar o assunto *culturas tradicionais e longevidade*, mas devido à praticidade de entrevistar Cléa, que já compunha a equipe, bem como à peculiaridade da militância desenvolvida por ela no âmbito da luta pela causa da criança e do adolescente, sobretudo, através do projeto *Casa Rebeca*, optamos por essa temática e gênero textual. Dividida em duas equipes, a turma ainda organizou reportagem sobre a articulação da sociedade civil em prol da transformação social em Jacobina e região, a partir da trajetória de cada membro e de fontes externas indicadas.

Com registro no [Fórum](#) durante a aula destinada ao esboço das propostas (contendo questão, enfoque, indicação de fontes e sugestões de pergunta), o próximo passo foi encaminhar sugestões por *e-mail*, incluindo divisão de tarefas e prazos, material de leitura e dicas de formatação, acompanhando de perto esta etapa decisiva de nosso curso. Ao compartilhar fotos, áudios e vídeos, a fim de que todos tivessem acesso aos registros, especialmente os responsáveis pela transcrição e edição, compomos, pouco a pouco, o acervo da nossa pesquisa.

De problemas de liderança nos subgrupos à aparente falta de motivação de alguns membros, bem como de conhecimento técnico a respeito da postura e linguagem jornalísticas, esse primeiro momento superou expectativas, já que a turma abraçou a ideia de produzir reportagem estilo multimídia devido à experiência do colaborador Igor com filmagem/edição, e de Pedro, com locução. Dessa maneira, ainda no estágio inicial, elaboramos vídeo (de quase 8 min.) apresentando um recorte da entrevista com Cléa.

Anotadas as lacunas para complementação da parte escrita, o encontro seguinte (6º) foi marcado pela musicalidade. Após as demandas do “zap” no que diz respeito ao clipe [Matei o Presidente](#), do músico *Gabriel Pensador*, problematizamos o material, fazendo uma viagem ao passado político do país (*impeachment* de Collor), bem como à diversidade ambiental e cultural de nossa nação, representadas no vídeo pelas imagens de diferentes estados e profissionais de segmentos variados. Para o grupo, a mensagem deixada pelo artista (“os verdadeiros marginais são chamados de doutores e Vossa Excelência”; “a gente peca por excesso de paciência!”) foi a chave para a tentativa de retirar a produção do ar por parte do governo Temer, servindo, ainda, como inspiração para nosso trabalho.

De autoria do mesmo músico, a canção [Até Quando](#) manteve o clima “indignação x esperança” que tanto marcou o percurso formativo. Tal escolha foi feita por esta pesquisadora para embasar outras possibilidades a serem experimentadas no campo do Jornalismo Literário, como uso de poesia, ditados populares, pensamentos filosóficos e trechos de música, como o que finaliza a composição do *Pensador*: “Muda que quando a gente muda o mundo muda com a gente, a gente muda o mundo na mudança da mente, e quando a mente muda a gente anda pra frente, e quando a gente manda ninguém manda na gente; na mudança de atitude não há mal que não se mude nem doença sem cura, na mudança de postura a gente fica mais seguro, na mudança do presente a gente molda o futuro, até quando você vai levando porrada?! Até quando vai ficar sem fazer nada?! Até você vai ficar de saco de pancada?!”.

Após a distribuição de revistas e boletins contendo perfis, entrevistas e reportagens para análise, mormente as originadas do universo acadêmico, ao lado de cópias das autorizações de uso de imagem/depoimento, as equipes aproveitaram o espaço do laboratório de informática para avançar na edição dos conteúdos. Na ocasião, Grazi desabafou: “Pensava ser fácil escrever texto jornalístico! Travei aqui!”, citando o tempo despendido na transcrição de parte da entrevista: “A tarde inteira de um fim de semana”, ao que concluiu: “Não dá pra mim ser jornalista!”, ressaltando a importância da formação específica para conferir eficiência ao processo.

Violência contra a mulher, decisões políticas (redução no valor do aumento anunciado para o

salário mínimo), censura às artes sob ameaça de levante popular e a polêmica “Ideologia” de Gênero nas Escolas, ao lado do difícil posicionamento nas redes sociais enquanto educadores (opinião x debate com fundamentação de base teórico-prática) foram outros assuntos que permearam o 7º encontro, sinalizando aspectos inerentes ao fenômeno vivenciado.

#### 4.3.5.2 *Incursões Jornalísticas dos Educandos - Parte II*

Em seu caráter interpretativo, que vai do geral ao particular, apresentando causas, contextos, consequências, repercussões e desdobramentos, a reportagem caracteriza-se por alargar ou detalhar a construção textual de referência a determinado fato, exigindo do/a jornalista maior comprometimento e engenhosidade com a informação. Da denotação à conotação; simplicidade à complexidade; do lúdico à argumentação; do prazer ao esforço e dedicação, “histórias de vida” ganharam corpo em nossas produções por meio de narrativas plurais, em que se sobressaíram depoimentos de minorias representativas, como negros, mulheres e deficientes.

Muitos foram os percalços frente ao curto espaço de tempo do qual dispúnhamos para finalizar o curso. Em meio à discussão de pauta e coleta de dados, seguidas da edição/revisão do material e inserção na plataforma virtual (publicação e compartilhamento), improvisos não faltaram diante das inúmeras propostas e contrapropostas, que abarcaram a mera elaboração de notícia (considerada, por alguns integrantes, “mais fácil para leigos”), em lugar do gênero reportagem.

Foi assim que nosso 9º encontro focou na elaboração da pauta-mor do curso: *Bananeira - História, Cultura e Natureza*, a partir da qual contextualizaríamos a origem do bairro no diálogo com o estigma social criado ao longo dos anos, contrapondo às potencialidades locais (riquezas naturais e culturais, bem como a titulação recente de quilombo urbano), com destaque para iniciativas dos projetos Quilombo Erê e Casa Rebeca.

Fugindo da proposta inicial de rotatividade para conhecimento diversificado da dinâmica jornalística e maior autonomia dos sujeitos na condução das atividades, foi preciso delegar

tarefas, a fim de sanar divergências e embaraços, de acordo com a desenvoltura de cada membro. Através da apresentação de dados da Fundação Palmares e de reportagens (textuais e televisivas) a respeito do tema, embasamos nossa produção, técnica e conceitualmente, para o rabisco das perguntas que faríamos aos possíveis entrevistados, sugeridos, em grande parte, pelas colaboradoras Cléa e Anne, devido à experiência com o trabalho de Pe. José, mentor de projetos sociais na região.

Nas próximas semanas, o desafio da nossa equipe consistiu na concretização do que foi “colocado no papel”, durante a manhã de entrevistas na Casa Rebeca e a posterior fase de edição de todo o material captado. Entre a interação com as crianças e os adolescentes e bate-papo com parceiros do projeto, escolhemos os cenários para gravação. Diante de falhas tecnológicas, imagens em movimento cederam espaço a áudios e fotografias. Desavenças e “partidarismos” ficaram evidentes nos discursos dos entrevistados, fato comum no mundo jornalístico, principalmente, ao se trabalhar com história/memória, porém ainda não convencional para a maioria dos colaboradores, que puderam sentir o espírito de comunidade do bairro, conflituoso em sua essência.

Frente à aparente passividade inicial e falta de organização na execução das demandas por parte de alguns integrantes, apesar do traquejo e protagonismo de outros, funções foram redistribuídas e novas ideias socializadas, em especial, dicas relacionadas à escrita da reportagem e aos erros dos bastidores (*making-off*), como precipitação para fazer perguntas aos entrevistados sem esperar a conclusão do pensamento e a postura enquanto repórteres, que, de certa maneira, pode ter intimidado as fontes mais acanhadas ou que menos dominavam o assunto, gerando desde comentários breves demais a prolixidade, esta última como tentativa de completar as lacunas deixadas pelo caminho.

Ao definir a pesquisa qualitativa, Creswell (2014) a compara com um “tecido intricado, composto por minúsculos fios, muitas cores, diferentes texturas e vários materiais” (pág. 48). No decorrer da sua conceituação, o autor destaca a abordagem dos significados que os indivíduos atribuem a um problema social nesse tipo de pesquisa, incluindo a voz e o contexto dos participantes, bem como reflexões próprias, contribuição para a literatura e um chamado à mudança, apresentando quadro holístico complexo. Nesse sentido, propomos, nas oficinas,

sobretudo, neste estágio final, uma razão crítica repensada em prol da autocrítica, combinando diversas linguagens (escrita, imagem, som e movimento).

Por meio do acompanhamento virtual desta pesquisadora, a partir do envio das transcrições, registros visuais e sonoros, bem como pré-edição do texto com base no rascunho aludido, demos configuração ao que parecia um labirinto de informações. Devido ao período reduzido para transmutação das entrevistas em um vídeo-documentário profissional, produzimos uma narrativa mais resumida e caseira, em que oralidade e dados documentais se entrecruzam, evidenciando tanto os aspectos positivos da comunidade quanto necessidades coletivas. “Pra cá e pra lá”, fomos costurando nossa teia jornalística.

Conforme sugestões de Cléa, reformulamos parágrafos na tentativa de não ocultar casos de violência contra o menor, já que a Polícia Militar compartilhara relatório relativamente “promissor” enquanto o Conselho Tutelar não dispunha de números específicos acerca do bairro. Ao mesmo tempo, evitamos a exposição de nomes específicos/revelação da identidade, bem como o tom de denúncia/sensacionalismo, o que poderia ocasionar constrangimento ou represália.

A maioria dos membros chamou atenção para o tamanho das matérias, porém reconheceu a dinamicidade da leitura, em sua linguagem coloquial, devido aos intertítulos, *links* e fotos, contribuindo diretamente para o que foi classificado como “riqueza de dados” a respeito da comunidade, ao conectar perspectiva histórica com a atualidade, revelando marcas culturais, conforme delineia o depoimento abaixo:

Penso que a matéria apresenta o contexto histórico-social de modo conciso, situando a comunidade e caracterizando suas diversidades, além das contradições. O que revela o modo como conseguimos, por meio da construção colaborativa, nos aproximar de realidades e histórias do bairro, descobrindo muitos fatos antes desconhecidos para muitos de nós. Por este motivo, acredito que a produção coletiva nos propiciou diversas trocas de saberes, criando ainda a oportunidade de melhor conhecer o protagonismo de projetos e pessoas que são fundamentais na luta de acesso a direitos, mas, ao mesmo tempo, têm pouco ou nenhum apoio para desenvolver essas iniciativas. Reflexões que nos levam, também, a perceber que, por meio da produção escrita e/ou audiovisual, com base na comunicação para a educação, podemos ainda criar espaços para ampliar a visibilidade de causas sociais em prol da cidadania, narrar histórias que contribuem para fazer as pessoas se questionarem acerca de estigmas e estereótipos construídos socialmente, além de aprofundar a discussão de temas diversos, ampliando nossas bagagens culturais. O curso nos fez perceber o quão desafiador é produzir conteúdos aprofundados e

críticos, mas também demonstrou que é possível despertar esse outro olhar, principalmente quando temos a viabilidade de produzir de forma colaborativa, o que nos motiva ainda mais na pesquisa e facilita o processo produtivo em que todos contribuem na construção. Nesse sentido, acredito que o trabalho coletivo propicia ricas experiências.

*Luna Layse*

A seguir, alguns registros fotográficos dos nossos módulos práticos:

Figura 14/ Fonte: Acervo da Pesquisa





#### 4.4 (IN)CERRAMENTO E GRUPO FOCAL

Ao reinterpretar a proposta de Philippe Charlier (2000), a partir das perspectivas de Piaget, Vigotsky e Bruner, Braga e Calazans (2001) descrevem os modos de aprendizagem que podem ocorrer com base nos produtos midiáticos: a dimensão *representacional* abrange o ler, ouvir, compreender, argumentar e resolver, ao mobilizar o raciocínio e tornar possível ao sujeito representar o material observado, sendo exercida através de conteúdos simbólicos, como texto e imagem; a *operatória* envolve a experimentação, articulando os cinco sentidos; a *psico-afetiva* refere-se ao interesse/fruição, ou seja, ao investimento pessoal na situação; a dimensão *social* contempla a confrontação e interação no diálogo das relações intersubjetivas, ou seja, pelo compartilhamento dos materiais; a *reflexiva*, por sua vez, considerada elemento estruturante superior, envolve a tomada de consciência, a busca e a decisão, supondo um movimento de distanciamento ou abstração, próprio do campo da pesquisa, sobre as dimensões representacional e/ou operativa, forçando um retorno do sujeito sobre si mesmo e culminando em um ato de criação. Não sendo lineares, mas imbricadas, essas dimensões levariam à ação (saber-fazer), fonte da compreensão conceitualizada (ciência).

Foi justamente nesse sentido que o produto desta pesquisa se desenvolveu. A partir do curso de extensão, contribuímos com essa competência complexa (formação crítica), através do processo de construção “educolaborativa” de conteúdos noticiosos. Nesse contexto, nosso último encontro presencial, destinado à avaliação final do curso por meio de grupo focal, trouxe achados que podem constituir outras pegadas rumo a direções ainda não seguidas.

Dentre as recomendações desta facilitadora aos colaboradores, esteve a utilização dos textos elaborados nos próprios ambientes de trabalho e círculos sociais, tanto através da prática da leitura coletiva, estilo roda de conversa, quanto como inspiração para escrita de novos conteúdos com perfil similar.

A ideia de transformar a matéria impressa, entregue para cada entrevistado e membro da equipe, em uma espécie de jornalzinho do bairro foi pontuada, sugerindo colaboração de escolas, associações e dos próprios projetos sociais em evidência por meio de oficinas e/ou cursos de leitura crítica da mídia *in loco*, visando à produção de materiais diversos, como fanzines e jornal-mural, adaptados ao novo público/contexto local, a partir do grau de interesse/envolvimento e objetivos comuns.

Na ocasião, Luna destacou o “aperto” com a técnica (organização das ideias para a grande reportagem) devido à amplitude do trabalho, apesar do traquejo e da formação em Jornalismo, pontuando os obstáculos para concatenar ideias:

Me concentrei em algumas enquanto outras ficaram dispersas [...] o texto precisa ter um fio condutor. Juntos, em tão pouco tempo, conseguimos fazer uma matéria daquela densidade e perspectiva crítica, trazendo outro olhar [...] podemos buscar de modo coletivo ir a campo e desenvolver matérias com esse outro olhar, levar isso para as mídias.

Para Grazi, no entanto, o desafio incidiu em ser leiga no que concerne à rotina dos profissionais da Comunicação e ainda ter de elaborar conteúdos tão aprofundados/contextualizados:

Achei diferente! Não tem como produzir a quantidade de matérias que vemos todos os dias se formos realmente pesquisar, estudar, passar as informações certas. Aí entendi a cópia de notícias! Achei que qualquer um podia ser jornalista, pela quantidade de *blogs*, pela facilidade de publicar conteúdos (copiar e colar), mas não é bem assim! Eu achava que era a mesma coisa: quem tem formação e quem não tem. Achava que a faculdade de jornalismo era desnecessária: “pra quê?!” Com este curso eu vi o quão exige tempo, pesquisa, estudo... Enquanto leitora, agora identifico mais facilmente as notícias [*fakes*, opinião, factuais, grandes reportagens]. Quanto à produção, não é fácil! Terei de tentar mais vezes”. Até a entrevista com Cléa, de acordo com ela, gênero textual jornalístico que exige menor domínio da técnica, foi muito difícil: “Arrumar o texto, esteticamente, o preocupar-se com o leitor, escrever para um público amplo, que não conheço ao certo. É diferente da academia, por exemplo.

Já a colaboradora Anne destacou seu interesse pela área social/cultural e a relevância do curso para o despertar da veia educadora, através da Educomunicação e do fazer colaborativo.

Teoricamente, por cursar parte da faculdade de Jornalismo, foi muito importante a prática, a EduColaborAção, que achei *show* de bola! Trocamos muita experiência, ganhei uma nova visão, aqui tem muitos educadores, aprendi muito: correr atrás dos entrevistados, com quem pode ou não buscar informações, qual a forma, contribuiu muito com minha formação. Debater vários temas foi bastante proveitoso e prazeroso. Ampliei até meu vocabulário! Este projeto contribuiu bastante, talvez até mais que a faculdade de acordo com o meu propósito de vida!

No encontro avaliativo, além de assistir a vídeos e debater aspectos textuais, navegamos pelo *site* para visualização de depoimentos e outros conteúdos do Fórum ainda não visualizados pelo grupo. O momento foi marcado, ainda, pelo clima de confraternização e autorreflexão, em especial quando Cléa manifestou seu perfil de impulsão/emoção frente a problemas recentes, como doença do pai, morte de jovem do projeto e moradores do bairro, ao lado de tentativas de assassinato nas proximidades da *Casa Rebeca*, falando de si e da vontade de abraçar a dor de todos os que estão a sua volta, causa de tanto incômodo e angústia. Ao assistir ao vídeo da monja Coen, enviado por Anne via “zap”, evidenciamos a mensagem de que “somos como átomos e cada pequena transformação impacta os outros”. Também falamos acerca da importância dos tensionamentos no e para o processo formativo, ao lado do vai e vem na evolução da criticidade, transparecendo o efeito rizomático da “EduColaborAção”.

#### 4.5 AS PEDRAS COMO INDICADORES DO CAMINHO: SOBRE PROPÓSITOS COMUNS E IDIOSINCRASIAS

Como diria Peter McLaren (2000) a pesquisa educacional precisa de uma teoria nova, que considere a relação da linguagem e da subjetividade com a história, o poder e a autoridade. Ao propor o *multiculturalismo revolucionário*, o autor desafia as tendências da pedagogia crítica: o *multiculturalismo conservador*, que mantém a visão colonial de divisão de tarefas por classe, etnia etc.; o *humanista liberal*, que, apesar de permitir a competição de modo igualitário entre os sujeitos, gera um humanismo etnocentrista; o *liberal de esquerda*, que trata a diferença como essência, independentemente da história, e o *crítico*, que problematiza as condições sociais, no entanto não pretende uma mudança radical do próprio *modus operandi* do sistema.

Nessa perspectiva, destacamos que, no decorrer das oficinas, esses diferentes pensamentos foram vivenciados nas relações interpessoais entre os participantes, especialmente quanto às posições distintas que ocupam em seus ambientes de atuação. Concordamos com McLaren ao declarar que os domínios pessoais precisam se transformar em identidades coletivas, ou seja, os cidadãos necessitam de vontade e conhecimento para transformar espaços privados em esferas públicas. Foi justamente esse movimento que experimentamos ao longo do percurso formativo, com destaque para o estágio de planejamento e execução das pautas.

Em meio ao *hibridismo pós-colonial* anunciado pelo autor supracitado, tentamos, ao longo do curso, promover recombinações em prol de práticas ressignificadas, mesmo cercados por paradoxos. Do pessoal ao grupal, foi preciso muito jogo de cintura para contornar fugas do tema ou excesso de menção à própria trajetória de vida. Por outro lado, o compartilhamento de problemas pessoais com alguns membros da turma foi determinante para sua própria solução.

Parênteses à parte, os assuntos (*temas-eixo*) que afloraram nos debates em classe e a distância, por meio de palavras e expressões constituintes, relacionam-se às próprias categorias temáticas da pesquisa: Jornalismo Colaborativo, TICs, Educomunicação, (In)Formação Crítica e Diversidade, transitando entre as mais diferentes contradições.

Se, por um lado, compartilhamos saberes de maneira relativamente planejada, no entanto, divergente (no sentido positivo do termo), prezando pela autonomia e pelo protagonismo de cada colaborador/a, sem deixar de lado a corresponsabilidade enquanto equipe, além de encantar-se com os desafios do “novo” e a transformação anunciada pela militância social, também vivenciamos a parcialidade do confronto, a improdutividade da centralização de conhecimento, prolixidade, marasmo e desencontros entre teoria e prática, estes últimos evidentes na ambivalência do discurso em classe quando comparado aos comentários no “zap”, mais despojados e superficiais, justamente por isso, mais próximos do cotidiano e comportamento corriqueiro dos sujeitos, que, inconscientemente, revelavam e reforçavam o que tanto pareciam refutar no mundo das ideias.

Foi preciso descobrir e estabelecer outro jeito de lidar com o poder, por meio da capacidade

de liderança, sem necessariamente rejeitar ou aprovar o outro, mas convivendo com ele e consigo/a mesmo/a de modo natural. Diante de um fenômeno singular, improvisamos em meio à sua imprevisibilidade e sentimos na veia as consequências do pensamento complexo, que segue e volta, “saboreando” a impressão de não evolução. Na tentativa de transmutar os conteúdos apreendidos, adequando-os para as mais diversas situações, algumas atitudes pareciam “bater na mesma tecla”, mas, a seu estilo, contribuíram para o crescimento pessoal (ao dialogar com a formação humana, política, cidadã, para a vida) e profissional dos envolvidos.

Ao refletir acerca do universo educacional, por exemplo, frases de efeito teceram críticas tanto aos professores: “não se atualizam”; “só querem o salário no fim do mês” quanto ao sistema em si (“falta valorização profissional”; “o ensino é chato, sem aplicação no cotidiano, apenas reproduz”; “as escolas parecem prisões”). O mesmo ocorreu no campo da temática Comunicação: jornalistas foram apontados por emitir opinião demais quando deveriam apenas apresentar os fatos ou argumentar de modo mais aprofundado; fomos chamados de heróis e vilões. A imprensa tradicional, por sua vez, chegou a ser classificada como desinformativa, preocupada com o lucro e adepta do sensacionalismo, apesar de reconhecida por sua função social.

A polêmica da suposta perda da autoria é outro ponto de relevo da nossa avaliação. Nesta unidade questionamos: Qual o limite da autoria numa produção colaborativa desenvolvida, em conjunto, por leigos e profissionais formados? Que lugar ocupa o/a líder no grupo? Haveria usurpação de ideias, plágio? Até que ponto saber o “lugar” de quem fala possibilita a identificação das legítimas intencionalidades? Essas foram indagações que geraram intenso incômodo por parte desta pesquisadora, resultando em estratégia de divulgação que contemplasse cada membro diante de seu papel no grupo.

Cabe pontuar que a categoria Diversidade foi considerada transversal, pois, desde o 1º encontro, perpassou pelas discussões devido à heterogeneidade da equipe e ao *agenda setting* do momento. Nesse quesito, elencamos os seguintes termos de acordo com as falas dos partícipes: identidade(s), subjetividade(s), intolerância, respeito, pertencimento, cultura(s), deficiência(s), inclusão, minorias representativas, religião, questões de gênero e raça/etnia.

No âmbito da *(in)tolerância x respeito* registramos abordagens a respeito de atitudes extremistas x convivência com as diferenças/bom senso; racismo; cura *gay* e homofobia, tabu nas artes (do qual foi proeminente a polémica do "corpo nu"); o impacto da religião nas decisões governamentais (ex.: ensino confessional e extremismo de determinados grupos); os desafios cotidianos dos cidadãos deficientes ao lado das expressões consideradas politicamente corretas; as nuances da questão indígena (do direito usurpado à terra x estratégias populares para fins de manifestação pública, consideradas “infelizes” pelos diretamente afetados, em geral, também trabalhadores de base da “cadeia”).

Neste tópico ainda cabem análises sobre o *case* “corpo nu”, acima referenciado. Frases pragmáticas, como “para quê?” e “atingiu o objetivo?” ao lado das classificações moralistas e reacionárias “Não é arte ou é de péssimo gosto!” “Não levaria meu filho, ridículo!” chocaram-se, repetidamente, com a liberdade de expressão e fruição características do universo artístico, caracterizando um tipo de co-ocorrência por oposição. Marcas de discursos que beiravam a classificações dicotômicas “certo x errado”; “bom x ruim”; “concordar x discordar” levaram a conclusões do tipo “mas respeito!”, transparecendo denegação (desvio do verdadeiro raciocínio pela presença indiscutível da ideia recusada), acentuada, sobretudo, frente à intensidade passional das crenças, tendências e ideologias, os típicos lugares-comuns.

Por outro lado, depoimentos com o de Pedro apresentam a mudança de pensamento promovida durante a formação:

Um novo campo se abre na mente e na forma de pensar e agir, com uma visão crítica e informativa. Um período muito proveitoso e rico, com conteúdos que, à primeira vista, seriam tabus, mas com um olhar mais amplo vimos que podemos problematizar e ter uma percepção diferente do que, muitas vezes, queremos que tenhamos; vemos mais do que os olhos podem enxergar. Pra vida profissional como radialista é fundamental ter um olhar crítico e poder dar oportunidade de expressão aos que querem exprimir sentimentos/opiniões. Com certeza sou hoje uma pessoa e um profissional diferente e muito mais preparado pra esse mundo mutante. Viva à diversidade!.

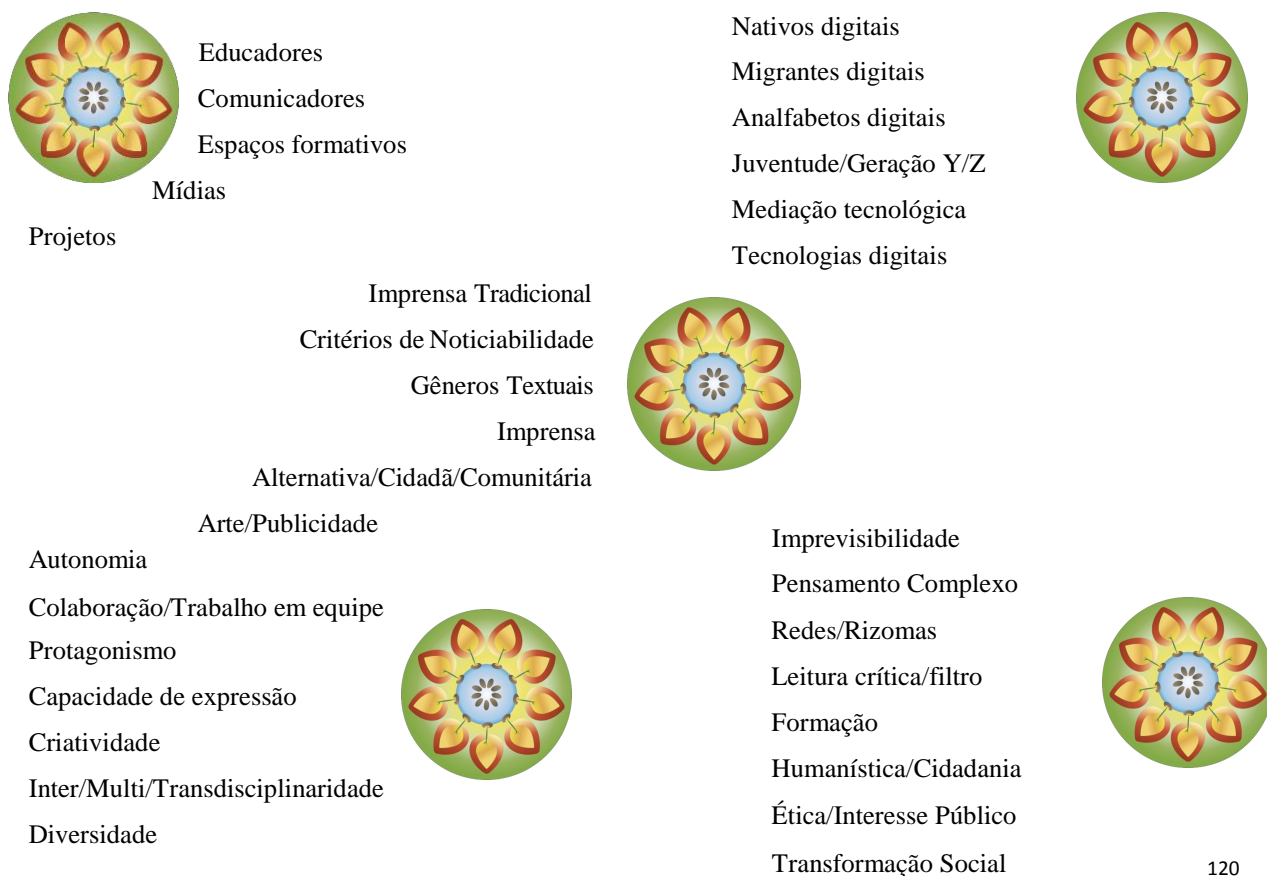
*Pedro Filho*

Entre proximidades e associações, nossa interpretação seguiu flutuante e aberta diante do sistema de valores (positivos, neutros ou negativos) e comportamentos que ora atacavam, noutra evitavam; ora aceitavam, noutra rejeitavam; ora comparavam em tom de negação, noutra inundavam o mundo do outro (empatia), no exercício de “sair de si” (descentrar-se),

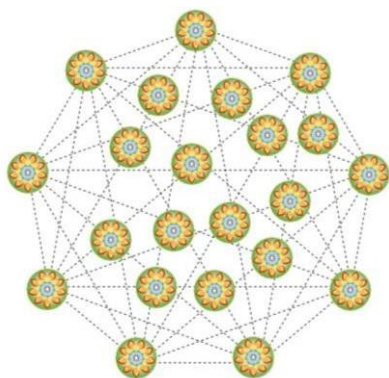
tão necessário ao desenvolvimento pessoal. As representações de cada tomada de posição, pouco a pouco, evidenciaram juízos de valor e emoções, através de processos cognitivos/mentais polifônicos, por vezes inconscientes, que tenderam à persuasão, mas se mantiveram emaranhados em afetividades e ambivalências.

Na multidimensionalidade das significações expressadas, também identificamos performances, digressões, vazios, atalhos (falsas saídas ou clarezas enganadoras). Da aparente desordem, propomos uma estruturação dinâmica e peculiar, que representa a teoria construída a partir da reinterpretação da realidade, levando em conta tanto as constâncias quanto as ausências (pertinência); os gestos e as falas bem como silêncios; o poder da iniciativa (proatividade) e a apatia; revelações e mascaramentos, na tentativa de preservar a individualidade das falas ao tempo que se concretizava a lapidação e a síntese dos dados brutos. Frente à semente que, gradativamente, amadurecia, as “pedras” surgiam como desafios a serem vividos em seu próprio conflito. É justamente esse o aspecto central da (in)formação crítica a que nos propomos desde o começo.

Figura 15 - As mandalas da “EduColaborAção” e nossos temas-eixo/ Fonte própria



#### 4.6 ACHADOS: O TAL JORNALISMO “EDUCOLABORATIVO” PRINCÍPIOS NORTEADORES & PRÁTICAS RESSIGNIFICADAS



*La creación es, en realidad, un proceso colectivo.*<sup>69</sup>

Para McLuhan (1971), o globo já não é mais do que uma vila, uma verdadeira aldeia. Graças à tecnologia, os cidadãos-comuns têm-se integrado aos processos de elaboração, edição e difusão de conteúdo como interlocutores. A emergência da *internet* estimulou ainda mais esse olhar. Com o objetivo de propor uma nova concepção ao modelo hierarquizado e controlado do *gatekeeping*, o *gatewatching* deu lugar a um fazer aberto e participativo, por meio dos *producers* (*producers*/produtores + *users*/usuários), sob uma lógica colaborativa e desconcentrada, segundo o pesquisador australiano Bruns (2005).

Não temos dúvidas de que as TICs reduziram distâncias e aproximaram pessoas. Nesse contexto, a própria prática jornalística vem sendo ressignificada. De consumidores passivos a participantes ativos, os *producers* se tornaram coautores no processo de construção da notícia. É nessa linha de pensamento que se propõe esta pesquisa: considerar o/a jornalista/educador/a o/a profissional mais preparado/a para identificar e gerenciar demandas de interesse público (bem comum), transformando-as em informações para serem compartilhadas através de canais diversos, especialmente, pela rede mundial de computadores: “www”.

A *web* oferece novos horizontes de leitura, através de ligações (*links*) entre pequenos textos e outros elementos organizados em camadas de informação, numa espécie de “pirâmide deitada”, na qual a unidade básica continua a ser o *lead*, no entanto, o texto inicial pode evoluir para um formato mais elaborado (nível de explicação, contextualização e exploração), completando a informação essencial sobre o acontecimento através de dados trans/multimidiáticos e arquivos externos, por exemplo. Ou seja, a *internet* possibilita aos

<sup>69</sup> Declaração de Bravo (2005, pág. 21 *apud* ESCAÑO, 2013) para o qual “ideas ajenas que tomamos y a las que imprimimos nuestra nota personal haciéndolas diferentes, historias ya contadas que, mezcladas com otras y com nuestra imaginación, adaptamos y actualizamos”.

internautas traçar o próprio percurso de leitura, “ao se mover pela informação” (GUTIÉRREZ MARTÍN *in* APARICI, 2014), que, não linear, pode abrir um leque de possibilidades, dependendo do grau de interesse (preferências) e habilidades informáticas, influenciando na qualidade da aprendizagem, ou seja, na formação crítica dos sujeitos.

Segundo Lévy (1999), as tecnologias se tornaram, sobretudo, para os mais jovens, lugares de desenvolvimento pessoal, que, mesmo ambíguos e contraditórios, promovem o “estar junto” e a capacidade de expressão. Se diversas vozes atravessam os textos jornalísticos, a forma de “consumir” informação se torna uma experiência nova, sob uma leitura multilinear. O desafio que se impõe aos jornalistas está, justamente, na produção de mensagens que incitem a participação do público, desde a elaboração a sua repercussão. Assim, permite-e a elaboração de conteúdos cada vez mais interativos, a citar a publicação de matérias em um *site* e posterior socialização com a imprensa, por meio do envio de *releases*, além de potencializar sua divulgação pelas redes sociais, com destaque para o Facebook, ganhando vida através de curtidas, comentários e compartilhamentos em torno do assunto, numa variedade de plataformas e linguagens.

De modo similar, esse panorama ocorreu com os partícipes da nossa pesquisa, que, presencial ou virtualmente, escolhiam seu percurso de navegação/leitura, mormente, diante das categorias do nosso [Fórum](#); em alguns momentos, com base nas indicações desta pesquisadora (atividades programadas), noutros, por livre e espontânea vontade.

Ao discorrer sobre o “subsistema crítico-interpretativo midiático”<sup>70</sup>, Braga e Calazans (2001) defendem a prática de redimensionar os processos da mídia para que sejam criticados e revistos<sup>71</sup> em ação, em detrimento do encantamento deslumbrado, inclusive pelos próprios usuários/produtores e/ou receptores, trabalhando tanto questões político-culturais-sociais e econômicas do sistema midiático, quanto a leitura crítica do conteúdo noticioso. No diálogo com Lahni e Coelho (2007), os autores definem a Educomunicação como um conjunto das

---

<sup>70</sup> Segundo esses autores, tal ação crítica, a longo prazo, gera preferências, expectativas, seleções, cobranças que repercutem não só na produção, mas sobre o uso, processos, linguagens e gêneros socialmente compartilhados sobre a cultura de geração/interpretação de sentidos, podendo chegar um patamar analítico-crítico-interpretativo.

<sup>71</sup> Para Alves (*in* BACCEGA, 2002), a avaliação é o caminho para a memória, instrumento de pertinência e orgulho, que permite criar valores entre os objetivos traçados e as ações realizadas; espírito crítico e senso de realidade; reproposição, novas abordagens, projetos, um novo tempo para redescobrir os problemas e articular soluções.

ações destinadas a integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos mecanismos de comunicação; observar como os *media* agem na sociedade; buscar formas de colaborar com os alunos para conviverem com eles de forma positiva, sem se deixar manipular; criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos; melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas.

Para Braga e Calazans (2001, págs. 152-153), tendo em vista a complexidade dos processos de aprendizagem e socialização atuais, somente uma integração bem planejada, entre procedimentos propriamente escolares, boas práticas culturais e os melhores recursos midiáticos, tem condições de desenvolver as bases de uma participação social produtiva para o indivíduo e para a sociedade, gerando processos autônomos de aprendizagem, competentes seleções de materiais simbólicos midiaticamente disponibilizados e socializações relevantes dos meios de comunicação fora da escola. Apoiando-se nas palavras de Aristóteles (2007 *apud* SANTOS, 2010), o discurso midiático deve se pautar, pois, pela razão (*docere*), emoção (*movere*) e ação (*delectare*). Os comentários em *post* da colaboradora Josy Almeida em sua fanpage revelam bem a abordagem em questão:

Figura 16



Você, Inaiara Lima, Valter de Oliveira e outras 39 pessoas

4 compartilhamentos 10 comentários

**Maynara Costa Massa!** 2  
Curtir · Responder · 6 sem

**Gerly Lima** Muito bacana! **Parabéns, Josi.** 1  
Curtir · Responder · 6 sem  
↳ **Maria Cléa Gomes Almeida** respondeu · 1 resposta

**Juliana Salvadori** Amanhã estaremos lá no encerramento para o Natal 3  
Curtir · Responder · 6 sem  
↳ **Maria Cléa Gomes Almeida** respondeu · 1 resposta

**Valter de Oliveira** Que bacana! **Parabéns a tod@s!** 2  
Curtir · Responder · 6 sem

**Maíra Souza** Matéria Linda!! 3  
Curtir · Responder · 6 sem

**Jordana Barbosa** Arrasou, neguinha 🤔🤔🤔 1  
Curtir · Responder · 6 sem

**Cláudia P. Vasconcelos** Que massa Josy Almeida, muito bom o trabalho, parabens também Pedro Filho da Serrote. 2  
Curtir · Responder · 6 sem

**Maria Cléa Gomes Almeida** parabéns a ti também minha flor linda de DEUS que me motiva a continuar com a osadia de sonhar. 1  
Curtir · Responder · 6 sem · Editado

Escreva uma resposta...

**Pedro Filho da Serrote** Agradeço a Rodrigo Reis pela indicação. Uma experiência que já estou praticando no meu serviço no rádio. 3  
Curtir · Responder · 6 sem

**Rodrigo Reis** 😊😊😊😊😊😊 1  
Curtir · Responder · 6 sem

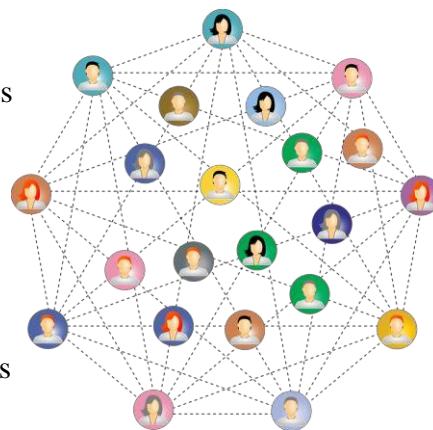
**Verusa Pinho de Sá** Valeu, Josy Almeida, colaboradora forte da nossa pesquisa! #juntossomosfortes 1  
Curtir · Responder · 5 sem

**Pedro Filho da Serrote** Uma passagem muito proveitosa, um aprendizado a mais em nossas vidas, adquirimos experiência no dia a dia, captamos um pouco de um encontro aqui, de um curso ali e vamos nos lapidando frequentemente. E esse curso me serviu pra abrir a mente, os olhos, o coração e a perspectiva de poder fazer mais. Poder ouvir ambas as partes, ter que problematizar determinados temas pra que tenhamos um retorno mais eficaz, saber filtrar as notícias para que nossos ouvintes possa garantir mais credibilidade e principalmente tentar ser um educolaborador, contribuindo com temáticas as vezes tensas mas que necessitam de formadores de opinião como nós para que outras pessoas possam se sentir inseridos no contexto mais amplo. Valeu Verusa Pinho de Sá vc é show. Sucesso.

Fonte: Facebook

#### 4.6.1 Metacompetências

Para o autor canadense George Siemens, conhecimento é um sistema de formação de nós/interações. Diante do avanço tecnológico, a fluidez ou, apropriando-se das palavras de Bauman (vide Referências), a liquidez social contribui para a distribuição e ubiquidade do saber, que se torna cada vez mais diversificado. Em meio a novas pedagogias, a aprendizagem formal cede lugar à construção contínua, dinâmica, complexa e colaborativa de conhecimento, residindo na capacidade de estabelecer novas redes, o que inclui elementos não humanos, como os bancos de dados disponíveis pela *internet*. A era digital nos desafia: Quais as mudanças paradigmáticas da aprendizagem do século XXI?



Para o referido teórico, estamos num contexto propício ao desenvolvimento de *metacompetências*, a citar a exploração de formas de aquisição da informação. Daí a relevância do despertar e/ou aprofundamento da consciência crítica enquanto eternos educandos, que, deixando de lado a louca e impossível tarefa de armazenar informação (em tempos de números incalculáveis), tende a saber muito bem onde encontrar os caminhos mais oportunos para cada situação (as chamadas “fontes de informação”). Ou seja, conforme Siemens (2004), as conexões nos capacitam a aprender mais e são mais importantes que nosso estágio atual de conhecimento. A opinião se assemelha a busca incessante pelo saber preconizada por Freire, diante do inacabamento próprio da condição humana.

Para além do que propôs o *behaviorismo*, *cognitivismo* e *construcionismo*, o *conectivismo* pressupõe a integração de princípios explorados pelo caos, reafirmando a aprendizagem enquanto processo que ocorre dentro de terrenos nebulosos onde os elementos centrais estão sempre em mudança (atualização constante), fugindo de qualquer controle. Por isso compreensão, interpretação (*sensemaking*) e significado (*meaning*) são fatores que ganham corpo em sua teoria, balizada na diversidade de opiniões (ponto central desta pesquisa).

#### 4.6.2 Conheça-te a ti mesmo: Registros de Nós

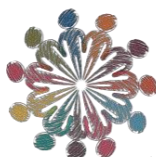
Além dos conteúdos textuais desenvolvidos no decorrer do percurso formativo, fotografias compõem o acervo da pesquisa. Para além da instrumentalização, os registros visuais das reportagens e da entrevista proporcionam fruição (emoção/forma peculiar de nos relacionarmos com o mundo) e incluem o sentido ético/crítico para uma possível mudança (ação social do olhar). Nelas residem aspectos identitários, próprios do imaginário coletivo, que atravessam tempos e espaços, exercendo o papel de referência simbólica (SILVA, 2011).

Ultrapassando o *studium* (referentes políticos, históricos e culturais), nossa memória coletiva organizada no ambiente virtual [Flickr](#), evidencia o *punctum*, aquele “particular absoluto” ou permanência única conceituada por Barthes (1980), que integra o passado-presente-futuro desta iniciativa singular.

Figura 17 - A turma do último encontro presencial



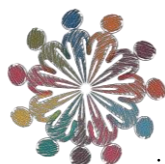
Fonte: Acervo da Pesquisa



Como radialista tenho que ter muito cuidado com o que vou falar, escrever, ainda mais porque, na nossa região, acabamos fazendo de tudo: além da locução, sou produtor, programador e até mesmo jornalista [no sentido da escrita]. Esse curso, ao lado da formação técnica [DRT], está sendo de uma importância gigantesca porque muda o nosso jeito de ver as coisas, pensar, tratar as pessoas, muda nosso ser pra melhor. Há um tempo atrás muitas coisas ruins acontecerem em minha vida, mas hoje vejo que tudo valeu muito a pena pra me formar como pessoa, cidadão. Não tem escola/faculdade que

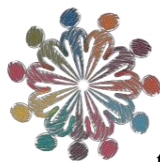
ensine isso! A vida nos ensina muita coisa e esse curso me ensinou bastante, através das ideologias, personalidades e profissões diferentes.

*Pedro Filho*



Achei que a vida de jornalista era mais fácil, nunca imaginei ser tão trabalhosa! Acho que a quantidade de informações produzidas todos os dias cria essa ilusão e a ideia de que qualquer um pode ser jornalista. A partir deste curso eu percebi que não, e que muita gente que escreve em *blogs* e afins não deve/merece ser intitulada de jornalista. Entendi também porque se copia e cola tanto na *internet*: criar conteúdo sério e de qualidade precisa de estudo, dedicação e tempo. É impossível fazer Jornalismo de forma rápida/instantânea como vemos no nosso cotidiano! É necessário pesquisa, averiguação de fontes, leituras. Entrei no curso em busca da experiência e por curiosidade, nunca nem tinha escutado a palavra "Educomunicação". O maior desafio foi entender como ela funciona. A convivência com os colegas somou muito a minha experiência e ampliou os horizontes para além do meu mundo.

*Graziela Santos*



Vivenciar cada passo, sentir a pressão e o prazer de cada entrevista, de cada história, de cada vida é "Educolaborar". Confesso que antes também não conhecia esse termo, mas, que a partir do projeto e das articulações geradas em cada encontro, ele passou a fazer parte da minha vida. Sou a favor de um Jornalismo mais colaborativo, com boas notícias e perspectivas de uma imagem mais positiva do ser humano. A proposta do projeto veio ao encontro de tudo isso! Os conteúdos foram educativos e dinâmicos e sempre propunham uma articulação positiva dos assuntos gerados, proporcionando a possibilidade de ideias infinitas, que nos conduzem a uma revisão de conhecimentos pessoais, culturais e interpessoais que adquirimos por nossa jornada. Posso dizer que me conduziu a uma nova vivência que vai além da sala de aula ou apenas do projeto, me levou a um novo ambiente de conhecimento, mais íntimo, despertando o desejo de uma articulação mais madura e positiva, de forma mais clara e objetiva, conseguindo discernir e avaliar o conhecimento e o sentimento na elaboração de uma opinião. Falamos sobre leis, direitos, deveres, política, civilidade, mídias, artes, polêmicas, educação e inúmeros assuntos gerados por cada participante. Com a contribuição de cada um pude entender e aprender mais, cada encontro foi uma nova aprendizagem e uma nova experiência que levo para minha história de vida. Particularmente só tenho a agradecer, e para engrandecer este projeto, proponho que divulguem a proposta em sala de aula (ensino médio/técnico) para que esta nova geração estude se familiarizando com a proposta da articulação madura que a "educolaboração" nos proporciona. Como o Pe. José (entrevistado), também acredito que serão os jovens responsáveis pela revolução! Mas a educação, ou melhor, a "Educolaboração" é a melhor ferramenta para isso.

*Anne Bacelar*

#### **4.6.3 O retorno à comunidade: cine-debate na Casa Rebeca**

Na tarde de 14 de dezembro de 2018, quinta-feira, a poucos dias da confraternização de fim de ano do projeto *Casa Rebeca*, organizamos um cine-debate com as crianças e os adolescentes, a fim de apresentar os resultados do nosso curso, sobretudo, a grande reportagem que trata do bairro e a entrevista com Cléa. Na ocasião, ainda entregamos cópias

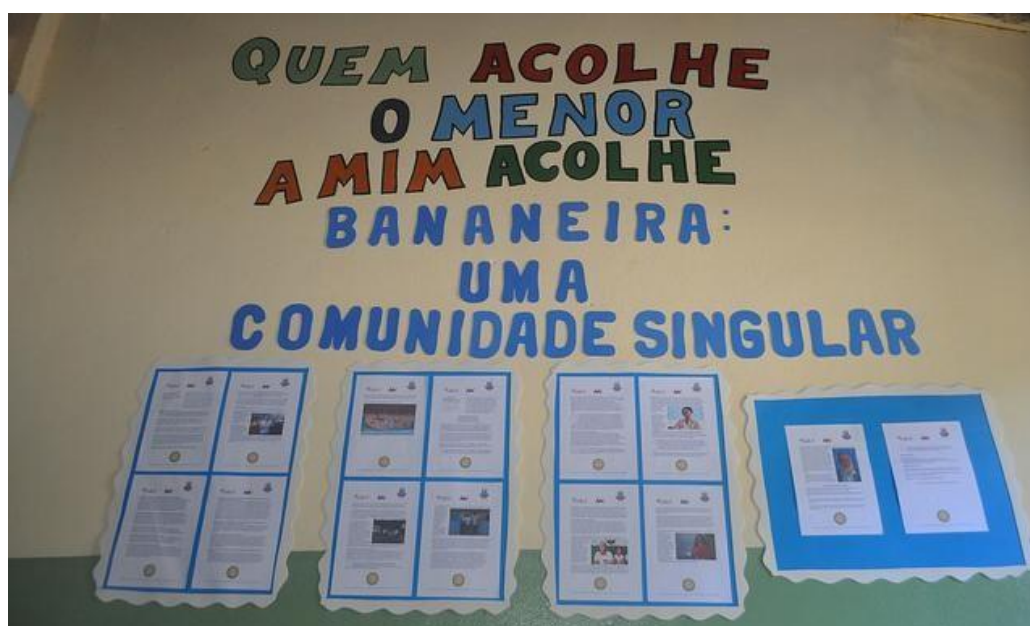
das matérias para os entrevistados e montamos um mural com os textos, possibilitando a leitura posterior *in loco* sem necessidade de acesso ao computador/*internet*.

Ao todo, 13 menores compuseram o grupo, sendo a maioria meninos. Apesar da atenção focada nos primeiros minutos em clima de curiosidade com o que estava por vir; dos sorrisos, em especial diante do som contagiante da capoeira e do hino *Jubileu da Terra*; dos comentários paralelos quando pessoas conhecidas apareciam na tela com seus jeitos próprios de falar (sotaques, reticências...), houve muito silêncio para socializar as impressões dos vídeos.

Dentre as sugestões, os jovens e os pequenos sinalizaram a realização de uma caminhada até a Cachoeira do Brito e o Pico do Jaraguá, além da abordagem mais detalhada acerca das quedas d'água da comunidade. O potencial aquífero do bairro também foi ressaltado devido à presença das netas do senhor citado por Seu Delson (fonte; vide matéria no Apêndices), ao que outros personagens locais foram referenciados com o auxílio de Cléa, que aproveitou para detalhar o projeto de Pe. José para captar água diretamente da serra através da Associação Comunitária da Rua São Jorge (ACRJ) com preço mais baixo que a taxa convencional. O nome antigo do projeto chamou atenção dos que desconheciam a origem dessa história, ao que nos foi solicitado dar mais espaço a outras instituições, como a Casa de Repouso e o posto de saúde.

A ideia de “brincar de ser jornalistas” foi pontuada pela colaboradora Anne, ao que sugeri a experimentação de tal prática (“educolaborativa”), entrevistando familiares e amigos em formato de vídeo a respeito das origens e situação atual do bairro. A relação entre a Casa Rebeca e a escola local esteve nas discussões da tarde interativa, a partir de notas desta pesquisadora quanto aos aspectos positivos dos participantes do projeto, desde a autoestima (questão racial) ao rendimento em sala de aula, enfatizados pelas professoras entrevistadas. Cléa evidenciou o preconceito inicial e enfrentamento com o poder público, que resultou na parceria hodierna, convidando todos para fazer a própria transformação social.

Figura 18 - Registros do cine-debate na Casa Rebeca



Fonte: Acervo da Pesquisa

## V - CONSIDERAÇÕES FINAIS OU “PRÓXIMOS PASSOS DE UMA TRILHA INACABADA”

[...] *não se conforme com a informação, busque, atreva, ultrapasse os muros impostos!*  
A Carne dos Deuses - Scambo

A partir da experiência descrita e interpretada, dos pressupostos estabelecidos quanto ao neologismo proposto e dos conteúdos noticiosos elaborados pela equipe *Educolaborar*, evidenciamos a relevância desse modo ressignificado de (in)formar, visando à melhoria da qualidade jornalística nesta era de instantaneidades (*fast news*).

Ao problematizar o potencial educativo da mídia, por meio do trabalho coletivo, revelaram-se variados aspectos, característicos do fenômeno vivenciado, como autonomia, protagonismo, criatividade e capacidade de expressão - vide representação visual das mandalas (pág. 120). Sendo assim, a resposta para a nossa questão norteadora: *De que modo o Jornalismo “Educolaborativo” pode contribuir para a (in)formação crítica na/para a diversidade?* tomou corpo de maneiras distintas, de acordo com as idiosincrasias dos envolvidos na experiência formativa.

Já provocara Kaplún (*in* APARICI, 2014, pág. 77): “Diz-me que comunicação praticas e lhe direi que educação propugnas”. O mesmo autor declara que a definição do que entendemos por comunicação equivale a dizer em que classe de sociedade queremos viver. Para esse renomado teórico e profissional latino-americano, Comunicação é uma rua ampla e aberta, que se cruza com o compromisso e faz esquina com a comunidade, conceito com o qual trabalhamos durante todo o curso de extensão. A opinião corrobora com a de Batista (2007), ao considerar a escola um universo, que não pode estar fora das ações sociais. “Há um grande potencial de produção de conhecimento e de prática social que também pode ser estimulado pelo trabalho integrado entre a educação e a comunicação” (pág. 105).

Frente a essa interface convidativa e ousada, a dinâmica da nossa aprendizagem abarcou a orientação coletiva e individual de cada colaborador/a, tendo como base as conexões entre o conhecimento adquirido e o cotidiano, abrangendo dicas presenciais e via *e-mail*, inclusive quanto à revisão ortográfica, com *links* para as explicações/regras do campo jornalístico

(técnica) a fim de transparecer um tom mais leve à observação sem “podar” o coloquialismo típico da oralidade.

Diante de inseguranças e dúvidas, tentativas e erros, desafios e possibilidades, nasceram conteúdos híbridos por natureza. Matérias pomposas, em comparação às notícias veiculadas na imprensa regional, desafiam o interesse dos leitores em seu tom de militância, sendo molas propulsoras da reflexão, criticidade e transformação, com foco no protagonismo dos leitores que, concomitantemente, atuam como produtores de (in)formação e cidadãos do mundo.

Bebemos da fonte de Braga e Calazans (2001) quanto aos comportamentos desenvolvidos numa autoformação: observação da realidade para reconhecimento de aspectos relevantes e diferenciação de situações; identificação do que se coloca como questão que solicita entendimento/resposta; ativação, no repertório pessoal, de informações e experiências pertinentes; percepção dos limites dos dados e busca de informações socialmente disponíveis para seleção das que mais se aproximam da situação pesquisada; realização de transferências adaptáveis à relação de saberes, a partir de conflitos e da reorganização singular de definir a questão, estabelecendo aproximações entre fatos e conceitos.

Tal movimento torna o sentido da mensagem um fenômeno complexo e mutável, continuamente renovado, e até certo ponto, modificado no decorrer da recepção. No caso da pesquisa em questão, ficou clara a apropriação de conhecimento pela via da ressignificação, no diálogo com a vida e suas circunstâncias. Compreensão e interpretação culminaram em formação pessoal, inclusive, no processo de elaboração discursiva<sup>72</sup>, já que, além de fontes, educadores, comunicadores, lideranças comunitárias e militantes de causas sociais também foram colaboradores de todo o processo de escrita e divulgação, contribuindo para o debate a respeito de temas que habitam as dimensões-chave do próprio viver e sentir, como diria Martín-Barbero (2014, pág. 48).

Enquanto (des)construtores e (re)intérpretes em torno da geração de saberes (OROZCO GÓMEZ *in* APARICI, 2014), cada leitor/a trilha o seu percurso. Dessa maneira, a repercussão

---

<sup>72</sup>Envolve indivíduos, também chamados de receptores secundários, que não participaram diretamente da quase mediação, mas que comentam e tomam parte das mensagens midiáticas, alimentando a discussão em contextos face a face e gerando uma audiência adicional ou mediação estendida, esta última quando as mensagens são incorporadas por outras organizações, resultando em novos conteúdos (THOMPSON, 2002).

das reportagens produzidas, em conjunto com os participantes da pesquisa, tomou rumos diferenciados. Em uma das postagens feitas na fanpage pessoal desta pesquisadora sobre a matéria da Bananeira, sobretudo professoras parabenizaram a iniciativa, destacando o aspecto histórico da comunidade e até mesmo de Jacobina como esclarecedor, atribuindo inovação à iniciativa.

Infelizmente a visibilidade dos conteúdos foi tímida, limitando-se à publicação da entrevista com Cléa a respeito da Casa Rebeca na *Revista Viva*, edição Saúde e Cidadania (vide apêndices), após contato desta pesquisadora com a jornalista e colaboradora da pesquisa Tamara Leal, bem como ao compartilhamento do *release* que apresentava a pesquisa para possíveis colaboradores e futuras parcerias pelo *site* do programa de mestrado (MPED), além de dois veículos locais/regionais: *site* Rota 324 (virtual) e jornal Tribuna Regional. Tal fato reforça o desafio e a necessidade de resistência do gênero *grande reportagem* na contemporaneidade.

Por outro lado, o aproveitamento das matérias em ambientes alhures, como no universo educacional e da própria comunidade envolvida, ocorreu no dia a dia, através da indicação da leitura, por parte dos nossos colaboradores, tanto aos moradores do bairro (estudantes, professores, dentre outros) quanto a universitários, principalmente do ramo das Humanidades e interessados em realizar o estágio não formal no projeto.

Ao colocar a Comunicação no centro da produção da própria cultura, esta pesquisa dialogou diretamente com Habermas (1989 *apud* SOARES, 1996), compreendendo que o fundamento e a justificativa de qualquer ação ética de solidariedade estão no exercício da “ação comunicativa”. Revendo e propondo novos processos comunicacionais, exercitamos a *Pedagogia da Comunicação*, bem como a *Educação para a Comunicação*, além de promover a expressão dos sujeitos por meio da *Gestão Comunicativa*, áreas-chave das intervenções educomunicativas.

No encontro entre os princípios colaborativos da práxis ciberjornalística e do campo emergente da Educomunicação, pretendeu-se ressignificar o cotidiano como espaço de produção noticiosa, a partir da interação dos partícipes (escolhidos após chamada pública para

as oficinas formativas), desde a sugestão de pautas até a sua divulgação, tornando-os multiplicadores de conhecimento, sob o viés da diversidade.

Como ambiente de convivências e sociabilidades, o ciberespaço, através do Jornalismo *Online/Digital* e das comunidades virtuais, proporciona a formação, manutenção e o aprofundamento de vínculos a partir do grau de afinidade dos indivíduos. Nesses novos espaços antropológicos ou alternativos de transferência simbólica e relacional, constroem-se identidades, que, ligadas à memória pessoal e grupal, ultrapassam o tempo. Norteados por uma comunicação de fato horizontal, vislumbramos outras consciências em prol de mudança (STOCKINGER *in* LEMOS; PALÁCIOS, 2001).

Em meio a essa aproximação, viabilizada por meio dos diferentes canais de comunicação criados exclusivamente para a pesquisa (*e-mail*, grupo de WhatsApp e, em especial, o Portal da EduColaborAção, com ênfase no Fórum da Diversidade, que possibilitou a participação de pessoas de outras localidades e até países), o distanciamento demandado pelo movimento investigativo se manteve firme ao longo dos encontros e das reflexões sugeridas, no entanto, ao mesmo tempo, a presença desta autora como líder do grupo e profissional especializada da área jornalística revelou-se fundamental para a continuidade do processo formativo.

Se o Jornalismo “Educolaborativo” anunciado contribui para a criticidade dos indivíduos, não temos dúvida. Mas a seu modo peculiar, no contexto de vida de cada um/a, ele se materializa e ganha cor. Conservar acesa a flama pela qualidade, credibilidade e capacidade formativa da mídia, bem como para a necessidade do filtro que se chama *leitura crítica*, segue como um grande e incompleto desafio das próprias zonas de conforto.

Das diferentes fases da pesquisa, classificamos o curso de extensão como o ápice, aquele momento *Eureka*, de *insight* e experimentação. Através dele, vale ressaltar, imprevisível, complexo e rizomático, avaliamos que o engajamento de cada sujeito, com base no sentimento de corresponsabilidade, faz-se essencial para a conquista dos pressupostos constituídos nesta pesquisa. Diante de incongruências, tropeços e boas surpresas, plantamos uma semente em nome da *diversidade* de pensamentos e atitudes.

Abraçados pelos diferentes depoimentos transcritos neste texto dissertativo, vivenciamos múltiplas emoções e amadurecemos juntos, enquanto profissionais, cidadãos, seres humanos. A autorreflexão tornou-se companheira fiel no decorrer da caminhada formativa, em especial, diante da necessária lapidação da paciência e apuração do bom senso, despindo-se dos julgamentos que tanto nos afligem. Os colaboradores outrora quase ou totalmente desconhecidos estabeleceram rede de contatos, seja de modo particular ou profissionalmente.

Segundo a jornalista Carla Aragão (2011), a Comunicação é condição fundamental para o pleno desenvolvimento das sociedades, não exclusivamente focado na quantidade e variedade de bens produzidos, mas no exercício da cidadania, considerando sua dimensão estratégica no incremento da participação popular e de políticas públicas. Conforme Melo e Tosta (2008), sem Educação e Imprensa, as sociedades permanecem mudas, excluídas tanto cognitivamente quanto socialmente. Mídia, escola e sociedade estão, nesse sentido, em relação mútua, na qual transitam o lúdico e o pedagógico, o que torna imprescindível a criação de sistemas de interação social sobre tais instituições, seus processos e produtos (DOLABELLA, 2015).

Nossa expectativa é de que este estudo e os frutos advindos dele, com destaque para o espaço virtual disponível na “rede”, no qual estão reunidos materiais de perfil multimídia, possam estimular o interesse de outros pesquisadores a respeito das temáticas abordadas, por meio das referências elencadas e da descrição-interpretação do fenômeno em foco, contribuindo para o aprofundamento teórico (reflexão epistemológica) do *Jornalismo Colaborativo* e da *Educomunicação*, no diálogo com as novas tecnologias e as manifestações identitárias.

Esperamos que a presente pesquisa sirva de inspiração, como uma proposta-piloto, para profissionais dos mais variados ramos do saber, alicerçados na complexidade anunciada por Morin, buscando incessantemente a elaboração de narrativas *transversais*, através da (in)formação político-cultural-pedagógica.

Nessa fronteira multiperspectiva, inquietude é ponto-chave (FAZENDA, 2000). É dessa maneira que (in)concluímos nosso texto dissertativo: na abertura ao que está por vir, tentando ultrapassar a solução dos pequenos impasses cotidianos para alcançar o conhecimento científico sob este outro *ser*: “EduColaborativo”.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria de Fátima; NASCIMENTO, Robéria Nádia Araújo; XAVIER, Manassés Morais. Práticas de (In)Formação numa Plataforma de Blog: Leituras e Escritas Políticas em (Con) Textos do Ensino Médio. **Linha D'Água (Online)**, São Paulo, v. 28, n.º. 1, págs. 83-103, jun. 2015.
- ANDRIJIC, Nathalia Santos. Presente Compartilhado: a fotografia nas redes sociais como forma de comunicação e socialização atendendo a necessidades. **Revista Anagrama/ Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, Ano 6 - Edição 4, Junho - Agosto de 2013.
- ANTONELLO, Daniéli H. Identidade e Educomunicação: um estudo da produção acadêmica no Encontro de Educomunicação da Região Sul do país. In: **XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação**, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, GP Comunicação e Educação, Rio de Janeiro (RJ), de 4 a 7/9/2015.
- APARICI, Roberto. **Educomunicação: para além do 2.0**. Tradução: Luciano Menezes Reis. São Paulo: Paulina, 2014. Coleção Educomunicação.
- ARAÚJO, Henrique de Oliveira. **Presenças em transformação: A potência formativa da educomunicação popular e mestiça**. 2016. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), *Campus IV*, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.
- ASSIS, Leandro Marlon Barbosa; CARVALHO, Alessandra Pinto de. O Programa Autonomia e o Planejamento do Diálogo: a Educomunicação como Alternativa de Intervenção. In: **Intercom Júnior - XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação**, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Divisão Temática de Interfaces Comunicacionais, São Paulo/SP, de 5 a 9/9/2016.
- BACCEGA, Maria Aparecida (Org.). **Gestão de Processos Comunicacionais**. São Paulo: Atlas, 2002.
- BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARI, Valéria Aparecida. **Por uma epistemologia do campo da Educomunicação: A inter-relação Comunicação e Educação pesquisada nos textos geradores do “I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação”**. 2002. Dissertação apresentada à Comissão de Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Comunicação.

- BARONE, Victor. **Assessoria de imprensa é uma coisa, jornalismo é outra**, 2009. Disponível em <[www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/assessoria de imprensa e uma coisa jornalismo e outra/](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/assessoria-de-imprensa-e-uma-coisa-jornalismo-e-outra/)>. Acesso em 4 jan. 2017.
- BARREIRO, Cristhianny Bento. Mestrados Acadêmicos e Mestrados Profissionais em Educação: identidades e diferenças. **Revista Dialogia**, São Paulo, n°. 21, págs. 27-39, jan./jun. 2015. Disponível em <[www4.uninove.br/ojs/index.php/dialogia/article/view/5475](http://www4.uninove.br/ojs/index.php/dialogia/article/view/5475)>. Acesso em: 13 set. 2016.
- BARTHES, R. 1980. **A Câmera Clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 190 pág.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Ensaios Críticos III. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BASTOS, Helder. A diluição do jornalismo no ciberjornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vol. 9, n° 2, págs. 284-298, julho a dezembro de 2012.
- BATISTA, Roseli Araújo. **Mídia & Educação - Teorias do jornalismo em sala de aula**. Brasília: Thesaurus, 2007.
- BAUMAN, Zigmund. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. 5ª ed. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Maria Regina Zamith. **Comunicação e educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker, 2001.
- BRUNS, Axel. **Gatewatching: Collaborative Online News Production**. New York: Peter Lang Publishing Inc., 2005.
- CALDAS, Graça; CAMARGO, Vera Regina Toledo. Mídia na escola e a leitura do mundo: a educomunicação como incentivadora de novos conhecimentos. **ComCiência**, n°.154, Campinas, dez. 2013.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 1997.
- CANDAU, Vera Maria; LEITE, Miriam Soares. **Diferença e Desigualdade: Dilemas Docentes no Ensino Fundamental**. Petrópolis: Vozes, 2013. págs. 139-170.
- CANEN, Ana. O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação. **Comunicação & Política**, v.25, n° 2, págs. 91-107, 2007.
- \_\_\_\_\_. Universos Culturais e Representações Docentes: Subsídios para a Formação de Professores para a Diversidade Cultural. **Educação & Sociedade**, ano XXII, n° 77, págs. 207-227, dezembro/2011.

CAPRINO, Mônica Pegurer; SANTOS, Marli. Alfabetização midiática e conteúdo gerado pelo usuário no telejornalismo. **C&S** - São Bernardo do Campo, v. 34, n.º 1, págs. 109-130, jul./dez. 2012.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. Tradução Ephraim F. Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2 Morar, Cozinhar**. Tradução Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Castilho (Org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

COLTRO, Alex. A Fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n.º 11, 1º trim./2000.

COSTA, Rosa Maria Dalla; HORN, Aine Tainá Amaral. A Educomunicação e as Novas Práticas Jornalísticas. **Revista Mídia e Cotidiano**, n.º 7, nov. 2015.

CRESWELL, John. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Tradução: Sandra Mallmann da Rosa. 3ª ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

DEMO, Pedro. **Participação é Conquista**. 5ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

DESGAGNÉ, Serge. O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. Tradução Adir Luiz Ferreira e Margarete Vale Sousa (Universidade Federal do Rio Grande do Norte). **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 29, n. 15, págs. 7-35, maio/ago. 2007.

DOLABELLA, Ana Rosa Vidigal. Trabalho crítico e educomunicação. In: **Literacia, Media e Cidadania - Livro de Atas do 3.º Congresso Braga: CECS**, 2015.

ESCAÑO, Carlos. Educación Move Commons. Procomún, Cultura Libre y acción colaborativa desde una pedagogía crítica, mediática y e-visual. **Arte, Individuo y Sociedad**, 25 (2), págs. 319-336, 2013.

FABBRI JÚNIOR, Duílio; ORMANEZE, Fabiano. Educomunicação como fundamento em projetos de extensão: processos midiáticos com alunos e professores. In: **X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e V Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã**, Unesp/Faac, Bauru-SP, 22-24 de abril de 2015.

FANTIN, Monica. **Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FAZENDA, Ivani. **Metodologia da pesquisa educacional**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FERRAZ, Ana Rita. A Absurda Arte de Pesquisar. **Plurais/Revista Multidisciplinar da Uneb**, Salvador/Eduneb, v. 1, nº. 1, jan./abr. 2010.

FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. **Revista Brasileira de Educação**, nº 23, maio/jun/jul/ago de 2003.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GAMBOA, Sílvio Sanchez. **Pesquisa em Educação: métodos e epistemologias**. 2ª Ed. Chapecó: Campinas, 2006.

GATTI, Angelina Bernadete. **A construção de pesquisa em educação no Brasil**. Brasília/DF: Liber Livro Editora, 2007.

\_\_\_\_\_. A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação (RBP AE)**, Rio Grande do Sul, v. 28, nº. 1, págs. 13-34, jan/abr. 2012. Disponível em: <[www.seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/36066](http://www.seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/36066)>. Acesso em: 15 set. 2016.

GHEDIN, E.; FRANCO, M.A.S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

GOERGEN, Pedro (org). **Educação e Diálogo**. Maringá: Eduem, 2010.

GOMES, A. R. ; SILVA, N. O. ; GOMES, A. R. . Imagem e Conhecimento: Sentidos Moventes, Emergências e Aprendizagem. **Revista de Estudos Universitários**, v. 39, 2013.

GOMES, Ricardo da Silva. **Comunicação, Uso de Mídias e Cultura Digital: O Jornal Escolar como Ferramenta Pedagógica para o Pibid-Educação Física**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

GONNET, Jacques. **Educação e Mídias**. Tradução Maria Luiza Belloni. São Paulo: Loyola, 2004.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 9ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2000. págs. 103-133.

HOLANDA, André; QUADROS, Claudia; SILVA, Jan Alyne Barbosa e PALÁCIOS, Marcos. **Metodologias de Pesquisa em Jornalismo Participativo no Brasil**, 2008. Disponível em <[www.sbpjor.org.br/ojs/include/getdoc.php?id=606&article=203&mode=pdf](http://www.sbpjor.org.br/ojs/include/getdoc.php?id=606&article=203&mode=pdf)>. Acesso em: 24 out. 2016.

HORN, Aline Tainá Amaral. A Atuação do Jornalista em Projetos que aliam a Comunicação e Educação. **Revista Uninter de Comunicação**, vol 2, n°. 2, 2014.

KAPLÚN, Mario. **Uma Pedagogía de La Comunicación**. Madrid: Ediciones de La Torre, 1998.

LANKSHEAR, Colin e KNOBEL, Michele. **Pesquisa Pedagógica: do projeto à implementação**. Trad.: Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LEITE, Carlinda; PACHECO, Natércia. Os Dispositivos Pedagógicos na Educação Inter/Multicultural. **InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, Campo Grande/MS, v. 14, n°. 27, págs. 102-111, jan.-jun./2008.

LE MOS, André e PALÁCIOS, Marcos (Org.). **As janelas do ciberespaço**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 1999.

LIMA, Solange Martins Couceiro de. Comunicação e Educação: um olhar para a diversidade. In: **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. 2ª ed. São Paulo: Educ, 2011. Série Trilhas.

LUYTEN, Joseph M. **Sistemas de Comunicação Popular**. São Paulo: Ática, 1988.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo Crítico**. São Paulo: Cortez, 2000.

MCLUHAN, Marshall; FIORE, Q.: **Guerra e paz na aldeia global**. Rio de Janeiro: Record, 1971.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MARIGO, Adriana Fernandes Coimbra et. al. Comunidades de Aprendizagem: Compartilhando Experiências em algumas escolas brasileiras. 2010. **Políticas Educativas**, Porto Alegre, v. 3, n°.2, págs.74-89, ISSN: 1982-3207.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A Comunicação na Educação**. Tradução: Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução Ronald e Polito Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MEIRELLES, Luíze Pinheiro. **Reputação organizacional e nova institucionalidade do IFBA**. 2014. Dissertação apresentada na Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia para obtenção do título de mestra.

MELO, José Marques de et al. (Org.). **Educomídia, alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún**. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (Coleção Temas & Educação)

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, nº. 37, págs. 7-32, 1999.

MOREIRA, Benedito Dielcio; BRAZ, Jaqueline Michele da Silva; FOGLIATTO, Monique de Souza Sant'Anna. Educomunicação e a estratégia de trabalho colaborativo no ambiente escolar. 2016. In: **XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação**, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, GP "Comunicação e Educação".

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1964.

\_\_\_\_\_. **Ciência com Consciência**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NCE [Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo]. Disponível em <[www.usp.br/nce](http://www.usp.br/nce)>. Acesso em 31 jan. 2017.

OLIVEIRA, Neide Aparecida Arruda de; OLIVEIRA, Marco Antônio de. Gestor Escolar: a Educomunicação como alternativa de Administração Educacional para o Ensino Médio Integrado. **ECCOM**, v. 4, nº. 8, jul./dez. 2013.

ORÓZCO-GOMES, Guillermo. **Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania**. São Paulo: Paulinas Editora, 2014.

PASQUOTTE-VIEIRA; SILVA; ALENCAR. *A canção roda-viva: da leitura às leituras* (págs. 181-198). In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

PEDROZA, Paulo; MOREIRA, Gislene. Da Teoria à Prática: Uma Experiência de Educomunicação no Sertão. 2014. In: Intercom Júnior, categoria Interfaces Comunicacionais - **XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, 15 a 17 de maio de 2014, em João Pessoa (PB).

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Revista Galáxia**, São Paulo, nº. 17, págs. 131-146, jun. 2009.

PESCE, Lucila; ABREU, Claudia Barcelos de Moura. Pesquisa qualitativa: considerações sobre as bases filosóficas e os princípios norteadores. **Revista FAEEDBA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, nº. 40, págs. 19-29, jul./dez. 2013. Disponível em: <[www.ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/issue/view/29/showToc](http://www.ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/issue/view/29/showToc)>. Acesso em: 13 set. 2016.

PIMENTA, Selma Garrido. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, nº. 3, págs. 521-539, set./dez. 2005.

PIRES, Maria da Conceição Francisca; SILVA, Sergio Luiz Pereira da. Fotografia e aderência simbólica: “aura”, “engajamento” e “memória” no protagonismo fotográfico. **Ciências Sociais Unisinos** 52(3): 437-446, setembro/dezembro 2016.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; FIRMINO, Fernando. (Org.). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009.

RIBEIRO, Josiane da Cruz Lima. **Uso do celular na escola: suas representações e conexões com o ensino e com a aprendizagem**. Jacobina, 2016. 192 f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade, Departamento de Ciências Humanas - *Campus IV*, Universidade do Estado da Bahia, Jacobina.

RIOS, Clarissa Pacheco; ALMEIDA, Íris M. G. Queiroz de; COELHO, Lilian Reichert; GOMES, Sara Maria Cardoso. Reflexões sobre o Ensino Fundamental Público Soteropolitano na Perspectiva Interdisciplinar da Educomunicação. **Revista Extensão em Foco/UFPR**, nº 4, 2009.

RODRIGUES, Adriana Alves. Jornalismo e educomunicação: a produção de narrativas multimídia no ensino-aprendizagem. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 15, nº. 17, jul./dez. 2013.

RODRIGUES, Nadir; TORRES, Tercia Zavaglia; NASCIMENTO, Daniel. **Educação Transformadora para uma Comunicação Cidadã**. Disponível em <[www.researchgate.net/publication/274389951\\_Educacao\\_transformadora\\_para\\_uma\\_comunicacao\\_cidada](http://www.researchgate.net/publication/274389951_Educacao_transformadora_para_uma_comunicacao_cidada)>. Acesso em 28 jan. 2017.

ROMÃO, Lilian C. R. Participação cidadã e os desafios da Educomunicação. In: GP Comunicação e Educação do **XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação**,

evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, que aconteceu em São Paulo - SP, de 5 a 9/9/2016.

SÁ, Verusa Pinho. **Do Coração de Jacobina**: relatos e retratos de Itaitu. Juazeiro/BA: Gráfica Franciscana, 2009. Livro-reportagem e memorial frutos de trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo em Múltiplos Meios apresentado na Uneb, *Campus III*.

\_\_\_\_\_. **Escola Umbuzeiro**: primeiros passos de uma experiência educadora. Juazeiro/BA: Uneb, *Campus III*. 2012. Monografia apresentada na especialização em Ensino da Comunicação.

SÁES NETO, Saulo de Assis. Limites e aplicabilidade do conceito de *gatewatching* na produção de conteúdo em meio digital: novo modelo de comunicação ou hiper-realidade? 2016. In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação/**XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste** - Salto/SP, de 17 a 19/06/2016.

SANTIAGO, Fátima de Araújo Góes. Aprendendo com o Aprendiz: Jornal Escolar e Experiência Comunicativa na Escola Técnica de Salvador (1944-1947). **Revista Bordas**/Centro de Estudos da Oralidade PUC/SP, n.º.2, págs. 94-107, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010. págs. 279-315.

SANTOS, Fabiana Andrade. O Poder Argumentativo da Mídia como o Input na Moldação do Pathos Discursivo: Reflexões sobre os Atos Illocutórios e sua Força Persuasiva na Revista Boa Forma. **Plurais/Revista Multidisciplinar da Uneb**, Salvador/Eduneb. 1, n.º. 1, jan./abr. 2010.

SANTOS JÚNIOR, Reginaldo Pereira dos. **Muito além dos muros escolares**: as mudanças e os novos horizontes profissionais para o educador hoje. Curitiba: CRV, 2016.

SCHAUN, Ângela. **Educomunicação**: reflexões e princípios. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SELIGMAN, Laura. **A Escola e a Formação do Leitor Crítico da Mídia**: Políticas Públicas no Brasil e em Santa Catarina. 2008. Dissertação apresentada na Universidade do Vale do Itajaí para obtenção do título de mestra em educação.

SIEMENS, George (2004). **Conectivismo: Uma teoria de Aprendizagem para a idade digital**. Disponível em <<http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>>. Acesso em 11 de agosto de 2017.

\_\_\_\_\_. (2006). **Knowing Knowledge**. Disponível em <[http://www.elearnspace.org/KnowingKnowledge\\_LowRes.pdf](http://www.elearnspace.org/KnowingKnowledge_LowRes.pdf)>. Acesso em 11 de agosto de 2017.

SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas da. Fenomenologia e educação: uma abertura recíproca. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n.º. 1, págs. 59-64, jan./jul. 2011.

SILVA, Diva Souza; SILVA, Christiane Pitanga Serafim da. Comunicação e Educação: a interface em constituição no curso de Jornalismo. 2016. In: GP “Comunicação e Educação” do **XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação**, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vol. II, nº 1 - 1º semestre de 2005.

SILVA, Juremir Machado da. **Interfaces**: Michael Maffesoli, teórico da comunicação. Disponível em <[www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/401/329](http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/401/329)>. Acesso em: 10 out. 2004

SILVA, Sergio Luiz Pereira da. Antes Ver para Crer, Hoje Digitalizar para Acreditar: a fotografia e o gozo estético da cultura visual. **Domínios da Imagem**, Londrina, ano VI, nº. 11, págs. 111-120, novembro 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos estudos culturais Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2000. págs. 73-102.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação – contribuições para a reforma do ensino médio. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. **A Comunicação e o Ensino Médio**. 1998. Disponível em <[www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos/](http://www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos/)>. Acesso em 31 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Uma Educomunicação para a Cidadania**. (s.d.). Disponível em <[www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos/](http://www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos/)>. Acesso em 31 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Sociedade da Informação ou da Comunicação?** São Paulo: Cidade Nova, 1996.

SOARES, Raquel Paiva de Araújo. As Minorias nas Narrativas da Mídia. In: Núcleo de Comunicação e Cultura das Minorias, do **XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação**, Belo Horizonte/MG, 2 a 6 de setembro de 2003.

TEIXEIRA, Dario. Resenha da obra Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica. **Cadernos de Filosofia Alemã**, nº 10, págs. 147-156, jul./dez. 2007.

TELES, Fabiana Pereira; IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. A Pesquisa Colaborativa como proposta inovadora de investigação educacional. **Diversa**, ano 2, nº 3, jan./jun.2009.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2009.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 5ª ed. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

TORRES, Rosa Maria. **Educação e Imprensa**: o educativo como desafio jornalístico. Trad. Sandra T. Valenzuela. São Paulo: Cortez, 1996. Coleção questões da nossa época, v. 55.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, págs. 443-466, set./dez. 2005.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad**. Barcelona: Bosch, 1993.

WEBER, Carolina Teixeira. Gatekeeper e gatewatching - repensando a função de selecionador no webjornalismo. 2010. In: **XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul** - Novo Hamburgo - RS, 17 a 19 de maio de 2010, na programação do Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

XAVIER, Manassés Moraes; NASCIMENTO, Robéria Nádia Araújo. **Jornalismo digital na escola: narrativas de uma prática educacional**. 2008. Disponível em <[www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt)>. Acesso em 9 fev. 2017. Trabalho de conclusão de curso apresentado na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

---

**. Construindo Novos**

**Saberes Para Uma (In)Formação Transdisciplinar**: Relato de uma Experiência Educativa (s.d.). Disponível em <[www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt)>. Acesso em 28 jan. 2017.

ZAGO, Gabriela e RECUERO, Raquel. Jornalismo em microblogs: um estudo das apropriações jornalísticas do Twitter. In: **Jornalismo contemporâneo**: figuras, impasses e perspectivas, págs. 243-266, Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2011.

ZILLES, Urbano. Fenomenologia e Teoria do Conhecimento em Husserl. **Revista da Abordagem Gestáltica** - XIII(2): págs. 216-221, jul-dez, 2007.

## APÊNDICES

### A - QUESTIONÁRIO

1. Identifique seu nome/sobrenome mais utilizado e apelido: \*

Texto de resposta curta

---

2. Qual o seu gênero (identidade)? \*

Feminino

Masculino

Outros...

3. Qual a sua faixa etária? \*

Entre 18 e 24 anos

Entre 25 e 59 anos

60 anos ou mais

4. Como se identifica quanto à origem/cultura? \*

Africana

Asiática

Europeia

Indígena

Outros...

5. Qual o seu vínculo com as áreas da Educação e/ou Comunicação? \*  
(especifique o local em que atua, seja ambiente formal, não formal ou informal; a função desenvolvida, bem como há quanto tempo realiza ações do tipo)

Texto de resposta curta

---

6. Qual o seu nível de escolaridade/formação acadêmica? Especifique se ainda está em andamento, concluído ou se desistiu do curso (incompleto) e qual sua área predominante de conhecimento: \*

Texto de resposta curta

---

7. Descreva ações/projetos e grupos institucionais ou relacionados ao universo da Educação/Comunicação dos quais participa. \*

Texto de resposta longa

---

8. Que mídia(s) mais acompanha para se manter informado(a)? Pode escolher mais de uma opção: \*

- Sites de Notícias
- Redes Sociais
- Jornais (impressos)
- Revistas
- Canais de TV
- Emissoras de Rádio
- Outros...

9. Em geral, a partir de que suporte você acessa à internet? Pode escolher mais de uma opção: \*

- Dispositivos móveis (celular, tablet...)
- Computador
- Notebook/netbook
- Outros...

10. Quais são as suas motivações para se inscrever neste curso? Escreva uma justificativa entre 10 e 15 linhas. \*

Texto de resposta longa

---

Descreva aqui seu endereço e contatos (e-mail), celular (WhatsApp)/telefone: \*

Texto de resposta curta

---

## B - DESTAQUES DO PLANO DE CURSO

### **Módulos Teóricos**

#### ***Comunicando...***

*O que é Comunicação? Conceitos e contextos*

*Imprensa/Jornalismo: usos, rotina produtiva x função social/educativa*

*- Breve histórico/origem dos campos e suas influências na sociedade (aspectos positivos e negativos para uma leitura crítica da mídia)*

*Assessoria de Imprensa em uma instituição pública de ensino: desafios & possibilidades*

(norteador por *slides*, roda de conversa e cine-debate, este último em torno de vídeo elaborado pela UFMG sobre as tensões entre Mídia e Educação; discussão através do “Fórum da Diversidade”, com outras indicações, como palestras e entrevistas do educador e filósofo Cortella).

#### ***(In)Formação Crítica: já ouviu falar?***

*As relações entre Educação e Formação Crítica (perspectiva freiriana)*

*Educomunicação: um novo campo de conhecimento e intervenção social* (socialização de experiências que dialogavam ou não com a proposta. O exercício serviu como treinamento para a produção dos conteúdos noticiosos, através do levantamento de dados/diagnóstico/pontos fortes e fracos)

*(In)Formação Crítica: A interface* (socialização de matérias produzidas por veículos diversos para análise).

Debate no “Fórum da Diversidade” com outras indicações, como programa do Observatório da Imprensa a respeito da interface Educação e Mídia.

#### ***EduColaboração***

*Práticas Jornalísticas Colaborativas e seu diálogo com a era digital/ Ciberespaço e*

*Cibercultura* (navegação pelo site Mídia Ninja)

*TICs na Educação* (cases de sucesso x desafios)

*O tal Jornalismo “Educolaborativo”* (esboço dos pilares/documento norteador)

### ***Multi-interculturalismo: “e agora, José?!”***

*Do singular ao plural: Identidades/Diversidade/Hibridizações* (dinâmica das múltiplas camadas “Quem sou eu”? + proposta de atualização do miniperfil elaborado desde o 1º encontro por meio do “Fórum da Diversidade”)

*Multi-interculturalismo no mundo da Educação e do Jornalismo* (relatos de experiências positivas e/ou negativas + socialização de conteúdos noticiosos sobre deficiências e identidade negra e/ou indígena)

Cine-debate com entrevista de Candau sobre o papel da escola frente à temática; Alimentação do “Fórum da Diversidade” com videoaula sobre o assunto e desafio em torno de estudo de caso: O que você faria?

---

### **Módulos Práticos**

Elaboração de matérias supervisionadas (2º e 3º meses), com trabalho em campo, seguido da edição de todo o conteúdo.

### **Biblioteca**

*Comunicação/Imprensa/Jornalismo/Mídia:*

Origem dos campos e suas influências na sociedade  
(aspectos positivos e negativos para uma leitura crítica da mídia)

Mauro Wolf: **Teorias da Comunicação**

Nelson Traquina: **Teorias do Jornalismo - Por que as notícias são como são** ([Leia Mais](#))

John B. Thompson: **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 5ª ed. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002. ([Download](#))

Maffesoli: **O tempo das tribos. Declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. ([Leia Mais](#))

Jesús Martín-Barbero: **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução Ronald e Polito Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

[Observatório da Imprensa](#)

*Educação/Formação Crítica/Educomunicação:*

A interface

Paulo Freire. **Extensão ou Comunicação?** 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. ([Download](#))

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura.

Mario Kaplún. **Uma Pedagogía de La Comunicación.** Madrid: Ediciones de La Torre, 1998.

Jesús Martín-Barbero. **A Comunicação na Educação.** Tradução: Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. **Desafios culturais: da comunicação à educomunicação.** In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Castilho (Org.). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento.* São Paulo: Paulinas, 2011.

José Marques de Melo e Sandra Pereira Tosta. **Mídia & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (Coleção Temas & Educação)

Ismar de Oliveira Soares. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação - contribuições para a reforma do ensino médio.** 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2011. ([Leia Mais](#))

Revista Comunicação & Educação - DCA/ECA/USP

UNESCO. **Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores.** 2013 ([Download](#))

*Práticas Jornalísticas Colaborativas/Ciberespaço e Cibercultura:*

TICs na Educação e o tal Jornalismo “Educolaborativo”

André Lemos e Marcos Palácios (Org.). **As janelas do ciberespaço.** Porto Alegre: Sulina, 2001.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura.* São Paulo: 34, 1999. ([Leia Mais](#))

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

APARICI, Roberto. **Educomunicação: para além do 2.0.** Tradução: Luciano Menezes Reis. São Paulo: Paulina, 2014. Coleção Educomunicação

Jornalismo Colaborativo / Mídia Ninja

*Identidades/Diversidade/Hibridizações:*

O multi-interculturalismo no mundo da Educação e do Jornalismo

Stuart Hall. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 9ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. ([Leia Mais](#))

Nestor Garcia Canclini. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 1997.

Boaventura de Sousa Santos. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010. Págs. 279-315 (Capítulo 8 - A construção intercultural da igualdade e da diferença)

Ana Canen. **O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação**. Comunicação & Política, v.25, nº 2, págs.91-107, 2007. ([Download](#))

Reinaldo Matias Fleuri. **Intercultura e educação**. Revista Brasileira de Educação, nº 23, maio/jun/jul/ago - 2003. ([Download](#))

Projeto [Porvir](#)

## C - MATÉRIAS (SEM FOTOS)

### Sociedade Civil Organizada: De mãos dadas pela transformação social

Reportagem com representantes de organizações da sociedade civil regionais atuantes em várias frentes, dentre elas, meio ambiente, economia solidária e inclusão

Conteúdo elaborado durante curso de extensão integrante da pesquisa de mestrado (em andamento) *Jornalismo “Educolaborativo” e (In)Formação Crítica: Uma experiência na/para a Diversidade*, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPED), da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Campus IV, pela jornalista *Verusa Pinho de Sá*, sob orientação do prof. dr. Antenor Rita Gomes e apoio do Grupo de Pesquisa em Cultura Visual, Educação e Linguagens (Cult-vi). Mais informações em: [www.educolaborar.wixsite.com/jornalismo](http://www.educolaborar.wixsite.com/jornalismo)

Anne Bacelar | Inaiara Nunes | Taiane Santos | Cléa Almeida  
Jornalista Responsável: Verusa Pinho DRT/BA 3546

**A** trajetória histórica dos movimentos sociais no Brasil se confunde com a constituição da própria democracia em nosso país. Ao longo do tempo, as principais conquistas sociais dependeram, em grande parte, da organização e mobilização da sociedade civil, fonte de lutas e manifestações constantes, na busca, promoção e defesa de direitos negados ou não disponibilizados pelo Estado.

Formada por entidades privadas sem fins lucrativos que desenvolvem ações de interesse público, essa “outra sociedade” atua em inúmeras frentes, dentre elas, saúde, educação, cultura e moradia. Num contexto de carências e exclusão, tais grupos se tornam potencializadores de novas maneiras de se fazer política, contribuindo para o exercício da cidadania e a melhoria da qualidade de vida em suas comunidades.

“Ter uma sociedade civil atuante é condição essencial para enfrentar os desafios sociais, culturais e ambientais da atualidade.” Fonte: [www.sociedadecivil2023.org.br](http://www.sociedadecivil2023.org.br)

Diariamente, vivenciamos ações de altruísmo, em prol de uma sociedade mais justa e digna. É nesse campo que se destacam as organizações da sociedade civil (OSCs), sobretudo, no cenário político atual, cercado por escândalos de corrupção, perda de conquistas, polaridades... Em meio a incertezas, assistimos à queda da autoestima e questionamos: onde está a típica alegria e criatividade do povo brasileiro? Mas, como dizem os filósofos, os momentos de crise são desafiadores e molas propulsoras para grandes mudanças.

A fim de superar essa suposta passividade, quase 400 mil OSCs desenvolvem projetos por todo o país, conforme dados do [Mapa das Organizações da Sociedade Civil](#), elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Na região de Jacobina, Piemonte da Chapada Diamantina, no estado da Bahia, diversos são os exemplos de iniciativas realizadas por associações, cooperativas e grupos não formalizados em torno de interesses coletivos. A Associação de Ação Social e Preservação das Águas, Fauna e Flora da Chapada Norte (ASPAFF) é uma delas.

### **Perfil**

Com quase dez anos de existência, a ASPAFF Chapada Norte tem ampliado sua atuação por meio da representação em espaços públicos e proposição de ações através de editais. A Associação está:

Nos Comitês das Bacias Hidrográficas do Itapicuru e Salitre;

No Fórum Baiano de Comitês de Bacias Hidrográficas;

No Conselho de Defesa do Meio Ambiente de Jacobina (Condema).

Possui: Títulos de Utilidade Pública Municipal e Estadual;

Realiza: Brigada de Incêndio e o Cineclube Payayá;

Já realizou: Em parceria com a associada Inaiara Nunes, proponente do projeto *O Estético e O Lúdico na Literatura Infanto-Juvenil*, oficinas de incentivo à leitura, entre 2011 e 2013, em Itaitu e Cachoeira Grande; o Ponto de Leitura *Balaio Cultural: Feira de Arte, Cultura e Meio Ambiente de Itaitu*, edital que disponibilizou recursos para implantação da Casa de Arte e Cultura de Itaitu, com as respectivas salas Cineclube Itaitu e Ecobrinquedoteca, inauguradas em 2012;

Projetos *Céu das Artes* e *Feira de Tradições Culturais* (Fetrac). Atualmente está responsável pelo *Ponto de Cultura EcoArte Itaitu*, um desdobramento do Balaio Cultural, com sua 1ª edição em 2017, e ações continuadas por três anos, incluindo oficinas de culinária, gestão interna de OSCs e artesanato.

Nas palavras de Richard Silva, presidente da ASPAFF, a 1ª edição do Festival foi um sucesso, principalmente pela participação dos expositores de artesanatos vindos de Jacobina e de outras localidades, a exemplo de Senhor do Bonfim, Morro do Chapéu e Capim Grosso. “Destacou-se a presença das mulheres expositoras, fortalecendo o evento e trabalhando pela economia criativa\* através da força feminina”, destaca.

\*É um tipo de economia que está diretamente relacionada ao desenvolvimento sustentável local. Nesse modo de organização, os processos são participativos e dinâmicos, fazendo com que os envolvidos sejam protagonistas da própria história, propondo e construindo melhores formas de sobrevivência socialmente justas e ecologicamente corretas. Isso implica, dentre outros fatores, no fortalecimento dos saberes tradicionais, na gestão coletiva e divisão de recursos, bem como no respeito aos princípios agroecológicos, que prezam pelo menor impacto na natureza, tratamento adequado de resíduos e pela manutenção da vida, em sua diversidade.

## **A questão do campo**

### ***Bate-papo com Taiane Santos***

Vice-Presidente da Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Saracura/Serrolândia, existente desde 1995, a jovem Taiane, 21, revela seu apreço pelas conquistas alcançadas ao longo dos anos. Graduanda do curso de letras na Universidade do Estado da Bahia (Uneb), em Jacobina, e de administração (Uniasselvi), ela relembra sua caminhada enquanto agricultora, mulher e negra. Caçula entre quatro irmãos, Taiane já participou de várias formações, tanto no âmbito da liderança juvenil, quanto no aspecto ambiental (viveirista de plantas e flores), prestando, ainda, apoio a projetos sociais como voluntária.

“Lutamos por causas sociais! Em 2006, conseguimos água encanada na comunidade; Em 2011, energia para todos, reabertura de escolas, e, em 2015, a sede da associação, bem como a construção de aproximadamente 50 cisternas para captação de água, além de cursos e capacitações profissionalizantes através de parcerias”, descreve. Quanto aos desafios para a entidade que representa, a burocracia na formalização e regularização é mencionada como o “calcanhar de Aquiles”, ao lado do falho diálogo entre poder público/sociedade civil, dificuldade de participação ativa dos moradores e falta de associativismo de muitos.

“Infelizmente ainda há um pensamento individualista. Sabemos que é preciso muito trabalho voluntário e pessoas realmente dispostas a contribuir, pois é necessário ir em busca das informações, já que elas tendem a demorar para chegar no campo. Um dos maiores desafios que eu considero é a precariedade de informações e de projetos que façam o(a) agricultor(a) cultivar e permanecer nas suas terras. O trabalho coletivo só funciona quando temos pessoas conscientes sobre a importância do ser agricultor(a)”, revela.

### **Marco Regulatório**

A [Lei nº 13.019/2014](#) instituiu normas gerais para as parcerias entre a administração pública e as organizações da sociedade civil, em regime de mútua cooperação, mediante a execução de atividades ou projetos previamente estabelecidos em planos de trabalho inseridos em termos de colaboração, fomento ou em acordos de cooperação. Contribuir com a transparência na prestação de contas dessas entidades, a fim de evitar fraudes por desvio/má gestão, é um dos objetivos da referida legislação, mas devido aos variados problemas, alguns elencados acima na fala de Taiane, a legislação também pode representar mais uma barreira na manutenção das equipes de trabalho, já que tais grupos nem sempre têm acesso à formação prévia para apropriação das exigências relacionadas, sobretudo, à documentação, imprescindível para a captação os recursos. Especialistas e associados/cooperados também denunciam a falta de participação na elaboração da lei, que teve forte pressão dos órgãos fiscalizadores.

Para Luna Layse da Silva, comunicadora popular da Cooperativa de Trabalho e Assistência à Agricultura Familiar Sustentável do Piemonte (Cofaspi), a comunicação é direito primordial para que as pessoas sejam ouvidas e se integrem nos processos de gestão, produzindo conteúdos a partir de um olhar contra-hegemônico, que contribua para a mobilização social, busca por direitos e políticas públicas. “Eu penso que os desafios são diversos e constantes, principalmente quando a gente entende que a comunicação popular e alternativa tem um papel fundamental na busca da participação de todas e todos, tanto para produzir quanto pra gerir conteúdos das mídias, rompendo assim com esse processo de dominação. A gente sabe que o controle de muitas mídias ainda está nas mãos de poucas famílias, então a comunicação popular e alternativa vem na contramão desse processo, numa luta constante pela democratização do acesso aos meios de comunicação. Um dos desafios é a conscientização”, aponta.

Na opinião de Robson Aglayton, gestor ambiental, diretor administrativo e coordenador de projetos na Cofaspi, o novo marco regulatório vem contribuir para a legalidade dos convênios entre poder público e OSCs. “As associações agora podem construir juntamente com o governo as políticas públicas a partir das suas demandas. Outra coisa que a lei traz é esclarecer um pouco onde é que as organizações têm atuado como maior efetividade, como é que se dá a

participação. Do ponto de vista do incidente dos ciclos das políticas públicas, as organizações da sociedade civil têm assumido diferentes papéis. Sua presença pode ser observada desde a etapa de formulação da política, por meio da participação em conselhos, comissões, comitês e conferências ao compartilhamento de experiências de tecnologias sociais inovadoras”, esclarece. Quanto aos empecilhos enfrentados enquanto integrante de cooperativa, ele cita a falta de participação da sociedade. “Algumas pessoas acabam carregando os grupos nas costas. É o que acontece com boa parte da população, que fica assim, esperando as coisas acontecerem, enquanto outras, principalmente as lideranças, é quem correm atrás de resolver todas as questões. A população ainda precisa se dar conta da importância de participação dentro das OSCs”.

Nas palavras de Evanice Lopes, extensionista social e funcionária aposentada da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA), apesar de muito burocrático, o marco regulatório norteia pontos que estavam obscuros, como os registros legais das OSCs enquanto pessoas jurídicas e a lisura na prestação de contas, fortalecendo o papel das assembleias gerais, sobretudo, na aprovação da contabilidade. “Agora é preciso que as associações conheçam a lei e promovam a sua reforma estatutária”, recomenda.

### **Desenvolvimento Territorial**

Composto por instituições do poder público e da sociedade civil de diferentes seguimentos, o Colegiado de Desenvolvimento Territorial do Piemonte da Diamantina (Codeter) é um espaço de colaboração que promove ações de planejamento, integração, articulação e encaminhamento de proposições nos nove municípios que o compõem: Caém, Jacobina, Miguel Calmon, Mirangaba, Ourulândia, Saúde, Serrolândia, Umburanas e Várzea Nova. “Formamos um coletivo”, diz Inaiara Nunes, que faz parte do núcleo diretivo do Colegiado e da ASPAFF Chapada Norte. Atuando por meio de câmaras temáticas, o Codeter contempla ações no âmbito de comunidades tradicionais, cultura, desenvolvimento rural e economia solidária, educação, juventude, meio ambiente e turismo, mulheres, saúde e segurança.

### **Acessibilidade & Inclusão**

#### ***Sob o olhar de Silvio Pereira e Anne Bacelar***

Presidente do Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência e ex-presidente da Associação da Pessoa com Deficiência de Jacobina (APCD), Silvio Pereira, 36, é um profundo defensor dos direitos humanos e dos animais. Cadeirante, é graduando de história (Uneb) e botafoguense fervoroso. Ao traçar um panorama das duas organizações, ele cita os dez anos de criação da APCD no contraponto com a ausência de sede própria. “Enquanto a Associação é uma entidade puramente de pessoas da sociedade civil, sem nenhum vínculo com partidos, o Conselho tem uma junção com o poder público, de acordo com percentual de paridade”, explica.

Dentre os avanços mais recentes, Silvio cita a realização de eventos, como a Conferência da Pessoa com Deficiência, o Desconstruindo Mitos, Arraiá Inclusivo e Sentindo na Pele; intervenções em escolas públicas, privadas e nas ruas da cidade; relatórios e projetos de acessibilidade, além do recebimento de próteses e órteses através de parcerias com empresários locais. “Acho que o principal benefício que nós trouxemos pra sociedade de Jacobina é que a pessoa com deficiência, de alguma forma, tem uma representatividade, por mais que não seja a ideal. Estamos ocupando um espaço! Precisamos muito avançar nessas questões de políticas públicas e lutar por nossos direitos. Acho que temos muito mais a fazer e a crescer do que aplaudir. Temos um respaldo hoje e estamos chamando a atenção, plantando uma sementinha para que as coisas melhorem a cada dia”, sinaliza.

Segundo Anne Bacelar, 40, estudante de jornalismo, espiritualista e graduada em artes marciais, mãe de dois meninos e admiradora das curas holísticas, cultura, desporto e diversidade, [inclusão](#) deve ser entendida de maneira ampla, como benefício para todos e não somente para os deficientes. “Uma grávida precisa de calçadas seguras tanto quanto nós, assim como uma mãe com um carrinho de bebê ou um idoso com carrinho de feira precisam de boas

rampas. Enfim, a acessibilidade é uma necessidade de todos!”.

Cobaia de um hospital-escola, Anne sobreviveu a um câncer ósseo, que a deixou com deficiência físico-motora aos 26 anos de idade. Membro atuante e ex-tesoureira da APCD, ela fala da experiência e das percepções que adquiriu no mundo da inclusão. “Nós temos limitações e queremos que respeitem isso. Mas não queremos ser tratados como incapazes, isso afeta a nossa dignidade. Percebo a diferença de como as pessoas nos olham e nos tratam, demonstrando receio e uma certa falta de trato, mesmo querendo ajudar... Chega a ser constrangedor! O que as pessoas têm que lembrar é que convivemos e aprendemos com nossas limitações todos os dias, aprendemos a nos superar o tempo todo”, desabafa.

Para Anne, a sociedade civil está em todo lugar: “Somos todos nós como cidadãos, articulando leis, levando a democracia da maneira mais séria pra fazer valer o que nos é de direito. Não basta estar cansado, vamos arregaçar as mangas, nos unir, acabar com tudo que nos indigna e envergonha! Em cada grupo há uma causa que cada um busca e em cada busca há uma força que traz a transformação social, seja na comunidade, na sala de aula, na igreja ou no bar da esquina, não tem classe social, idade ou distinção. Basta um interesse em comum e união, porque unidos somos fortes!”, convoca.

## Um lar de esperança

Entrevista com Cléa Almeida, coordenadora do projeto Casa Rebeca, voltado para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social na cidade de Jacobina/BA

Igor Fagner | Pedro Filho | Josimere Almeida | Graziela Santos | Luna Layse  
Jornalista Responsável: Verusa Pinho  
DRT/BA 3546

Conteúdo elaborado durante curso de extensão integrante da pesquisa de mestrado (em andamento) *Jornalismo “Educolaborativo” e (In)Formação Crítica: Uma experiência na/para a Diversidade*, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPED), da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Campus IV, pela jornalista *Verusa Pinho de Sá*, sob orientação do prof. dr. Antenor Rita Gomes e apoio do Grupo de Pesquisa em Cultura Visual, Educação e Linguagens (Cult-vi). Mais informações em: [www.educolaborar.wixsite.com/jornalismo](http://www.educolaborar.wixsite.com/jornalismo)

**N**o Brasil, vivem mais de 200 milhões de pessoas, das quais 5,7mi têm menos de 18 anos de idade, segundo a [Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílio - PNAD 2013](#). Reconhecido pela histórica exclusão social, nosso país está entre os dez primeiros mais desiguais do mundo, de acordo com o relatório [A Distância Que Nos Une](#), expedido pela ONG britânica Oxfam.

Entre os milhares à margem da sociedade, as maiores vítimas são crianças e adolescentes. A fim de garantir os direitos básicos dessa parcela da população, uma série de leis estabelece regras para a proteção da infância e adolescência. Depois da Constituição de 1988, a maior referência é a [Lei nº 8.069](#) - Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) -, em vigor desde 1990.

Conforme o art. 4 do ECA, é dever da família, comunidade, sociedade em geral e do poder público prezar e assegurar os direitos referentes “à vida, saúde, alimentação, educação, ao esporte, lazer, à profissionalização, cultura, dignidade, ao respeito, à liberdade, convivência familiar e comunitária”. Porém a teoria nem sempre condiz com a realidade...

Indicadores divulgados pela Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos (Abrinq) em parceria com a organização internacional Save the Children, divulgados em junho de 2015 por meio do documento [Cenário da Infância e Adolescência no Brasil](#), denunciam a escassez de vagas em creches, o alto índice de abandono escolar no ensino médio, o trabalho infantil, a falta de atenção com a taxa de mortalidade materna, saneamento básico e acesso à rede de água por parte das crianças, bem como as mortes por homicídio de brasileiros na faixa etária de 0 a 19 anos.

Diante do cenário descrito, visualizamos os riscos pelos quais nossas crianças e adolescentes têm passado, seja nos grandes centros, no interior dos estados ou no campo. Em Jacobina, município localizado na região centro-norte da Bahia, polo econômico do Território Piemonte da Diamantina, diversos são os desafios nesse âmbito. No entanto, a cidade conta com organizações não governamentais voltadas para essa causa, com destaque para a [CasaRebeca](#), com quase 20 anos de existência.

Verdadeiro lar de esperança para o público infanto-juvenil em situação de vulnerabilidade social, o espaço é a segunda casa de meninos e meninas da Bananeira, bairro periférico reconhecido, recentemente, como quilombo urbano. É sobre a trajetória desta Casa e da sua principal idealizadora, Cléa Almeida, militante da causa infanto-juvenil há quase 30 anos, que iremos nos debruçar a partir de entrevista concedida à equipe [Educolaborar](#).

**EE: Quem é Cléa?**

**CA:** É uma senhora: eu! Nascida lá em Várzea do Poço, na Bahia. Uma sonhadora.

**EE: Como surgiu a vontade de atuar em projetos sociais no contexto da criança e do adolescente?**

**CA:** Essa vontade surge da minha realidade. A minha infância, adolescência e juventude foram uma inquietude pela justiça, principalmente voltada para esse público.

**EE: Como e quando nasceu a Casa Rebeca? Qual a origem do nome?**

**CA:** A Casa Rebeca nasceu quando eu vim morar em Jacobina. Na verdade, é fruto do projeto social chamado no início de *Pastoral do Menor*, que realizava círculos de cultura e trabalho com os meninos na rua. Ela aconteceu a partir de um desejo de fazer com que outros bairros da cidade pudessem também acolher crianças e adolescentes. A origem do nome [Rebeca] surgiu por causa de uma criança que morava na Serrinha e faleceu por desnutrição.

**EE: Quais atividades a Casa desenvolve e sob que metodologia?**

**CA:** Nós temos a ideologia de ajudar a recuperar vidas, oferecer perspectiva para as crianças e os adolescentes, que necessitam de um comportamento com consciência crítica e cidadã dentro de uma sociedade que às vezes exclui tanto. Dentro do projeto nós vivenciamos a espiritualidade de Jesus Cristo, que eu acredito que é a nossa "mola" principal de existência durante todo esse tempo. Estamos, neste ano, com bastante dificuldade para realizar as atividades. Mas, nos anos anteriores, tivemos aulas de capoeira, futebol, teatro, dança afro, reforço escolar, e há três anos começamos outra atividade que funciona à noite: o projeto *Campeões de Matemática*.

**EE: Qual a situação das crianças e dos adolescentes atendidos pelo projeto?**

**CA:** Nós temos diversas situações... Temos as crianças que passam necessidade de diversas formas, por exemplo, para ter um aconselhamento, uma orientação a respeito do estudo delas, da própria vida. Crianças que são carentes de alimento, de amor, de perspectiva e que os pais não oferecem nenhuma motivação para permanência na escola. Além desse público, temos também crianças e adolescentes que vão para o projeto por causa da relação de afeto que existe na Casa. A gente acompanha nosso público quando eles estão na rua, na escola e no seu ambiente familiar.

**EE: Como se mantém (financeiramente) o projeto?**

**CA:** Através de doações voluntárias. Ou seja, doações que chegam do povo. E de algumas instituições, mas não são doações fixas. Não é um projeto financeiramente organizado. Ele sobrevive com as contribuições financeiras que chegam periodicamente.

**EE: Quais os principais desafios da iniciativa hoje?**

**CA:** Trabalhar com as famílias, na prevenção e recuperação, mostrando para as entidades, especialmente para o poder público, a Justiça, qual é realmente o caminho que precisa ser percorrido para ajudar esses meninos e meninas que estão numa vulnerabilidade muito grande e que acabam entrando no vício das drogas.

**EE: Quais são as conquistas ao longo dos anos?**

**CA:** As conquistas não são muitas, mas nos fazem acreditar que é possível dar continuidade. Nós temos jovens que antes não tinham nenhuma perspectiva e hoje estão ingressando nas universidades. Outros que já se formaram, são educadores e tem um respeito muito grande pelo projeto, retornando depois de anos de vivências para dizer: "Graças a Deus esta casa foi referência na minha vida, foi o lugar em que aprendi a ser cidadão, zelando pela honestidade e integridade". Então é essa a gratificação do trabalho que a gente realiza com tanto sacrifício.

**EE: Como é a rotina da Cléa na Casa Rebeca e quais são as pessoas que estão envolvidas com o projeto atualmente?**

**CA:** Olha, é meio doido, viu? Meio complicado porque, como a gente acompanha essas crianças fora do espaço da Casa Rebeca, é muito difícil estar presente diariamente. Eu desempenho o papel de coordenação, porém, também faço outros serviços quando existe a necessidade. O projeto anda sem mim, mas os envolvidos no desempenho do trabalho sempre me consultam na hora de resolver algum problema ou tomar decisões, mesmo na minha ausência. Isso demonstra a confiança e o cuidado com o projeto. Graças a Deus nós contamos com o apoio dos voluntários, que são, em geral, educadores, graduandos da Uneb e membros das famílias. Alguns recebem uma mínima gratificação ofertada pelo Padre José, nosso orientador espiritual, que nos apoia em todas as situações e nos motiva a continuar com o trabalho. O padre também busca levantar recursos financeiros para o projeto sobreviver, embora seja muito difícil, porque ele tem muitas demandas sociais na cidade e não consegue doações para atender a todas.

**EE: E como ocorre a articulação com as escolas locais e os demais órgãos dos poderes públicos? Há entraves nesse diálogo?**

**CA:** O projeto tenta fazer a diferença e estar em parceria, principalmente, com a escola e a creche do bairro. Nosso projeto é também educativo. A Casa Rebeca precisa da escola: existem momentos que a gente solicita a liberação dos alunos e o apoio dos professores. Nos últimos anos isso já está bem mais acessível, no início era mais complicado.

**EE: O que a Casa Rebeca mudou em sua vida?**

**CA:** Eu sei que todos nós precisamos ser sinal de luz em uma sociedade tão capitalista e egoísta. A Casa Rebeca me faz ser diferente. Hoje eu sei que o amor recupera vidas, transforma as pessoas. Então, quando a gente sabe oferecer para os meninos o amor e a perspectiva, eles conseguem ser diferentes. Mesmo que não se transformem, não mudem, acredito que a partir da vivência oportunizada pela Casa ficarão marcas em suas vidas e, em algum momento, eles vão lembrar que alguém tentou oferecer um abraço, um carinho, uma motivação.

**EE: Como as pessoas podem contribuir com o projeto e que mensagem deixa aos leitores?**

**CA:** A Casa Rebeca fica localizada na Travessa Paulo Dantas, no bairro Bananeira. O apelo que eu faço é: não vamos utilizar as imagens das crianças para se autopromover; vamos acompanhar, conhecer, abraçar de perto, porque, quando você doa por amor, não precisa fazer propaganda, colocar nos jornais, nas mídias sociais. O projeto precisa ser um retorno de amor à sociedade, porque o amor constrói vidas. Essa é a minha mensagem. Agradeço a Deus por me permitir ter chegado até aqui e às pessoas envolvidas nesse processo. Sem elas não existiria mais Casa Rebeca há muito tempo! É uma história muito bonita e eu sonho que um dia, em algum lugar, nascerão meninos e meninas que tenham vontade de continuar com essa missão, de reconstruir a vida a partir do amor. \*A entrevista também está disponível em nosso [Canal do Youtube](#)

## Entre desafios e potencialidades: uma comunidade singular

Anne Bacelar | Cléa Almeida | Graziela Santos | Igor Fagner | Josimere Almeida | Luna Layse | Pedro Filho | Taiane Santos  
Jornalista Responsável: Verusa Pinho  
DRT/BA 3546

*Rodeada de serras majestosas,  
dos Payayá herdamos Jacobina,  
a mais linda terra entre as formosas,  
na encosta da Chapada Diamantina.*

Trecho do Hino à Jacobina - Doracy Lemos

Conteúdo elaborado durante curso de extensão integrante da pesquisa de mestrado (em andamento) *Jornalismo “Educolaborativo” e (In)Formação Crítica: Uma experiência na/para a Diversidade*, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPED), da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Campus IV, pela jornalista Verusa Pinho de Sá, sob orientação do prof. dr. Antenor Rita Gomes e apoio do Grupo de Pesquisa em Cultura Visual, Educação e Linguagens (Cult-vi). Mais informações em: [www.educolaborar.wixsite.com/jornalismo](http://www.educolaborar.wixsite.com/jornalismo)

Situada na região nordeste da Bahia, extremo norte da Chapada Diamantina, a cerca de 330 km da capital, Jacobina está contornada por serras, grutas, rios e cachoeiras, destacando-se, ainda, do ponto de vista cultural, com manifestações tradicionais e artísticas peculiares. Sua história está diretamente ligada à atividade mineradora, que gerou processos migratórios para a região e lhe rendeu o codinome *Cidade do Ouro*.

Dentre os bairros mais antigos do município, está a Bananeira, que se desenvolveu longe do núcleo dos senhorios. Jornais históricos como *O Lidador*, referiam-se ao lugar, na década de 1930, como “o distante sítio da Bananeira”, onde atualmente ainda é possível avistar copas das plantas que dão vida ao seu nome, mesclando o cenário urbano com o rural. O bairro já foi sede da primeira termelétrica de Jacobina, espaço hoje cedido ao Centro de Convivência [QuilomboErê](#).

É neste cantinho singular que natureza e cultura se encontram, de onde afloram expressões afro-brasileiras características, como a capoeira, e residem pontos turísticos famosos, a exemplo das Cachoeiras do Brito, Amores e Viúva.



Situado na Serra da Bananeira, o pico do Jaraguá é o mais alto da cidade, com quase 500 metros de altura. No bairro, há moradores que captam água natural, diretamente da serra, enquanto outros utilizam o recurso através da rede de tratamento. Nas palavras de Seu Delson, 74, o ponto forte do lugar é a água. Ao que Pe. José pontua: “É abundante na chuva, mas precisamos armazenar”, demonstrando a preocupação ambiental com o desperdício desse recurso natural indispensável à vida.

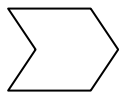
Com uma população majoritariamente negra, o cotidiano do bairro está marcado por contradições... Diante do estigma criado em torno da criminalidade, sobretudo, do tráfico de drogas e da violência infanto-juvenil, a Bananeira é sede de diferentes projetos sociais, dentre os quais se destaca a [Casa Rebeca](#), espaço voltado para o acolhimento de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, existente há quase 20 anos na localidade.

Segundo dados da 24ª Companhia Independente da Polícia Militar, apenas 1% dos crimes contra o patrimônio, que abrangem transeuntes, estabelecimentos comerciais e veículos, ocorreu na Bananeira, de janeiro a outubro deste ano. Bairros como o centro chegam a 33%. Até mesmo os casos de homicídio são irrisórios. No entanto, de acordo com Cléa Almeida, muitos adolescentes que já passaram pelo projeto referido acima tiveram suas vidas ceifadas precocemente... Procurado pela nossa equipe, o Conselho Tutelar informou que não há dados específicos por bairro, apenas estatísticas em âmbito municipal.

### O bairro: história, realidades e conflitos

Delson Araújo atualmente preside a Associação Afro-Brasileira Quilombo Erê e integra a

Associação Comunitária da Grota do Brito. Ele lembra que o cenário antes era bem diferente. Na sua memória, Seu Delson, como prefere ser chamado, guarda recordações que remontam à década de 1970, época em que a Bananeira era apenas “um bairro carente da zona urbana”, onde a única atividade econômica, como conta, era o trabalho com o processamento de couro através de dois curtumes.



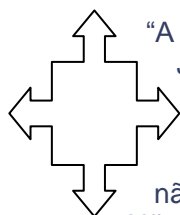
A instalação da usina termoelétrica foi um dos fatores que influenciou a [expansão urbana](#) em direção à Bananeira, instalada durante a [era desenvolvimentista](#) de JK, primeiro presidente em exercício a visitar o município, estando no bairro para a inauguração da referida obra.

Com o passar do tempo, o aumento populacional ocasionou a criação de escolas e igrejas. “Por volta de 1979, chegou um jovem na Paróquia de Santo Antônio, que começou a visitar os bairros periféricos da cidade. Ele criou uma comunidade católica, que cresceu e conseguiu reunir o povo. Tinha catequese, reuniões...”, afirma Seu Delson ao relatar sobre o trabalho de Josef Hehenberger, mais conhecido como Padre José.

Durante a década de 1970, ainda em meio à ditadura militar, foram criadas as pastorais de direitos humanos em diversas regiões do país, dentre elas, pastorais da terra, de idosos e da juventude. “De 1979 até 1985 vimos que o povo, as famílias e, principalmente, as crianças precisavam de uma assistência mais de perto”, diz Pe. José ao rememorar o início da formação das comissões diocesanas em Jacobina. Naquela época, a desnutrição infantil era uma agravante, que ainda persiste em boa parte do país em níveis menores (mais informações [aqui](#)).

Ainda no mesmo período, foi criada a Associação Comunitária Irmandade do Divino Espírito Santo (Acides), que hoje tem como sede a Casa de Repouso, situada no bairro em questão, onde também são oferecidos atendimentos à população no âmbito da prevenção e cura por meio da bioenergia. “Primeiramente, não de modo organizado, um grupo se prontificou a iniciar um trabalho de conscientização, sobretudo, a partir das pessoas que passavam fome. Alugamos pastos, terra e o povo começou a fazer hortas comunitárias. Era uma saída para problemas como o alcoolismo também”, descreve Pe. José. Anos mais tarde, a necessidade de organização a partir da terra, provocou conflitos. Após ameaças, o pároco narra que, por proteção e contra a sua vontade, foi transferido do município, passando um tempo em São Paulo.

Por volta de 1990, surgiu o Diretório São José Operário e, poucos anos depois, a Paróquia São José Operário. Com a aquisição de terreno abandonado no bairro Serrinha, deu-se forma à Fundação Educativa Popular Padre Alfredo Haasler e José Assis dos Santos Reis (Feppahja)\*, contribuindo para o retorno do Pe. José. É nesse contexto de amadurecimento da sociedade civil que o trabalho com crianças e adolescentes se intensifica na Bananeira e em outros bairros da cidade. Por meio das pastorais, eram realizados treinamentos e retiros. “Cada comunidade tinha suas lideranças, que se reuniam mensalmente, ao primeiro domingo do mês, no centro pastoral. O grupo era de aproximadamente 30 a 40 pessoas. Fazíamos reunião com a comunidade toda sobre a própria realidade e seus problemas, em seguida discutíamos o evangelho”, comenta Pe. José.



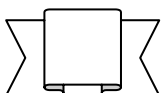
“A Feppahja surgiu através dos trabalhos dos operários e do sindicalismo. Em 1985, José Assis dos Santos Reis disse pra mim: ‘Pe., precisamos fazer um centro sindical, o povo precisa ser educado, eles não vão resistir à Morro Velho nem a essas organizações novas’. Então, em 1990, compramos em 10 parcelas um lixão na subida da Serrinha. Foi um trabalho muito grande de voluntariado porque a gente não tinha dinheiro pra pagar uma empresa, né?! Então quem vai tomar conta agora?”

Não tinha ninguém, tudo desmontado! Nos restou, para garantir o patrimônio, fazer uma fundação. O grande educador popular aqui da região era padre Alfredo, que criou uma rede de comunidade, de ajuda, rede de muitas frentes com as professoras paroquiais. Este foi um

trabalho que não devemos esquecer!”, narra Pe. José (na foto acima, ao seu lado está Cléa e Seu Delson).

### **A questão étnico-racial e o Quilombo Erê**

Em 2007, é fundada no bairro a Associação Afro-Brasileira Quilombo Erê, com a participação de jovens vinculados aos trabalhos da Paróquia São José do Operário, grupos de capoeira e dança afro, além de integrantes do projeto Puravida. “Antes de formar a associação, a gente já tinha participação na Pastoral Afro e da Consciência Negra da cidade. Fomos um dos primeiros grupos a lutar contra a discriminação racial. Acompanhávamos audiências e prestávamos orientação às vítimas”, relembra a professora de dança e integrante da associação, Edna Moreira. Dentre os objetivos do Quilombo Erê, está o intuito de promover a valorização cultural e melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, através da economia solidária.



Em 2016, a comunidade foi certificada pela Fundação Palmares como remanescente de quilombo, conforme publicação no [Diário Oficial da Bahia](#). Ao todo, o município tem [oito localidades já reconhecidas](#). Dentre elas, a Bananeira é a única situada na área urbana.

Na Chapada Norte, o Quilombo Erê atua em rede com outros grupos, fortalecendo o trabalho coletivo. Seu Delson destaca a parceria com a Associação Grota do Brito e o Timbó - comunidade do distrito de Itaitu, em Jacobina. “Esse povo é todo unido”, resume. Há ainda a participação em lutas do movimento negro unificado na capital baiana e apoio de grupos internacionais. Atualmente o Centro de Convivência desenvolve projetos de esporte, cultura e cursos profissionalizantes, como o de corte e costura. Também são ministradas oficinas de capoeira e aulas de dança, incluindo os ritmos samba, *reggae* e lambada.

A professora Edna explica que grande parte das ações da equipe resulta de projetos elaborados para concorrer a editais de chamada pública, sendo a maioria das atividades mediada por voluntários. “A Associação é sem fins lucrativos, trabalhamos por amor à cultura”, afirma. No último dia 20 de novembro, destinado à Consciência Negra, o grupo participou da sessão solene especial na Câmara de Vereadores. Um dos políticos, Jean Moreira - conhecido como Júnior -, é irmão de Edna e o primeiro vereador representante da luta quilombola no município. “Meu irmão conseguiu o título por meio dos movimentos sociais, das comunidades”, ressalta.



Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU) - Brasil, os negros, incluindo pardos e pretos, apesar de maioria em nosso país, são mais afetados pela desigualdade social: entre os 10% da população mais pobre, 76% são negros, enquanto, entre o 1% mais rico, apenas 17,4% fazem parte desse núcleo populacional. Quanto às taxas de homicídio, estão na frente, sendo mais suscetíveis à violência com arma de fogo. Nos índices de desemprego/informalidade, gravidez precoce e analfabetismo também lideram.

Há alguns anos, Edna passa temporadas na Suécia, o mais populoso dos países nórdicos. Dentre as diferenças culturais entre brasileiras e suecas, ela destaca o preconceito com o seu jeito de se vestir. “Não vou mudar minha estética! Lá as mulheres não usam maquiagem, brincos, turbantes e roupas coloridas”, esclarece. Segundo Edna, naquela nação, muita cor é sinônimo de orientação homoafetiva. “Cheguei em 2013, na época de Brazilian Day. Um grupo de samba me convidou para se apresentar no carnaval e nos *shows* que reúnem pessoas da Espanha e do Brasil”, conta a professora, que também fez parte do coral em uma igreja católica, onde, aos poucos, conquistou reconhecimento com sua autenticidade e modo colaborativo de ser. “Passei a levar lanches para repartir no fim dos encontros, inseri canções de raiz africana e realizei oficina com idosas”, elenca.

### **A Casa Rebeca: um lar de esperança**

A preocupação com a vulnerabilidade social do público infanto-juvenil de Jacobina ocasionou a criação da Casa Rebeca, título que homenageia a menina de mesmo nome que morava na Serrinha e faleceu por desnutrição. Ao longo dos quase 20 anos de existência, o projeto social, chamado, inicialmente, de Pastoral do Menor, tem enfrentado desafios. Um deles é a dificuldade de manter financeiramente as ações desenvolvidas, que depende de doações e apoio de voluntários, a exemplo de Cléa Almeida, uma das suas principais idealizadoras. “A gente quer que o poder público assuma a Casa. Não pode ficar só na esmola!”, desabafa Pe. José.

Na opinião de Josimere Almeida, que hoje cursa educação física na Uneb e já foi estagiária do projeto durante três meses, a oportunidade foi essencial para experiências além da academia. “A Casa Rebeca despertou esse olhar mais humano, particular, no sentido de a gente conseguir enxergar nas crianças um olhar de pedido, amor, carinho, cuidado. O estágio de intervenção não formal desperta na gente esse sentimento de solidariedade. Através da arte-educação conseguimos transmitir isso e receber delas também”, pontua.

Para Jaciana Azevedo, mãe voluntária do projeto, é preciso que mais pessoas conheçam e participem da Casa, inclusive pais e responsáveis pelas crianças e adolescentes atendidos. “Se não tivesse a Casa Rebeca, os meninos iriam ficar na rua. No dia que não tem atividade no projeto, eles falam, acham muito ruim”, diz. Mãe da pequena Ayanne, 7, Jaciana compartilha os benefícios da iniciativa no aprendizado da filha: “Percebo que ela aprende mais aqui, a escola ensina, mas quando chega aqui tem outras atividades e eles aprendem mais. É um reforço”, fala também observada no depoimento da criança, que destaca as brincadeiras no Recanto [espaço anexo à Casa] e o ensino das contas como atrativos do projeto.

Segundo Marta Lúcia Carvalho, graduanda de história na Uneb e colaboradora do projeto há mais de um ano, linguagens como música, teatro, dança e artesanato são destaques nas atividades desenvolvidas, ao lado do reforço escolar, prezando pela formação para a cidadania. “Algumas crianças eram agressivas ou quietas demais, mas já notamos mudanças. Vemos avanços até na leitura e escrita. Muitos pais não sabem ajudar a fazer o dever de casa, não têm dinheiro para pagar bancas, então a gente faz o trabalho da escola com elas. Algumas professoras já elogiaram as tarefas das crianças da Casa Rebeca”, conta.

De acordo com Veralúcia Barbosa, diretora da Escola Municipal Prof. Carlos Gomes da Silva, tanto os participantes da Casa quanto da Fazendinha José Josivan de Jesus, projeto situado nos arredores do bairro (Boiadeiro), destacam-se nos trabalhos educativos. “Nesses espaços nossos alunos encontram socorro, abrigo, acolhimento e defesa”. Gisélia de Oliveira, vice-diretora da escola e profa. do fundamental (2º ano), acrescenta: “O percentual de alfabetização dos alunos frequentadores desses projetos é de cem por cento!”.

Para ela, a relação da escola com a Casa Rebeca é magnífica. “Nossa escola foi fundada em 2005. Desde a sua criação existe o projeto da consciência negra. Antes era dado o foco em novembro. Há uns três anos, percebemos a necessidade de trabalhar o tema o ano inteiro, porque a gente tem a maioria de alunos negros ou descendentes de negros, e a gente percebe a importância do assunto. Para os alunos atendidos pela Casa Rebeca, o assumir-se negro é muito maior. Eles têm orgulho de dizer que são negros e isso me deixa cheia de orgulho também. Então a gente percebe a importância do trabalho que é feito lá em consonância com que a gente faz aqui. Eu digo assim em todo lugar que vou: a Escola Carlos Gomes ficaria sem um pedaço importante se a gente perdesse o projeto!”, conta Gisélia.

Nas sábias palavras do Pe. José, serão os jovens responsáveis pela revolução! Em clima de esperança, finalizamos nossa reportagem com o hino entoado por diversos movimentos sociais, cantado, oportunamente, no fim entrevista com o pároco.

## Jubileu da Terra (Roberto Malvezzi)

Refrão: Jubileu da Terra é repartir o pão, é pôr os pés na terra, é pôr as mãos no chão. É devolver a terra, que é de cada irmão, porque a terra é do Senhor.

Nação dos Pataxós, Xukurus e Cariris, Tupis, Yanomamis, Hã-hã-hãs e Guaranis. Depois de tanto sangue, depois de tanta guerra, que a terra seja índia e que os índios tenham terra.

E aos remanescentes de negros quilombolas, enfim “Terra Brasilis” seja nossa, seja vossa. Depois de tanto sangue, depois de tanta guerra, que a terra seja negra e que os negros tenham terra.

Pequenos lavradores, posseiros e sem terra, enfim alcancem o sonho de justiça e paz na terra. Depois de tanto sangue, depois de tanta guerra, que a terra volte ao povo e que todos tenham terra.



**EXTRA** - Nosso colaborador italiano, *Giampiero Valenza*, elaborou um panorama da situação da criança e do adolescente em diversas parte do mundo, sobretudo, no Brasil e na Itália. Confira [aqui!](#)

### AGRADECIMENTOS

Valter Oliveira (historiador)

24ª CIPM - Major Flaiton Frankles Oliveira e soldado Emílio Alves Júnior

Tod@s @s entrevistad@s, morador@s e admirador@s do bairro que colaboraram direta ou indiretamente com a produção da reportagem.

### OBRAS CONSULTADAS

AMORIM, Eliã Siméia Martins dos Santos; COUTINHO, Rosilda Valois (orgs.). **Quem inventou Jacobina?** Iniciando a pesquisa na Escola Básica. Jacobina/BA: Rabisco, 2005.

LEMOS, Doracy Araújo. **Jacobina, sua história e sua gente/memórias**. Jacobina/BA: Gráfica e Indústria Gráfica e Editora Ltda, 1995.


\*A reportagem também está disponível em nosso [Canal do Youtube](#)

D - PUBLICAÇÃO NA REVISTA VIVA

Ano 2 - Nº 3 - Fevereiro / Março 2018 - Região de Jacobina - Bahia


# viva

saúde e cidadania



## FOTOTERAPIA

O que é e para que serve?



**Polibege usa descarte para criar novas peças**  
Pág. 08

**Casa Rebeca: Um Lar de Esperança**  
Projeto voltado para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social  
Pág. 14



Foto: Josimere Almeida

## UM LAR DE ESPERANÇA

*Entrevista com Cléa Almeida, coordenadora do projeto Casa Rebeca, voltado para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social na cidade de Jacobina/BA*

*Igor Fagner, Pedro Filho, Josimere Almeida,  
Graziela Santos, Luna Layse  
Jornalista Responsável:  
Verusa Pinho DRT/BA 3546*

**N**o Brasil, vivem mais de 200 milhões de pessoas, das quais 5,7mi têm menos de 18 anos de idade, segundo a Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílio - PNAD 2013. Reconhecido pela histórica exclusão social, nosso país está entre os dez primeiros mais desiguais do mundo, de acordo com o relatório A Distância Que Nos Une, expedido pela ONG britânica Oxfam.

Entre os milhares à margem da sociedade, as maiores vítimas são crianças e adolescentes. A fim de garantir os direitos básicos dessa parcela da população, uma série de leis estabelece regras para a proteção da infância e adolescência. Depois da Constituição de 1988, a maior referência é a Lei nº 8.069 - Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) -, em vigor desde 1990.

Conforme o art. 4 do ECA, é dever da família, comunidade, sociedade em geral e do poder público prezar e assegurar os direitos referentes "à vida, saúde, alimentação, educação, ao esporte, lazer, à profissionalização, cultura, dignidade, ao respeito, à liberdade, convivência familiar e comunitária". Porém a teoria nem sempre condiz com a realidade...

Indicadores divulgados pela Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos (Abrinq) em parceria com a organização internacional Save the Children, divulgados em junho de 2015 por meio do documento Cenário da Infância e Adolescência no Brasil, denunciam a escassez de vagas em creches, o alto índice de abandono escolar no ensino médio, o trabalho infantil, a falta de atenção com a taxa de mortalidade materna, saneamento básico e acesso à rede de água por parte das crianças, bem como as mortes por homicídio de brasileiros na faixa etária de 0 a 19 anos.

Diante do cenário descrito, visualizamos os riscos pelos quais nossas crianças e adolescentes têm passado, seja nos grandes centros, no interior dos estados ou no campo. Em Jacobina, município localizado na região centro-norte da Bahia, polo econômico do Território Piemonte da Diamantina, diversos são os desafios nesse âmbito. No entanto, a cidade conta com organizações não governamentais voltadas para essa causa, com destaque para a Casa Rebeca, com quase 20 anos de existência.

Verdadeiro lar de esperança para o público infanto-juvenil em situação de vulnerabilidade social, o espaço é a segunda casa de meninos e meninas da Bananeira, bairro periférico reconhecido, recentemente, como quilombo urbano. É sobre a trajetória desta Casa e da sua principal idealizadora, Cléa Almeida, militante da causa infanto-juvenil há quase 30 anos, que iremos nos debruçar a partir de entrevista concedida à equipe Educoparar.



Pe. José e Cléa Almeida | Foto: Taiane Santos



Foto: Luna Layse

**EE: Quem é Cléa?**

**CA:** É uma senhora: eu! Nascida lá em Várzea do Poço, na Bahia. Uma sonhadora.

**EE: Como surgiu a vontade de atuar em projetos sociais no contexto da criança e do adolescente?**

**CA:** Essa vontade surge da minha realidade. A minha infância, adolescência e juventude foram uma inquietude pela justiça, principalmente voltada para esse público.

**EE: Como e quando nasceu a Casa Rebeca? Qual a origem do nome?**

**CA:** A Casa Rebeca nasceu quando eu vim morar em Jacobina. Na verdade, é fruto do projeto social chamado no início de Pastoral do Menor, que realizava círculos de cultura e trabalho com os meninos na rua. Ela aconteceu a partir de um desejo de fazer com que outros bairros da cidade pudessem também acolher crianças e adolescentes. A origem do nome [Rebeca] surgiu por causa de uma criança que morava na Serrinha e faleceu por desnutrição.

**EE: Quais atividades a Casa desenvolve e sob que metodologia?**

**CA:** Nós temos a ideologia de ajudar a recuperar vidas, oferecer perspectiva para as crianças e os adolescentes, que necessitam de um comportamento com consciência crítica e cidadã dentro de uma sociedade que às vezes exclui tanto. Dentro do projeto nós vivenciamos a espiritualidade de Jesus Cristo, que eu acredito que é a nossa "mola" principal de existência durante todo esse tempo. Estamos, neste ano, com bastante dificuldade para realizar as atividades. Mas, nos anos anteriores, tivemos aulas de capoeira, futebol, teatro, dança afro, reforço escolar, e há três anos começamos outra atividade que funciona à noite: o projeto Campeões de Matemática.

**EE: Qual a situação das crianças e dos adolescentes atendidos pelo projeto?**

**CA:** Nós temos diversas situações... Temos as crianças que passam necessidade de diversas formas, por exemplo, para ter um aconselhamento, uma orientação a respeito do estudo delas, da própria vida. Crianças que são carentes de alimento, de amor, de perspectiva e que os pais não oferecem nenhuma motivação para permanência na escola. Além desse público, temos também crianças e adolescentes que vão para o projeto por causa da relação de afeto que existe na Casa. A gente acompanha nosso público quando eles estão na rua, na escola e no seu ambiente familiar.

**EE: Como se mantém (financeiramente) o projeto?**

CA: Através de doações voluntárias. Ou seja, doações que chegam do povo. E de algumas instituições, mas não são doações fixas. Não é um projeto financeiramente organizado. Ele sobrevive com as contribuições financeiras que chegam periodicamente.

**EE: Quais os principais desafios da iniciativa hoje?**

CA: Trabalhar com as famílias, na prevenção e recuperação, mostrando para as entidades, especialmente para o poder público, a Justiça, qual é realmente o caminho que precisa ser percorrido para ajudar esses meninos e meninas que estão numa vulnerabilidade muito grande e que acabam entrando no vício das drogas.

**EE: Quais são as conquistas ao longo dos anos?**

CA: As conquistas não são muitas, mas nos fazem acreditar que é possível dar continuidade. Nós temos jovens que antes não tinham nenhuma perspectiva e hoje estão ingressando nas universidades. Outros que já se formaram, são educadores e tem um respeito muito grande pelo projeto, retornando depois de anos de vivências para dizer: "Graças a Deus esta casa foi referência na minha vida, foi o lugar em que aprendi a ser cidadão, zelando pela honestidade e integridade". Então é essa a gratificação do trabalho que a gente realiza com tanto sacrifício.

**EE: Como é a rotina da Cléa na Casa Rebeca e quais são as pessoas que estão envolvidas com o projeto atualmente?**

CA: Olha, é meio doido, viu? Meio complicado porque, como a gente acompanha essas crianças fora do espaço da Casa Rebeca, é muito difícil estar presente diariamente. Eu desempenho o papel de coordenação, porém, também faço outros serviços quando existe a necessidade. O projeto anda sem mim, mas os envolvidos no desempenho do trabalho sempre me consultam na hora de resolver algum problema ou tomar decisões, mesmo na minha ausência. Isso demonstra a confiança e o cuidado com o projeto. Graças a Deus nós contamos com o apoio dos voluntários, que são, em geral, educadores, graduandos da Uneb e membros das famílias. Alguns recebem uma mínima gratificação ofertada pelo Padre José, nosso orientador espiritual, que nos apoia em todas as situações e nos motiva a continuar com o trabalho. O padre também busca levantar recursos financeiros para o projeto sobreviver, embora seja muito difícil, porque ele tem muitas demandas sociais na cidade e não consegue doações para atender a todas.

**EE: E como ocorre a articulação com as escolas locais e os demais órgãos dos poderes públicos? Há entraves nesse diálogo?**

A Casa Rebeca precisa da escola: existem momentos que a gente solicita a liberação dos alunos e o apoio dos professores. Nos últimos anos isso já está bem mais acessível, no início era mais complicado.

**EE: O que a Casa Rebeca mudou em sua vida?**

CA: Eu sei que todos nós precisamos ser sinal de luz em uma sociedade tão capitalista e egoísta. A Casa Rebeca me faz ser diferente. Hoje eu sei que o amor recupera vidas, transforma as pessoas. Então, quando a gente sabe oferecer para os meninos o amor e a perspectiva, eles conseguem ser diferentes. Mesmo que não se transformem, não mudem, acredito que a partir da vivência oportunizada pela Casa ficarão marcas em suas vidas e, em algum momento, eles vão lembrar que alguém tentou oferecer um abraço, um carinho, uma motivação.

**EE: Como as pessoas podem contribuir com o projeto e que mensagem deixa aos leitores?**

CA: A Casa Rebeca fica localizada na Travessa Paulo Dantas, no bairro Bananeira. O apelo que eu faço é: não vamos utilizar as imagens das crianças para se autopromover; vamos acompanhar, conhecer, abraçar de perto, porque, quando você doa por amor, não precisa fazer propaganda, colocar nos jornais, nas mídias sociais. O projeto precisa ser um retorno de amor à sociedade, porque o amor constrói vidas. Essa é a minha mensagem. Agradeço a Deus por me permitir ter chegado até aqui e às pessoas envolvidas nesse processo. Sem elas não existiria mais Casa Rebeca há muito tempo! É uma história muito bonita e eu sonho que um dia, em algum lugar, nascerão meninos e meninas que tenham vontade de continuar com essa missão, de reconstruir a vida a partir do amor.

VEJA O VÍDEO DESSA MATÉRIA NO YOUTUBE

 <https://goo.gl/fYtiGf>

Conteúdo elaborado durante curso de extensão integrante da pesquisa de mestrado (em andamento) Jornalismo "Educolaborativo" e (In)Formação Crítica: Uma experiência na/para a Diversidade, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPED), da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Campus IV, pela jornalista Verusa Pinho de Sá, sob orientação do prof. dr. Antenor Rita Gomes e apoio do Grupo de Pesquisa em Cultura Visual, Educação e Linguagens (Cult-vi).

Mais informações em:

[www.educolaborar.wixsite.com/jornalismo](http://www.educolaborar.wixsite.com/jornalismo)

E - ALGUNS *LINKS* COMPARTILHADOS PELOS COLABORADORES E PELA PESQUISADORA AO LONGO DO PROCESSO FORMATIVO CATEGORIZADOS POR TEMAS

### **Sobre Mídias, Jornalismo & Educação**

#### **Agência Mural**

- [www.agenciamural.com.br](http://www.agenciamural.com.br)

#### **Imprensa Aprendiz**

- [www.imprensaaprendiz.wordpress.com/2014/04/03/fanzine-e-cordel-marcelo-kloster-entre-seus-paineis](http://www.imprensaaprendiz.wordpress.com/2014/04/03/fanzine-e-cordel-marcelo-kloster-entre-seus-paineis)

#### **Jornalistas Livres**

- [www.jornalistaslivres.org](http://www.jornalistaslivres.org)

#### **Agência Publica**

- [www.apublica.org](http://www.apublica.org)

#### **Nexo Jornal**

- [www.nexojornal.com.br](http://www.nexojornal.com.br)

**Site de informação independente do colaborador *Giampiero Valenza* + indicação de periódico e blog italianos**

- [www.genteditalia.org](http://www.genteditalia.org)
- [www.avvenire.it/popotus](http://www.avvenire.it/popotus)
- [www.gruppobiomedia.blogspot.com.br/2017/08/riconoscere-le-notizie-sul-web-corso-di.html](http://www.gruppobiomedia.blogspot.com.br/2017/08/riconoscere-le-notizie-sul-web-corso-di.html)

#### **Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação**

- [www.abpeducom.org.br/o-que-fazemos/publicacoes/](http://www.abpeducom.org.br/o-que-fazemos/publicacoes/)

#### **Rádios Universitárias**

##### **Sintonia do Rádio**

- [www.gaming.youtube.com/channel/UCGvKrVjVNiXqSKY0vulT3cA](http://www.gaming.youtube.com/channel/UCGvKrVjVNiXqSKY0vulT3cA)

##### **Eufonia**

- [www.webtvjuazeiro.uneb.br/?page\\_id=59](http://www.webtvjuazeiro.uneb.br/?page_id=59)

##### **Itaitu & Tu, projeto da colaboradora Inaiara Nunes**

- [www.itaituetuwebdoc.wixsite.com/itaituetu](http://www.itaituetuwebdoc.wixsite.com/itaituetu)

## Convivência com o Semiárido

### **TV Caatinga**

- [www.rtvcaatinga.univasf.edu.br](http://www.rtvcaatinga.univasf.edu.br)

### **Programa Viver Bem no Semiárido**

- [www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ba/sebraeaz/programa-viver-bem-no-semiarido,8834d74bfd008510VgnVCM1000004c00210aRCRD](http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ba/sebraeaz/programa-viver-bem-no-semiarido,8834d74bfd008510VgnVCM1000004c00210aRCRD)

### **Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais**

- [www.sasop.org.br/agenda.php?cod=386](http://www.sasop.org.br/agenda.php?cod=386)

### *Notícias*

- [www.oeco.org.br/reportagens/25084-o-desafio-de-preservar-e-recuperar-a-caatinga](http://www.oeco.org.br/reportagens/25084-o-desafio-de-preservar-e-recuperar-a-caatinga)
- [www.correio24horas.com.br/noticia/nid/semiarido-maior-regiao-do-estado-seca-e-pobre-tem-atraido-investimentos](http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/semiarido-maior-regiao-do-estado-seca-e-pobre-tem-atraido-investimentos)

## Criança e Adolescente

- [www.blogfundacaocasagrande.wordpress.com](http://www.blogfundacaocasagrande.wordpress.com)

## Tecnologias Digitais

- [www.meuartigo.brasilecola.uol.com.br/atualidades/a-internet-na-vida-jovem-brasileiro.htm](http://www.meuartigo.brasilecola.uol.com.br/atualidades/a-internet-na-vida-jovem-brasileiro.htm)

## Raça & Etnia

- [www.vice.com/pt\\_br/article/j5gm97/rafael-braga-documentario](http://www.vice.com/pt_br/article/j5gm97/rafael-braga-documentario)
- [www.vestibular.uol.com.br/noticias/redacao/2013/05/03/ibge-usa-classificacao-de-cor-preta-grupo-negro-reune-pretos-e-pardos.htm](http://www.vestibular.uol.com.br/noticias/redacao/2013/05/03/ibge-usa-classificacao-de-cor-preta-grupo-negro-reune-pretos-e-pardos.htm)
- [www.geledes.org.br/esta-na-moda-ser-preto-desde-que-voce-nao-seja-preto/](http://www.geledes.org.br/esta-na-moda-ser-preto-desde-que-voce-nao-seja-preto/)
- [www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/enfrentamento-ao-racismo-e-consciencia-negra-e-a-comunicacao-com-isso-6574.html](http://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/enfrentamento-ao-racismo-e-consciencia-negra-e-a-comunicacao-com-isso-6574.html)
- [www.nacoesunidas.org/negros-sao-mais-afetados-por-desigualdades-e-violencia-no-brasil-alerta-agencia-da-onu/](http://www.nacoesunidas.org/negros-sao-mais-afetados-por-desigualdades-e-violencia-no-brasil-alerta-agencia-da-onu/)
- [www.unfpa.org.br/novo/index.php/noticias/ultimas/1501-populacao-negra-tem-os-piores-indicadores-sociais-alerta-unfpa-no-dia-pela-eliminacao-da-discriminacao-racial](http://www.unfpa.org.br/novo/index.php/noticias/ultimas/1501-populacao-negra-tem-os-piores-indicadores-sociais-alerta-unfpa-no-dia-pela-eliminacao-da-discriminacao-racial)

## **Identidade de Gênero e Orientação Sexual**

- [www.veja.abril.com.br/saude/por-que-considerar-a-homossexualidade-um-disturbio-e-errado/](http://www.veja.abril.com.br/saude/por-que-considerar-a-homossexualidade-um-disturbio-e-errado/)
- [www.noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/09/25/brasil-tem-recorde-de-lgbts-mortos-em-2017-ainda-doi-diz-parente.htm](http://www.noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/09/25/brasil-tem-recorde-de-lgbts-mortos-em-2017-ainda-doi-diz-parente.htm)
- [www.horadesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2017/08/estudantes-de-sao-jose-produzem-documentarios-de-radio-para-debater-a-homossexualidade-9865635.html](http://www.horadesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2017/08/estudantes-de-sao-jose-produzem-documentarios-de-radio-para-debater-a-homossexualidade-9865635.html)

## **Deficiência**

- [www.webtv.uneb.br/?p=3397](http://www.webtv.uneb.br/?p=3397)

## **Sobre Arte, Diversidade & Tabus**

- [www.dcomercio.com.br/categoria/negocios/com-revolucao-das-redes-sociais-a-propaganda-se-rende-a-diversidade](http://www.dcomercio.com.br/categoria/negocios/com-revolucao-das-redes-sociais-a-propaganda-se-rende-a-diversidade)
  - [www.bahianoticias.com.br/cultura/noticia/29479-flica-se-alinha-com-cenario-nacional-da-arte-ao-abrir-espaco-para-diversidade-em-2017.html](http://www.bahianoticias.com.br/cultura/noticia/29479-flica-se-alinha-com-cenario-nacional-da-arte-ao-abrir-espaco-para-diversidade-em-2017.html)
- *Sobre as polêmicas exposições no Santander e MAM/SP*
- [www.brasil.elpais.com/brasil/2017/09/14/politica/1505394738\\_622278.html](http://www.brasil.elpais.com/brasil/2017/09/14/politica/1505394738_622278.html)
  - [www.brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425\\_555164.html](http://www.brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html)
  - [www.g1.globo.com/goias/noticia/estudante-assiste-aula-pelado-na-ufg-professor-trata-caso-como-brincadeira.ghtml](http://www.g1.globo.com/goias/noticia/estudante-assiste-aula-pelado-na-ufg-professor-trata-caso-como-brincadeira.ghtml)

- *Canal Cenas da Cidade*

[www.youtube.com/channel/UCOLQiMswJFOFyNgGyHFNhWA](http://www.youtube.com/channel/UCOLQiMswJFOFyNgGyHFNhWA)

- *Suicídio*

[www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o-suicidio-na-pauta-jornalistica/](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o-suicidio-na-pauta-jornalistica/)

[www.g1.globo.com/bemestar/noticia/numero-de-suicidios-subiu-11-entre-2011-e-2015-no-brasil-diz-ministerio-da-saude.ghtml](http://www.g1.globo.com/bemestar/noticia/numero-de-suicidios-subiu-11-entre-2011-e-2015-no-brasil-diz-ministerio-da-saude.ghtml)

## **Esporte e Cultura**

- [www.blog.jhareias.com/influencia-da-pratica-esportiva-na-sociedade](http://www.blog.jhareias.com/influencia-da-pratica-esportiva-na-sociedade)

## F - GLOSSÁRIO

*Barrigada:* Fatos ilusórios tratados como acontecimentos reais. Na maioria das vezes, o equívoco acontece por falta de apuração e pela rapidez em realizar a cobertura, ocasionando pré-julgamentos infundados, o que pode influenciar erroneamente a opinião pública.

*Clipping:* Serviço de apuração, organização, arquivamento e análise de notícias referentes às atividades de uma instituição ou a temas de seu interesse.

*Deadline:* Prazo limite para a conclusão de uma tarefa, como o fechamento de matérias.

*Editor:* Profissional que define as prioridades do veículo de comunicação, incluindo o espaço para cada notícia ou publicidade, a supressão ou o acréscimo de conteúdo textual, a divulgação ou o engavetamento da matéria, caso haja material de maior relevância no momento.

*Fonte:* Pessoa ou documento que tenha informações úteis para elaboração de matérias.

*Lead:* Dados essenciais da matéria, apresentados, de forma resumida, no início do texto - o quê, quem, quando, onde, como e por quê?

*Mailing:* Relação de nomes e contatos dos profissionais de comunicação para envio de publicações e materiais institucionais.

*Matéria:* Texto informativo de diferentes gêneros, como notícia e reportagem; produto final da escrita do/a jornalista para ser publicada nos veículos de comunicação.

*Matéria Fria:* Aquela que pode aguardar para ser levada ao conhecimento do público. Em geral, não se refere ao factual, distanciando-se dos “holofotes” do momento.

*Media:* Sinônimo de mídia ou meios de comunicação. Conjunto dos veículos existentes ou disponíveis, como jornais, revistas, *sites*, emissoras de rádio e TV etc.

*Off:* Entrevista sem indicação de autoria contendo informações confidenciais.

*Pauta:* Planejamento esquematizado de uma matéria, reunindo, dentre outros, as pessoas - fontes - a serem entrevistadas, sugestão de perguntas e abordagem.

*Produtor:* Profissional responsável pela articulação de todos os detalhes de uma matéria, como o contato com as fontes, sendo o intermediário entre repórteres e entrevistados.

*Release:* Matéria encaminhada aos veículos de comunicação para possível publicação. Em geral, consiste em texto de uma lauda, com indicação de contatos para entrevista e desenvolvimento do tema.

*Repórter:* Profissional que vai a campo colher a notícia para divulgação.

*Sensacionalismo:* As coberturas sensacionalistas são classificadas por José Arbex Jr. (2001) como *showrnlismo*. Tal perfil diz respeito a textos repletos de adjetivações e até mesmo opinião, em lugar da devida contextualização dos fatos; dramas cotidianos, através, sobretudo, de entrevistas vazias e, até mesmo invasivas, diante de catástrofes e escândalos, por exemplo.